

**SIMONE R. F. MEIRELLES**

**DAS BANCAS AO CORAÇÃO: ROMANCES SENTIMENTAIS E  
LEITURA HOJE**

**Dissertação apresentada para obtenção  
do grau de mestre, no Curso de Pós-  
Graduação em Letras, Área de Estudos  
Literários, Setor de Ciências Humanas,  
Letras e Artes, Universidade Federal do  
Paraná.**

**Orientador: Prof. Dr. Benito Martinez  
Rodriguez**

**CURITIBA**

**2002**





## PARECER

Defesa de dissertação da mestrandia SIMONE REGINA FERREIRA MEIRELLES para obtenção do título de **Mestre em Letras**.

Os abaixo assinados Benito Martinez Rodriguez, Regina Maria Przybycien e Arnaldo Franco Júnior argüíram, nesta data, a candidata, a qual apresentou a dissertação:

**“DAS BANCAS AO CORAÇÃO: ROMANCES SENTIMENTAIS E LEITURA HOJE”**

Procedida a argüição segundo o protocolo aprovado pelo Colegiado do Curso, a Banca é de parecer que a candidata está apta ao título de **Mestre em Letras**, tendo merecido os conceitos abaixo:

Banca	Assinatura	Conceito
Benito Martinez Rodriguez		A
Regina Maria Przybycien		A
Arnaldo Franco Júnior		A

Curitiba, 03 de outubro de 2002.

Prof.<sup>a</sup> Marilene Weinhardt  
Coordenadora

## AGRADECIMENTOS

À equipe da Assessoria de Comunicação da UFPR, pelo apoio e compreensão.

Ao professor Jorge Gregory, pelo incentivo e por viabilizar este projeto.

Aos amigos Christina, Roberto e Osni, pelas contribuições.

Às leitoras que participaram com boa vontade e coração aberto nos depoimentos para este trabalho.

Aos professores do mestrado em Letras, em especial à Prof<sup>a</sup>. Regina Maria Przybycien, pelas aulas inspiradoras e contribuições.

Ao professor Benito Martinez Rodriguez, pela paciência, dedicação e por ter sido um orientador atento, seguro e inspirador.

À minha tia Jolinda, por ter me presenteado, quando eu tinha sete anos, meu primeiro livro de ficção, que abriu as portas da infância para um novo mundo.

Aos meus pais, Adelina e José Reginaldo, pelo incentivo à leitura desde a infância.

Ao Universo, pelo amor de sempre.

## SUMÁRIO

LISTA DE ILUSTRAÇÕES .....	v
RESUMO .....	vi
ABSTRACT .....	vii
1. INTRODUÇÃO: UMA HISTÓRIA PESSOAL .....	1
2. AS LITERATURAS À MARGEM DA LITERATURA .....	7
2.1. Cultura de massa, paraliteratura e literatura de entretenimento: algumas definições.....	10
2.2. Leitura e prazer .....	20
2.3. Três vezes mulher: A crítica feminista .....	25
3. ROMANCES SENTIMENTAIS HOJE.....	31
3.1. Pequeno histórico do romance sentimental e sua influência na formação da leitora brasileira .....	31
3.2. Sabrina, Julia & Cia.: Os romances sentimentais da Editora Nova Cultural.....	41
3.3. Com a palavra, a editora .....	50
3.3.1. Nas entrelinhas .....	54
4. IDEOLOGIA E IMAGENS FEMININAS: Cinderelas para consumo .....	57
4.1. Os livros estudados .....	58
4.2. Considerações gerais: ideologia e papéis sociais .....	68
4.3. Aparência física: nada menos que o máximo .....	72
4.4. Órfãs e madrastas: as personagens femininas e as relações com a família .....	74
4.5. As anti-heroínas: megeras sem perdão .....	79
5. AS MOLDURAS DOS SONHOS: As imagens na peritextualidade .....	83
5.1. Querida leitora .....	96
5.2. As últimas personagens .....	100
5.3. Publicidade interna .....	105
6. COM A PALAVRA, A LEITORA .....	114

6.1. A percepção das imagens femininas .....	120
6.2. Lazer e prazer no gosto da leitura .....	125
6.3. Leitura, sonho e realidade .....	134
7. CONCLUSÕES .....	141
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA.....	146
ROMANCES SENTIMENTAIS LIDOS .....	150
APÊNDICES .....	152
1 – Questionários modelo 1 e 2 .....	152
2 – Depoimentos na íntegra .....	160

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 - CARTÃO-RESPOSTA COMERCIAL E LISTA DE LIVROS PARA COMPRA. ENCARTADO NO ROMANCE <i>A MALDIÇÃO DO CLÁ</i> , DE BARBARA CARTLAND, PUBLICADO EM 1978 PELA EDIÇÕES DE OURO, NA COLEÇÃO REBECA .....	36
FIGURA 2 - CAPA DO ROMANCE <i>ATRAÇÃO FATAL</i> , DE SANDRA STEFFEN. SÃO PAULO: NOVA CULTURAL, 2001. (JULIA PAIXÕES PICANTES, 38).....	86
FIGURA 3 - CAPA DO LIVRO <i>À MODA ANTIGA!</i> , DE SUSAN FOX. SÃO PAULO: NOVA CULTURAL, 2000. (SABRINA COLEÇÃO NOIVAS, 109) .....	90
FIGURA 4 - CAPA DO LIVRO <i>SEGREDOS DO AMOR</i> , DE TERESA SOUTHWICK. SÃO PAULO: NOVA CULTURAL, 2001. (SABRINA COLEÇÃO NOIVAS, 126).....	91
FIGURA 5 - CAPA DO LIVRO <i>UM HOMEM MAIS VELHO</i> , DE PHYLLIS HALLDORSON. SÃO PAULO: NOVA CULTURAL, 2001. (JULIA, 1161) .....	92
FIGURA 6 - CAPA DO LIVRO <i>A BELA E A FERA</i> , DE AMY J. FETZER. SÃO PAULO, NOVA CULTURAL, 2001. (MOMENTOS ÍNTIMOS, 123).....	93
FIGURA 7 - CAPA DO LIVRO <i>SEGUNDA CHANCE</i> , DE JUDY CHRISTENBERRY. SÃO PAULO: NOVA CULTURAL, 2001. (SABRINA CEGONHA, 77).....	94
FIGURA 8 - PUBLICIDADE DA SÉRIE <i>CLÁSSICOS HISTÓRICOS</i> , ENCARTADA NO LIVRO <i>SEDUÇÃO NA LUA-DE-MEL</i> , DE JUDY CHRISTENBERRY. SÃO PAULO: NOVA CULTURAL, 2001. (MOMENTOS ÍNTIMOS, 128) .....	108
FIGURA 9 - PUBLICIDADE DA SÉRIE <i>SABRINA CEGONHA</i> , ENCARTADA NO LIVRO <i>SEDUÇÃO NA LUA-DE-MEL</i> , DE JUDY CHRISTENBERRY. SÃO PAULO: NOVA CULTURAL, 2001. (MOMENTOS ÍNTIMOS, 128) .....	109
FIGURA 10 - PUBLICIDADE DA SÉRIE <i>SABRINA</i> , ENCARTADA NO LIVRO <i>SEDUÇÃO NA LUA-DE-MEL</i> , DE JUDY CHRISTENBERRY. SÃO PAULO: NOVA CULTURAL, 2001. (MOMENTOS ÍNTIMOS, 128) .....	110
FIGURA 11 - PUBLICIDADE DA SÉRIE <i>JULIA</i> , ENCARTADA NO LIVRO <i>DESEJO DE VINGANÇA</i> , DE RENEE ROSZEL. SÃO PAULO: NOVA CULTURAL, 2001. (SABRINA, 1192) .....	111
FIGURA 12 - PUBLICIDADE PARA PEDIDO DE NÚMEROS ATRASADOS. ENCARTADO NO LIVRO <i>DESEJO DE VINGANÇA</i> , DE RENEE ROSZEL. SÃO PAULO: NOVA CULTURAL, 2001. (SABRINA, 1192) .....	112
TABELA 1 – PERFIL DAS LEITORAS ENTREVISTADAS .....	115

## RESUMO

O presente estudo se debruça sobre três focos complementares, visando fechar o círculo em torno da produção, conteúdo e recepção dos romances sentimentais editados pela Editora Nova Cultural, empresa líder de vendas nesse segmento no Brasil. Com séries como Sabrina, Julia e outras similares, publicadas semanalmente desde 1978, a Nova Cultural mantém um público cativo de milhares de leitoras. O primeiro passo para revelar os vários elementos que constituem essa espécie literária foi identificar suas matrizes, de modo a lançar luz sobre seus moldes atuais, incluindo os elementos peritextuais que a Editora utiliza para cativar as leitoras e estimular a demanda pelos romances. Depois, para perceber seu cunho ideológico, ao menos parcialmente, foi feita uma leitura das imagens femininas nessas formas literárias, segundo o horizonte da crítica feminista. Por último, o trabalho buscou mostrar, por meio dos depoimentos das leitoras, alguns dos elementos de motivação na escolha dos romances sentimentais como leitura e de que forma essa opção influencia no cotidiano delas. A intenção foi promover um mergulho no universo do romance sentimental, apresentando-o sob vários ângulos. Essa visão multidimensional revela que as possibilidades oferecidas pela leitura às vezes levam a caminhos diferentes dos que se poderia supor, no caso dos romances sentimentais. Mais que os textos em si, a forma como a leitora se relaciona com eles faz com que o exame dos romances sentimentais assuma novas perspectivas. Essa leitura aparece como forma de liberação das exigências cotidianas, fazendo as leitoras assumirem papéis ativos que fogem da aparente passividade proposta pela literatura de entretenimento. Ignorando conscientemente os aspectos estereotipados dos romances, as leitoras encontram os benefícios que a leitura pode trazer às suas vidas.

Palavras-chave: Romances Sentimentais; Leitura; Literatura de Entretenimento.



## ABSTRACT

This study focuses on three complementary points aiming to evaluate the production, the content and the reading of sentimental novels published by Editora Nova Cultural, a sales leader publisher of this genre in Brazil. Including series such as Sabrina, Julia and similar ones, released weekly since 1978, Nova Cultural has thousands of faithful readers. The first step to disclose the group of elements involved in this kind of literature was to identify its sources, revealing its current shape including complementary elements used by the publisher to attract readers and stimulate the demand for new titles. Afterwards, in order to identify at least part of its ideology, I've tried to interpret feminine images available in these books according to feminist criticism theories. Finally, this research meant to show, through interviews with readers, some of the motivational elements involved in picking up sentimental novels for reading and in which way this choice influences these readers' daily life. The purpose of this study was to deeply investigate the world of the sentimental novel, revealing its several angles. This multidimensional view shows that the scope of possibilities offered by this kind of text sometimes leads to diverse ways than the ones first thought of. The way that the readers relate to these texts offers new perspectives to the study of sentimental novels. The reading sets the readers free from daily tasks, making them assume active roles opposite to the apparent passivity proposed by entertaining literature. Conscientiously ignoring stereotyped aspects of sentimental novels, readers find benefits that this literature can bring to their lives.

Key-words: Sentimental Novels; Reading; Entertaining Literature

## 1. INTRODUÇÃO: UMA HISTÓRIA PESSOAL

O surgimento dos Estudos Culturais possibilitou colocar em pauta no universo das discussões acadêmicas tudo que se relaciona à cultura – incluindo a literatura de entretenimento e a chamada cultura popular de massa. Conforme define Jonathan Culler, “estudos culturais são a prática de que o que chamamos resumidamente de ‘teoria’ é a teoria”. E acrescenta:

Em sua concepção mais ampla, o projeto dos estudos culturais é compreender o funcionamento da cultura, particularmente no mundo moderno: como as produções culturais operam e como as identidades culturais são construídas e organizadas, para indivíduos e grupos, num mundo de comunidades diversas e misturadas, de poder do Estado, indústrias da mídia e corporações multinacionais. Em princípio, então, os estudos culturais incluem e abrangem os estudos literários, examinando a literatura como uma prática cultural específica.<sup>1</sup>

A literatura de entretenimento mobiliza milhões de leitores, milhares de autores e muitas editoras, e, certamente, merece um olhar da crítica, não indulgente, mas amplo e objetivo. É o que já está acontecendo com estudiosos de vários países, que se debruçam sobre a cultura popular de massa<sup>2</sup> para buscar nela um retrato da sociedade.

Por um lado, a razão para estudar a cultura popular é entrar em contato com o que é importante para as vidas das pessoas comuns – sua cultura – em oposição àquela dos estetas e professores. Por outro lado, há um forte ímpeto de mostrar como as pessoas são conformadas ou manipuladas

---

<sup>1</sup> CULLER, Jonathan. *Teoria Literária – Uma Introdução*. São Paulo: Beca, 1999. p. 49

<sup>2</sup> O termo “cultura popular de massa”, embora seja empregado com desenvoltura por Culler, é problemático, uma vez que combina noções de “cultura popular” (tradicionalmente ligada ao universo do folclore), ao termo “cultura de massa”, dura e pertinentemente criticado por Adorno, não apenas por desqualificar-lhe seu estatuto *cultural* (o que pretendo discutir nos próximos capítulos), mas, principalmente, pela caracterização de que tais manifestações não são produzidas *pelas massas*, mas sim *para as massas*. As questões da indústria cultural, da cultura de massa e da literatura de massa serão abordadas de forma mais aprofundada no Capítulo 1 deste trabalho.

por forças culturais. Em que medida as pessoas são construídas como sujeitos pelas formas e práticas culturais que as “interpelam” ou se dirigem a elas *como* pessoas com desejos e valores específicos?<sup>3</sup>

Minha forma de legitimar o interesse acadêmico pela literatura de massa é fazendo um exame de aspectos relacionados à configuração desta modalidade ficcional e sua recepção no curso do tempo, e em especial no final do século XX e início do século XXI, bem como focalizando os seus aspectos ideológicos, no que diz respeito às imagens femininas. Dentro da vasta gama da produção literária de entretenimento, a opção recaiu sobre os romances sentimentais, gênero consumido prioritariamente por mulheres, tendo atravessado dois séculos (XIX e XX) mantendo considerável popularidade.

O estudo irá contemplar três focos complementares, visando fechar o círculo em torno da produção, conteúdo e recepção dos textos: primeiro, identificando as matrizes desta espécie literária, de modo a lançar luz sobre seus moldes atuais. Depois, segundo o horizonte da crítica feminista, descrita por Elaine Showalter no texto *Feminist Criticism in the Wilderness* (1981) como ideológica, concernente com a mulher como leitora, oferecendo uma leitura das imagens e estereótipos das mulheres nessas formas literárias. Por último, buscarei mostrar, por meio dos depoimentos das leitoras atuais, alguns dos elementos de motivação na escolha dos romances sentimentais como leitura e como elas justificam sua atração por esses textos. A intenção é promover um mergulho no universo do gênero, um passeio que revele o romance sentimental sob vários ângulos.

Meus questionamentos são: 1) como se apresentam hoje os romances sentimentais no Brasil e de que forma eles constroem a “teia de sedução” que cativa as leitoras? 2) Uma vez que falam para e sobre mulheres, que ideologia trazem esses romances a respeito das personagens femininas? 3) Que usos as leitoras empíricas fazem dos textos?

---

<sup>3</sup> CULLER, Jonathan. *Teoria Literária – Uma Introdução*. p. 51

Trazer para o universo acadêmico o debate sobre uma vertente ficcional que mantém leitores cativos há dois séculos já é um bom motivo para o presente estudo. No entanto, há outras questões. A primeira pergunta que pode surgir para quem tomar nas mãos este trabalho é: por que escolher como tema de estudo os chamados “romances cor-de-rosa”, a literatura de entretenimento relegada à segunda classe na crítica literária?

É normal que o pesquisador busque aquilo com que tem afinidade e, aqui, admito que fui uma leitora dos romances sentimentais, desde a adolescência até meus dezoito anos, quando as mudanças de interesse que acontecem naturalmente foram levando os olhos para outros lados.

Quando aos 11 anos fui apresentada por uma amiga aos romances de Barbara Cartland, o mundo de princesas e nobres ingleses retratado pela autora rapidamente substituiu em meu imaginário os contos de fadas que eu não cansava de ler. Os livros publicados pela Edições de Ouro – e depois pela Nova Cultural – me cativavam logo pelas capas, que reproduziam o casal central do romance em trajes que remetiam a uma imagem estereotipada da época em que se passava o romance. Costumava copiar as roupas retratadas nessas cenas, desenhá-las e recortá-las cuidadosamente para minhas bonecas de papel – outra paixão de infância. Dos recortes infantis para os romances da coleção *Sabrina*, da Nova Cultural, foi um pulo. A facilidade de acesso foi outro fator decisivo na escolha dessa leitura. Em Astorga-PR, pequena cidade onde cresci, não havia livraria. A maior papelaria da cidade só recebia revistas, *best sellers* e as coleções de romances sentimentais. Nas bibliotecas escolar e municipal, as opções não me pareciam tão atraentes quanto as românticas histórias passadas em países estrangeiros e/ou exóticos. Devo ressaltar, aqui, que a indicação de leitura feita por uma prima pesou, também, na aproximação com as leituras dos romances sentimentais. Apesar do esforço dos professores em incentivar a leitura de autores de romances clássicos e infanto-juvenis, de José de Alencar a Carlos Heitor Cony, o que foi com certeza um prazer, o formato e o conteúdo romântico da série *Sabrina* me pareceram irresistíveis na época. Poder comentar com amigas os enredos românticos também era

atraente. Elas não liam outro gênero literário a respeito do qual pudéssemos conversar, o que também pesou a favor dos romances sentimentais.

Foi a intimidade com essa literatura à margem da crítica e o desafio de dissecá-la que me fez escolhê-la como tema para essa dissertação. Hoje posso criticamente perceber os mecanismos de manipulação das emoções e reprodução de estereótipos. Posso também observar, sem qualquer olhar acusador, que as leitoras costumam não questionar esses mecanismos ideológicos, tendendo a incorporá-los à sua leitura como parte da lógica destas formas ficcionais. Isso, porém, não merece em si uma crítica – também não se questiona o caráter fantasioso dos contos de fadas. Não parece razoável criticar as histórias como a de Cinderela porque as abóboras não podem transformar-se em carruagens ou as de Simbad por conta de que, na realidade, tapetes não podem voar. Cabe, entretanto, buscar perceber de que forma os mecanismos ideológicos e mercadológicos influenciam na opção das leitoras pelos romances sentimentais.

Inicialmente, busquei posicionar os romances sentimentais dentro da cultura de massa e da literatura de entretenimento. Também procuro expor os fundamentos da crítica feminista que irão basear os estudos das imagens femininas nos romances sentimentais. A isso é dedicado o primeiro capítulo deste trabalho, “As literaturas à margem da literatura”.

O capítulo seguinte apresenta os romances sentimentais publicados de 1999 a 2002, com suas características, sua afinidade com os folhetins e a influência desse gênero literário na formação da leitora brasileira. Tento traçar um retrato dos romances da editora Nova Cultural, líder de vendas no mercado de romances sentimentais no Brasil. Há, ainda, uma entrevista com Janice Florido, editora responsável pela publicação das séries sentimentais da Nova Cultural, abordando dados atuais de tiragem e perfil das leitoras.

Para analisar o aspecto ideológico dos textos, optei por estudar as imagens femininas. Visando traçar um perfil das mulheres retratadas nos romances, foram selecionados livros publicados nos últimos anos. Entre abranger um número maior de

livros e ter de explicar mais superficialmente os contextos das ações das personagens, e reduzir o número de personagens estudadas, tentando aprofundar a análise, fiquei com a última alternativa. Essa decisão veio depois da leitura de quase três dezenas de livros e a constatação de que suas matrizes gerais são muito semelhantes. Acredito que diante do número de personagens estudadas seja possível produzir não um padrão de imagens femininas, mas um recorte sobre o gênero, permitindo um olhar mais detalhado sobre essas “mulheres de papel”<sup>4</sup>. A isso é dedicado o capítulo “Ideologia e Imagens Femininas”. Analisando ideologicamente as imagens femininas nos romances sentimentais, poderei chegar à conclusão de que suas mensagens sobre os papéis femininos continuam paternalistas – como já refletiram outros pesquisadores do tema, a exemplo de Liliana André<sup>5</sup>. Porém, existe espaço para questionar-se quanto ao grau de percepção destas imagens, assim como sobre de que forma as leitoras operam com tais representações.

O capítulo seguinte é dedicado à apresentação e à análise dos elementos gráficos e editoriais empregados nos romances da Nova Cultural. São detalhes que, no conjunto, compõem a “teia de sedução” que cativa as leitoras. Capas, cartas da editora, biografias das autoras e publicidade nos livros fazem parte desse rol.

Por fim, por meio dos depoimentos das leitoras empíricas, no último capítulo, buscarei confrontar as observações teórico-críticas sobre os romances com as percepções resultantes de uma leitura desinteressada, como experiência de entretenimento. A visão que as leitoras têm dos romances, o que as leva a preferir esse gênero literário e de que forma essa leitura toma parte de suas vidas e lazer, questionamentos levantados no decorrer da pesquisa, trazem à tona outras perspectivas

---

<sup>4</sup> Expressão retirada do livro *Mulheres de Papel: Um estudo do imaginário* em José de Alencar e Machado de Assis, de Luis Filipe Ribeiro.

<sup>5</sup> ANDRÉ, Liliana Lacerda, fez sua dissertação de mestrado sobre *A imagem feminina no romance sentimental de massa*, na UFPR, em 1991.

para a avaliação do sentido e do valor da experiência de leitura destas formas narrativas em nossos dias.

Não posso deixar de expor que o retorno a essa leitura abandonada há anos mostrou-me um novo ponto de vista, na capacidade de ler nas entrelinhas dos enredos românticos e nos aparatos do *marketing* editorial, que no passado aceitava sem questionamento, os mecanismos de sedução usados por autores e editores para cativar seu público. Nesse ajuste de contas, da leitora que fui com a que me tornei, busco conservar um olhar crítico, mas despido de preconceitos. Também penso que, por conhecer o gênero literário como leitora, pude usar essa experiência para encontrar um sentido de solidariedade para com a leitora atual, que, com certeza, transparece neste trabalho. Não pretendo, com essas palavras e com esta pesquisa, fazer uma apologia da leitura dos romances sentimentais e nem recomendá-la a quem quer que seja. Espero poder explicitar que, apesar da reprodução de estereótipos e da pouca densidade literária – que reconheço e torno parte integrante deste trabalho em especial no estudo dos aspectos ideológicos –, esses romances não são apenas ou em última instância ferozes alienadores de mentes maleáveis. E que em um país no qual a maior parte da população apenas muito tardiamente foi inscrita no mundo da palavra impressa, talvez a simples experiência da leitura de textos ficcionais, quaisquer que sejam eles, possua uma dimensão afirmativa, por conta das demandas de tempo e concentração peculiares ao seu consumo.

## 2 - AS LITERATURAS À MARGEM DA LITERATURA

Paraliteratura, literatura de entretenimento, literatura de massa. Vertentes literárias entrelaçadas por um denominador comum – são consideradas marginais, excluídas e diminuídas em relação à crítica literária. Apesar dessa realidade, muitos críticos estão buscando remover o mecanismo de exclusão e transformar estes objetos em legítimas manifestações culturais e literárias.

Segundo Silvia Borelli:

Literatura de cordel, melodrama e romance popular ocupam, ainda na atualidade, espaços significativos no contexto cultural, conjuntamente a outras formas mais contemporâneas como romance policial, ficção científica, quadrinhos, fotonovelas, radionovelas e telenovelas. Consolidar outras histórias literárias pressupõe confirmar a articulação entre matrizes populares, manifestações da cultura de massa e elementos da cultura erudita.<sup>6</sup>

E qual a finalidade de trazer as literaturas ditas “menores” para o centro da discussão sobre cultura? Uma resposta pode ser justamente trazer também para dentro da vida cultural as milhões de pessoas em todo o mundo que apreciam essas literaturas marginais<sup>7</sup>. Para Richard Shusterman, a legitimação dessa forma de arte – a arte que agrada o povo – pode ser um caminho para a renovação e integração social.

As artes populares da cultura de mídia (cinema, comédias, novelas de televisão, música pop, vídeos etc.) são apreciadas por todas as classes de nossa sociedade; reconhecer sua legitimidade estética enquanto produtos culturais ajudaria a reduzir a identificação opressiva da arte e do gosto estético com a elite sociocultural das artes maiores.<sup>8</sup>

José Paulo Paes vai mais longe e defende a literatura de entretenimento como formadora de leitores, a despeito do descaso da comunidade acadêmica:

---

<sup>6</sup> BORELLI, Silvia Helena Simões. *Ação, suspense, emoção: Literatura e cultura de massa no Brasil*. São Paulo, Educ, Estação Liberdade, 1996. p. 45

<sup>7</sup> No sentido de estarem à margem da literatura canônica.

<sup>8</sup> SHUSTERMAN, Richard. *Vivendo a arte: O pensamento pragmatista e a estética popular*. São Paulo, Editora 34, 1998. p. 66



Numa cultura de literatos como a nossa, todos sonham ser Gustave Flaubert ou James Joyce, ninguém se contentaria em ser Alexandre Dumas ou Agatha Christie. Trata-se obviamente de um erro de perspectiva: da massa de leitores destes últimos autores é que surge a elite dos leitores daqueles, e nenhuma cultura realmente integrada pode se dispensar de ter, ao lado de uma vigorosa literatura de proposta, uma não menos vigorosa literatura de entretenimento.<sup>9</sup>

Essa posição, manifestada num texto publicado em 1990, foi ratificada em 2001 pela autora de telenovelas Maria Adelaide Amaral, que adaptou para a TV os romances *A Muralha*, de Dinah Silveira de Queiroz, e *Os Maias*, de Eça de Queiroz, ou seja, uma autêntica representante da indústria cultural. Em entrevista à revista *Veja*, ela diz:

José Paulo Paes tinha razão. O escritor brasileiro padece da doença da genialidade. Ele só pega a caneta para criar supostas obras-primas. Mas são os autores médios, dispostos a comunicar-se com um grande público, que sustentam uma indústria cultural. E numa indústria cultural pujante é bem mais fácil o autor experimental eventualmente encontrar seu espaço e seu público.<sup>10</sup>

Na opinião de Muniz Sodré, citado por Borelli, a literatura de massa – definida como narrativa romanesca de imaginação, produzida a partir da demanda de mercado e destinada ao mero entretenimento do público consumidor – apresenta-se plena de significações doutrinárias e ideológicas:

A função claramente normativa da literatura de massa é, portanto, ajustar a consciência do indivíduo ao mundo (confirmá-lo como sujeito das variadas formações ideológicas), mas divertindo-o (ao contrário do sermão da pregação ou da doutrinação direta), como num jogo. Por isto, a narrativa trabalha com formas já conhecidas ou facilitadas de composição romanesca com elementos mitológicos.<sup>11</sup>

Acredito que esse conteúdo ideológico mereça ser melhor analisado, e é o que pretendo, no que diz respeito às imagens femininas presentes nos romances

---

<sup>9</sup> PAES, José Paulo. *A Aventura Literária*. São Paulo, Cia. das Letras, 1990. p. 37

<sup>10</sup> AMARAL, Maria Adelaide. Frustrada e Feliz. *Veja*. São Paulo, n. 1692, 21 de março de 2001. p.11. Entrevista.

<sup>11</sup> SODRÉ, Muniz. *Teoria da literatura de massa*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1978. In \_ BORELLI, Silvia Helena Simões. *Ação, suspense, emoção*. Literatura e cultura de massa no Brasil. p. 30

sentimentais. Reconhecer e analisar as funções da literatura de entretenimento como diversão para os leitores não é, entretanto, sucumbir a uma legitimação simplista de um senso comum imposto à maioria dos cidadãos na sociedade de massas pelos interesses das grandes corporações que controlam a indústria cultural. Não é minha intenção referendar a “lista dos dez mais vendidos”, mas perceber que existe uma função de lazer legítima e palpável na literatura de entretenimento. Como lembra Cristiane Costa, “é preciso ter cuidado com o populismo cultural, que da crítica passa à incapacidade de julgar, com base na idéia de que gosto não se discute”<sup>12</sup>. Porém, mesmo considerando que os textos dos romances sentimentais estudados neste trabalho deixam a desejar no quesito de qualidade técnica literária, esbarrando no lugar comum como via de regra, seu papel de literatura voltada à diversão se cumpre amplamente e, em grande medida, precisamente por seu caráter convencional e esquemático.

Shusterman, comentando as críticas de Adorno, observa que “tudo o que agrada à experiência mais popular e ao entendimento menos erudito é, portanto, relegado a um domínio artístico inferior e qualificado pejorativamente de *kitsch*, divertimento ou ‘indústria’ de cultura popular”<sup>13</sup>. Shusterman também prefere chamar a cultura de massa de arte popular: “o termo ‘popular’ tem muito mais conotações positivas, enquanto ‘massa’ sugere um agregado indiferenciado e caracteristicamente desumano”<sup>14</sup>. Como Shusterman, não pretendo pregar uma nivelção da arte. E, também, como ele, acredito que

Podemos, assim, resgatar como arte legítima, para uma experiência estética legítima, as formas que a história oficial da arte e suas instituições elitistas privaram durante muito tempo de respeitabilidade; e podemos fazê-lo sem ter de legitimá-las em termos da estética erudita dominante, mas simplesmente em nome da forte experiência estética que elas nos oferecem.<sup>15</sup>

---

<sup>12</sup> COSTA, Cristiane. *Eu compro essa mulher: Romance e consumo nas telenovelas brasileiras e mexicanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000. p. 105

<sup>13</sup> SHUSTERMAN. p. 43

<sup>14</sup> Ibid. p. 99

<sup>15</sup> Ibid. p. 44

Ao considerar os romances sentimentais como uma literatura “legítima” no seu papel de literatura de entretenimento, é preciso considerar também como estética e legítima<sup>16</sup> a experiência emocional (de apaixonamento e exaltação) que as leitoras têm diante dos textos. Defender essa legitimação não é nivelar a literatura, mas aceitar suas variações de forma, conteúdo e objetivo.

## 2.1. CULTURA DE MASSA, PARALITERATURA E LITERATURA DE ENTRETENIMENTO: ALGUMAS DEFINIÇÕES

Produzida em massa, para consumo de grande número de leitores, a literatura de entretenimento, da qual os romances sentimentais são uma das modalidades, é considerada um dos segmentos da paraliteratura e, também, chamada de literatura de massa.

Nessa matemática do quê está contido em quê, se poderia dizer que os romances sentimentais estão contidos na literatura de entretenimento, que está contida na paraliteratura ou literatura de massa, que está contida na cultura de massa. Para desenrolar esse novelo, julgo importante conceituar cada um desses itens, para dar a correta dimensão da terminologia usada. A intenção não é entrar em detalhes sobre os vários aspectos sociológicos, políticos e literários que envolvem esses termos, mas usá-los para posicionar os romances sentimentais, objeto central deste estudo, no contexto da literatura.

Começando pela cultura de massa, trata-se de um conceito intimamente ligado à comunicação de massa. Adorno prefere chamá-la de “indústria cultural”, em seu famoso ensaio de mesmo nome, para excluir qualquer idéia de uma forma cultural nascida do povo:

Abandonamos essa última expressão (cultura de massa) para substituí-la por indústria cultural, a fim de excluir de antemão a interpretação que agrada aos advogados da coisa;

---

<sup>16</sup> No sentido encontrado no Dicionário Michaelis: genuíno, puro, autêntico.

estes pretendem, com efeito, que se trata de algo como uma cultura surgindo espontaneamente das próprias massas (...) <sup>17</sup>

A concepção do autor é de uma indústria cultural manipuladora, que utiliza seu público para arrecadar lucro e ao mesmo tempo manter o *status quo*:

O consumidor não é rei, como a indústria cultural gostaria de fazer crer, ele não é o sujeito dessa indústria, mas seu objeto (...). A indústria cultural abusa da consideração com relação às massas para reiterar, firmar e reforçar a mentalidade destas, que ela toma como dada a priori e imutável. É excluído tudo pelo que essa atitude poderia ser transformada. As massas não são a medida mas a ideologia da indústria cultural, ainda que esta última não possa existir sem a elas se adaptar. <sup>19</sup>

Para Adorno, existe um tom de “indulgência irônica” por parte dos intelectuais que defendem o fenômeno da indústria cultural como democrático e inofensivo. Segundo Adorno, o objetivo da indústria cultural é a dependência e servidão dos homens.

O que na indústria cultural se apresenta como um progresso, o insistentemente novo que ela oferece, permanece, em todos os seus ramos, a mudança de indumentária de um sempre semelhante; em toda parte a mudança encobre um esqueleto no qual houve tão poucas mudanças como na própria motivação do lucro desde que ela ganhou ascendência sobre a cultura. <sup>20</sup>

Em síntese, Adorno condena a indústria cultural, considera-a importante enquanto característica da ideologia dominante, mas se recusa a levá-la a sério ou ver nela algum ponto positivo. “Em nome de seu papel social, questões embaraçosas sobre sua qualidade, sobre sua verdade ou não-verdade, questões sobre o nível estético de sua mensagem são reprimidas, ou pelo menos eliminadas, na dita sociologia da comunicação”. <sup>21</sup>

---

<sup>17</sup> ADORNO, Theodor W. *A indústria cultural*. In: - COHN, Gabriel, org. *Theodor W. Adorno*. Sociologia. Ática, São Paulo, 1986. p. 92

<sup>18</sup> Id.

<sup>19</sup> Ibid, p.93

<sup>20</sup> Ibid, p.94

<sup>21</sup> ADORNO, Theodor W. *A indústria cultural*. p. 97

Apesar de sua argumentação consistente, muitos críticos não concordam com o posicionamento de Adorno quanto à indústria cultural. Terry Eagleton, por exemplo, identifica a questão da indústria da cultura como merecedora da atenção dos estudos literários: “Afinal, sabemos que as pessoas não acreditam em tudo o que vêem ou lêem, mas precisamos também saber muito mais sobre o papel que esses efeitos têm em sua consciência geral, muito embora tal estudo crítico fosse considerado, politicamente, apenas uma operação secundária”<sup>22</sup>. Essa “operação secundária” a que se refere Eagleton é justamente o objeto do presente trabalho, que, obviamente, não acredito ser uma preocupação menor.

Concordando com alguns aspectos das críticas de Adorno, tenho convicção de que essas modalidades de produção cultural de massa são feitas “para” o povo, mas não a partir dele. A cultura de massa se concretiza por meio dos produtos culturais – canções, livros, programas de televisão – feitos com objetivo de lucro, para atingir ao maior público possível. Esse público é encarado como consumidor e sua interação com o produto é desejável apenas na medida em que possa informar de que forma agradá-lo (ao consumidor) para que este venha a consumir mais. Esse é o conceito da interatividade buscada pela televisão, rádio, Internet.

Waldenyr Caldas destaca duas concepções de cultura, uma antropológica e outra conectada à idéia de acumulação de conhecimento:

os estudos científicos, quando usam o conceito de cultura, quase sempre se referem ao ‘modo de vida de qualquer sociedade’. E nisto se tem uma visão macro da cultura e do ‘fazer cultura’ de uma sociedade . (...) Por outro lado, o uso popular do termo cultura está muito mais ligado à concepção da erudição, no campo das letras, ou de virtuosismo, no âmbito das artes, e assim por diante.<sup>23</sup>

O mesmo autor chama a atenção também para a conexão entre a cultura de massa e o conceito de classes e ideologia dominante:

---

<sup>22</sup> EAGLETON, Terry. *Teoria da Literatura: uma introdução*. p. 296

<sup>23</sup> CALDAS, Waldenyr. *A literatura da cultura de massa. Uma análise sociológica*. São Paulo:

A cultura de massa, cujo objetivo é o lucro, vai destinar seu produto aos ‘diferentes níveis de gostos’, estratificando consumo cultural. Mas o problema não está restrito apenas à produção da cultura de massa. No campo da produção literária, (e em todas as outras atividades culturais) a literatura culta (a expressão é de Adorno) é produzida pela classe dominante para si mesma. E, a rigor, pelo menos no Estado capitalista, não há como ser diferente.<sup>24</sup>

Outros estudiosos, como Néstor García Canclini, acreditam na capacidade do público de se defender do “bombardeamento” de informações da indústria cultural, aproveitando o que for de seu interesse e descartando o que não for. Nessa visão, os indivíduos são capazes de reciclar as informações e adaptá-las ao seu modo de vida, ou seja, ter uma posição crítica, consciente ou inconsciente, sobre a massificação da cultura. Essa é também minha interpretação.

Ao acreditar no senso crítico e na capacidade do público de interpretar e ressignificar as informações, é possível acreditar também na quebra da hegemonia da indústria cultural, em sua falibilidade como ideologia dominante. A partir daí as formas de entretenimento criadas por essa indústria, voltadas ao grande público, podem ser olhadas criticamente, como objetos que refletem não só um produto construído para atender uma demanda, mas aspectos da própria sociedade. Também é prudente moderar as certezas que se tem em relação à incapacidade de os leitores ressignificarem as leituras da literatura de entretenimento, colocando-as a serviço de suas vivências e atendendo a demandas legítimas<sup>25</sup>.

---

<sup>24</sup> CALDAS. *A literatura...* p. 21

<sup>25</sup> Néstor García Canclini, em seu livro “*Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*”, revela seu espanto ao encontrar um artesão zapoteca, no interior do México, que com facilidade adaptava a seu trabalho informações as mais diversas, sem por isso perder a autenticidade. “Quando lhe perguntei sobre as tapeçarias com imagens de Picasso, Klee e Miró que exibia, respondeu que começaram a fazê-los em 1968, quando foram visitados por alguns turistas que trabalhavam no Museu de Arte Moderna de Nova Iorque e que lhes propuseram renovar os motivos. Mostrou um álbum de recortes e jornais em inglês, em que eram analisadas as exposições que esse artesão realizou na Califórnia. Em meia hora, vi aquele homem

Depois dessas considerações, posso passar ao próximo objeto, a paraliteratura (denominação criada pelo crítico francês Jean Tortel) ou literatura de massa (como prefere Muniz Sodré).

Para Jean Tortel, citado por Waldenyr Caldas, “o termo paraliteratura objetiva, fundamentalmente, diferenciar a literatura de toda a produção reconhecidamente não-literária. E, mais do que isso, a finalidade desse novo conceito é também evitar o uso, de certo modo preconceituoso, de denominações como subliteratura, infraliteratura e pornoliteratura”<sup>26</sup>.

Já para Muniz Sodré:

A expressão literatura de massa designará na totalidade do discurso romanesco tradicionalmente considerado como diferente e opositivo ao discurso literário culto, consagrado pela instituição escolar e suas expansões acadêmicas. Incluem-se, assim, no universo da literatura de massa, o romance policial, de ficção científica, de aventuras, sentimental, de terror, a história em quadrinhos, o teledrama, etc.<sup>27</sup>

Umberto Eco também comenta o conceito de paraliteratura, em seu estudo sobre o que chama de “romance popular e seus derivados”, citando um encontro realizado em 1967 na França, onde deu-se a definição: “O que é paraliterário contém aproximadamente todos os elementos que constituiriam a literatura, exceto a inquietação em relação à própria significação, exceto o questionamento de sua própria linguagem”<sup>28</sup>.

mover-se com fluência do zapoteco ao espanhol e ao inglês, da arte ao artesanato, de sua etnia à informação e aos entretenimentos da cultura massiva, passando pela crítica de arte de uma metrópole. Compreendi que minha preocupação com a perda de suas tradições não era compartilhada por esse homem que se movia sem muitos conflitos entre três sistemas culturais”. p. 241-242. O sociólogo reconhece, assim, que tendia a subestimar a capacidade do artesão de lidar simultaneamente com diferentes códigos e sistemas culturais.

<sup>26</sup> CALDAS. *A literatura...* p. 80

<sup>27</sup> SODRÉ, Muniz. *Teoria da Literatura de Massa*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978. p. 15

<sup>28</sup> AA.VV., *Entretiens sur la Paralittérature*, Paris, Plon, 1970, p. 18. In \_\_\_. ECO, Umberto. *O*

Ainda sobre os estudos de Jean Tortel, Caldas apresenta a diferenciação proposta pelo crítico francês entre a paraliteratura didática, cujo objetivo seria informar e a paraliteratura de imaginação, feita para divertir. Assim, teríamos no universo da paraliteratura didática as mensagens comerciais, avisos, editais, filipetas e todos os textos feitos unicamente para informar. E na paraliteratura de imaginação, os citados acima por Sodré. Estes sim, para Caldas, seriam um sinônimo da literatura de massa.

São esses textos – as histórias de ficção científica, romances sentimentais, histórias em quadrinhos – que considero genericamente como literatura de entretenimento, aquela feita para divertir. A expressão foi retirada de um texto de José Paulo Paes, segundo o qual:

Literatura de entretenimento faz parte da cultura de massa (...). Na cultura de massa, a originalidade de representação tem importância muito menor. A fim de satisfazer ao maior número possível de seus consumidores, as obras dessa cultura se abstêm de usar recursos de expressão que, por demasiado originais ou pessoais, se afastem do gosto médio (...) no âmbito da literatura de entretenimento vige a categoria gênero. Seriam fundamentalmente o romance policial, o romance sentimental, o romance de aventuras, a ficção científica e a ficção infanto-juvenil.<sup>29</sup>

Segundo posiciona Paes, a literatura de entretenimento se opõe à chamada literatura de proposta ou erudita. Enquanto a segunda se propõe a oferecer uma visão original do mundo, uma ruptura, na primeira a originalidade não tem tanta importância, apostando na repetição para satisfazer ao maior número possível de consumidores. É importante observar que a idéia da originalidade, do rompimento com modelos e fórmulas, como fundamento para uma literatura de qualidade, é uma herança da Modernidade. Nem sempre foi assim. Na Arte Clássica as idéias e formas artísticas fundamentavam-se em modelos convencionais, sem que isso fosse condenável ou impedisse a produção de obras de arte.

A literatura de entretenimento é um fruto dos folhetins (forma literária serializada) que surgiram no século XIX, na França, transformando-se naquele século, no âmbito da cultura letrada, em uma das principais manifestações do que, no século XX, veio a caracterizar a indústria cultural. Ocupando o espaço de rodapé dos jornais,

---

<sup>29</sup> PAES, op. cit., p. 25, 26, 28



o folhetim tornou-se uma forma literária popular, resultando num processo que incorporou o grande público ao mercado literário. As heranças do folhetim são bastante visíveis ainda hoje nas novelas de televisão, no cinema, na literatura, como lembra Marlyse Meyer: “(...) pela mediação da radionovela, o folhetim é o fundamento da telenovela, essa grande criação narrativa na América Latina”<sup>30</sup>.

Outra característica da literatura de entretenimento é a forte delimitação de gênero. Sua sustentação se baseia na repetição de um modelo, que, conforme Borelli, se renova pela variação e não pela ruptura. Nessa repetição está a força e um dos segredos da popularidade das séries de romances sentimentais, ficção científica e romances policiais.

A idéia é reforçada por Eco:

o romance popular não inventa situações narrativas originais, mas combina um repertório de situações ‘tópicas’ já reconhecidas, aceitas, amadas por seu público (...). Os leitores, por seu lado, pedem ao romance popular (que é um instrumento de divertimento e evasão) não tanto que lhes proponha novas experiências formais ou subversões dramáticas e problemáticas dos sistemas de valores vigentes, mas exatamente o contrário: que reforce os sistemas de expectativa integrados na cultura vigente e com ela conformes <sup>31</sup>.

Padronização, entretanto, não pode ser considerada uma exclusividade da cultura popular de massa. Como lembra Richard Shusterman, mesmo as artes maiores seguem fórmulas e convenções. Para ele

o que determina a validade estética de fórmulas, convenções e normas gerais é o fato de serem aplicadas ou não com imaginação. Se a arte popular as explora, com frequência, de um modo mecânico e rotineiro, as artes maiores têm suas próprias formas esgotadas de padronização monótona, como o academicismo, em que, para usar as palavras de Clement Greenberg, a “atividade criativa diminui” e “os mesmos temas são mecanicamente modulados numa centena de obras diferentes” <sup>32</sup>.

José Paulo Paes cita explicitamente o objeto de nosso estudo, lembrando que “no nível popular da literatura de entretenimento se situam, por exemplo, os romancetes de amor da série Sabrina ou as historietas de ficção científica da série

---

<sup>30</sup> MEYER, Marlyse. *Folhetim. Uma História*. p. 386

<sup>31</sup> ECO, Umberto. *O super-homem de massa*. São Paulo: Perspectiva, 1991. p. 81

<sup>32</sup> SHUSTERMAN, op. cit., p. 126

Perry Rhoden”<sup>33</sup>. Notamos que, apesar de defender a legitimidade da literatura de entretenimento e sua importância no contexto da literatura (ainda que como formadora de leitores para a literatura dita “de proposta”), Paes não deixa de demonstrar reservas e até um certo preconceito ao empregar os diminutivos “romancetes” e “historietas”. O motivo desse tom pejorativo se explica no trecho seguinte. O autor considera que esses textos, vendidos comumente nas bancas de revistas, seriam exemplos de uma literatura de entretenimento “popular”, enquanto que para um nível “médio” os exemplos seriam os *best sellers* de ficção, normalmente comercializados nas livrarias. Aí já se denota duas questões – primeiro, além do formato dos textos, também a forma de comercialização (bancas, livrarias) estaria influenciando numa divisão de público, o primeiro menos seletivo e o segundo, mais exigente. Intui-se, também, uma divisão de classe social, visto que, subliminarmente, o acesso à livraria estaria reservado a um público de poder aquisitivo maior. O que diria Paes hoje diante das *mega stores* instaladas nos shoppings centers, a exemplo da Saraiva e Siciliano, em que os livros ficam expostos nas vitrines de forma tão atraente quanto as comidas no *fast food*? E mais, com a venda dos livros nos supermercados (como nas redes BIG e Extra), e mesmo como encarte promocional de revistas como *Caras*? Diante desses fatores, fica difícil continuar dividindo os leitores da literatura popular e dos *best sellers* em grupos diferentes, em função da forma de comercialização dos livros. Mas essa já é uma outra questão, que não propomos debater nesse trabalho, sob o risco de entrar em pontos que poderiam com certeza render uma outra dissertação.

Note-se que Paes não se refere a uma diferenciação de conteúdo entre os “romancetes e historietas” e os *best sellers*. Além da forma de comercialização, ele trata do modo de produção para distinguir “aquilo que, por sua elaboração mais rudimentar, visa a um público menos discriminativo, daquilo que, por sua fatura mais elaborada, pretende atingir leitores de maiores exigências”<sup>34</sup>. Logo, a elaboração do

---

<sup>33</sup> PAES, op. cit., p. 28

<sup>34</sup> PAES, op. cit., p.28

texto e formato editorial um pouco mais sofisticados, e não a mensagem em si, seria o caminho da diferença.

A consideração final de Paes no trecho informa que, para ele, apenas a literatura “média” de entretenimento pode estimular o gosto e o hábito da leitura, adquirindo assim “o sentido de degrau de acesso a um patamar mais alto onde o entretenimento não se esgota em si, mas traz consigo um alargamento da percepção e um aprofundamento da compreensão das coisas do mundo”<sup>35</sup>. Podemos aduzir que a editora de romances sentimentais da Nova Cultural, Janice Florido, ao abordar a literatura de entretenimento (sem diferenciar uma possível literatura “popular” de uma “média”) e a “pura literatura”, também afirma que a primeira pode conduzir à segunda. Ela diz: “Conheço muitas pessoas que começaram com leitura de entretenimento e hoje são leitores ávidos de pura literatura”.<sup>36</sup>

Analisando as entrevistas feitas com leitoras de romances sentimentais, pude perceber que a literatura de entretenimento, seja “popular” ou “média”, pode igualmente levar a ou conviver com a leitura de outros textos. Leitoras dos “romancetes”, entrevistadas para esta pesquisa, declararam ler jornais, revistas e também outros tipos de livros, de Jorge Amado a clássicos. Mais importante do que esse possível “degrau literário”, entretanto, é considerar que a leitura em si, e não o que as pessoas lêem, deve ser o mais importante num Brasil de poucos milhões de leitores. A escolha do objeto livro em detrimento da variedade de opções multimeios, carrega em si um potencial afirmativo, independentemente da qualidade literária dos textos.

Essa posição é referendada na argumentação de Hans Magnus Enzensberger, em entrevista concedida a Marcio Sattin, organizador da edição brasileira de *Mediocridade e loucura e outros ensaios*, na qual, comentando os limites da leitura no

---

<sup>35</sup> Id.

<sup>36</sup> Entrevista com Janice Florido, reproduzida no capítulo 3 deste trabalho

contexto europeu e no caso latino-americano – e brasileiro em especial – Enzensberger diz que

Nos países pobres a educação ainda conserva um *pathos*, ainda é uma conquista. A simples existência de uma escola já é um avanço, um bem, algo importante e significativo, e não uma obviedade. É por isso que os programas de alfabetização em alguns países continuam a ter grande importância.<sup>37</sup>

Outro aspecto a ser considerado está na experiência de introspecção, do direito à fruição do próprio tempo, fora dos ritmos determinados pelos multimeios e pelas demandas de produção e consumo obsessivos da vida contemporânea. As próprias narrativas enfocam personagens femininas que têm no envolvimento amoroso o eixo em torno do qual gira suas vidas. As protagonistas das séries têm uma notável disponibilidade de tempo para a fruição de experiências sentimentais, o que pode dar uma pista para a compreensão de sua eficácia junto às leitoras: uma espécie de prazer compensatório – como já assinalara Adorno – não entorpecedor e regressivo, como o crítico alemão sustentava, mas até de fuga do controle que a hipertecnologia dos multimeios digitais pode exercer. Durante o tempo em que se debruçam sobre as histórias açucaradas, as leitoras desligam-se temporariamente das demandas reguladoras sobre seu tempo exercidas não apenas por outras vertentes do *mass media*, mas igualmente pelos compromissos associados aos seus papéis profissionais e familiares. “Tem gente que joga futebol, baralho, outras preferem comer, assistir novela. É uma válvula de escape para as tensões que existem no dia-a-dia”, diz a leitora T.A.S.<sup>38</sup>, em entrevista para este trabalho, explicando porque lê romances sentimentais. Assim, subsiste no gosto pelas novelas sentimentais, como elemento recalcado na experiência contemporânea, o desejo de simplesmente poder dispor de uma fração do próprio tempo para “sonhar” a partir da ficção, em vez de consumir as

---

<sup>37</sup> ENZENSBERGER, Hans Magnus. *Mediocridade e loucura e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1995. p.196.

<sup>38</sup> T.A.S., Depoimento 4. Todos os depoimentos estão reproduzidos na íntegra no Apêndice deste trabalho. p. 160-234

imagens digitalizadas dos “sonhos” tecno-virtuais oferecidos no cinema, na TV e na Internet.

Ao optar por uma leitura amena e despreziosa, as leitoras dos romances sentimentais experimentam o mesmo arrebatamento que um possível leitor mais crítico tem diante de seu autor preferido. As diferenças estão nos motivos dessa sensação – que pode vir da revelação do gênio criador do autor ou do esperado final feliz que coloca a vida das personagens nos eixos.

## 2.2. LEITURA E PRAZER

Seria muito mais fácil abordar a literatura de massa e os romances sentimentais sem tocar na questão da estética. Porém, para traçar um retrato aprofundado dessa literatura e revelar qual é a percepção das leitoras em relação aos livros, como é meu objetivo, é preciso buscar as noções de valorização e experiência estética que podem ser aplicadas a essa leitura. Há que se considerar que a busca de uma experiência que reúna prazer e distração é o objetivo final na leitura dos textos dos romances aqui estudados.

Os romances sentimentais apresentam uma visível simplicidade formal. Esteticamente, se comparados com exemplares da chamada “literatura de proposta”, seriam apontados como uma literatura superficial, repetitiva, enfim, sem as qualidades inerentes de originalidade, cuidado formal e profundidade psicológica da literatura culta. Essa comparação, entretanto, foge do foco deste estudo. Meu questionamento não é quanto à qualidade estética dessas formas literárias, mas quanto a que tipos de usos e formas de fruição o leitor pode fazer de sua leitura.

A experiência estética pode prescindir do respaldo acadêmico e ser gerada mesmo por textos que não se encaixam em seus conceitos de “excelência”. Bom e ruim são conceitos relativos, como observa Marc Jimenez:

A antropologia da arte ensina-nos que o belo, assim como o feio, são valores relativos não somente a uma cultura, a uma civilização, mas também a um tipo de sociedade, a seus

costumes, à sua visão do mundo, em um dado momento de sua história. O relativismo em matéria de categorias estéticas há muito tempo já tomou o lugar do idealismo. E contudo, emocionados por um espetáculo, uma obra-prima ou uma paisagem qualificados como esplêndidos, não nos acontece invocar a beleza como se se tratasse de um dado imutável, aistórico ou transistórico exigindo a unanimidade e a universalidade dos julgamentos de gosto?<sup>39</sup>

Para o criador da expressão “prazer do texto”, Roland Barthes, o julgamento de um texto é individual:

Se aceito julgar um texto segundo o prazer, não posso ser levado a dizer: este é bom, aquele é mau.(...) Não posso dosear, imaginar que o texto é perfectível, que está pronto a entrar num jogo de predicados normativos: é demasiado **isto**, não é suficientemente **aquilo**; o texto (o mesmo se passa com a voz que canta) só me pode arrancar este juízo, nada adjectivo: é **isso!** E mais ainda: é **isso para mim!** E este “para mim” não é nem subjetivo, nem existencial, mas sim nietzschiano (“...no fundo, é sempre a mesma questão: O que é que é **para mim?**...”)<sup>40</sup>

Ainda para Barthes, existe o prazer (o contentamento) e a fruição (desfalecimento, o indizível), essencialmente diferentes. Aparece de novo o conceito de ruptura, já citado como herança da Modernidade:

Texto de prazer: aquele que contenta, enche, dá euforia; aquele que vem da cultura, não rompe com ela, está ligado a uma prática confortável de leitura. Texto de fruição: aquele que coloca em situação de perda, aquele que desconforta (talvez até chegar a um certo aborrecimento), faz vacilar as bases históricas, culturais, psicológicas, do leitor, a consistência dos seus gostos, dos seus valores e das suas recordações, faz entrar em crise a sua relação com a linguagem.<sup>41</sup>

A literatura de massa, descendente direta do estilo romanescos dos folhetins, encontra historicamente muitas restrições quanto à sua qualidade literária, mesmo entre seus defensores. Como ressalta Waldenyr Caldas, “sem imaginação, criatividade, uso abusivo da retórica vulgar, de cultura média, baixo nível e de mau gosto, são algumas das características a ela atribuídas”<sup>42</sup>. Ele mesmo, entretanto, aponta para uma outra

<sup>39</sup> JIMENEZ, Marc. *O que é estética?*. São Leopoldo, RS: Unisinos, 1999. p. 23.

<sup>40</sup> BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. Coleção Signos, 1973. p. 48.

<sup>41</sup> Ibid. p. 49

<sup>42</sup> CALDAS, *Uma utopia do gosto*. São Paulo: Brasiliense, 1988. p. 111

possível visão dessa literatura, citando Jean Tortel:

A primeira coisa para a qual este crítico nos chama a atenção é no sentido de que não concebamos a *priori* a paraliteratura como “má” literatura, como literatura medíocre. Devemos entendê-la, em tese, como dotada de uma autonomia em relação à literatura culta, como universo distinto na produção da cultura. Só assim, e nessas condições, é que detectaríamos as premissas básicas e a própria lógica interna que regem a dinâmica e desenvolvimento do discurso paraliterário.<sup>43</sup>

Enquanto a história da estética valoriza a arte, é importante entender que a literatura de massa não é uma arte e nem se propõe a tal. A literatura de massa propõe o prazer – não aspira à beleza, evoca emoção. E é capaz de fazer aflorar essa emoção no momento da leitura. Os romances sentimentais, tidos por excelência como literatura de entretenimento, “divertem, entretêm, restituem e estabelecem com o leitor uma relação em que prazer, riso, medo, lágrimas, ansiedade e, fundamentalmente, excessos – afetivos e emocionados – afloram, possibilitando também o resgate de experiências: experiências de outra estética presente em qualquer tempo e em qualquer espaço da história da cultura”<sup>44</sup>. Esta relação de diversão e leitura é a mesma que revela a leitora de romances sentimentais I.G.B., 58 anos, ao contar que desde a juventude cultiva o hábito de ler esses romances, que são sua “mais freqüente forma de lazer”<sup>45</sup>.

Há muito tempo ler, pelo exclusivo prazer do ato e buscando o desencadeamento fácil dessa tempestade de emoções, carrega um estigma, uma vez que a academia (aqui entendida como comunidade acadêmica literária tradicional) só aceita que a leitura cause prazer se trouxer também reflexão e questionamento.

Supõe-se que as pessoas sempre leram por prazer e distração, entre outras coisas; mas parece que no século XVIII surgiu uma tendência de perseguir esses objetivos com maior exclusividade do que antes. Tal era pelo menos a opinião de Steele, expressa no *Guardian* (1713), atacando a predominância desse “jeito duvidoso de ler (...) que naturalmente nos induz a um modo indeterminado de pensar (...) Aquele conjunto de palavras que se chama

---

<sup>43</sup> CALDAS, op. cit., *Literatura...* p. 81

<sup>44</sup> BORELLI, op. cit. p. 50

<sup>45</sup> I.G.B., Depoimento 3. Todos os depoimentos estão reproduzidos na íntegra no Apêndice deste

estilo fica totalmente aniquilado (...) A defesa comum dessas pessoas é que não têm na leitura outro propósito além do prazer, o qual, creio eu, devia brotar mais da reflexão e da lembrança do que se leu do que da transitória satisfação do que se faz e nosso prazer devia ser proporcional a nosso proveito”.<sup>46</sup>

Já naquela época, como hoje, havia a tendência da crítica literária de considerar apenas um tipo de prazer no texto – o prazer estético, enquanto o prazer da diversão seria falso. Porém, ler para “passar o tempo” é diferente de ler para experimentar um prazer dos sentidos que não se dirige a nenhum propósito prático. O uso prático que se faz da literatura de entretenimento é aspecto fundamental na relação entre leitor e texto. Ao ler para passar o tempo, há uma relação tipicamente distraída, despojada, do leitor com a obra, similar àquela de quem liga a TV para dormir. Ocorre que há quem pegue um volume de narrativa sentimental, na cama, para estimular o sono, e acaba “prisioneiro” do enredo, despertando para uma relação de intensa curiosidade, cumplicidade e projeção no texto. Da mesma forma, aquele que busca a leitura de forma desinteressada de seu uso, apenas pelo prazer estético, não utilitário, pode acabar também “fazendo uso” desse texto, ainda que em alguma forma de “educação estética”. Seriam, então, o texto de prazer e o texto de fruição, tão diferentes em sua forma de utilização pelo leitor?

Essas formas de uso revelam muitas vezes mais sobre o leitor do que sobre a obra:

Difícilmente podemos admitir que o prazer seja uma espécie de dado em estado puro da obra de arte. Uma obra de arte me agrada, seja! Mas o prazer que sinto é elaborado por mim, em função de meu temperamento, do despertar de minha sensibilidade à arte e de minha educação. O prazer, de forma alguma específico à esfera estética, não é, portanto, um critério de qualidade artística. Talvez ele seja um dos múltiplos elementos de julgamento, mas ele me ensina muito mais sobre mim mesmo do que sobre a obra com a qual sou confrontado.<sup>47</sup>

Shusterman condena a posição de filósofos e teóricos da cultura, que ignoram as artes populares, nas quais podemos incluir a literatura de entretenimento,

---

<sup>46</sup> WATT, Ian. *A ascensão do romance*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990. p. 45

<sup>47</sup> JIMENEZ, Marc. *O que é estética*. p. 386-387



ou as rebaixam a “lixo cultural, por sua falta de gosto e de reflexão”<sup>48</sup>. Ele defende a valorização estética das artes populares:

Nós tendemos a considerar as artes maiores somente a partir das mais célebres obras de gênio, ao passo que a arte popular é tipicamente identificada com as produções mais medíocres e padronizadas. Existem, no entanto, muitas obras medíocres e, infelizmente, até mesmo ruins dentro das artes maiores, como reconhecem os mais ardentes defensores da cultura superior. (...) Em ambos tipos de arte, a distinção entre eles sendo mais flexível e histórica do que rígida e intrínseca, existe a necessidade assim como espaço para um julgamento de seus sucessos e fracassos do ponto de vista estético.<sup>49</sup>

No entender de Waldenyr Caldas, “o gosto obedece a uma lógica implícita na sociedade de classes: a lógica da estratificação social. Cada classe social possui seu universo próprio de valores. E o gosto estético é um deles”<sup>50</sup>. Em muitas situações essa regra não se aplica. A explicação dos fenômenos sociais pela classe já provou ser um modo de definição reducionista, que não dá conta da complexidade das sociedades humanas. Gosto é mais uma questão de momento histórico do que de classe social. Nesse sentido, vem a calhar a afirmação do professor Antonio Candido, em uma conferência sobre a obra de Roger Bastide, citado por Caldas: “o gosto é indefinível por excelência, é uma questão de fruição e não de crítica. É a injunção do meio e da tradição”<sup>51</sup>.

Em resumo, o conceito do que é esteticamente bom ou ruim é relativo e muda com o tempo. Está ligado a elementos econômicos, sociais e políticos. Já a idéia do prazer, não. O prazer é possível, seja diante de uma música de Bach (que, pelos critérios estéticos de várias gerações, é considerada de bom gosto), seja na leitura de um texto sentimental, como no depoimento da leitora G.F.C.: “Quando a gente está lendo um romance bem interessante, assim, uma coisa gostosa, está vivendo aquele romance naquela hora. A gente se transforma. De repente eu sou a mocinha, eu sou a

---

<sup>48</sup> SHUSTERMAN, op. cit., p. 99

<sup>49</sup> Ibid., p. 103

<sup>50</sup> CALDAS. *Uma utopia...* p. 133.

<sup>51</sup> Ibid, p. 135.

condessa, não é assim quando a gente está lendo?”.<sup>52</sup> O que é isso, senão o “prazer do texto”?

### 2.3. TRÊS VEZES MULHER: A CRÍTICA FEMINISTA

A necessidade de falar sobre a crítica feminista tem aqui motivos cruciais. Primeiro, o recorte ideológico feito nos textos estudados neste trabalho recaiu nas imagens femininas retratadas. Depois, por estarmos examinando textos escritos e dirigidos explicitamente ao público feminino. Por fim, admito que não posso deixar de considerar minha própria condição de mulher diante do objeto de pesquisa. Temos, então, um tripé onde se encontram e entrelaçam as três figuras femininas deste trabalho: a mulher-personagem, a mulher-leitora e a mulher-pesquisadora. Deixei propositadamente de fora uma quarta figura, a mulher-escritora, visto que, como será apresentado mais adiante, a autoria dos romances sentimentais passa por uma série de “senões”, desde a intervenção das editoras sobre os textos, títulos e traduções, até o próprio questionamento das informações sobre a correta identidade dos autores dos textos.

Segundo Elaine Showalter, a crítica feminista não é una, mas pode ser descrita por diferentes idéias. Aqui interessa a primeira delas: “The first mode is ideological; it is concerned with the feminist as reader, and it offers feminist readings of texts which consider the images and stereotypes of women in literature, the omissions and misconceptions about women in criticism, and woman-as-sign in semiotic systems”.<sup>53</sup>

A crítica feminista não tem um aparato teórico rígido, como confirma Showalter: “This invigorating encounter with literature, which I will call feminist

---

<sup>52</sup> G.F.C., Depoimento 1.

<sup>53</sup> SHOWALTER, Elaine. *Feminist Criticism in the Wilderness*. In. *Writing and sexual difference*.

reading or the feminist critique, is in essence a mode of interpretation, one of many which any complex text will accommodate and permit”.<sup>54</sup>

Sobre o estudo da crítica feminista, Jonathan Culler observa que:

o conceito de uma mulher leitora leva à asserção de uma continuidade entre a experiência das mulheres nas estruturas sociais e familiares e suas experiências como leitoras. A crítica fundada sobre esse postulado de continuidade interessa-se notavelmente pelas situações e pela psicologia das personagens femininas, investigando as atitudes com relação às mulheres ou investigando as ‘imagens de mulher’ nas obras de um autor, um gênero ou um período.<sup>55</sup>

O presente estudo busca se encaixar neste segmento da crítica descrita por Showalter e Culler, da mulher como leitora, e observando as imagens femininas nas obras. Mas o que vem a ser essa mulher-leitora? Culler chega à seguinte conclusão, que confessa puramente diferencial: ler como uma mulher é evitar ler como um homem, identificar as defesas específicas e distorções das leituras dos homens e providenciar reparações<sup>56</sup>. Culler cita ainda o estudo de Jane Tompkins, sobre *A Cabana do Pai Tomás*, em *Sentimental Power*, do qual nos interessa a seguinte questão: embora seja na avaliação de Tompkins o mais importante livro do seu século, *A cabana...* é colocado em um gênero – o romance sentimental – “escrito por, sobre e para mulheres, e portanto, visto como lixo ou pelo menos não merecedor de uma crítica séria”<sup>57</sup>. Ou seja, o próprio gênero é relegado a um segundo plano não por suas qualidades ou falhas, mas por ser escrito e dirigido por e para mulheres.

No caso dos romances sentimentais, não pretendo propor “reparações” ao conteúdo ou a viabilidade deste gênero com base na incorporação de elementos em que a presença feminina seja apresentada sem ranços de submissão ou preconceito. A intenção é ampliar o olhar que se tem sobre esse “produto” literário, observando que

---

<sup>54</sup> SHOWALTER., op. cit, p. 182.

<sup>55</sup> CULLER, Jonathan. *Sobre a desconstrução: Teoria e crítica do pós-estruturalismo*. São Paulo: Rosa dos Tempos, 1997. p.51

<sup>56</sup> Id.

<sup>57</sup> Ibid. p. 68

mecanismos a editora utiliza para tornar a leitura mais atraente e as mensagens que chegam às leitoras a respeito das personagens femininas. Apesar de as escritoras e a crítica feminista, como a crítica em geral, considerar esses romances tolos – Showalter diz que “women’s novels which are centrally concerned with fantasies of romantic love belong to the category disdained by George Eliot and other serious women writers as ‘silly’ novels”<sup>58</sup> – eles alcançaram a longevidade, superando dois séculos, sempre dirigidos prioritariamente ao público feminino - apesar de, especialmente no século XIX, serem lidos por representantes de ambos os sexos. Diante disso, evidencia-se a importância de examinar seu conteúdo ideológico no que se refere às mulheres.

O fato de serem dirigidos às mulheres fez dos romances sentimentais um canal para a educação feminina segundo padrões pré-estabelecidos de moral e conduta, como ressalta Muniz Sodré:

Existe, porém, um gênero específico do elemento feminino, que é o romance sentimental. Seu projeto ideológico implica a normalização amorosa ou sexual, constituindo o sujeito feminino segundo o estado da legislação ou da moral patriarcal em vigor, com a ajuda de informações sobre ética, moral, casamento, família, felicidade, etc.<sup>59</sup>

O valor dessa “educação” é questionável. Para Adorno,

Sobre os benefícios da indústria cultural, os teóricos que a defendem dizem que - “Demais, tudo isso (produtos da indústria cultural) produz toda a série de benefícios; por exemplo, pela difusão da informação e de conselhos, e de padrões aliviadores da tensão. Ora, essas informações são certamente pobres ou insignificantes, como prova todo estudo sociológico sobre algo tão elementar como o nível de informação política, e os conselhos que surgem das manifestações da indústria cultural são simples futilidades, ou ainda pior; os padrões de comportamento são desavergonhadamente conformistas.”<sup>60</sup>

Na maioria das vezes, as informações e “conselhos” dados nos romances sentimentais são realmente superficiais. A utilização que se fará deles, entretanto, cabe à leitora configurar. Às vezes, o interesse se dá justamente na superficialidade, como para a leitora I.G.B., que copia os pratos típicos narrados nos romances e prepara em

---

<sup>58</sup> SHOWALTER, op. cit., p. 195

<sup>59</sup> SODRÉ, Muniz. *Best Seller: a Literatura de Mercado*. São Paulo, Ed. Ática, 1985. p. 47

<sup>60</sup> ADORNO. *A indústria...* p. 96

casa, “para ver se é como eles se referem”.<sup>61</sup> Ela tenta, assim, explicitar uma “convenção da veracidade”<sup>62</sup> na narrativa, buscando validar o texto por seu suposto estatuto de verdade. Pode-se, entretanto, ver o mesmo gesto de uma outra forma, numa tentativa de transposição de aspectos da leitura para o cotidiano da leitora, permitindo integrar de alguma forma o ato de leitura ao campo de outras práticas sociais cotidianas. Imaginemos essa mesma leitora servindo um assado aos filhos ou amigos e dizendo que a receita foi tirada de um romance, e que se trata, supostamente, de uma comida típica dos Estados Unidos ou França... Nesta perspectiva, a prática da leitura como entretenimento não se esgota no gesto de consumo do livro, mas desdobra-se sobre práticas a princípio inusitadas, quando se examina a leitura por um viés puramente estético.

O aspecto “educacional” dos romances sentimentais foi estudado por Maria Teresa Santos Cunha, nos romances de M. Delly, que eram leitura recomendada pela escola e incentivada pela família, especialmente nas décadas de 1930 a 1960 no Brasil.

Sendo livros extremamente populares entre jovens urbanas de classe média entre as décadas de 30 e 60 e constatado o encanto que despertavam, parece correto supor que os romances de M. Delly propiciaram o desenvolvimento da sensibilidade e do imaginário românticos, experiências que se caracterizaram como uma forma de educação. Assim, essa literatura para aquela geração de leitoras, funcionou como uma forma de socialização secundária, como um dos processos formais para interiorização e/ou reforço de normas, condutas, valores e “submundos”, como explicitam Berger e Luckmann.<sup>63</sup>

Apesar da influência dessa leitura estar hoje bastante reduzida em comparação com as décadas estudadas por Santos Cunha, em função de inúmeros fatores, que vão desde a presença da mulher no mercado de trabalho a novas formas de

---

<sup>61</sup> I.G.B., Depoimento 3.

<sup>62</sup> MIGNOLO, Walter. *Lógica das Diferenças e Políticas das Semelhanças da Literatura que Parece História ou Antropologia, e Vice-Versa*. p 123. A “convenção da veracidade” é apresentada pelo autor como intrínseca a um texto que se propõe a ter uma relação de correspondência entre o discurso e o mundo.

<sup>63</sup> CUNHA, Maria Teresa Santos. *Armadilhas da Sedução: Os romances de M. Delly*. Belo Horizonte, Autêntica, 1999. p.126

lazer, como televisão e Internet, ainda assim é preciso lembrar que historicamente o romance sentimental teve um caráter fundamental na formação da leitora brasileira, e ainda hoje alcança vendas significativas, conforme dados obtidos junto à editora e que serão abordados no próximo capítulo.

Ainda falando do possível aspecto “educativo” da literatura sentimental, ao reproduzirem padrões conformistas ou paternalistas, os romances sentimentais vão legitimar a subordinação feminina à estrutura econômica e à hierarquia sexual, aceita pelas leitoras. Estas, ao depararem-se com enredos mirabolantes nos romances sentimentais, não questionam se a ideologia contida repete os padrões patriarcais, se as informações sobre família, casamento, sexo são coerentes com a realidade social do século XXI. Isso não é exatamente uma novidade no que diz respeito à mulher como leitora. Como observa Marcia Cavendish Wanderley, citando Caroline Heilbrun,

A leitura feminina não é o que fatalmente ocorre quando uma mulher lê um texto literário. Ao contrário, o que tem ocorrido é que as mulheres, por terem sido alienadas de uma experiência apropriada à sua condição de mulheres, terminam por se identificar com as experiências e perspectivas masculinas que se apresentam como universais. Já aqui podem-se entrever dois momentos da crítica feminista. Um primeiro que desperta para a valorização da experiência como um dado orientador da leitura e que, apontando para a possibilidade de uma leitura feminina de um texto literário, vai constatar num segundo momento que essa leitura não vem sendo efetivada pelas mulheres. Isto porque as mulheres vêm sendo alvo de discursos que não possibilitam esse tipo de leitura.<sup>64</sup>

As leitoras dos romances sentimentais não têm uma leitura feminina no sentido crítico apontado por Heilbrun. Com uma posição passiva em relação aos estereótipos narrados e mesmo à condição de condutores da trama, catalisadores dos sonhos românticos e porta para a ascensão social das heroínas que os personagens masculinos incorporam, as leitoras aceitam sem questionar a posição subserviente das mulheres retratadas. A maioria das entrevistadas para este trabalho disse nunca questionar as atitudes das heroínas. Como exceção, há o depoimento da leitora I.G.B., que mostrou-se descontente com a atitude de uma heroína.

---

<sup>64</sup> CAVENDISH, Márcia Wanderley. *A Voz Embargada*. São Paulo, Edusp, 1996, p.19

Era um caso de uma menina que encontrou dentro do carro uma criança. E a moça se apavorou tanto que em vez de procurar logo o atendimento legal, ela escondeu a criança. E eu tenho minha filha adotiva, e eu achei totalmente errado. Ela deveria ter ido buscar um meio, porque ela ficou estressada um bom tempo, até que achou um policial, que era namorado dela. Depois descobriram tudo. Se ela tivesse falado logo, teria resolvido tudo.<sup>65</sup>

Para entender essa crítica, há que se considerar que a leitora é advogada, atua na área criminal e tem uma história de vida que envolve uma filha adotiva. Portanto, a desaprovação tem relação direta com o cotidiano da leitora, revelando uma comparação de aspectos da narrativa com o dia-a-dia da leitora, numa interação da ficção com a realidade, mas ainda não numa leitura “enquanto mulher”, que poderia levantar, por exemplo, o porquê da situação só ser resolvida com a ajuda do namorado policial da heroína e a impossibilidade desta de tomar sozinha uma atitude em relação ao bebê encontrado.

A leitora T. A.S. coloca claramente a perspectiva de leitura que parece ser comum às leitoras empíricas: “Quando eu leio o livro é como se eu entrasse dentro da história, mas só como espectadora, jamais para me colocar no lugar da heroína. Eu sou uma espectadora passiva”.<sup>66</sup> Essa posição não surpreende. É de se esperar que o questionamento perturbe a meta da distração fácil buscada nos romances sentimentais, atrapalhando o “sonho romântico” com o qual as leitoras se deleitam ao mergulhar nessa leitura.

---

<sup>65</sup> I.G.B., Depoimento 3

<sup>66</sup> T.A.S., Depoimento 4

### 3. ROMANCES SENTIMENTAIS HOJE

#### 3.1. PEQUENO HISTÓRICO DO ROMANCE SENTIMENTAL E SUA INFLUÊNCIA NA FORMAÇÃO DA LEITORA BRASILEIRA

O romance sentimental é, como já frisado, um dos gêneros da literatura de entretenimento. Porém, não descende unicamente dos folhetins. Os romances sentimentais (também chamados por Marlyse Meyer de novelas femininas) que hoje encontramos nas bancas de revistas na forma de séries como *Sabrina*, *Julia* e várias outras, são frutos diretos da produção romanesca surgida na esteira do grande sucesso do autor inglês Richardson, *Pamela*, publicado em 1740. Na seqüência, também na Inglaterra, aconteceu a popularização do romance gótico (oficialmente a partir da publicação de *O Castelo de Otranto*, de Horace Walpole, em 1764<sup>67</sup>), do qual derivou a idéia dos romances educativos, com fundo moral, retratando a mulher casta e defensora de sua virtude, submetida a todo tipo de provações para garantir sua pureza. Não podemos esquecer também, como origem mais longínqua, os romances de amor cortês e os “romances preciosos”, descritos por Nelly Novaes Coelho como:

Forma romanesca que proliferou nos salões da França no século XVII, na linha de evolução do ideal cortês que nascera na Idade Média e avançara pelo Classicismo adentro. O romance precioso substitui o romance cortês quando este começa a decair. A aventura heróica e maravilhosa, presente neste último, é substituída pela aventura sentimental e pelo heroísmo da paixão, que suporta mil provas para dar testemunho de sua verdade. O culto da mulher muda de caráter, pois agora aquela dama inacessível e idealizada do amor cortês cede lugar à dama também apaixonada, embora continue sendo respeitado o tabu anterior, de censura ao amor carnal.<sup>68</sup>

Marlyse Meyer também atesta a antecedência das “novelas românticas” aos folhetins:

---

<sup>67</sup> Em seu livro *O Super Homem de Massa*, Umberto Eco indica a publicação de *O Castelo de Otranto* como iniciando oficialmente a época do “Gothic”

<sup>68</sup> COELHO, Nelly Novaes. *O conto de fadas*. São Paulo: Ática, 1987. p.22



Na verdade, o livro [*Folhetim – Uma história*] inicialmente previsto visava, ao procurar as origens européias do romance brasileiro, focalizar principalmente as ‘novelas de segundo time’, aquelas ‘novelas sem fronteira’ franco-inglesas que aqui aportaram, precedendo e abrindo caminho para a popularidade do folhetim. Tenho nos meus guardados longas análises do que chamamos três romances paradigmáticos: *Sinclair das Ilhas*, *Amanda e Oscar*, *Celestina*.<sup>69</sup>

Alencar [José de], quando recorda serões que se situavam precisamente na idade de ouro do folhetim romântico, não o evoca, mas evoca outros “romances românticos”. Por conseguinte, o romance-folhetim ainda é coisa diversa das “moderníssimas novelas”. Estas não só o antecedem de muito, como ainda vão coexistir algum tempo com ele, a julgar pelas listas que os jornais continuam publicando, em progressão decrescente, é verdade, relativamente à invasão do folhetim. Donde se conclui que, tanto na França como no Brasil, se a fórmula de Girardin (o folhetim) teve tal sucesso, foi porque já respondia a hábitos adquiridos de leitura ou audição de ficção. E se no Brasil o folhetim “pegou” tão bem foi porque encontrou terreno favorável: às leituras tradicionais tinham sucedido as ‘galantes novellas todas traduzidas do francez’.<sup>70</sup>

Os romances sentimentais são citados ainda pela pesquisadora Tania Rebelo Costa Serra, da Universidade de Brasília, como uma vertente da ficção de divertimento presente já no século XVI, definidos como “verdadeiros códigos para o ‘bom comportamento’ no amor cortês. A rigor, esses romances são uma continuação da poesia cortês medieval, em que são especificadas regras para o comportamento amoroso adequado à corte”.<sup>71</sup>

No século XVIII, os romances sentimentais já tinham características bem definidas, como apresenta Meyer:

O produto [novela pré-romântica] é um misto de sensibilidade, sentimentalismo, moralismo didático, moral e recato, que continuam a imperar mesmo quando se instalam suspenses, sustos e sadismos dos vilões do romance gótico. Tudo regado a lágrimas abundantes, a serviço de alguns temas recorrentes: educação, criação de filhos, amor entre religiosos (conflito ou sátira), pesado destino da mulher casada, drama das solteironas, sofrimento das governantas, necessidade de *princípios* (*Jane Eyre*), expectativas e imprescindível virtude das mocinhas casadoiras (...). O casamento é o alvo motor do entrecho, mas se a aspiração é um casamento de amor, deve-se evitar a cega paixão.<sup>72</sup>

---

<sup>69</sup> MEYER. *Folhetim...* p. 17

<sup>70</sup> Ibid. p. 33-34

<sup>71</sup> SERRA, Tania Rebelo Costa Serra. *Antologia do romance-folhetim (1839 a 1870)*. Brasília, Editora UnB. 1997. p. 17

<sup>72</sup> MEYER, Marlyse. *Caminhos do Imaginário no Brasil*. São Paulo, Edusp, 1993. p. 60-61

Outros temas citados por Meyer, como a usurpação de bens e incesto, vêm complementar esse painel. Já naquela época, a repetição de um padrão era aceita e até procurada pelos leitores. Foi o caminho aberto para o folhetim, que surgiu na seqüência, alcançando enorme popularidade.

É inegável que o modelo de romance sentimental, tal qual o conhecemos, inclui também traços dos folhetins, na preocupação de cativar um grande público, na produção em massa e na padronização, além da idéia de uma serialização, não de um mesmo texto, como no caso dos folhetins, mas de modelos tão semelhantes que fazem a leitora aguardar e procurar outro da mesma série.

Nascido na França, o folhetim teve na década de 1840 sua definição como forma específica de romance. Foi quando Eugène Sue publicou no *Journal des Débats*, entre 1842 e 1843, *Os mistérios de Paris*. Em 1844 sai, do mesmo Sue, *O judeu errante*; e de Alexandre Dumas, *Os três mosqueteiros* e *O conde de Monte Cristo*. É quando o termo folhetim passa a designar também o novo modo de publicação de romances. E praticamente toda a ficção em prosa da época passa a ser publicada em folhetim para, depois, conforme o sucesso alcançado, ser lançada em livro.

Ao contrário dos trabalhos de Sue, até hoje estudados, os romances e romancistas das primeiras “novelas românticas” (escritos em sua maioria por mulheres) acabaram relegados ao esquecimento, apesar do sucesso alcançado em tempos passados:

Ainda que periódicos como a *Edinburg Review* e outros de alto nível reclamassem muito contra essa produção comercial, é interessante notar que, de maneira geral, a crítica é bastante condescendente com essas mulheres e suas obras, consideradas à margem da literatura por muitos e lidas por quase todos, porém. Quase sempre masculina, a crítica vê na mulher e no seu romance um elemento civilizador e educativo para o homem criado na rudeza dos costumes ingleses, os quais estão bem retratados no *Tom Jones*, romance masculino. (...) Admira-se também nas mulheres romancistas sua capacidade de ‘cumprir a função da fábula [...]: ilustrar uma verdade moral’; o que elas cumprem com tal seriedade que muitas vezes coroam o desfecho com um quase sermão, como em *A Simple Story*, de Inchbald.<sup>73</sup>

---

<sup>73</sup> MEYER, *Caminhos...* p.58

Comentando o nascimento do gênero romance, Ian Watt destaca a crise no casamento, no século XVIII, a qual considera um dos fatores do sucesso de *Pamela*, de Richardson:

A gravidade do problema [crise no casamento] explica o enorme sucesso que *Pamela* obteve na época. As criadas, como vimos, constituíam uma parte importante do público leitor e achavam muito difícil se casar: não admira, portanto, que lady Mary Wortley Montagu achasse que o triunfo de Pamela a transformara na “alegria das criadas de todas as nações”. Em termos mais gerais, é provável que a heroína de Richardson simbolizasse as aspirações de todas as mulheres leitoras sujeitas às mesmas dificuldades. Não só isso. Dificuldades um pouco semelhantes tornaram-se comuns na sociedade moderna em consequência do individualismo econômico e da família conjugal: e isso explicaria por que a grande maioria dos romances escritos depois de Pamela seguiram seu modelo básico e concentraram o interesse num namoro que conduzia ao casamento.<sup>74</sup>

É significativo que, mesmo no século XXI, o casamento, amor e, como pano de fundo, ascensão social, continuem abastecendo o imaginário das leitoras por meio dos romances sentimentais. No Brasil, podemos dizer que romances do gênero sentimental ou romântico praticamente nunca deixaram de circular, desde o século XIX. Primeiro, com as novelas já citadas por Meyer. Depois, na forma dos folhetins sentimentais, escritos por autores brasileiros consagrados, a exemplo de *A Viúvinha* e *Cinco Minutos*, de José de Alencar. E, já no século XX, quem hoje na faixa dos 50, 60 anos, não se lembra da popular *Biblioteca das Moças*? Editada pela Companhia Editora Nacional (São Paulo), de 1935 a 1963, teve centenas de números, muitos deles com até dez edições publicadas dentro da mesma coleção, sendo que “uma edição comportava, em média, de três a quatro mil exemplares”.<sup>75</sup> Mesmo antes desses romances, traduzidos em sua maioria do francês (M. Delly, pseudônimo de dois irmãos franceses, assinava a autoria do maior número de títulos da coleção), em 1920 os romances de M. Delly já chegavam ao Brasil através da edição portuguesa da coleção *Biblioteca das Famílias*. “Em edições baratas, vendidas em livrarias e em bancas de jornal, teve grande aceitação, principalmente entre jovens normalistas. Essas obras eram presença constante nas Escolas Normais”.<sup>76</sup>

---

<sup>74</sup> WATT, Ian. *A Ascensão do Romance*. São Paulo, Cia. das Letras, 1990. p. 131

<sup>75</sup> CUNHA, op. cit., p.36

<sup>76</sup> CUNHA, op. cit, p.35

No início da década de 70, havia coleções como *Romances Rebeca*, da Edições de Ouro (que publicava o mesmo tipo de romance, de autoras nacionais e estrangeiras), incluindo sucessos da autora inglesa Barbara Cartland, conhecida na mídia como a “rainha dos romances cor-de-rosa”, pelo enorme sucesso de vendas. Os livros podiam ser adquiridos em livrarias ou por reembolso postal, tanto que os próprios livros traziam encartado o formulário para pedidos pelo correio e a lista dos romances publicados.<sup>77</sup> Com isso, era viabilizada a chegada da coleção em cidades do interior do Brasil.

É preciso lembrar, também, que entre as décadas de 1950 e 1970, no universo brasileiro dos textos sentimentais, reinavam absolutas as fotonovelas, que já mereceram vários estudos como forma de comunicação e literatura de massa. O declínio das vendagens, até o desaparecimento das fotonovelas das bancas, coincide com o surgimento e popularização de novas séries sentimentais. Foi no final da década de 70 que surgiram as séries da Editora Nova Cultural *Sabrina, Julia e Bianca*, tornando-se na época um estrondoso sucesso. Osni Pavani, dono de banca de jornais em Curitiba, em novembro de 2001, comentou comigo: “Parece que esses romances (sentimentais) não saem de moda. Eles são a fotonovela de hoje. Esses sempre tem quem compre”. E quem compra é um público explicitamente feminino, que desde os primórdios da alfabetização no Brasil sempre apreciou as narrativas românticas.

Lidos por donzelas casadoiras e heroínas românticas no século passado, neste século por jovens de classe média nos anos 50 e 60, por operárias nos anos 70, colocados à disposição das leitoras adolescentes nos anos 80, os romances de folhetim atravessaram classes sociais, tempos históricos e lugares físicos. Estendidos diante dos olhos da leitora, favoreceram a imaginação, provocaram reações de desagrado, normatizaram condutas, educaram/deseducaram sensibilidades: encantando, fazendo chorar, rir, desejar, temer, sonhar, amar, odiar. E, agora, nos anos 90, continuam aí, com novos nomes, e ao que parece, provocando “novas languidezas”. Que o digam as *Sabrinas, Julias e Biancas*, que, expostas ao sol nas bancas de revistas, alinham-se no espaço e anunciam pelos jornais, em pleno inverno de 1994, um mundo de emoção e aventura, uma chance de se apaixonar, uma possibilidade de pôr mais romance na vida”.<sup>78</sup>

---

<sup>77</sup> Figura 1

<sup>78</sup> CUNHA, op. cit., 41

FIGURA 1 – CARTÃO-RESPOSTA COMERCIAL E LISTA DE LIVROS PARA COMPRA. ENCARTADOS NO ROMANCE *A MALDIÇÃO DO CLÁ*, DE BARBARA CARTLAND, PUBLICADO EM 1978 PELA EDIÇÕES DE OURO, NA COLEÇÃO REBECA.

**Romance Rebeca**

<b>B.C. — Barbara Cartland</b> <b>L.L. — Lúcia-Maria Linares</b> <i>(Continuação)</i>	<b>A.S. — Adriana Tavares de Sá</b> <b>O. — Outros autores</b>
5297 Duelo de Corações — B.C.	5354 Sem Tempo Para Amar — B.C.
5298 Caprichos do Coração — B.C.	5355 A Ilusão Dourada — B.C.
5299 A Chama É o Amor — B.C.	5356 Um Beijo Para o Rei — B.C.
5300 Sou Livre Para Amar — A.S.	5357 Em Poder de Barba-Azul — L.L.
5301 Amor ou Loucura — O.	5358 O Conde Rebelde — B.C.
5302 Você É a Útima — O.	5359 A Feticheira de Olhos Azuis — B.C.
5303 Adoro Você Quase Sempre — L.L.	5360 Moldura de Sonhos — B.C.
5304 Casamento de Conveniência — A.S.	5361 Há Outros Homens — L.L.
5305 Lágrimas de Amor — B.C.	5362 Paixões no Deserto — B.C.
5306 Aprenda a Ser Mulher — O.	5363 Uma Seta de Amor — B.C.
5308 Esta Semana Chamo Creopatra — L.L.	5364 Apelo Selvagem do Amor — B.C.
5309 Amor Cigano — B.C.	5365 Como Casar com um Primeiro-Ministro — L.L.
5310 O Encanto — O.	5366 O Amor É Inocente — B.C.
5311 O Salutar — B.C.	5367 Corações em Jogo — B.C.
5313 Viagem ao Paraíso — B.C.	5368 O Amor Impossível de Natasha — B.C.
5316 Ao Sol da Manhã-Noite — O.	5369 Meu Novo, o Imperador — L.L.
5317 Uma Espada no Coração — B.C.	5370 O Segredo — B.C.
5319 O Karma do Amor — B.C.	5371 Nunca Zombe do Amor — B.C.
5320 A Sombra do Pecado — B.C.	5372 A Máscara do Amor — B.C.
5321 A Pequena Aventura — B.C.	5373 Meus Gem. Últimos Amores — L.L.
5322 Amor sem Fronteiras — A.S.	5374 Coração Truente — B.C.
5323 Verdade — O.	5375 O Sonho e a Glória — B.C.
5324 Esconde a Chave Dessa Porta — L.L.	5376 A Princesa Orgulhosa — B.C.
5325 Lady Donalda — B.C.	5377 Sônia e o Príncipe Árabe — A.S.
5326 Uma Vida em Minhas Mãos — A.S.	5378 O Mercúrio que Detestava Mulheres — B.C.
5327 Juan às Oito, Pablo às Dez — L.L.	5379 Beijos ao Luar — B.C.
5328 Uma Voz ao Vento — O.	5380 A Magia do Amor — B.C.
5329 A Sombra da Outra — O.	5381 Meu Homem em Genebra — L.L.
5330 Adão Frio o Culbado — L.L.	5382 Fome de Amor — B.C.
5331 A Dívida do Demônio — O.	5383 Raposoa de Amor — B.C.
5332 O Anjo Meu — B.C.	5384 A Dentosa de Lady Lorraine — B.C.
5333 Ele Vem de Nova York — L.L.	5385 Desal o Desesperado — B.C.
5334 Passão e Magia Negra — O.	5386 O Êxtase Amargo do Amor — B.C.
5335 Cris do Coração — B.C.	5387 Coração Desconhecido — B.C.
5336 O Demônio Apassionado — B.C.	5388 A Nova Relutante — B.C.
5337 Só Quero Voar contigo — L.L.	5389 A Porta Trancada — B.C.
5338 Paixão na Velha Rússia — B.C.	5390 Estrelas em Meu Coração — B.C.
5339 Com Medo de Amar — A.S.	5391 A Doce Aventura — B.C.
5340 Digis que Sim, Samantha — B.C.	5392 Um Tipo Três vezes — B.C.
5341 O Resário — O.	5393 Vale no Amor — B.C.
5342 A Noiva Lua-de-Mel — B.C.	5394 Romance e Mistério a Bordas — A.S.
5343 De Noite Sou Ino. e. e. — L.L.	5395 A Maldição do Clá — B.C.
5344 Um Sonho na Noite — B.C.	
5345 Cris de Entre Dois Amores — A.S.	
5346 Escravos do Amor — B.C.	
5347 A Noite É Escura Para Amar — B.C.	
5348 Caçadoras de Menos — B.C.	
5349 Uma Aventura de Cinema — L.L.	
5350 Um Anjo no Inferno — B.C.	
5351 Amor em Hong Kong — B.C.	
5352 A Duquesa Impetuosa — B.C.	
5353 A Rua Desconhecida — L.L.	

*... e cada semana um novo ROMANCE REBECA*

**EDIÇÕES DE OURO**  
**CX. POSTAL 1880 — ZC 00**  
**RIO DE JANEIRO — RJ**



Queiram remeter por Reembolso Postal os livros:  
(indique os nomes ou os n.ºs)

(Não mande nada adiantado — Pedido mínimo: 3 livros)  
Você paga no Correio ao retirar o volume.  
Leve a carteira de identidade (indispensável).

**PREÇOS**

Os livros serão remetidos ao preço atual, sem qualquer acréscimo, conforme as categorias ao lado. (Pelo preço do livro que tem em mãos, é possível avaliar os outros.)

GOTA (GT) — o mais barato  
SELO (SL)  
ESTRELA (ES)  
COPA (CP)  
COROA (CR)  
LEÃO (LE)  
AGUIA (AG)  
PALMA (PL)

Nome \_\_\_\_\_  
Endereço \_\_\_\_\_  
Cidade \_\_\_\_\_  
CEP \_\_\_\_\_ Estado \_\_\_\_\_

O folhetim sempre foi considerado uma leitura primordialmente feminina. Segundo Borelli, no século XIX, “a constituição de um novo modelo de produção e consumo permite que a atenção do emergente público receptor – principalmente o feminino – fosse dirigido para temas como moda, assassinatos, histórias românticas e o folhetim – forma literária serializada – responde a isto com precisão.”<sup>80</sup> Isso se aplica também aos romances românticos já citados. Para Meyer: “A mulher, a ‘gentil leitora’, é o destinatário ‘natural’ do romance”.<sup>81</sup> O mesmo se pode intuir quando lembramos das leituras da personagem Emma Bovary, de Flaubert:

Era só amores, amantes, damas perseguidas que desmaiavam em pavilhões solitários (...) cavaleiros bravos como leões e mansos como cordeiros, virtuosos como já não há (...). Durante seis meses, aos quinze anos, Ema sujou as mãos no pó dos velhos gabinetes de leitura. Mais tarde, com Walter Scott, apaixonou-se por coisas históricas, sonhou com armários, salas de guarda e menestréis.<sup>82</sup>

Não apenas entre as mulheres, os romances sentimentais ou novelas femininas foram de extrema importância na formação do leitor no Brasil; eles também são elementos presentes na formação na nossa literatura, conforme atestam autores consagrados, como José de Alencar, Machado de Assis e Guimarães Rosa. Os três citam, em suas obras, a leitura de textos como *Amanda e Oscar* ou *Sinclair das Ilhas* ou *Os Desterrados da Ilha da Barra*. Por exemplo, no conhecido texto de Alencar, *Como e porque sou romancista*:

... Foi essa leitura contínua e repetida de novelas e romances que primeiro imprimiu em meu espírito a tendência para essa forma literária que é entre todas a de minha predileção (...). Era eu quem lia para minha boa mãe, não somente as cartas e os jornais, como os volumes de uma diminuta livraria romântica formada ao gosto do tempo. (...) Nosso repertório romântico era pequeno: acompanhava-se de uma dúzia de obras, entre as quais primavam a *Amanda e Oscar*, *Saint-Clair das Ilhas*, *Celestina* e outras de que já não me recordo.<sup>83</sup>

---

<sup>79</sup> CUNHA, op. cit., 41

<sup>80</sup> BORELLI, op. cit., p.56

<sup>81</sup> MEYER, *Folhetim...* p. 379

<sup>82</sup> FLAUBERT, Gustave. *Madame Bovary*. São Paulo: Abril Cultural, 1970. p.33-34

<sup>83</sup> ALENCAR, José de. *Como e porque sou romancista*. Campinas, SP: Pontes. p. 24 e 29

O folhetim nasceu no Brasil como uma leitura para mulheres da burguesia. Foi uma grande mudança. Até então, não era dado às mulheres o direito de aprender a ler. Tanto que a ignorância feminina foi registrada pelos viajantes que visitavam o Brasil com indignação e incredulidade. Essa história é narrada no livro *A Formação da Leitura no Brasil*, de Marisa Lajolo e Regina Zilberman:

Estava assentado que o saber ler para elas não deveria ir além de rezas, pois que isso lhes seria inútil, nem tão-pouco se desejava que escrevessem a-fim-de que não fizessem, como sabiamente se observava, mal uso dessa arte.<sup>84</sup>

Desde a chegada da Corte ao Brasil tudo se preparara mas nada de positivo se fizera em prol da educação das jovens brasileiras. Esta, em 1815, se restringia, como antigamente, a recitar preces de cor e a calcular de memória sem saber escrever nem fazer as operações. Somente o trabalho de agulha ocupava seus lazeres, pois os demais cuidados relativos ao lar são entregues às escravas.<sup>85</sup>

A partir das primeiras décadas do século XIX chegam ao Brasil as novelas francesas, rapidamente traduzidas e publicadas pela Imprensa Régia, todas de teor sentimental. Entre os títulos, estão *Paulo e Virgínia*, sucesso de Bernardin de Saint-Pierre, publicado em 1811, *O amor ofendido e vingado*; *O amigo traidor* e outras<sup>86</sup>. E quem eram os leitores dos romances açucarados? Segundo Lajolo, “mulheres da classe burguesa, para quem a leitura de folhetins era o meio de passar o tempo, dividido entre ordens aos escravos e trabalhos de agulha”.<sup>87</sup>

Ao mesmo tempo que representavam um avanço na educação das mulheres no Brasil, os textos sentimentais foram bastante criticados. Enquanto os estrangeiros

---

<sup>84</sup> LUCCOCK, John. *Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil*. In\_. LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A Formação da Leitura no Brasil*. São Paulo, Ática, 1996, p. 241

<sup>85</sup> DEBRET, Jean Baptiste. *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*. In\_. LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A Formação da Leitura no Brasil*. São Paulo, Ática, 1996, p. 241

<sup>86</sup> LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A Formação da Leitura no Brasil*. São Paulo, Ática, 1996, p. 242

<sup>87</sup> LAJOLO, Marisa. *O Alencar dos primeiros tempos*. In\_. ALENCAR, José de. *Cinco Minutos – A Viúvina*. 27ª ed. São Paulo, Ática, 1999. p. 3

viam na escolha desses textos uma forma de manter as jovens ignorantes, para os pais e maridos era uma leitura sem valor e, portanto, própria para mulheres. Desqualificar a leitura permitida e/ou escolhida pelas mulheres era uma forma de depreciar a própria mulher. Como dizem Lajolo e Zilberman, as mulheres liam folhetins e romances ligeiros, que as editoras e a imprensa lhes ofereciam. Essa leitura, porém era desvalorizada, seja porque as obras eram consideradas de má qualidade, seja porque seria desejável que lessem textos mais elevados, embora desestimulantes.

Ora em casa também pouco se lê: na máxima parte delas não há livros, nem como alfaias da sala de visitas ou do gabinete de conversas. Afora romances franceses e os romances-folhetim das folhas diárias, a nossa mulher nada lê, e aqueles mesmos escolhe-os mal. (...) Fora do romance-folhetim e do romance mundano, Bourget ou Jorge Ohnet, indiferentemente, a verdade é que a mulher brasileira, mesmo no Rio de Janeiro, que se presume a mais adiantada cidade do país, e salvo exceções raríssimas, nada lê.<sup>88</sup>

Diante desse cenário, é bastante significativo que a personagem Aurélia, em *Senhora*, de José de Alencar, apareça tendo como autor preferido Shakespeare e lendo também autores brasileiros. Num recurso de metalinguagem, Alencar informa que Aurélia apreciou a *Diva*. E, além disso, é uma leitora contumaz, como aparece em vários trechos da obra. “Aurélia não gostava de Byron, embora o admirasse. Seu poeta querido era Shakespeare, em que achava não o simples cantor, mas o sublime escultor da paixão. (...) À tarde, no jardim, ou admiravam juntos as flores, ou liam no mesmo livro algum romance menos interessante do que o seu próprio”.<sup>89</sup>

Através de suas personagens, Alencar criava uma leitora fictícia, admiradora tanto dos grandes autores (Shakespeare) como dos ditos menores (Balzac, Alexandre Dumas), além dos folhetins franceses, pouco respeitados. Com isso, inventava uma mulher mais culta do que as que existiam na realidade, forjando uma imagem feminina que condizia com os ideais da Escola Romântica – a mulher idealizada, perfeita, pura e inteligente.

---

<sup>88</sup> VERÍSSIMO, José. *Leitura e Livros*. In\_. LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A Formação da Leitura no Brasil*. São Paulo, Ática, 1996, p. 241

<sup>89</sup> ALENCAR, José de. *Senhora*. São Paulo, Ática, 33ª ed., 1999. p. 196 e 161



Enquanto, por meio de seus livros, criava uma mulher mais instruída, Alencar não fugia dos valores da sociedade patriarcal. Além da leitura, trabalhos com agulhas e passeios no jardim eram o máximo com que se ocupavam as mulheres de seus livros. Porém, não se pode deixar de estabelecer a importância do contraponto entre esses dois lados. O domínio da leitura passa a ser uma das habilidades desejáveis às mulheres. “Junta-se assim a capacidade para a leitura às demais habilitações requeridas pela educação feminina. No conjunto, reforçavam todas o lugar social da mulher: sua educação, por melhor que fosse, dirigia-se à ocupação deste papel ao cumprimento das tarefas de esposa e mãe”, dizem Lajolo e Zilberman.<sup>90</sup> Para elas, por mostrarem um padrão cultural ainda utópico no contexto do Império Brasileiro, as obras de Alencar e Machado de Assis (*Lucíola, Helena, Iaiá Garcia*) sugerem uma equivalência entre o universo feminino e masculino, e manifestam uma concepção de leitura que contém um fator emancipatório. Assim, mulheres leitoras e cultas são mais inteligentes, mais sensíveis, mais virtuosas e, em alguns casos, como em *Senhora*, superiores aos homens em valores e coragem.

Lendo sobre as virtuosas heroínas leitoras do Romantismo, as longínquas leitoras empíricas do século XIX, seguindo os interesses dominantes, poderiam ver nelas um exemplo a ser seguido, uma nova forma de encarar a leitura e a educação. Mas, note-se bem, a *educação* que era considerada desejável na época, como a de Aurélia, descrita pela personagem D. Firmina:

- Há de ser difícil que se encontre em todo o Rio de Janeiro outra moça que tenha a sua educação. Lá mesmo, por Paris, de que tanto se fala, duvido que haja.
- Obrigada! É esta a sua franqueza, D. Firmina?
- Sim, senhora; a minha franqueza está em dizer a verdade, e não em escondê-la. Demais, isto é o que todos vêem e repetem. Você toca piano como o Arnaud, canta como uma prima-dona, e conversa na sala com os deputados e diplomatas, que eles

---

<sup>90</sup> LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A Formação da Leitura no Brasil*. São Paulo, Ática, 1996, p. 256

ficam todos enfeitados. E como não há de ser assim? Quando você quer, Aurélia, fala que parece uma novela.<sup>91</sup>

Assim era Aurélia, a perfeita moça dos salões, e que se era perfeita para os salões, o era para qualquer outro lugar. Apresentando tantas virtudes, Alencar lembra também tudo o que seria desejável numa jovem de boa educação.

Se obras sentimentais e de aventuras como as citadas contribuíram para a formação dos leitores no Brasil, é de se cogitar que papel ocupam hoje, ainda, no imaginário do público leitor formado prioritariamente por mulheres. Porém, seria superficial dizer que o sucesso alcançado pelos romances sentimentais está apenas no entretenimento que as histórias românticas oferecem às leitoras. Por trás dele está a indústria editorial, com planos de marketing que envolvem projetos gráficos, pesquisas, distribuição em pontos-de-venda nos cantos mais distantes do país, preço acessível, venda de assinaturas, enfim, com a tecnologia a serviço do consumo.

### 3.2. SABRINA, JULIA & CIA.: ROMANCES SENTIMENTAIS DA EDITORA NOVA CULTURAL

Os romances da série *Sabrina* foram lançados no Brasil em 1978 pela editora Nova Cultural, até hoje líder de mercado nesse segmento literário, com uma tiragem mensal de aproximadamente 250 mil exemplares<sup>92</sup>, somando-se todas as séries publicadas. Em dezembro de 2001 a série *Sabrina* alcançava seu título de nº 1.193. Em 1979, foi lançada a série *Julia*; em 1980, a série *Bianca*; em 1981, a *Barbara Cartland*; em 1985, *Momentos Íntimos. Clássicos Históricos* chegou em meados dos anos 90.<sup>93</sup> Estes são os representantes mais visíveis dos romances sentimentais no

---

<sup>91</sup> ALENCAR, José de. *Senhora*. São Paulo, Ática, 1999. p. 22

<sup>92</sup> Dado fornecido em entrevista concedida por Janice Florido, editora da Nova Cultural. Íntegra da entrevista neste capítulo.

<sup>93</sup> SILVA, Paulo Sérgio. *As leitoras indiscretas visitam as bancas*. p. 82-83

Brasil atualmente. Os textos das séries na Nova Cultural são traduções de livros publicados pela Silhouette Books e pela Harlequin Books, divisões da Harlequin Enterprises Limited, com sede em Toronto, Canadá.

Segundo Tania Modleski:

Since 1958 when the first Harlequin Romance was published, over 2,300 titles have appeared. In 1977, Harlequin had 10 percent of the paperback market in North America, selling 100 million books on this continent and 50 million more in countries like Israel, Germany, and Holland. Although the United States is the chief market for Harlequins, the novels are now translated into sixteen languages. Approximately 140 women write for the company, most of them British. The readership is, apparently, entirely female and comprised of women of all ages.<sup>94</sup>

Os romances sentimentais da série *Sabrina* e similares tiveram seu *boom* de vendas no Brasil na década de 80, e sobrevivem em edições semanais nas bancas de revistas, podendo ser adquiridos também por assinaturas. Verificamos que as séries *Julia* e *Sabrina* são semanais e sua assinatura anual (60 livros) custa R\$ 112,00 cada. Das quatro edições mensais de *Sabrina*, duas são normais e duas pertencem às subséries *Sabrina Noivas* e *Sabrina Cegonha*. Para assinar *Bianca* (quinzenal, 30 livros/ano) o custo é R\$ 96,00; *Momentos Íntimos* (44 livros/ano) custa R\$ 104,00 e *Clássicos Históricos* (30 livros/ano), R\$ 92,00. Por esses valores (colhidos junto ao Atendimento ao Consumidor da Editora Nova Cultural em dezembro do ano 2000 e confirmados, sem alteração, em dezembro de 2001), é possível perceber que não são exatamente preços populares. Os exemplares, individualmente, custam entre R\$ 3,30 e R\$ 5,90.<sup>95</sup> Mensalmente, a leitora da Nova Cultural tem à disposição 13 romances diferentes por esse sistema, mais os números que são vendidos apenas nas bancas e livrarias, como edições especiais de *Barbara Cartland* (com publicações mensais de três histórias num só volume), *Clássicos Históricos Especial* (em volumes com maior número de páginas que o habitual, com periodicidade mensal), *Julia Época*

---

<sup>94</sup> MODLESKI, Tania. *Loving with a vengeance: Mass-produced fantasies for women*. New York: Routledge, 1982. p.35

<sup>95</sup> Preços de dezembro de 2001.

(quinzenal), *Julia Paixões Picantes* (mensal) e a *Edição de Colecionador*, com livros publicados a cada dois meses trazendo a reedição de quatro histórias de uma mesma autora. As tiragens médias são de 18 mil exemplares por edição, segundo a editora. Em agosto de 2002, foi lançada a série *Paraíso Selvagem*, com reedições de romances já publicados nas outras séries e que têm ambientação em lugares exóticos.

Fora da abrangência da Nova Cultural, há ainda uma série da Editora Escala, chamada *Doces Momentos*, com romances escritos por autoras brasileiras, claramente copiando o modelo das séries norte-americanas, mas com personagens que vivem no Brasil. Os textos têm linguagem e enredo menos elaborados do que os modelos estrangeiros e o tratamento gráfico também é mais simples, com ilustrações que chegam a ser amadoras. Custam R\$ 2,50 cada.

Questionada sobre a queda no índice de leitura e na tiragem das séries dos anos 80 para cá, a editora da Nova Cultural, Janice Florido, em entrevista via Internet, informou que não sabe “em percentual qual foi a diminuição de tiragem, uma vez que tivemos aumento no número de séries. Porém é certo de que houve”.<sup>96</sup> Apesar de provavelmente ter havido uma redução no número de leitoras, também parece óbvio, com o lançamento de tantos romances mensalmente, que há um público cativo para esses textos. O mesmo dono de banca citado anteriormente, Osni Pavani, confirmou que ainda “vende bastante” os romances sentimentais e “apenas para mulheres”. A atendente da filial de uma grande livraria, instalada em um supermercado da rede Extra, também afirmou que os romances sentimentais têm “um saída muito boa” e as compradoras são “geralmente senhoras”.

Esse público cativo adquire um produto (pois é isso que os romances sentimentais representam tanto para a editora quanto para a leitora) que se renova pela repetição de um padrão já estabelecido. O tema central é sempre uma relação homem-mulher. Pode-se resumir os romances dessas séries em uma frase: histórias de amor com final feliz. Para José Paulo Paes:

---

<sup>96</sup> Entrevista concedida por Janice Florido. Íntegra da entrevista neste capítulo.

Tampouco é difícil perceber no romance sentimental, que privilegia o amor como sentimento todo-poderoso que leva de vencida as barreiras sociais e faz a costureirinha se casar com o rico herdeiro, um eco da moral do conto de fadas. O final feliz desses contos satisfaz o nosso ‘sentimento do justo’ ao reparar injustiças como a de crianças abandonadas no mato por seus pais ou de enteadas tiranizadas por suas madrastas.<sup>97</sup>

Os romances seguem o padrão do romance grego descrito por Mikhail Bakhtin, conforme lembra Maria Teresa Santos Cunha em seu estudo sobre os textos de M. Delly:

De acordo com Marlise Meyer, as bases do que seria o “modelito Delly, o arquétipo da moderna Cinderela”, têm suas origens no velho padrão do romance grego, por sua vez, esquematizado por Mikhail Bakhtin quando estudou a teoria do romance: “Um par de jovens em idade de casamento. A origem deles é desconhecida, misteriosa. Eles são dotados de beleza rara. Encontram-se inesperadamente; via de regra numa festa solene. Apaixonam-se repentinamente e apaixonadamente, um amor insuperável. Encontram entraves que retardam e impedem o enlace. Os apaixonados são separados, procuram-se, reencontram-se. Têm importante papel os encontros com amigos ou inimigos inesperados, adivinhas, vaticínios, sonhos proféticos, pressentimentos, poções para dormir. O romance termina com a feliz união dos apaixonados em matrimônio.<sup>98</sup>

Muniz Sodré dá outra interessante “receita” dos romances sentimentais, baseado não num teórico da literatura, mas num texto da revista de fotonovela Sétimo Céu, que pela popularidade alcançada no passado pode falar com conhecimento de causa sobre o padrão dos textos sentimentais:

O *ethos* desse gênero romanesco (romance sentimental) costuma ser o mesmo do da fotonovela, que tem os seus mandamentos para o sucesso.

- 1) só pessoas bonitas farão os papéis principais;
- 2) os trajes e os ambientes serão, de preferência, luxuosos;
- 3) a linguagem, tanto quanto possível, trará imagens poéticas, pois é preciso um pouco de

---

<sup>97</sup> PAES, José Paulo. *A Aventura Literária*. p. 30

<sup>98</sup> BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética: A teoria do romance*. São Paulo,

literatura;

- 4) as histórias, sempre românticas, conterão um drama que corra paralelo. Podem ser incluídos: roubo, revólver, mulher perversa (madrasta), tentativa de homicídio, etc. Haverá, contudo, 2/3 de amor (romance) e 1/3 de drama, no máximo;
- 5) é proibido falar-se de adultério. Nada que fira a lei poderá ser estimulado;
- 6) a história deverá girar em torno de pessoas que pertençam a níveis sociais diferentes. As mocinhas sonham em se transformar em princesas...;
- 7) cenas mais fortes convencem: briga, rapto, afogamento e, na parte amorosa, um pouco de cinema: nas cenas de amor de maior intensidade, corpos em pose sensual, mas sem exageros!;
- 8) a idéia de grandiosidade: improvisar festas ou bailes, colocar muita gente em cena, tudo isso valoriza a apresentação;
- 9) o fim deve ser sempre em estilo 'final feliz', sem precisar de beijo, necessariamente;
- 10) sempre será estimulada a vitória do bem sobre o mal, jamais se admitindo histórias de princípios morais duvidosos"(Cf. Mandamentos da fotonovela, da revista Sétimo Céu, 1959).

Evidentemente, essas regras são flexíveis, acompanhando a moral da época. Mas o exame empírico das publicações do gênero demonstra que a narrativa sentimental praticamente não muda. Através dela, mantém-se um arquétipo feminino de natureza romântico-puritana que a ordem estabelecida não deseja esquecer.<sup>99</sup>

É significativo que o modelo acima, descrito em 1959, possa ser aplicado quase sem mudanças no ano de 2002. Mas apesar de a fórmula ser a mesma, é necessário destacar também as diferenças entre os romances sentimentais das fotonovelas de Sétimo Céu e as séries atuais, acompanhando novos padrões da sociedade. Entre eles a presença da mulher no mercado de trabalho, a posição de aceitação em relação ao divórcio e a forma mais liberal com que o sexo é tratado. Em relação a esta última questão, em praticamente todos os exemplares lidos para este trabalho as heroínas e heróis têm relações sexuais, descritas com mais ou menos

---

<sup>99</sup> SODRÉ, Muniz. *Best Seller: a Literatura de Mercado*. São Paulo, Ed. Ática, 1985. p. 48

detalhes, às vezes fora do casamento. No entanto, em todas, o casamento ou o pedido de casamento acontece ao final, moralizando a paixão dentro de um relacionamento socialmente aceitável, como veremos na análise dos romances.

Os enredos dos romances têm uma organização linear, obedecendo à cronologia dos fatos, ligados por relações de causa e efeito. O princípio da verossimilhança é respeitado, ou seja, os autores procuram dar aos fatos a aparência de verdade. Os romances “mantêm a fórmula básica *boy meets girl*, a partir da qual o romancista adiciona novos elementos de modo que cada romance pareça único e inédito”.<sup>100</sup> No enredo a ação é privilegiada, girando em torno do destino do herói e da heroína.

A própria Harlequin Enterprises passava instruções bastante claras às autoras sobre o conteúdo dos livros, conforme narrado em 1978:

The publishers offer the following guidelines to prospective authors:

Harlequins are well-plotted, strong romances with a happy ending. They are told from the heroine's point of view and in the third person. There may be elements of mystery or adventure but these must be subordinate to the romance. The books are contemporary and settings can be anywhere in the world as long as they are authentic.<sup>101</sup>

É fácil perceber que pouco mudou, nos romances publicados hoje, em relação ao guia fornecido pela editora nos anos 70. Com intenção de manter suas altas vendas e conquistar leitores em todo o mundo, a Harlequin criou assim uma “linha de produção” de romances.

A esse respeito, em sua dissertação de mestrado, Liliana André expõe interessantes considerações:

---

<sup>100</sup> ANDRÉ, Liliana Lacerda. *A imagem feminina no romance sentimental de massa*. Dissertação de mestrado. Curitiba, UFPR, 1991. p. 45

<sup>101</sup> *THE WRITER'S 1978 YEARBOOK*, p. 103. In. \_ MODLESKI, Tania. *Loving with a vengeance*. p. 35-36

Levando-se em conta que as histórias são oferecidas e aceitas principalmente como entretenimento, Bernard Berelson e Patrícia Salter fazem algumas considerações a respeito da intenção da comunicação na ficção de massa. Segundo eles, para se entender como as histórias vieram a ser escritas é necessário descartar qualquer intenção maldosa por parte dos autores e editores. Em primeiro lugar, as histórias são escritas da forma como as conhecemos porque é um método conveniente de escrever, ou seja, as histórias exigem enredos breves, compactos, em que a ação começa logo e se move depressa. Em segundo lugar, o padrão comum das histórias exige conformismo. A inércia e o medo de alterar uma fórmula feliz combinam-se para manter as histórias dentro de determinados limites, e finalmente a heterogeneidade do público a que se destinam as histórias diminui a variedade e a complexidade das idéias comunicáveis.<sup>102</sup>

Ainda tirando partido do estudo de Liliana André, que aproveitou dados de Doc Comparato,<sup>103</sup> na classificação das tramas ou “plots”, em linguagem televisual, mais comuns na ficção televisiva, podemos citar alguns que podem ser extrapolados para o romance sentimental de massa. Dentre eles, os seguintes:

- 1 - **trama de amor** – um casal que se ama é separado por alguma razão, volta a se encontrar e descobre que o amor entre eles ainda existe;
- 2 - **trama de Cinderela** – é a metamorfose de uma personagem, de pobre a rica, de feia a bonita, de inadequada a adequada, de incompetente a competente, de acordo com os padrões sociais vigentes.
- 3 - **trama de triângulo** – o triângulo amoroso;
- 4 - **trama da volta** – o filho volta à casa paterna, marido que volta da guerra; namorado que volta à cidade depois da separação durante anos;
- 5 - **trama de vingança** – um crime (ou injustiça) foi cometido e o

---

<sup>102</sup> BERELSON, Bernard ; SALTER, Patrícia. *Norte-americanos majoritários e minoritários: uma análise da literatura de ficção das revistas*. In\_: ROSENBERG, B.; WHITE, D.M. (org). *Cultura de massa: as artes populares nos Estados Unidos*. São Paulo, Cultrix, 1973. p.290. In\_. ANDRÉ, Liliana Lacerda. *A imagem feminina no romance sentimental de massa*. p.22-23

<sup>103</sup> COMPARATO, Doc. *Roteiro: arte e técnica de escrever para cinema e televisão*. Rio de Janeiro, Nórdica, 1983. p. 89. In\_. ANDRÉ, Liliana Lacerda. *A imagem feminina no romance sentimental de massa*. p.37



herói/heroína quer fazer justiça ou desvendar a verdade;

Além desses, Liliana André cita ainda os **enredos do salvador** (o herói salva a heroína de ameaças e perigos reais ou circunstanciais), o **enredo do Patinho Feio** (a heroína geralmente considera-se sem graça ou deslocada até o surgimento do herói que afirma que ela é especial e merece o seu amor, incutindo-lhe confiança e fazendo desabrochar uma nova mulher); **enredo da Bela e a Fera** (herói ou heroína desconhecem a verdadeira natureza física ou social do outro, mas apaixonam-se mesmo assim, levando em conta as qualidades do ser amado). Eu acrescentaria ainda dois outros temas: o **enredo do casamento de conveniência**, no qual por algum motivo que não o amor as personagens precisam se casar (ou fingir que são casadas) e acabam se apaixonando e fazendo da farsa realidade, e o **enredo do bebê**, em que a narrativa se faz em torno de um filho, do casal ou de um deles ou mesmo de outros, por quem os dois resolvem ficar juntos e acabam se apaixonando, ou o pai que descobre depois de anos que teve um filho com a antiga namorada e os dois reatam em função da criança. Nas séries da Nova Cultural, essas tramas aparecem com frequência como motes para os conflitos necessários à confecção da história de amor dos protagonistas. A alternância desses modelos e combinações com diversas variáveis de tempo e ambientação, leva a enredos que parecem sempre diferentes, apesar da semelhança do padrão da escrita. Essa semelhança não passa despercebida às leitoras, como comenta B.M.M.: “Apesar de terem pessoas diferentes, com tipos físicos diferentes, lugares diferentes, de uma certa maneira eles são iguais”.<sup>104</sup>

Em relação especificamente às séries estudadas neste trabalho, é possível caracterizá-las da seguinte maneira:

*Sabrina e Julia* – podem ser abordadas em conjunto, pois, na prática, não existem diferenças entre as duas séries, as primeiras a serem lançadas pela editora Nova Cultural. Os exemplares têm em média 120 páginas. Os enredos se passam na época contemporânea, em vários lugares do mundo. A série *Sabrina* tem duas

---

<sup>104</sup> B.M.M., Depoimento 9

subséries, *Sabrina Noivas* e *Sabrina Cegonha*, segmentação criada a partir de solicitações das próprias leitoras. *Julia* também em uma subsérie, a *Julia Paixões Picantes*. No site da Nova Cultural essas séries são descritas da seguinte forma:

*Sabrina*: Os conflitos são explorados de forma sensível, mostrando que é preciso vencer desafios para chegar a um final feliz. *Sabrina Cegonha*: Série derivada de *Sabrina* com histórias românticas voltada para os conflitos entre casais e o nascimento de um bebê. *Sabrina Noivas*: Derivado da série *Sabrina*, é um romance que trata do casamento como instituição social, religiosa e familiar.

*Julia*: Aventuras românticas, excitantes, sensuais e modernas que refletem e povoam a mente feminina. *Julia Paixões Picantes*: Série derivada de *Julia* com histórias cheias de paixão, êxtase e encontros arrebatadores.<sup>105</sup>

*Momentos Íntimos* – com média de 120 páginas, segue o mesmo esquema das séries *Sabrina* e *Julia*, de histórias contemporâneas, com uma diferença principal: a atração física e a sensualidade são molas mestras das ações da personagens. Encontros sexuais são descritos em detalhes e um clima erótico permeia todo o texto. Como diz o site, são “romances modernos, sensuais, mais apimentados. O herói e a heroína não se limitam a beijos e carícias”.

Apesar da aparente compartimentalidade das séries, essa divisão não se aplica com muita rigidez. Às vezes, a impressão que se tem é que os romances são encaixados nas séries não por seus temas ou estilo do enredo, mas aleatoriamente, conforme vão ficando prontas as traduções (com exceção da série *Clássicos Históricos*, sempre com enredos acontecendo em épocas do passado histórico). É o caso de dois textos lidos. Em *Atração fatal*, da série *Julia Paixões Picantes*, apesar da proposta da série de trazer cenas de erotismo e ter capas com casais em trajes íntimos, as personagens principais têm um namoro morno e nenhuma vez têm relações sexuais. Já no romance *Sedução na lua-de-mel*, da série *Momentos Íntimos*, que também propõe enredos centrados na atração sexual, as personagens fazem sexo uma vez, após

---

<sup>105</sup> EDITORA NOVA CULTURAL Disponível em < <http://www.romances.com.br> >. Acesso em:

o casamento, no final da história, numa cena narrada sem detalhes. Esses dois romances fogem das propostas das séries e, provavelmente, iriam frustrar as leitoras que compram exemplares em busca de histórias mais apimentadas. Também denota um certo descaso com a divisão estipulada pela própria Nova Cultural. Podemos perceber que a diferenciação entre as séries não é tão considerada, sendo mais uma ferramenta de *marketing*, visando estimular as vendas de produtos que parecem diferentes entre si, mas no fundo, têm o mesmo conteúdo. Outra possibilidade a ser considerada é a possível percepção mercadológica de que mesmo as leitoras dos *Momentos Íntimos* querem menos cenas de sexo e mais romance, o que daria uma razão lógica ao que chamei de falha.

### 3.3. COM A PALAVRA, A EDITORA

A editora dos romances da Nova Cultural, Janice Florido, é há anos responsável pela seleção dos romances que a editora publica no Brasil<sup>106</sup>. Após alguns contatos, ela concedeu uma entrevista em novembro de 2001, via Internet, sobre aspectos da publicação e circulação dos romances da editora. As perguntas foram enviadas ao e-mail pessoal da editora, que respondeu alguns dias depois.

É possível perceber pelas respostas que os romances são tratados como produto de comunicação de massa, a exemplo de outros existentes no mercado, como revistas, jornais e programas de TV. São feitas pesquisas para direcionar e atender melhor as leitoras, os temas são selecionados conforme essas pesquisas, novas séries

---

<sup>106</sup> Em pesquisas em lojas de livros usados, localizamos livros das séries da Nova Cultural com publicação datada de 1998, em que Janice já figurava como editora. Não deixa de ser intrigante o fato de que ela também aparece como coordenadora editorial de séries como “Os Pensadores”, como no exemplar sobre Adorno citado neste trabalho. Aparentemente, Janice Florido transita com desenvoltura por universos tão diferentes quanto os da literatura de entretenimento e a crítica acadêmica.

são criadas ou séries antigas são mudadas conforme dados de vendas e marketing.

Como produto, interessa à editora fazer com que os romances sentimentais cheguem ao maior número de leitoras possível. Porém, aparentemente não existe uma “orquestração” entre autores e editores visando levar conscientemente às leitoras textos conformistas ou que reflitam uma ideologia patriarcal, ainda que isso possa ocorrer.

Reproduzimos a seguir o texto dessa entrevista:

**1: Qual a tiragem atual dos romances?**

**Janice Florido:** Tiragem média de 18 mil exemplares por edição, sendo que temos 13 edições por mês.

**2: Quais são as estratégias da editora para conquistar novos leitores?**

**Janice Florido:** Anúncios em revistas como *Caras*, *Capricho*, degustação em metrô, pedágio, escolas e *shoppings*, além de campanha promocional do tipo “envie o cupom e ganhe um romance”. Isto faz com que não-leitoras enviem cupons e conheçam o produto.

**3: Vocês têm uma pesquisa atual de quem são as leitoras? Poderia relatar alguns dados do perfil da leitora atual? Houve alguma modificação significativa em relação às leitoras dos anos 80?**

**Janice Florido:** As leitoras envelheceram. Os adolescentes estão muito mais interessados em televisão e Internet em vez de leitura. Fazemos sempre uma pesquisa por ano. A de dezembro de 2000 apontou para um crescimento entre leitoras na faixa etária de 20 a 27 anos no Norte e Nordeste e na faixa etária de 40 a 50 no Rio de Janeiro. Nos outros Estados/regiões não houve mudança sensível. O perfil é 99% de leitoras, classes B/C. Porém não dá para afirmar isto de maneira categórica. Há muitas variantes. Também é impossível dizer que o público é composto de leitoras de baixa renda. Há desde classe A até C. Não há classe D (nesta classe, poucas têm hábito de leitura).

**4: Notei uma segmentação das séries (*Sabrina Noivas*, *Sabrina Cegonha*). Qual a razão desta estratégia?**

**Janice Florido:** Leitoras que pediam para avisarmos quando seriam lançadas histórias de noivas ou histórias com bebês. Como o índice era alto, fizemos uma pesquisa e foi mostrado que havia um nicho a ser explorado. São duas subséries que vão muito bem, assim como *Julia Paixões Picantes*, que é uma subsérie de *Julia*.

**5: As séries não têm hoje a visibilidade que alcançavam na década de 80. Como a Editora encara essa mudança? Houve um decréscimo na tiragem dos livros hoje em relação à década de 80? Se sim, de que proporção?**

**Janice Florido:** Sem dúvida, hoje a concorrência é muito maior em termos de revista, televisão e Internet. Há também a mudança de cultura: os jovens hoje não querem mais ler; preferem navegar na Internet. Em razão disso, há um baixo aumento dos leitores de romances, e, claro, temos de diminuir a tiragem e reenfocar o produto no mercado. Não consigo te dizer em percentual qual foi a diminuição de tiragem, uma vez que tivemos aumento no número de séries. Porém é certo de que houve. Teria de fazer um levantamento mais minucioso para não ser irresponsável e te dizer qualquer número.

**6: Existem planos para novos lançamentos de coleções? Poderia antecipar algum?**

**Janice Florido:** Infelizmente, não posso antecipar. Sim, temos um novo lançamento previsto para março de 2002. Será uma série semanal.<sup>107</sup>

---

<sup>107</sup> Procurando nas bancas de revistas, entre março e junho de 2002, não detectamos nenhum novo lançamento editorial da Nova Cultural. Em agosto de 2002, foi lançada a série *Paraíso Selvagem*, com reedição de textos que têm como ambientação lugares exóticos. A série é apresentada como comemorativa dos 20 anos de publicação dos romances da série *Sabrina*. Lembramos que a série começou a ser publicada em 1978, há 24 anos, portanto.

**7: Segundo um trabalho que li<sup>108</sup>, quando a série *Bianca* foi lançada, a editora usou desenhos nas capas. Depois, optou por trocar as capas com desenhos por outras com fotos, e isso aumentou a procura pelos livros. Hoje todas as capas têm desenhos ao invés de fotos. Quando aconteceu essa mudança e por quê?**

**Janice Florido:** Todas as séries começaram com ilustrações, depois foto e depois voltaram a ser ilustrações. Hoje, a única série que tem foto como política é *Momentos Íntimos*. Sempre que mudamos é baseado em pesquisa (a última mudança foi em 1993 – de foto para ilustração). Na pesquisa de 2000, as leitoras alegam que preferem ilustrações por serem mais lúdicas (ou seja, a pessoa não existe e as leitoras podem dar asas à imaginação).

**8: Como editora você lê todos os livros publicados. Como é a sua visão da mulher retratada nos romances das séries *Sabrina, Julia* e similares?**

**Janice Florido:** Divido o trabalho de leitura com uma editora, Fernanda Cardoso Zimmerhansl. Mas lemos os originais para selecionar as histórias. Há histórias que são muito características dos Estados Unidos e por isso não as publicamos. Os romances tiveram uma mudança muito grande, desde seu lançamento. Hoje, a mulher é retratada tal como ela é, lutadora, batalhadora, participativa, com idéias inovadoras. Porém, o lado romântico é privilegiado. Hoje a mulher não quer mais um príncipe encantado. Ela quer um homem que a faça feliz. Como leitura de entretenimento, é rica em informação e mostra várias faces de várias culturas. Considero os Romances Nova Cultural uma excelente iniciação ao gosto da leitura. Conheço muitas pessoas que começaram com leitura de entretenimento e hoje são leitores ávidos de pura literatura.

---

<sup>108</sup> SILVA, Paulo Sérgio. *Leitoras indiscretas visitam as bancas*. p. 95

### 3.3.1. NAS ENTRELINHAS

Inicialmente chama a atenção a tiragem informada, que chegaria a 234.000 exemplares ao mês. Trata-se de um número significativo, ainda mais se lembrarmos que muitas vezes o exemplar vendido é lido não apenas por uma leitora. Ele pode ser emprestado, dado ou trocado num “sebo”, pois existe um forte comércio paralelo de livros usados desse gênero. Por aí, mesmo considerando uma porcentagem de encalhe, é possível mensurar uma quantidade de leitores que poderia facilmente superar os 200 mil por mês, o que corresponde a uma cidade de tamanho médio. É possível comparar os dados com os de outra entrevista, fornecida em 1990 pela editora da série *Bianca* (a qual não quis identificar-se) ao pesquisador Paulo Sérgio Silva. Na época, ela informou: “temos uma publicação de dez títulos que vendem em média, atualmente, seiscentos mil exemplares por mês (1990)”<sup>109</sup>. Como se vê, é uma queda brutal, apesar da sobrevivência do gênero parecer assegurada, e até com um novo lançamento previsto.

É interessante perceber que, apesar de ter apontado o envelhecimento das leitoras, em especial no Rio de Janeiro, concentrando-se na faixa de 40/50 anos, no Norte e Nordeste houve um crescimento no número de leitoras de 20 a 27 anos. Esse aumento parece um desdobramento do incremento da alfabetização nessas regiões e também do acesso a bens culturais, em termos mais amplos, na última década. Lembro que entre as entrevistadas para este trabalho, todas de Curitiba e interior do Paraná, há leitoras de faixa etária inferior a 30 anos, traduzindo, ainda que como amostra, a existência da leitura de romances sentimentais entre mulheres jovens no Sul do país. Ainda sobre o perfil do leitorado, a inexistência de leitoras na classe D pode derivar da falta de tempo disponível para a experiência da leitura por parte das classes mais pobres, ao lado das evidentes limitações financeiras e de acessibilidade à cultura escrita, devido ao analfabetismo e/ou à sub-alfabetização.

Também gostaria de levantar algumas questões sobre as já citadas mudanças

---

<sup>109</sup> SILVA, op. cit, p. 95

pelas quais passaram as capas dos romances entre os anos de 1980 e 2000, trocando fotos por ilustrações e vice-versa. Em 1990, a editora de *Bianca* contou o seguinte:

A série Sabrina foi a primeira a ser lançada (1978), depois vieram Júlia e Bianca. Um dado curioso: Quando foi lançada, a série Bianca saiu como os originais publicados no exterior, em cromo (com desenhos na capa, gravuras representando o casal). Não houve muita saída. A partir daí começou a publicação com fotos e estourou a vendagem. Na série Momentos Íntimos ainda hoje se publicam os romances com capas de gravura. As outras séries geralmente vêm com fotos.<sup>110</sup>

Em 1993 e 2000, conforme contou Janice Florido, pesquisas indicaram que as leitoras de então preferiam ilustrações a fotos. Assim, as séries trocaram para ilustrações e *Momentos Íntimos* passou a sair com fotos. O que mudou das leitoras de 1980 (quando foi lançada a série *Bianca*) para as de hoje? Uma conjectura possível é que no final dos anos 70 e início dos 80 ainda era recente a cultura das fotonovelas. Talvez o público preferencial da série tenha associado as montagens fotográficas das capas à tradição da fotonovela, reconhecendo na profusa variedade de informação visual das bancas de revista um produto de aparência familiar. Hoje, como disse a editora, as leitoras preferem ter ilustrações, por serem mais lúdicas. Seria uma valorização da imaginação em detrimento da imagem explícita e mais real da fotografia?

Também é uma hipótese a ser considerada que, enquanto as fotonovelas minguaram durante os anos 70 e efetivamente desapareceram na década seguinte, os romances sentimentais lançados pela Nova Cultural implantaram-se com grande sucesso e resistiram de 1978 até os nossos dias. Talvez porque as fotonovelas, por seu caráter visual, tenham sofrido diretamente com a concorrência das novelas de televisão, em oposição à natureza ficcional diversa dos romances sentimentais, que operam no campo da imaginação introspectiva do leitor. O fato é que os romances sobreviveram e apelam ainda mais para o caráter lúdico da leitura, explorando ilustrações românticas ou sensuais nas capas.

---

<sup>110</sup> SILVA, op.cit, p. 95



Sobre as mulheres representadas nos romances da Nova Cultural, que a editora Janice considera lutadoras e participativas, a partir da análise dos livros lidos é possível perceber que o que há é uma tentativa de fazer com que essas mulheres pareçam independentes, mas essa situação é uma máscara para inseguranças e a busca da solução dos problemas pessoais na figura do herói.

Já as “idéias inovadoras” citadas por Janice não foram encontradas. E apesar da editora acreditar que as mulheres não estão mais buscando um “príncipe encantado”, é exatamente isso que os enredos dos romances do gênero oferecem às leitoras.

#### 4 – IDEOLOGIA E IMAGENS FEMININAS: CINDERELAS PARA CONSUMO

O próximo passo nessa viagem pelo universo do romance sentimental é estudar o conteúdo dos textos – o que por si só já valeria uma dissertação inteira, tal a gama de interpretações que o modelo possibilita. Apesar disso, como esse trabalho pretende dar uma visão ampla desse gênero literário, não poderia ficar de fora a ideologia, ainda que numa análise parcial. Diante de várias possibilidades, meu recorte foi o da imagem feminina nos textos, em determinados aspectos, destacando-se os papéis sociais e as relações com a família.

Estudar essas imagens femininas, para mim, é fazer uma leitura que questione a forma como as relações entre os gêneros são mostradas; se a estrutura desses relacionamentos é perpetuada segundo os modelos paternalistas ou se há espaço para a igualdade entre os gêneros ou mesmo alguma supremacia feminina. E se estes textos dirigidos explicitamente às mulheres procuram expor uma ideologia que seja transformadora ou apenas reproduzem estereótipos há muito tempo estabelecidos e conformistas. Escritos por mulheres e reescritos por editores e tradutores, o fato da autoria dos romances sentimentais ser em sua maioria feminina não é tão relevante quanto o fato das suas leitoras ideais e empíricas o serem. A mulher aparece como consumidora de uma literatura produzida por mulheres, mas contando um mundo onde os homens são o objeto de desejo, sinônimo de proteção e ascensão social. É com uma leitura feminista que me proponho a analisá-los, sem esquecer que “essa leitura, de mulher, quer ver a mulher como sujeito literariamente construído”<sup>111</sup> e ao mesmo tempo encontrar as pontes que ligam a narrativa ficcional à realidade da leitora brasileira, lembrando que:

Se é verdade que os valores e temas dominantes na produção cultural voltada para as mulheres primam por reforçar, até hoje, estereótipos de gênero baseados no exercício de papéis tradicionais femininos (o de mãe, mulher e dona-de-casa), crer na eficácia total desse discurso seria como regressar à superada hipótese da onipotência da mídia, e ignorar a

---

<sup>111</sup> WANDERLEY, Márcia Cavendish. *A voz embargada*. São Paulo, Edusp. 1996. p.14

capacidade de resposta dos telespectadores [ou leitores]. Na verdade, os meios de comunicação de massa funcionam mais como mediadores entre conflitos e contradições presentes na própria sociedade, entre o ideal e o real.<sup>112</sup>

A escolha dos livros a serem trabalhados nesta pesquisa foi feita seguindo critérios para chegar a uma amostra significativa. Diante da variedade de séries disponíveis nas bancas, selecionamos as que consideramos mais representativas do segmento, por tempo de circulação e indicação de leitura pelas entrevistadas. São elas: *Sabrina*, *Julia e Momentos Íntimos*. O segundo passo foi escolher exemplares que tenham sido publicados recentemente em versão original, entre os anos 1998 e 2001, visando observar a contemporaneidade dos textos e possíveis relações com o papel feminino na sociedade atual. Ao mesmo tempo, na intenção de promover uma análise mais individualizada das personagens, escolhemos poucos exemplares, quatro ao total. Porém, não pretendemos nos ater apenas a estes textos, relacionando-os com outros das séries, num total de 25 livros lidos.

#### 4.1. OS LIVROS ESTUDADOS

O foco narrativo nos textos estudados encaixa-se na categoria batizada por Norman Friedman como “narrador onisciente neutro”<sup>113</sup>. A caracterização das personagens é feita pelo narrador, que as descreve para o leitor, sem destacar seu papel na narrativa, falando na terceira pessoa. Não é preciso e nem desejável que o narrador apresente qualquer opinião sobre o desenrolar da história, pois todos os fatos narrados e a forma da narrativa já confluem para uma manipulação dos sentimentos da leitora, que é em última instância o objetivo do texto.

As personagens são estereotipadas – as chamadas personagens planas de E.

---

<sup>112</sup> COSTA, Cristiane. *Eu compro essa mulher*. p. 90

<sup>113</sup> LEITE, Lígia Chiappini Moraes. *O foco narrativo*. São Paulo, Atica, 1985. p. 32

M. Forster<sup>114</sup>, sem profundidade psicológica. Por mais que as autoras tentem descrever os conflitos emocionais, nunca deixam a superficialidade. Cada ação das personagens tem uma motivação clara, normalmente baseada em um fato do passado: a relutância em aceitar um novo amor devido à decepção com o relacionamento anterior; a falta de confiança no parceiro devido a uma traição; acontecimentos da infância influenciando o comportamento adulto. O padrão causa/conseqüência não deixa à leitora espaço para questionar as posições das personagens. Com isso, atinge-se o objetivo de propiciar uma leitura sem conflitos, sem questionamentos, como propõe a literatura de entretenimento.

O tempo descrito nos quatro textos em questão é o atual, refletindo a contemporaneidade em situações de investigação de paternidade por DNA, disputas judiciais pela guarda de filhos, problemas de violência doméstica contra a mulher que vão parar na polícia, menções à Internet e à presença da mulher no mercado de trabalho. Quanto à passagem de tempo, os romances raramente ultrapassam o relato de um ano na vida das personagens. O tempo é sempre linear, dificilmente há regressões. Um recurso usado com certa freqüência é o epílogo, narrando ao final do livro um momento posterior (um ou dois anos) à resolução da situação sentimental das personagens, com os casais felizes, convivendo em família e, muitas vezes, já com filhos do relacionamento. Ou seja, a concretização do “felizes para sempre” que satisfaz ao “sentimento do justo”<sup>115</sup>.

O estudo dos quatro textos escolhidos gerou um grande número de citações - muito superior ao dos outros romances sentimentais correlacionados. Assim, esses quatro terão a referência no corpo do texto, para facilitar a leitura e o entendimento. Os outros seguirão o padrão do trabalho, usando notas de rodapé para nomeá-los, quando citados.

---

<sup>114</sup> CANDIDO, Antonio. *A personagem do romance*. In \_\_\_. *A personagem de ficção*. São Paulo, Perspectiva, 1970. p. 62

<sup>115</sup> PAES, op. cit., p. 30

TEXTO 1 – Série *Sabrina Coleção Noivas – À Moda Antiga! (An arranged marriage)*, de Susan Fox. Originalmente publicado em 1998 pela Silhouette Books, divisão da Harlequin Enterprises Limited, de Toronto, Canadá. Publicado no Brasil em 2000.

Enredo: Temos neste texto a trama do casamento de conveniência mesclada à de Cinderela. Blue Summer, um caubói bruto, que sempre viveu na miséria, encontra petróleo em suas terras e torna-se um milionário. Em sua escalada por reconhecimento social, numa cidadezinha na interior do Texas, EUA, decide casar-se com uma moça da sociedade local. A escolhida é Allisson Lancaster, órfã virgem e rica, às voltas com serviços filantrópicos, criada pelo tio banqueiro, e que despertou o desejo do caubói ao tratá-lo bem mesmo quando este era pobre. A proposta de casamento é feita de repente, sem que eles sequer se conheçam. Allisson a princípio recusa – ela “acredita no amor” – mas acaba aceitando para salvar o tio e a tia, que estão à beira da falência e com a saúde debilitada. Esse é o recurso de fundo moral para a tornar aceitável (para a heroína e para a leitora) um casamento baseado na atração física. Após o casamento, Blue e Allisson permanecem como namorados “à moda antiga”, sem sexo, para se conhecerem melhor. Segue-se uma série de descrições do casamento, a lua-de-mel repleta de presentes caríssimos (jóias, carros, roupas) símbolos de sucesso financeiro que têm como função alimentar o imaginário da leitora. O caubói revela-se um homem inteligente e sensível. Porém, na convivência dia-a-dia o casal descobre suas diferenças e seguem-se as brigas em função das diferenças sociais. Ele julgando-se inferior a ela, e esta, apaixonada, tentando fazê-lo superar esse complexo, encontrando qualidades no marido. O tio, por quem ela se sacrificara, revela-se um mau caráter, que agride fisicamente a tia e é denunciado à polícia. Na última parte da trama, Allisson foge, arruma pela primeira vez na vida um emprego e sobrevive sozinha por um mês, até descobrir estar grávida. Encontrada pelo marido que se declara apaixonado, ela aceita voltar, mas avisa que será mais independente e passará a trabalhar, além de cuidar de atividades filantrópicas, e tudo volta ao normal. É uma história de amor, tem algo de conflitos sociais, um pouco de sexo e um final feliz. Desnecessário seria dizer para

quem tem alguma convivência com esse tipo de romance que a heroína é loira e bela, e o herói é moreno, alto e de olhos verdes, exatamente o padrão que se repete em inúmeros outros textos. Aqui quem conduz as ações é o homem. As idades de ambos não são reveladas, mas pode-se intuir que Blue seja alguns anos mais velho que Allisson, que deve estar na casa dos 20 e poucos anos (afinal, já terminou a faculdade).

Em *À moda antiga!* aparece o tema do casamento arranjado ou de conveniência. Neste caso, a mulher é o joguete – o homem faz a escolha pelo casamento e conduz a situação até a efetivação da cerimônia. O título em inglês, *An arranged marriage*, ou *Um casamento arranjado*, já coloca o assunto como tema central da obra. A edição em português rebatizou a obra como *À moda antiga!*, levando em conta que no meio da trama, após o casamento, as personagens passam a namorar platonicamente antes de consumar a união, apesar de ambas admitirem intimamente que o motivo do casamento foi inicialmente a atração física, como na cena a seguir: “Blue sabia, com certeza, exatamente o que queria da vida. Tanto sabia, que havia conseguido. Em seus braços estava a mulher por quem se sentira selvagemmente atraído desde o primeiro momento em que a vira, a mulher que agora era sua esposa. E sabia que também era desejado por ela, o que lhe dava uma imensa satisfação” (*À moda antiga!* p. 27)

O ponto de exclamação após o título pode denunciar o inusitado da situação (um casal que após a cerimônia de casamento vai se conhecer e então namorar), mas também pode ter a função de levar a leitora à expectativa de um romance de alguma forma surpreendente.

Na pequena cidade texana onde se passa a história, Allisson representa a aristocracia local, enquanto Blue Summer é o operário, o novo rico. O texto é condescendente com esse fato, fazendo Allisson relevar todos os defeitos do marido, atribuindo-os a uma infância de pobreza e super-valorizando suas qualidades, como se apenas os ricos pudessem ser gentis e inteligentes, em comparação com o estereótipo grosseiro do caubói. O nome do herói, Blue Summer ou “verão azul”, denota uma certa placidez que não condiz com sua descrição exterior, mas se encaixa com o homem que Allisson vai conhecer depois do casamento, um verdadeiro “gentleman”.

O momento mais significativo do livro em relação à sua contemporaneidade é quando a tia de Allisson, Sra. Wallace, é agredida pelo marido. Essas agressões vinham acontecendo já há muito tempo, mas só no momento em que Allisson descobre o fato é que a velha senhora abandona o marido. E, com apoio da sobrinha e da governanta, chama a polícia e dá queixa por agressão. Ou seja, só com o auxílio de outras mulheres ela consegue deixar uma situação de humilhação. Essa situação, em que o homem é denunciado como agressor às autoridades, tem um toque de feminismo, de proteção dos direitos das mulheres. Isso fica visível no trecho no qual Allisson fala à governanta “É inacreditável que meu tio tenha agredido fisicamente a minha tia. Para mim, isso é imperdoável! (...) Minha tia tem que ir à polícia e prestar queixa contra ele (...). Homem nenhum pode fazer isso contra uma mulher. Em que mundo nós estamos, meu Deus?” (*Idem*, p. 102). Quando Blue Summer fica sabendo do caso, pergunta imediatamente se o delegado já foi chamado: “Aquele covarde! – Blue demonstrava muito ódio. – Precisamos chamar o delegado. Isso não pode ficar assim. A atitude do seu tio foi imperdoável. E ele precisa ser punido”. (*Idem*, p. 104)

Ainda que seja uma marca diferencial e de defesa dos direitos humanos, ela aparece diluída em inúmeras outras situações de submissão feminina. O momento da libertação de Allisson, quando ela deixa sua vida de esposa de milionário e consegue um emprego como recreadora num hospital infantil, dura pouco mais de um mês. Segundo ela, “apesar da saudade que sentia da tia e de Blue, acreditava que tomara a decisão correta. Agora era dona de sua vida, agora era dona do seu próprio destino”. Quando descobre estar grávida, ela não pensa em voltar atrás, lembrando que “milhares e milhares de mulheres têm seus filhos sozinhas”. Mais uma vez, são situações típicas do fim do século XX, mas que acabam por resolver-se de forma convencional, com o encontro entre os dois apaixonados. E, quando resolve aceitar o marido de volta, Allisson impõe as “suas regras”: “Vou voltar e, além de arrumar um trabalho, vou continuar sendo voluntária no hospital e dando aula de catecismo às segundas-feiras”. Esse arremedo de libertação é tão tênue que não sobrevive a uma segunda leitura. Que tipo de emprego ela conseguiria, e com que finalidade, se já tinha

em mente suas outras atividades filantrópicas e religiosas, além de ter um filho e ser esposa de um milionário? A imagem que fica do livro é que as mulheres “devem” procurar ser independentes, mas isso é muito melhor com o respaldo de um marido condescendente, que supra todas as necessidades materiais e afetivas.

TEXTO 2 – Série *Julia* – *Um homem mais velho (Professor and the nanny)*, de Phyllis Halldorson. Originalmente publicado em 2000, também pela Silhouette Books e traduzido para a língua portuguesa em 2001.

Enredo: A história se passa no tempo contemporâneo, na cidade de Lexington, Kentucky, EUA. A jovem Pamela Boldwin, 21 anos, perde os pais num acidente e precisa largar a faculdade de enfermagem. Para se manter, vai procurar emprego como “dama de companhia com prática de enfermagem”, cuidando de um senhor idoso e diabético, Nate. O filho deste, o professor universitário Richard Thorpe, é quem a contrata. Descrito como um homem “de meia-idade”, Richard, aos 35 anos, é divorciado e tem um filho de 1 ano e meio, Danny. Quando a ex-esposa de Richard resolve deixar o menino na casa do pai, Pamela acumula as funções de enfermeira e babá. A convivência entre Pamela e Richard se transforma em amor, mas Richard não quer se envolver novamente, ainda mais porque Pamela é virgem. Quando precisa lutar pela guarda do filho na Justiça, ele se casa com Pamela (o casamento de conveniência, como já disse, é um tema tradicional dos romances sentimentais). Ele ganha a guarda e confessa estar apaixonado por Pamela. A trama desta história é o romance de bebê.

Apesar da diferença de idade, é Pamela quem aparece como pessoa segura de suas ações, conduzindo a trama, enquanto Richard aparece inseguro, indeciso e frágil. Numa conversa entre os dois, ele se mostra admirado com a segurança dela, que afirma:

- Meu tempo de inseqüência ficou para trás. Tive uma bela infância, com muita liberdade e amor. Depois veio a adolescência, meio complicada, mas também feliz. Portanto, não há por que me queixar.



- Você fala como se tivesse minha idade – ele comentou, admirado – E, no entanto, possuí apenas vinte e um anos.

- As mulheres amadurecem mais rápido que os homens. (*Um homem mais velho*, p. 41)

O diálogo termina com um chavão e tem a função de mostrar à leitora que a diferença de idade entre os protagonistas não deve ser um empecilho ao caso de amor que florescerá ao longo da narrativa.

Trata-se de um enredo extremamente focado nos problemas familiares, especialmente de Richard. As situações descritas giram em torno da doença de Nate e suas características, os cuidados que Pamela, como enfermeira, deve ter com ele e como Richard tem como obrigação cuidar do pai doente. Com o ingresso do pequeno Danny na trama, a autora descreve as dificuldades de Pamela para lidar com o bebê e até os livros que ela lê para aprender sobre crianças. Há também a pressão enfrentada por Richard na universidade, que espera que ele dedique mais de seu tempo ao emprego, enquanto o professor sente que precisa dar mais atenção ao pai e ao filho. Tudo isso enquanto a atração por Pamela o faz ter conflitos morais, por ela ter a mesma idade que suas alunas. Enfim, todo o enredo gira em torno do núcleo familiar dos Thorpe, sem descrições de riqueza, ambientes suntuosos ou reviravoltas mirabolantes. Neste livro, como em outros estudados, na hierarquia social, o herói é o patrão e a heroína, a empregada.

TEXTO 3 – Série *Momentos Íntimos – A Bela e a Fera (Taming the beast)*, de Amy J. Fetzer. Originalmente publicado em 2001 pela Silhouette Books e traduzido para língua portuguesa em 2001.

Enredo: Com o sugestivo título de um conto de fadas (mais uma vez mudando a tradução do título original, que seria algo como “domando a fera”), nesse texto a heroína Laura Cambridge, 30 anos, é contratada para ser babá da filha de um rico empresário, Richard Blackthorne. Este vive num castelo construído numa ilha na costa da Carolina do Sul, EUA, escondido de todos após ter sofrido um acidente que

lhe desfigurou o rosto. Tanto o herói quanto a heroína têm traumas em função de sua aparência: ele, por ter sido abandonado pela esposa após o acidente devido ao rosto deformado; ela, vencedora de vários concursos de beleza, após uma decepção com o noivo, acredita que os homens só se aproximam dela pela aparência, não importando sua personalidade. Richard Blackthorne não permite que Laura o veja, anda pelas sombras do castelo e se comunica com ela por interfone, e com o mundo via Internet. Ainda assim, eles conversam muito e sentem uma grande atração um pelo outro. Kelly, a filha de quatro anos de Richard, serve como fator de aproximação dos dois. Richard descobre o talento de Laura para pintura e a presenteia com materiais de arte, fazendo-a acreditar que ele vê mais que a aparência dela. Como no conto de fadas, a bela se apaixona pela fera, independentemente da aparência, que neste livro é mais assustadora por ser apenas sugerida. Para provar seu amor, Richard se mostra a Laura, que o aceita como é. Há cenas apimentadas de sexo entre as duas personagens, sendo que Laura demonstra ter experiência sexual. Com isso, o texto se encaixa perfeitamente na proposta da série *Momentos Íntimos*. Durante a passagem de um furacão pela ilha, Richard ajuda a salvar os habitantes, e assim se mostra também aos moradores, que o aceitam de imediato. Vencidos os traumas, Richard e Laura se casam e depois de um ano têm um filho. Obviamente, o plot deste romance é o da bela e a fera.

Neste texto é o homem quem manipula as situações. Ele se isola e só aparece quando quer, e seu comportamento é que conduz a ação. Há uma diferença quanto aos anteriores, pois a heroína não é órfã, apesar de ter pais ausentes. Novamente aparece a questão do patrão/empregada, colocando o homem como superior social e hierarquicamente, o que é recorrente nos romances sentimentais. Por outro lado, Laura se mostra uma mulher decidida e forte, enfrentando Richard e exigindo dele uma mudança de comportamento.

Ao mesmo tempo em que é descrito no livro como “fera” ou “dragão”, Richard é também um herói. Talvez como forma de tornar mais aceitável o fato de a personagem ter metade da face e corpo cobertos de cicatrizes, a autora dá uma

motivação heróica para a deformidade: Richard sofreu o acidente enquanto salvava uma mulher grávida que ficou presa nas ferragens de um carro sobre a linha do trem. Nada mais altruísta, inclusive a explicação que ele dá para o fato de ter arriscado a vida para salvar uma pessoa: “Eu era o menino de ouro (...). Tudo era fácil. A liberdade, o alto padrão de vida e o dinheiro. E só quando vi aquela mulher grávida presa nas ferragens, lutando para respirar, percebi quem realmente era. Naquele momento, percebi o que minha alma desejava. Era como se eu não tivesse vivido até então” (*A bela e a fera*, p. 75). Apesar desse discurso, Richard não se tornou uma pessoa mais dedicada ao próximo após o acidente, como seria de se supor depois deste *insight* de auto-conhecimento. Apenas deixou de valorizar o *glamour* da vida em sociedade (apesar de não ter nenhum problema financeiro para sobreviver, visto que era um criador de *softwares* que rendiam milhões).

Há neste romance um clima de contos de fadas gótico, em função de a história se passar num castelo sombrio (que foi construído por um milionário que queria dar à esposa uma vida de rainha), cheio de passagens secretas (por onde Richard observa os outros moradores sem ser visto) e referências a contos: “Ela sonharia com um príncipe para mantê-la segura, pensou Laura. Não com um dragão que soltava fogo na direção de qualquer um que tentasse se aproximar de sua caverna” (*A bela e a fera*, p.10).

TEXTO 4 – Série *Sabrina Coleção Noivas – Segredos do Amor* (*The acquired bride*), de Teresa Southwick. Publicado originalmente em 2000 pela Silhouette Books e no Brasil em 2001.

Enredo: Na capa, o título é “Segredos do amor”, mas em todas as páginas internas está grafado “Confiança no amor”, o que demonstra que provavelmente o título acabou grafado errado na capa ou foi mudado depois, uma vez que a palavra “confiança” tem mais em comum com o enredo. Nenhum dos dois títulos reflete o original, que seria algo como “a noiva adquirida”. Na pequena cidade de Storkville, nos Estados Unidos, o milionário Quentin McCormack é considerado “o melhor

partido da cidade”, o “Donald Trump de Storkville”. Ele conhece Dana Hewitt, uma jovem viúva que se mudou há pouco tempo para o local, com seus trigêmeos de três anos de idade. As crianças criam situações em que eles se encontram e se aproximam. Quentin descobre que Dana, cujos pais já morreram, está sendo processada pelos sogros ricos, que querem a guarda dos trigêmeos, pois ela trabalha fora, ganha pouco e deixa as crianças na creche o dia todo. Ao mesmo tempo, Quentin está sob suspeita de ser pai de dois bebês gêmeos abandonados na creche da cidade, pois há pouco tempo doou em segredo uma grande quantia para a instituição. Com a desculpa de passar uma imagem respeitável à sociedade, conservar as ações de sua companhia em alta, e ao mesmo tempo ajudar Dana, Quentin a pede em casamento. Depois de relutar um pouco, ela aceita (novamente, aparece o casamento de conveniência). Existe uma desconfiança da parte dela sobre os motivos do casamento e ela suspeita que Quentin possa ser realmente pai dos bebês. Dana decide confiar em Quentin (“confiança no amor”), que se mostra um padrasto amoroso e atencioso com os trigêmeos. Por fim, Dana consegue a custódia das crianças, no mesmo dia em que um teste de DNA comprova que Quentin não é o pai dos bebês abandonados. Resolvidos os problemas, os dois se declaram apaixonados e decidem viver como um casal normal, planejando ter um bebê juntos. O *plot* deste romance é o do casamento de conveniência.

Mais uma vez, o homem aparece como o salvador da mulher, possibilitando uma ascensão social. O recurso causa/conseqüência é gerador das situações. Quentin valoriza Dana e aceita seus trigêmeos porque sua própria mãe o criou sozinho e casou-se com um milionário quando Quentin tinha 13 anos. O padrasto adotou-o e tornou-o herdeiro da fortuna da família. Da mesma forma, Quentin acreditava que as mulheres só se aproximavam dele por dinheiro, pois enquanto era pobre, as garotas do colégio não lhe davam atenção, mas após ganhar do padrasto roupas de grife e alcançar novo *status* social, passou a ser assediado. Esses dois fatos são dados como motivos para Quentin não ter se casado e procurar uma mulher que não o quisesse por dinheiro. Para comprovar à leitora que Quentin pode confiar na heroína, Dana o procura para manter os filhos (pois é mãe amorosa e cuidadosa) e pede um pacto antenupcial em que não

tenha direito à fortuna do marido (provando que não é interesseira). Nenhum aspecto é deixado para a leitora questionar as motivações das personagens. Ambição, consumismo, egoísmo, vaidade são defeitos guardados apenas para as vilãs e vilões dos livros.

#### 4.2. CONSIDERAÇÕES GERAIS: IDEOLOGIA E PAPÉIS SOCIAIS

“As formas literárias são maneiras determinadas de ver o mundo e, como tais, têm relações com a forma dominante de ver o mundo que é a ‘mentalidade social’ ou ideologia de uma época”<sup>116</sup>. Todo texto traz uma ideologia e no caso dos romances sentimentais estudados podemos perceber uma reprodução dos estereótipos da mulher e uma condução paternalista das tramas.

Os papéis sociais das personagens, de forma geral, estão bem definidos nos livros selecionados. As mulheres ocupam seus papéis na sociedade (mães, esposas e profissionais) de forma a deixar transparecer o conflito existente na acumulação desses papéis, mas sempre superando as dificuldades. Mesmo que todas sejam independentes financeiramente, possam garantir seu sustento pelo próprio trabalho, elas também precisam de um homem – no papel de um protetor – sem o qual suas vidas seriam incompletas ou sem o qual enfrentariam problemas acima de suas capacidades individuais de solução. Em várias situações, as personagens femininas descrevem sua insegurança e como o homem representa, para elas, a proteção. Para citar alguns exemplos: “Ele a fizera sentir-se pequena, indefesa e, naqueles poucos segundos, protegida” (*A bela e a fera*, p. 30). “Sentindo-se protegida pelo calor daquele corpo viril, Allison adormeceu”. (*À moda antiga*, p. 40). Há uma expectativa claramente paternalista no papel do homem em suas vidas.

Porém, os homens também apresentam inseguranças. Blue Summer pensa: “Não se casara com uma mulher como as outras. Tal fato, apesar de deixá-lo um tanto

---

<sup>116</sup> WANDERLEY, Márcia Cavendish. *A voz embargada*. p.26

inseguro e com medo, também o deixava muito feliz” (*À moda antiga*, p. 76). Também o professor Richard é extremamente inseguro: “A crise moral que Richard Thorpe atravessou nos dias posteriores à primeira palestra deixou-o frágil e mais retraído que nunca. (...) Emocionalmente confuso, cortou todas as manifestações de simpatia e carinho com que tratava Pamela no dia-a-dia (...)” (*Um homem mais velho*, p. 54). A manifestação dessa insegurança pode ser considerada uma atualização nos textos sentimentais, em relação aos romances dessa espécie literária publicados nas décadas passadas, onde os heróis “eram descritos por uma qualidade – ‘fortes, viris, arrogantes, impetuosos, voluntariosos’ permitindo avivar o paradigma ‘sexo frágil’ e ‘sexo forte’”.<sup>117</sup> Essa atualização é mais evidente no livro *Um homem mais velho*, num trecho em que Pamela tem uma atitude protetora em relação a Richard. “Um sentimento desconhecido agitou o interior de Pamela. Tratava-se de um misto de desejo e de um forte sentido de proteção. Queria abraçar aquele homem sensível e dizer-lhe baixinho, ao ouvido, que sempre estaria a seu lado, que nunca o abandonaria...” (*Um homem mais velho*, p. 42).

Se por um lado podemos ver nessa atitude uma posição diferente de outros livros, podemos entendê-la também como um reflexo de instinto maternal, que os romances sentimentais sempre colocam como um sentido natural da mulher – quando heroína, nunca da anti-heroína, como veremos adiante.

Também podemos perceber que nessas quatro obras o homem é rico, a mulher é pobre e consegue a ascensão social/financeira por meio do casamento. É o mote da Cinderela, um dos mais tradicionais dos romances sentimentais, sendo recorrente também nos folhetins e novelas de televisão. A descrição de ambientes luxuosos, contas bancárias sem limites, consumo de bens sofisticados, enfim, um apanhado de valores do capitalismo, tem como função alimentar o imaginário das leitoras com objetos e situações inatingíveis para a maioria das pessoas. Assim, temos trechos como os seguintes:

---

<sup>117</sup> CUNHA, Maria Teresa Santos. *Armadilhas da sedução: Os romances de M. Delly*. p. 80

Blue insistiu para que ela ficasse com um conjunto de brincos e colar de diamantes. Allison, no entanto, não quis o presente, mas acabou aceitando um anel em ouro, com uma delicada água-marinha, e uma gargantilha com um pingente muito semelhante ao anel”. “Assim que a mansão ficou pronta, Blue deixou nas mãos dela a decoração da casa e pediu que contratasse uma governanta, uma cozinheira, uma copeira e um mordomo.<sup>118</sup>

O quarto parecia um sonho, em tons de verde e rosa, com uma casa de bonecas antiga, muitos brinquedos e uma cama colocada num dos cantos. O dossel tinha cortinas de cetim, que desciam enfeitando a cabeceira trabalhada. A história da *Princesa e a Ervilha* surgiu-lhe na mente, já que a garotinha teria de usar o banco para subir na cama alta.<sup>119</sup>

Apesar de relatar situações da vida de pessoas ricas ou milionárias, as personagens são apresentadas, de forma geral, como pessoas que não dão importância ao dinheiro, para quem os valores morais e familiares é que são fundamentais, pelos quais se deve abrir mão de todos os outros.

Como para chegar à longevidade alcançada os romances sentimentais têm que tornar os mesmos temas aparentemente diferentes, há também livros em que as personagens são de classe média. Assim, em *Um homem mais velho*, o herói é um professor que dá palestras para aumentar o salário recebido. Não chega a ter dificuldades financeiras, mas não é um homem rico, como nos outros três textos. Ainda assim, mostra-se bem-sucedido profissionalmente, ocupa posto de destaque na Universidade de Kentucky, na cadeira de titular de literatura inglesa, o que, ele mesmo diz, é um cargo quase impossível de conseguir em função de sua pouca idade (35 anos).

Ainda sobre esse texto, vemos que desde os títulos, em português e em inglês, há uma referência à superioridade masculina: um homem mais velho pressupõe um homem mais experiente, mais sábio que a mulher. E em inglês, *Professor and the nanny*, ou o “Professor e a babá”, a relação de superioridade está na hierarquia ocupada por cada um na escala de valores sociais ocidentais.

---

<sup>118</sup> FOX, Susan. *À moda antiga*. p. 47 e 25

<sup>119</sup> FETZER, Amy. *A bela e a fera*. p. 10

Há uma condição fragilizante no papel de empregada/funcionária das personagens dos romances: a babá, a enfermeira, estão ligadas aos seus sedutores por relações comerciais e trabalhistas. É possível, inclusive, encontrar aí um eco dos romances românticos do século XIX, os chamados romances de governanta, do qual *Jane Eyre*, apesar de não ser uma obra padrão, é a principal representante.

Nessa linha de pensamento, um dos livros lidos para esse trabalho se destaca. O título em português é *Enfeitiçada pelo chefe* e em inglês *The Boss's Virgin* ou “a virgem do chefe”, de Charlotte Lamb. Mesmo sem precisar descrever o enredo, que obviamente trata de uma secretária apaixonada pelo diretor da empresa onde trabalha, esse livro é de deixar qualquer feminista de cabelos em pé. Pelos títulos, tanto em inglês quanto em português, pode-se perceber a mulher num papel de desvantagem social e física: a virgem – sem experiência e possivelmente ingênua – seduzida pelo chefe, mais rico e experiente. De quebra, o texto traz uma apresentação assinada pela editora Fernanda Cardoso, que aproveita para incorporar uma conselheira sentimental:

Querida leitora,

Já li muitas histórias de funcionárias que se apaixonam pelo chefe. E isto é uma coisa que acontece com frequência, não só porque as pessoas passam muito tempo juntos (sic), trabalhando, como também porque cada vez a gente tem menos tempo para sair. Bem, desde que isto não atrapalhe o andamento do trabalho e não tire o foco daquilo que realmente é importante, não há nada de mal em se apaixonar por alguém que trabalha com você!<sup>120</sup>

Um outro livro chama a atenção pelo título: *O milionário vai casar*. Mais uma vez, a condição social do herói está explicitada no romance, e se revela novamente superior economicamente à da heroína. Em resumo, o que existe é um mascaramento das diferenças sociais pelas soluções individuais afetivas e autônomas.

Assim, numa primeira análise, os homens dos romances sentimentais têm posições social e economicamente superiores às mulheres. No entanto, elas demonstram uma independência e vontades próprias bastante características dos

---

<sup>120</sup> LAMB, Charlotte. *Enfeitiçada pelo chefe*. São Paulo: Nova Cultural, 2001



tempos atuais, disputando com os homens a condução da trama e influenciando decisivamente na conquista do “final feliz” essencial a essa espécie literária.

#### 4.3. APARÊNCIA FÍSICA: NADA MENOS QUE O MÁXIMO

Para analisar a imagem das personagens, é importante também considerar as aparências, que, nos romances sentimentais, são sempre muito valorizadas. Não há, nos livros pesquisados, nenhuma heroína ou herói que tenha uma aparência medíocre. Isso, no entanto, pode apresentar pequenas variações, como informa o depoimento da leitora I.G.B., a respeito das heroínas: “Antes elas eram todas muito bonitas, agora elas já estão mais normais como a gente”<sup>121</sup>.

No caso dos quatro romances apresentados, a beleza das personagens é exacerbada, inclusive a do herói deformado de *A bela e a fera*, descrito conforme aparece em uma foto: “Ali estava Richard, antes do acidente. Ele era maravilhoso (...). Os cabelos escuros, os olhos azuis, como os de Kelly, o sorriso lindo. Os traços pareciam ter sido esculpidos por um artista clássico e eram perfeitos, aristocráticos” (*A bela e a fera*, p. 39).

A importância da aparência física é grande nos romances sentimentais e as personagens observam umas às outras, sempre destacando características físicas. “Era a criatura mais linda que já vira. O tipo de mulher que fazia as cabeças virarem, os homens tropeçarem e as mulheres morrerem de inveja” (*A bela e a fera*, p. 10).

Assim, ninguém tem uma aparência comum: Laura tem olhos verde-jade e longos cabelos castanhos e foi miss Carolina do Sul (concurso do qual só aceitou participar para conseguir dinheiro para a faculdade de psicologia infantil, provando que dá pouca importância à aparência); Pamela é “extremamente bonita e desejável, com aqueles cabelos longos e negros emoldurando-lhe o rosto ovalado, os olhos cor de ébano luzindo misteriosos, formando um contraste perfeito com a pele alva e

---

<sup>121</sup> I.G.B., Depoimento 3

acetinada”; Allison é “loira, de estatura média, corpo perfeito”, Dana, quando vista por Quentin, é assim: “cabelos compridos com cachos castanhos emolduravam um rosto de formato delicado, com os maiores e mais expressivos olhos acinzentados que ele já vira. Ela não era alta, talvez um metro e sessenta, tinha o corpo delicado, com curvas nos lugares certos. Era a sua fantasia materializada”.

O papel da beleza nos romances, assim como na televisão e nas capas das revistas, tem função de projetar uma imagem e uma admiração que as leitoras gostariam de ter para si. Também aproxima o texto dos contos de fadas. Como já foi constatado em outra pesquisa, “os romances populares femininos são novas versões dos arquétipos infantis da relação homem-mulher”<sup>122</sup>. A exemplo de *A bela e a fera*, outros romances sentimentais tomam claramente contos de fadas como ponto de partida. O romance *O Anjo da Noite (Angel of the knight)*, de Diana Hall, publicado na série *Clássicos Históricos - Especial*, segue os passos do conto de fadas “Pele de Asno”. Na Inglaterra medieval, uma jovem, para fugir ao assédio sexual do padrasto, vive escondida sob andrajos, anda torta, usa enchimentos para parecer obesa e finge-se de louca. Forçada a um noivado com um nobre cavaleiro, ela conquista o noivo demonstrando bondade. Eles se casam e só depois ela revela a ele ser uma linda moça.

Porém, de forma geral os romances sentimentais usam a beleza como um primeiro motivo de atração entre as personagens, mas depois colocam a aparência como fator secundário: as personagens devem se apaixonar levando em conta o bom caráter e qualidades morais dos parceiros. “Minha aparência é apenas obra da natureza. Não o que realmente sou” (*A bela e a fera*, p. 45) .

Novamente, valores morais são colocados em primeiro plano, sendo a questão ideológica mais evidente nos romances sentimentais. Dessa forma, é passada à leitora a idéia de que as personagens, independentemente de sua aparência física, são amadas, da mesma forma que ela, leitora, poderá também sê-lo, se tiver a mesma “beleza interior”.

---

<sup>122</sup> SILVA, op. cit., p. 106

As heroínas dos romances sentimentais nunca são vaidosas ou utilizam recursos artificiais para parecerem mais bonitas. Suas descrições sempre associam qualidades naturais, deixando cabelos pintados, maquiagem e unhas vermelhas para as anti-heroínas. Com isso, associa-se a artificialidade e a vaidade à maldade, enquanto a naturalidade é associada à bondade.

Nos romances da Nova Cultural não existe a divisão das loiras e morenas correspondendo a personalidades “boa/má”. Essa divisão foi constatada nos romances de M. Delly estudados por Maria Teresa Santos Cunha, sendo que “os tipos físicos, em geral, padronizados e estereotipados acabam por fornecer uma base sólida de onde pode sair a convenção, literária ou religiosa. Por exemplo: a convenção da mulher clara (loura) como angelical, a convenção do homem (herói) como forte e vigoroso”<sup>123</sup>. Hoje em dia os romances apresentam heroínas loiras e morenas, sem que a cor dos cabelos reflita a personalidade boa/má ou, mesmo, uma maior ou menor sensualidade, lembrando que a morenidade está associada à sensualidade, no imaginário ocidental. Livrar-se desse estereótipo de heroínas sempre loiras ajuda no sentido de que haja uma maior identificação entre leitoras e romances, fundamental para a literatura de massa.

#### 4.4. ÓRFÃS E MADRASTAS: AS PERSONAGENS FEMININAS E AS RELAÇÕES COM A FAMÍLIA

Temos quatro personagens femininas centrais nos romances estudados: Alisson, Pamela, Laura e Dana. Dessas, três são órfãs de mãe e pai. Apenas Laura, de *A Bela e a Fera*, tem pais (embora ausentes). Essa recorrência da orfandade é comum nos romances sentimentais, e aparece em vários outros textos lidos para este trabalho, em várias séries. Como Cinderela e Branca de Neve, as mulheres descritas nos romances são órfãs à mercê do mundo. Isso propicia que as personagens tenham que tomar suas decisões sem influência das famílias e fiquem, também, sem ter a quem recorrer num momento de dificuldade.

---

<sup>123</sup> CUNHA. op. cit. p. 65

Fazer heroínas órfãs é tradição nos romances sentimentais e nas heroínas do romantismo desde o século XIX. Citamos novamente *Jane Eyre*, de Charlotte Brontë e Aurélia, de *Senhora (José de Alencar)*, entre as mais famosas. Nos romances de M. Delly também era tema recorrente: “o culto aos antepassados merecia páginas especiais nos romances, uma vez que a maioria das heroínas era órfã”.<sup>124</sup> Na maioria dos 25 romances lidos para este trabalho, as heroínas eram órfãs de pai e mãe ou de um dos pais.

Pelo contrário, os homens dos quatro romances prioritariamente estudados têm família constituída: dois deles têm filhos de um primeiro casamento, situação que se aplica apenas a uma mulher, Dana. E de forma geral nos romances, os homens também têm pais, mães, irmãos, enfim, toda uma estrutura familiar.

Essa situação também foi constatada pelo pesquisador Paulo Sérgio Silva no estudo feito em 1990:

O que é interessante notar nos romances é que muitos heróis são divorciados e têm um filho remanescente de um casamento mal-sucedido. Nossos heróis são cavalheiros solitários, submetidos muitas vezes às intrigas traumáticas do primeiro casamento. A heroína, por sua vez, reelabora sua vida e ganha no final da história uma família completa: um homem e um filho. Que mais ela quer? O estereótipo feminino é fechado: a heroína torna-se esposa-mãe.<sup>125</sup>

Por outro lado, os romances refletem situações cada vez mais presentes na sociedade atual: a das famílias desfeitas e refeitas com novos parceiros. Ter madrastas, padrastos, enteados, meio-irmãos, deixou de ser exceção na sociedade ocidental, em especial nas grandes cidades, inclusive as brasileiras, em função do aumento dos divórcios e da falência da idéia de que vale a pena manter um casamento de aparências, como era comum nas décadas passadas.

Porém, a forma como as personagens aceitam essas situações é claramente idealizada. Nos textos estudados não são narrados os conflitos naturais que acontecem

---

<sup>124</sup> CUNHA, op. cit., p. 104

<sup>125</sup> SILVA, op. cit., p.110

nessas famílias que se formam, e que acontecem na realidade. Os novos cônjuges aceitam com coração aberto e sem restrições os filhos dos parceiros; estes aceitam seus padrastos e madrastas com amor e gratidão; os núcleos familiares secundários (irmãos, tios e pais dos enamorados), quando existem, não questionam a união. Mais uma vez, aparece a regra moral da união familiar como fundamento da felicidade.

Para explicar porque a anti-heroína Renata, do livro *Enfeitiçada pelo chefe*, não gostava do filho e o tratava com indiferença, a autora dá a seguinte informação: “A mãe de Renata possuía uma carreira, deixava-a com uma babá e nunca se importava com ela. Isso explica porque não tem a maternidade nas veias”.<sup>126</sup> Já para falar o contrário, sobre a doce heroína Pietra, o comentário de um outro personagem diz: “Talvez Pietra tenha o tipo de mãe que é um exemplo de maternidade, que ama crianças, bem como cozinhar e cuidar da casa. Todas essas coisas que as moças modernas não querem desperdiçar a vida fazendo”.<sup>127</sup> Ou seja, a profissão aparece como antagonista da maternidade. E parte inerente à maternidade, segundo o livro, é limpar a casa e cozinhar. Talvez por isso, muitas heroínas tenham profissões que permitem ficar perto dos filhos ou enteados, como babás e governantas. As que têm outras profissões sempre alegam gostar de crianças e a disposição para dividir o tempo de forma a priorizar os filhos.

Não encontrei nenhuma história em que ambos, herói e heroína, tivessem filhos. Nisso, o trabalho é semelhante ao de Liliana André, que em 34 livros analisados, constatou a mesma situação. “Se a heroína tinha filhos, o herói não os tinha, e vice-versa. As crianças são sempre criaturas adoráveis. Independentemente da idade, são maduras, dóceis, obedientes”.<sup>128</sup> Um exemplo está no pensamento de Quentin McCormack, que tornou-se padrasto de trigêmeos: “Cada dia, gostava mais

---

<sup>126</sup> LAMB, Charlotte. *Enfeitiçada pelo chefe*. Série Julia. São Paulo, Nova Cultural, 2001. p. 109

<sup>127</sup> *Ibid.* p. 108

<sup>128</sup> ANDRÉ, Liliana. *A imagem feminina no romance sentimental de massa*. p. 69

daquelas crianças. Como poderia ser diferente? Elas eram encantadoras”. (*Segredos do amor*, p. 65).

Além disso, as crianças são lindas, adoram suas madrastas/padrastos, e aceitam sem questionar novos relacionamentos dos pais. Como Kelly: “A menina o aceitara, e também o relacionamento com Laura, com toda naturalidade. Eram uma família, Laura era sua namorada...(*A bela e a fera*, p. 106) e os trigêmeos: “Oba – disse Lucas – Nós vamos nos casar com o sr. Mac. – Viva! – falaram Molly e Kelly, batendo palmas e pulando” (*Segredos do amor*, p. 49).

Toda essa harmonia familiar também tem um fundo ideológico: a idéia que os filhos devem vir em primeiro lugar, a mulher deve abrir mão de todos os outros valores, profissão e vaidade para cuidar das crianças. Um texto que tem o conflito profissão *versus* amor em primeiro plano é *Passaporte para a felicidade*. Editado em 2002 na Edição do Colecionador dedicada à autora Karen Van Der Zee, o texto foi publicado originalmente em 1986. A heroína, Kate, é dona de uma agência de viagens e atua como guia de turismo para locais exóticos. Já o herói, Adam, é executivo de uma rede hoteleira. Com isso, a ação se passa em vários lugares do mundo, onde os protagonistas agendam encontros. O que afasta os dois é a recusa de Kate de assumir um relacionamento que a impeça de fazer as constantes viagens para locais como Mongólia, África e ilhas do Pacífico. Ao final, ela decide abrir mão de tudo para casar-se com Adam e assumir a maternidade de duas crianças órfãs que ele adotou. O romance transmite então a idéia de que para Kate é melhor ficar com Adam do que manter sua profissão, como no texto seguinte:

Ela combateu a nuvem de medo que ameaçou envolvê-la: nenhuma viagem sem data de volta, nenhum passeio pelos desertos, nem descanso nas praias sombreadas pelos coqueiros. (...) Agora acordaria todos os dias na mesma cama, sentaria à mesma mesa de café, veria os mesmos rostos. Porém, eram os rostos que amava, mais preciosos do que todos os outros que já enxergara à sua frente.<sup>129</sup>

A surpresa final é que Adam aceita gerenciar um hotel numa ilha da

---

<sup>129</sup> ZEE, Karen Van Der. *Passaporte para a felicidade*. São Paulo: Nova Cultural, 2002. p. 141

Indonésia, e Kate é convidada para assumir um cargo no empreendimento, podendo conciliar a maternidade com uma profissão derivada da sua. Ainda assim, Kate deixa de lado seu espírito aventureiro e se torna uma madrasta empenhada em ser mãe, como tantas outras personagens dos romances sentimentais. A renúncia de Kate em relação à profissão de guia de viagens não seria desaprovada pelas leitoras, caso muitas pensem como B.M.M.: “uma vez eu defini o amor mais como renúncia. Para você conviver bem com o seu marido, você tem que renunciar a muita coisa. Então você vê que elas renunciaram muito mais do que eles”.<sup>130</sup> Como se vê, os romances fornecem o amparo a uma função conformadora.

A maternidade ocupa um papel fundamental nos textos. Todas as heroínas querem ter filhos, ou aceitam os filhos dos outros como seus ou ficam desesperadas caso não possam ter filhos. Essa última questão é justamente o ponto central do romance *Mágoa Secreta*, também de Karen Van Der Zee, em que a personagem central Faye sofre um acidente e descobre que não poderá ter filhos. Por conta disso, ela não aceita relacionar-se com o herói Kai. Finalmente, os dois se casam e a solução para o caso vem nas páginas finais: “Kai e Faye tiveram sua família, duas meninas e um menino. Eles chegaram um de cada vez, vindos de lugares distantes, com seus rostos e olhos cheios de medo. Nas expressões, Faye podia ler as tragédias da guerra, da morte e da miséria”<sup>131</sup>. Com essa solução, o texto não apenas restituiu o dom da maternidade à heroína como também fez dela salvadora de pobres órfãos de países estrangeiros, tornando a adoção uma atitude altruísta e heróica.

Assim, as heroínas dos romances sentimentais estão sempre às voltas com a maternidade, questão que não por acaso é comum, de várias maneiras, a todas as mulheres, mesmo àquelas que optam por não ter filhos. Com isso, está estabelecido um

---

<sup>130</sup> B.M.M., Depoimento 9

<sup>131</sup> ZEE, Karen Van Der Zee. *Mágoa Secreta*. Série Edição do Colecionador. São Paulo: Nova

elo entre leitoras e heroínas, de forma que as primeiras possam identificar-se ou mesmo colocar-se no papel das últimas, enfrentando os conflitos que o enredo estabelece, compactuando com ou desaprovando as decisões dessas mães e madrastas.

Quando mães, as heroínas são ferozes defensoras dos filhos. Elas enfrentam dificuldades para criá-los sozinhas – afinal, elas devem ser livres para um novo amor e como geralmente são órfãs, não têm quem as apoie. Nenhuma delas enfrenta tranquilamente, no aspecto financeiro ou moral, o fato de não ter um pai ao lado dos filhos. O homem, funciona, então, como um componente essencial na criação das crianças, sem o qual as mulheres ficam desamparadas econômica e emocionalmente.

Em *Segredos do amor*, Dana enfrenta sogros, segundo a descrição do livro, “retrógrados e egoístas”, para cuidar dos trigêmeos. Sua dedicação aos filhos é um dos seus atrativos aos olhos do herói. Mesmo a personagem Crystal, do romance *Atração fatal*, que deu a filha em adoção – obviamente por um bom motivo, a falta de condições para criá-la – passa a imagem de mulher atormentada pela culpa, à procura do reencontro com a filha. Muito comodamente, ela encontra a menina bem amparada, com um pai viúvo com quem Crystal se envolve, formando assim uma nova família feliz. Os heróis são pais e padrastos amorosos e dedicados, mas são também bons filhos, irmãos, enfim, têm uma rede de relações familiares mais ampla.

Ser boa mãe ou madrasta – o que significa abrir mão de tudo em nome dos filhos – é atributo fundamental para a elaboração da personagem como heroína, da mesma forma que ser uma péssima mãe é atributo das vilãs, como veremos a seguir.

#### 4.5. AS ANTI-HEROÍNAS: MEGERAS SEM PERDÃO

Faz parte do modelo mais comum de enredo de romance sentimental ter um ou dois antagonistas aos heróis. Assim, a heroína compete com ex-esposas ou ex-namoradas, o herói idem, além de eventuais competições no trabalho (normalmente por chefes que se sentem ameaçados pela capacidade profissional da personagem). Esses anti-heróis e anti-heroínas acumulam defeitos que são explicitados pelas outras



personagens, sempre permitindo uma contraposição com as qualidades das personagens centrais. O único porém é que, no caso das anti-heroínas – quando ex-parceiras do herói – a beleza é uma constante, exacerbada pela vaidade (que as heroínas não têm).

A pesquisadora Cristiane Costa observa que houve uma disposição dos folhetinistas do século XIX de desestimular uma possível identificação das leitoras com as personagens libertinas e ambiciosas, mas que na verdade eram as únicas a viver com certa liberdade.

Essa identificação havia sido narrada por Flaubert em *Madame Bovary*, quando Emma, ao ter seu primeiro amante, “lembrou-se das heroínas dos livros que havia lido, e a legião lírica dessas mulheres adúlteras punha-se a cantar em sua lembrança”.<sup>132</sup>

Para desestimular qualquer identificação perigosa, os autores de folhetim (tanto quanto Flaubert) apelavam para o sentimentalismo, freqüentemente descrevendo as mulheres fatais como mães desnaturadas, ao contrário das mulheres virtuosas, dispostas a qualquer sacrifício pessoal em nome dos filhos.<sup>133</sup>

Nos romances sentimentais de hoje, os defeitos das vilãs sempre incluem a rejeição do papel de mãe. Ao mesmo tempo, não existe heroína que desdenhe o papel de mãe, biológica ou adotiva.

No caso dos textos *Um homem mais velho* e *A bela e a fera*, as ex-esposas são as anti-heroínas, com direito a vícios e defeitos impensáveis nas heroínas: fumam, bebem, são egoístas, só se interessam por dinheiro. São estereótipos completos. No primeiro texto, Jéssica, a ex-esposa de Richard Thorpe é “loira e alta, vestida

---

<sup>132</sup> FLAUBERT, Gustave. *Madame Bovary*. São Paulo: Abril, 1970. p. 124. Apud. COSTA, Cristiane. *Eu compro essa mulher*. Romance e consumo nas telenovelas brasileiras e mexicanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000. p. 36

<sup>133</sup> COSTA, Cristiane. *Eu compro essa mulher*. Romance e consumo nas telenovelas brasileiras e mexicanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000. p. 36

esportivamente com roupas de griffe”, bebe *dry martinis* e é impaciente com o filho. Segundo o sogro Nate, é “pior do que uma megera de histórias infantis”. Ela também abandona o filho para se dedicar à carreira. Partindo daí, aparece mais um modelo ideológico: a de que apenas uma mãe relapsa e egoísta pode deixar o filho aos cuidados do pai para seguir com sua profissão que nem era “importante”, pois Jéssica “trabalhava como secretária particular do pai. Tratava-se de um cargo meio simbólico, familiar”. Mostrar Jéssica como uma pessoa fútil e inseqüente é uma forma de impor a idéia de que a família deve estar sempre em primeiro lugar. No lado oposto, está Pamela, que tem como carreira ser o que, segundo os padrões paternalistas, uma esposa e mãe deveria ser, cuidando da criança e do velho doente.

Em *A bela e a fera*, Andréa é a ex-esposa que não consegue viver com o marido deformado, sente repulsa e o culpa por ter estragado a vida do casal. Depois, foge sem contar a ele que está grávida, agindo com “frieza e crueldade”. Ela também aparece como mais interessada no dinheiro de Richard do que nele como homem. A idéia de uma anti-heroína contraposta à heroína não é nova e já foi constatada por Maria Teresa Santos Cunha em seu estudo dos romances de M. Delly, no qual as anti-heroínas “poderiam ser associadas às bruxas, às madrastas que povoavam estórias infantis, tal era o teor de suas características”.<sup>134</sup>

No romance *Enfeitiçada pelo chefe*, a linda Renata, ex-esposa do herói, é descrita por este de forma clara, como o oposto da protagonista, Pietra: “(...) por dentro está bem longe de ser bela. É egoísta, preguiçosa, mesquinha e materialista. Foi uma esposa ruim e é uma péssima mãe. Eu não a receberia de volta nem por um milhão de dólares”.<sup>135</sup> Essas características resumem os defeitos mais comuns atribuídos às anti-heroínas.

A importância do amor verdadeiro também é ressaltada na contraposição heroína/anti-heroína. De forma geral, nos romances sentimentais tudo é descrito de tal

---

<sup>134</sup> CUNHA, op. cit., p. 109

<sup>135</sup> LAMB, Charlotte. *Enfeitiçada pelo chefe*. p. 103

forma que a leitora tenha certeza de que as personagens principais masculinas nunca amaram de verdade, foram infelizes no primeiro casamento, que este foi um erro, e, portanto, a heroína não deve ter nenhum ciúme ou ressentimento dessa antiga relação. Da mesma forma, o primeiro marido de Dana era adúltero e displicente, como ela mesma conta: “Não havia seguro de vida. Ele retirou antes e o gastou nas suas farras” (*Segredos do amor*, p. 67).

A idéia é de que o amor anterior é falso e o atual verdadeiro e, por isso, confiável e duradouro. Com isso, simplifica-se a situação, colocando-se os ex-parceiros como vilões, em contraposição aos atuais heróis. As exceções ficam por conta dos enredos em que um dos personagens (masculino ou feminino) é viúvo, foi feliz no casamento e se mantém fiel ao amor do passado, até se render aos encantos de um novo parceiro, como por exemplo no romance *Segunda Chance*.<sup>136</sup> Neste, quando a namorada Rochelle tem um filho seu, o herói Edward resiste, mantendo o luto pela morte da primeira esposa e do filho. No final, através de uma atitude altruísta de Rochelle, ele entende que uma nova família não irá substituir a que perdeu mas significa um recomeço. Nesse caso, a idéia é de que não se deve viver para o passado, mas para o presente.

Por vezes, a anti-heroína pode ser também a mãe ou a sogra das personagens principais, como em *Segredos do Amor*. Nesses casos, elas são descritas com defeitos semelhantes aos das ex-esposas citadas nos parágrafos acima. Fundamental é que todas as vilãs ofereçam obstáculos à concretização do amor entre herói e heroína. E que esses, vencendo as dificuldades, se mostrem merecedores do final feliz.

---

<sup>136</sup> CHRISTENBERRY, Judy. *Segunda Chance*. São Paulo: Nova Cultural, 2001. (Sabrina Cegonha, 77)

## 5 - AS MOLDURAS DOS SONHOS: AS IMAGENS NA PERITEXTUALIDADE

Tudo o que envolve o romance sentimental em seu formato físico funciona como uma “moldura” para a leitora, uma teia de sedução que compõe o imaginário no momento da leitura. Uso o termo peritexto editorial no sentido dado por Gérard Genette, e utilizado por Borelli:

O que aqui se recupera, com o conceito peritexto – peritextualidade – é a idéia da existência do espaço de construção de múltiplas textualidades que se articulam ao redor, às margens, nas bordas, na periferia da escritura propriamente dita. A peritextualidade revela, internamente, no próprio corpo do livro, o processo – que lhe é externo – de produção da literatura na indústria editorial. Espelha, reflete, a divisão social do trabalho, a presença do produto como resultado conjunto das atividades de muitos autores, e recoloca o paradoxo da diluição da autoria: o texto não é apenas de responsabilidade do autor/escritor que escreve a história, mas a identidade literária configura-se também pela articulação de outros autores responsáveis pela edição ou produção das espacialidades, das materialidades.<sup>137</sup>

Dessa forma, há um conjunto de ações que determina a identidade visual dos livros, e na literatura de entretenimento serializada, como é o caso dos romances sentimentais, buscar a identificação visual imediata da leitora é fundamental.

Todos os elementos em conjunto – formato, capa, cores, títulos, subtítulos, ilustrações, número de linhas e caracteres, espaços pedagógicos e publicitários, textos, escrituras – respondem pelo padrão de apresentação do produto e oferecem ao leitor, receptor potencial, algo que já conhece e pode adquirir com segurança. Esclarecem-lhe o sentido da narrativa, permitem o reconhecimento, constróem a ponte entre *peritextualidade* e textualidade. Na primeira, o leitor encontra a forma, a *cara*, as outras escrituras; na segunda, identifica o espaço das textualidades propriamente literárias e mergulha, finalmente, no universo mágico das palavras.<sup>138</sup>

Os romances das séries da Nova Cultural podem ser considerados quase uma colcha de retalhos na forma de sua edição, passando por vários profissionais até chegar às bancas, porém a identidade literária entre um livro e outro é forte: um é praticamente a publicidade do outro.

---

<sup>137</sup> BORELLI. op. cit., p. 161.

<sup>138</sup> Id.

Coleções e séries apresentam-se como elementos significativos na configuração da identidade literária e na realização do *pacto literário*. Colaboram no processo de construção de um padrão editorial em que modelos, mais ou menos unificados, são fundamentais na produção, divulgação e comercialização dos produtos.<sup>139</sup>

Nessa “linha de montagem”, ele assume sua forma de produto e adquire todos os contornos característicos de sua peritextualidade. As formas de confecção dos romances foram explicitadas na pesquisa de Paulo Sérgio Silva. Em entrevista com a editora da série *Bianca* da editora Nova Cultural, ele colheu as seguintes informações, em 1990:

Editora – Poderíamos dizer que a maior parte dos autores são mulheres. Porém é preciso entender o processo. Os autores escrevem e usam pseudônimos. A nossa tradução é uma ‘cirurgia’ onde se reconstrói novamente o texto. Modificamos cenas, mudamos do original o que achamos que melhorará o romance. É uma espécie de tradução-corretiva-adaptativa.<sup>140</sup>

Essa verdadeira “linha de produção”, conforme informa Paulo Sérgio, passa por um tradutor, um copydesk e um editor, responsável pela escrita da sinopse. Depois vem a revisão gramatical. Mais uma revisão geral e só depois o exemplar vai para as bancas. Nesse meio tempo, o título é modificado para adaptar-se ao “enredo do romance, uma questão de ambientação nacional”<sup>141</sup>.

Vendo os romances como produtos que tentam envolver as leitoras pela apresentação e conteúdo, Maria Teresa Santos Cunha também analisou a apresentação dos livros como um elemento de caráter educativo:

Tudo me inclina a pensar que os romances, suas capas e títulos em especial tinham por meta não ‘perverter’ a imaginação feminina, garantir o lugar que essa mulher deveria ocupar na sociedade e daí sua apresentação suave, seus títulos sedutores, sua leitura amena, elementos favoráveis para uma boa formação da mulher.<sup>142</sup>

---

<sup>139</sup> BORELLI. op. cit.. p. 148

<sup>140</sup> SILVA. op. cit. p. 97-96

<sup>141</sup> Ibid., p. 96

<sup>142</sup> CUNHA. op. cit. p. 68

Nos romances da editora Nova Cultural das séries estudadas, não vejo essa função educativa, mas sim a alimentação de um imaginário que pode ser romântico e/ou erótico, tanto visualmente quanto nos textos.

Como parte integrante da identidade dos romances sentimentais, os elementos peritextuais precisam ser levados em conta da mesma forma que as imagens propostas no texto propriamente dito, sob pena de ignorar fatores que refletem também a ideologia dos romances em questão.

Nesse sentido e por uma ordem de visibilidade de fora para dentro do livro, devemos observar primeiramente a capa. As séries trazem nas capas, identificado acima e ao centro, o título “Romances Nova Cultural”, com fundo amarelo claro e emoldurado em preto. Entre a palavra romances e o nome da editora, fica o desenho de um cupido, com arco e flecha, dentro de um círculo. Do lado direito da capa vem o número do romance e o preço. Abaixo do título “Romances Nova Cultural” vem centralizado o nome da série (*Sabrina, Julia, Momentos Íntimos*) em fonte maior que o título do romance propriamente dito. Isso sugere que é mais importante a diferenciação da série do que o título do livro. As cores dos fundos das capas variam. Normalmente têm tons pastéis, podendo chegar ao vermelho, verde escuro ou branco.

Nos romances *Sabrina* e *Julia*, quando é o caso, vem abaixo do nome da série o nome da subsérie, também em destaque. Em *Sabrina Coleção Noivas*, um par de alianças entrelaçadas completa a logomarca, que tem fundo cor-de-rosa. Essa imagem evoca o romantismo da série, que se completa nas imagens dos casais apresentados em trajes de casamento. Na subsérie *Paixões Picantes*, a atmosfera erótica é privilegiada. O desenho de uma pimenta vermelha separa as duas palavras que formam o nome da subsérie, escritas também em vermelho. Nessa série, os casais aparecem em poses sensuais, em trajes íntimos ou semi-despidos.<sup>143</sup>

---

<sup>143</sup> Figura 2

FIGURA 2 – CAPA DO ROMANCE ATRAÇÃO FATAL, DE SANDRA STEFFEN. SÃO PAULO: NOVA CULTURAL, 2001. (JULIA PAIXÕES PICANTES, 38)

ROMANCES \* NOVA CULTURAL

Ele era sedutor demais!

Estava ficando cada vez mais difícil Crystal manter distância de Nathan Quinn. Sedutor e atraente, era quase impossível ignorá-lo. Crystal não fora para aquela cidade procurar um marido, principalmente um que tinha a chave de seu passado nas mãos!

Fazia muito tempo que Nathan Quinn se decidira a ficar solteiro. Mas encontrar Crystal o fez repensar sua condição de homem livre e desimpedido. Talvez fosse hora de procurar uma mulher que curasse as feridas de seu coração... e aquecesse sua cama vazia. E Crystal parecia ser a mulher perfeita para isso!



www.romances.com.br



A maior parte das capas é ocupada por ilustrações ou fotos. A partir daí há uma maior diferenciação entre os exemplares. Como já foi informado pela editora Janice Florido, o uso de fotos acontece apenas na série *Momentos Íntimos*. Nas outras, as ilustrações são feitas visando dar à leitora a oportunidade de imaginar as personagens e privilegiar o lado lúdico. Abaixo dos desenhos/fotos, centralizados, vêm o título do romances, o nome da autora e a assinatura da editora original da série (Harlequin, Silhouette) e a logomarca original desses produtos. Mais que apenas observar como são dispostos os elementos gráficos, gostaria de analisar as ilustrações/fotos de capa nos quatro romances prioritariamente estudados neste trabalho a respeito das imagens femininas.

A capa de *À moda antiga!*, da série *Sabrina - Coleção Noivas* é extremamente romântica.<sup>144</sup> Um casal, ela vestida de noiva, com um longo véu, e ele de *smoking*, está cercado por guirlandas de flores variadas e coloridas. A mulher de cabelos castanhos olha para o homem, mais moreno e mais alto que ela, com os olhos semicerrados. Ele levanta o véu e a abraça pela cintura. O cenário parece um altar erguido num jardim. Lembramos que a personagem principal é loira, o que não confere com a ilustração. A postura lânguida da personagem feminina deixa transparecer fragilidade e entrega, em contraposição com a figura masculina, mais reservada.

Em *Segredos do amor*<sup>145</sup> há toda uma atmosfera romântica envolvendo a capa do livro, que também é da série *Sabrina - Coleção Noivas*. No desenho de um casal, ele num terno e ela com um vestido de noiva branco e sem enfeites, longo, e segurando um buquê de flores com as mãos enluvadas. Os dois se olham sorrindo e ela segura no braço dele. À frente do casal vêm três crianças pequenas e loiras, duas meninas e um menino, também em trajes de festa. Eles seriam a representação dos trigêmeos de que fala a narrativa. Toda a cena está ambientada num jardim florido, com muitas árvores, no que parece ser o pôr do sol. A única construção aparente é um grande portão semi-

---

<sup>144</sup> Figura 3

<sup>145</sup> Figura 4



aberto, com colunas de concreto. Todos sorriem e as meninas também levam pequenos buquês nas mãos. A aura campestre, ligada à natureza, e a felicidade familiar resumem a ilustração. A mulher da capa, que aparenta vinte e poucos anos, é mais baixa que o homem e o olha com doçura e timidez. Seria a heroína romântica e apaixonada. Pela narrativa, sabemos que ela é a mãe das três crianças, mas nada na capa denuncia isso. Mais uma vez, a figura masculina é de um homem seguro de si, enquanto a mulher parece tímida, recatada.

No livro *Um homem mais velho*<sup>146</sup>, da série *Julia*, a ilustração traz um casal reclinado em um sofá, quase se beijando. A aparência física de ambos não leva a deduzir uma diferença de idade significativa entre eles. A mulher está num papel mais ativo, inclinando-se sobre o homem. O cenário, urbano, parece a sala de um apartamento e da janela vê-se um rio e uma construção antiga com as luzes acesas, no que parece ser Londres, apesar do enredo do livro se passar no interior dos Estados Unidos. O homem veste calça e camisa por dentro da calça, enquanto a mulher usa um vestido curto e decotado, com a alça caindo do ombro, sugerindo intimidade e sensualidade. A gestualidade das imagens cria o suspense de um contato que irá se tornar mais íntimo. Nesta cena a mulher parece tomar a iniciativa de um encontro amoroso. É ela quem segura e se inclina sobre o homem, que deixa uma mão sobre o sofá, em atitude relaxada. A impressão é de que ela o está seduzindo. Essa idéia corresponde à narrativa, na qual também a personagem principal é quem conduz a ação, enquanto o herói tem uma postura passiva.

A imagem da capa de *A bela e a fera*<sup>147</sup>, da coleção *Momentos Íntimos*, é uma foto de um casal em close, sorrindo. Ele, muito mais alto que ela, a abraça, e está sem camisa. Como aparece um pouco de céu ao fundo e os cabelos dos dois estão agitados pelo vento, pode-se intuir que eles estejam numa praia ou em outro local ao ar livre. Esse fato pode transmitir a idéia de liberdade que condiz com a série. Não há semelhança física entre os modelos da foto e as personagens do livro. Lembramos que

---

<sup>146</sup> Figura 5

<sup>147</sup> Figura 6

o herói tem o rosto desfigurado, e o modelo da capa aparece de perfil. A heroína, de 30 anos, tinha a pele clara, enquanto a moça da foto é morena. Logo, a imagem não conduz à qualquer cena ou imagem desta narrativa especificamente, mas induz a uma atmosfera de romance e intimidade entre os parceiros.

Como exceção à regra, é interessante citar a capa do romance *Segunda Chance*<sup>148</sup>, da coleção Sabrina Cegonha, em que a imagem é a foto de um bebê sorridente. Como o enredo gira em torno do nascimento de um bebê, filha dos protagonistas, essa foto parece natural. O objetivo parece ser diferenciar os romances dessa subcoleção imediatamente aos olhos da leitora, uma vez que esse tema tem público cativo, como afirma a editora, quando diz que havia “leitoras que pediam para avisarmos quando seriam lançadas histórias de noivas ou histórias com bebês. Como o índice era alto, fizemos uma pesquisa e foi mostrado que havia um nicho a ser explorado.” E a leitora T.A.S. confirma, lembrando “Eu tenho uma amiga que gosta de ler histórias que tenham bebês, sempre”<sup>149</sup> e B.M.M.<sup>150</sup> também aponta os romances com bebês como seus preferidos. Nessa pequena amostra, podemos perceber que as ilustrações das séries não fazem necessariamente menção às personagens do livro, no aspecto físico ou mesmo situações do enredo (com exceção da capa de *Segredos do amor*). Entretanto, passam uma imagem de romantismo e/ou envolvimento amoroso entre as personagens, preparando as leitoras para também envolverem-se na leitura. Esse envolvimento se realiza nas palavras da leitora G.F.C, que relaciona as capas dos livros das séries sentimentais com as das revistas de fofocas e televisão, que envolvem pessoas famosas: “Eu mesma, vou muito mais pela capa, pelo desenho e pelo título. Por exemplo, ‘Uma louca paixão’, eu já imagino uma louca paixão. Revista, mesmo, a gente compra às vezes só pela capa, pelo que está acontecendo. Ah, fulano está namorando sicrana. Isso atrai muita gente”<sup>151</sup>.

---

<sup>148</sup> Figura 7

<sup>149</sup> T.A.S., Depoimento 4

<sup>150</sup> B.M.M., Depoimento 9

<sup>151</sup> G.F.C., Depoimento 1.

FIGURA 3 - CAPA DO LIVRO *À MODA ANTIGA!*, DE SUSAN FOX. SÃO PAULO: NOVA CULTURAL, 2000. (SABRINA COLEÇÃO NOIVAS, 109)



FIGURA 4 – CAPA DO LIVRO *SEGREDOS DO AMOR*, DE TERESA SOUTHWICK. SÃO PAULO: NOVA CULTURAL, 2001. (SABRINA COLEÇÃO NOIVAS, 126)

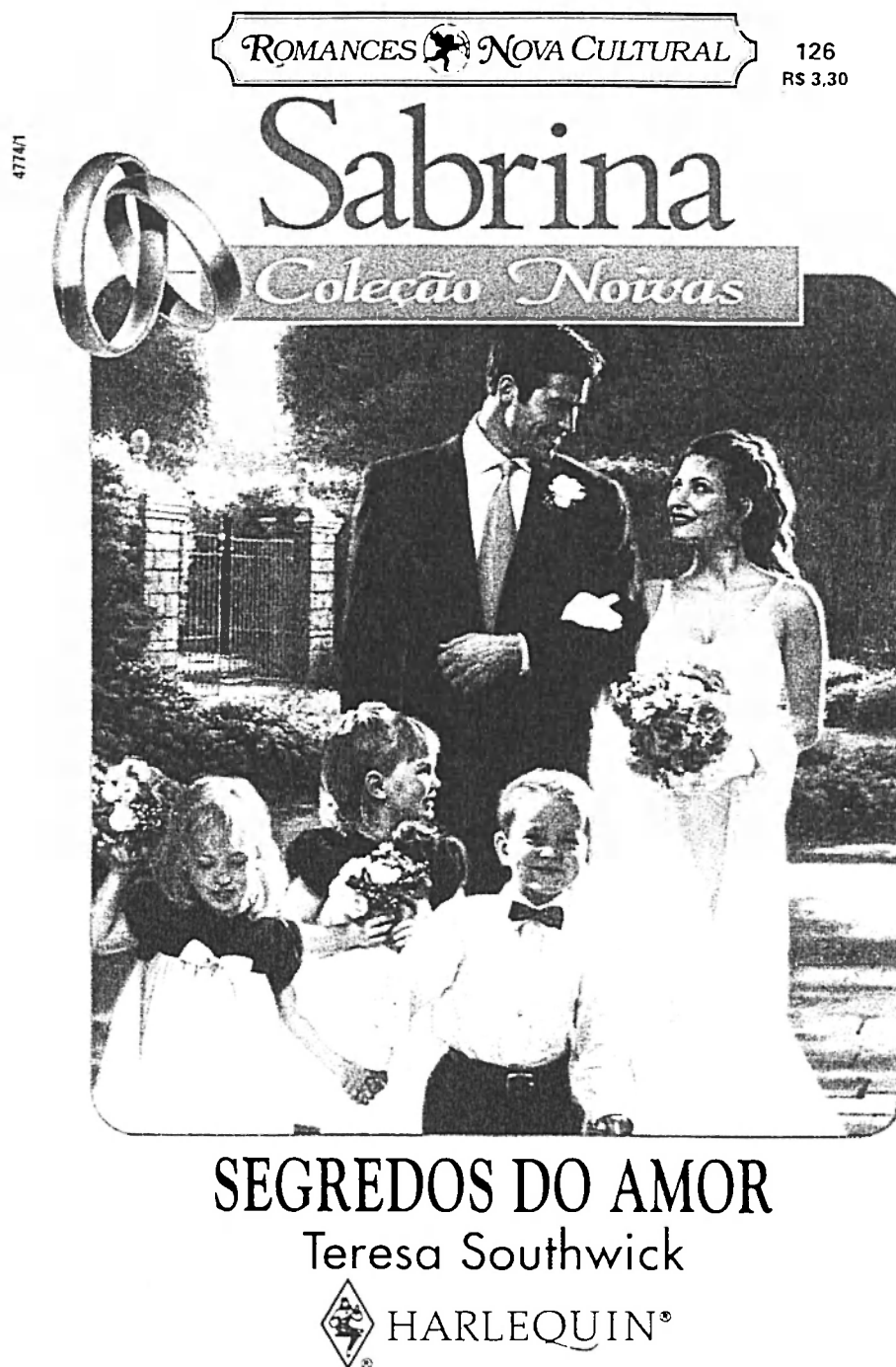


FIGURA 5 - CAPA DO LIVRO *UM HOMEM MAIS VELHO*, DE PHYLLIS HALLDORSON. SÃO PAULO: NOVA CULTURAL, 2001. (JULIA, 1161)



FIGURA 6 - CAPA DO LIVRO *A BELA E A FERA*, DE AMY J. FETZER. SÃO PAULO, NOVA CULTURAL, 2001. (MOMENTOS ÍNTIMOS, 123)

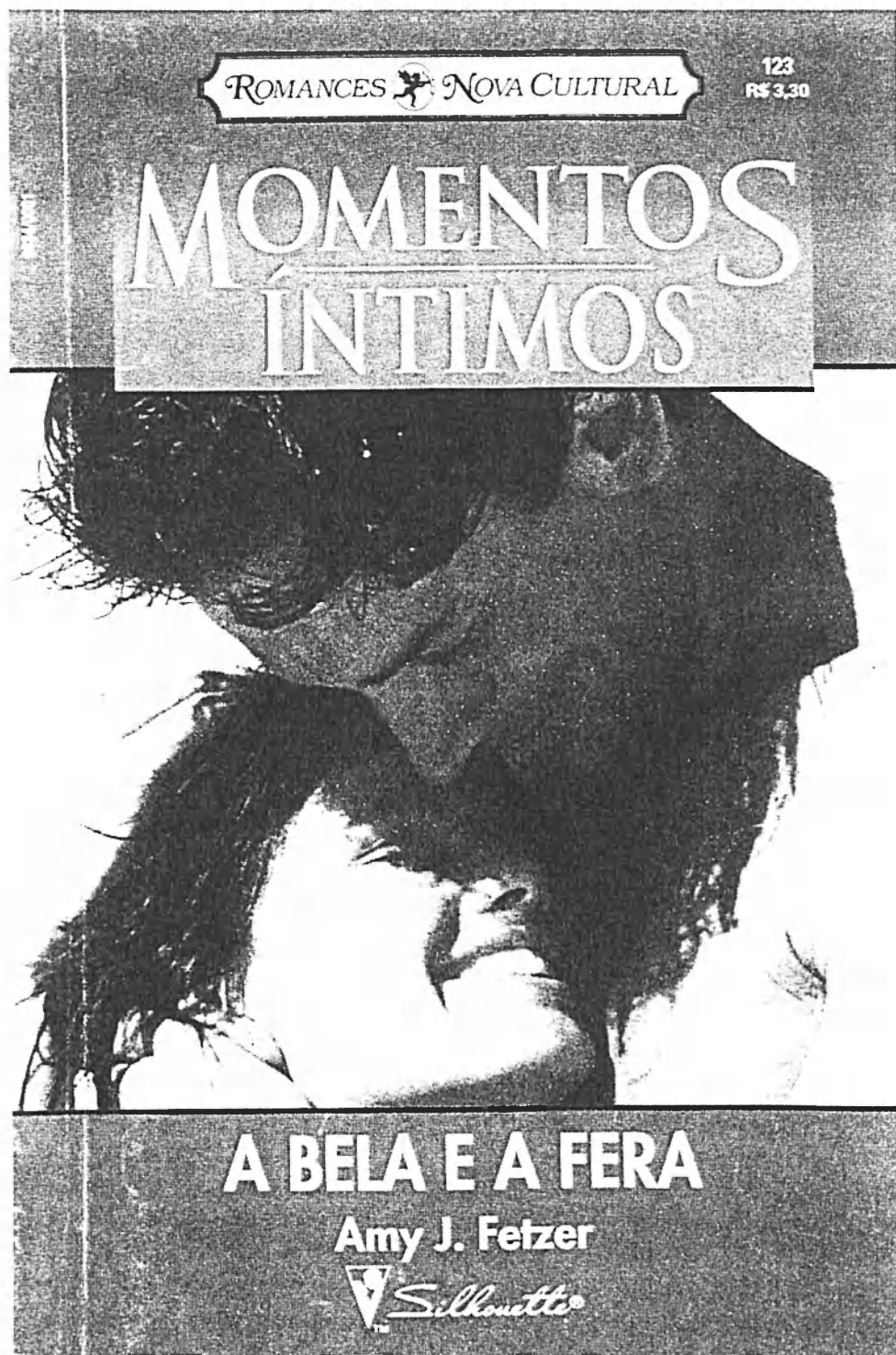


FIGURA 7 - CAPA DO LIVRO *SEGUNDA CHANCE*, DE JUDY CHRISTENBERRY. SÃO PAULO: NOVA CULTURAL, 2001. (SABRINA CEGONHA, 77).

3586

ROMANCES NOVA CULTURAL

77  
RS 4,90

# Sabrina

**...a cegonha chegou!**



**SEGUNDA CHANCE**

Judy Christenberry

HARLEQUIN®

Na quarta capa ou o verso do livro, ficam os textos que as leitoras primeiro procuram na hora da compra: são as sinopses das narrativas do próprio título. Aparece também o endereço do site da Nova Cultural, [www.romances.com.br](http://www.romances.com.br). Os resumos são um chamariz para as leitoras, que podem escolher seus temas preferidos. Há sempre uma frase sugestiva em destaque, seguida de um breve resumo do enredo, mais prometendo do que explicando as situações. Eles convidam a leitora a conferir a história e mostram às vezes pontos de vista do herói e da heroína. Um exemplo, na quarta capa de *A bela e a fera*:

ELA SE APAIXONOU POR UM HOMEM CUJO ROSTO NÃO PODIA VER...

Convocada como aia para servir ao rei, Laura Cambridge foi contratada para trabalhar como babá da filha de Richard Blackthorne. Os rumores sobre aquele homem que vivia em reclusão não assustaram Laura...Sua experiência como vencedora de concursos de beleza ensinara-lhe que o verdadeiro valor de uma pessoa não estava na aparência exterior. Mas o coração de Richard estava tão despedaçado quanto seu rosto...

Para Richard, a linda e doce Laura era uma tentação e uma tortura, e ela não tinha medo dele...Ao contrário, insistia para que ele saísse de seu esconderijo e vivesse uma vida normal. E Richard sabia que estava apaixonado...tanto quanto Laura acreditava estar. Mas o que aconteceria...quando ela visse seu rosto?

Essa sinopse cria o suspense em torno do livro e evoca imagens de uma babá bonita, interessada num patrão atormentado e rico (que se deduz pela palavra “rei”). O relacionamento de ambos vai trazer ascensão social a ela e redenção a ele. Esse resumo é suficiente para que a leitora decida se gosta ou não do tema e faça sua opção de compra.

Outro exemplo, do romance *Segredos do amor*:

ELA DESCOBRIU O SEGREDO PARA CONQUISTÁ-LO:

Storkville, uma pequena cidade dos Estados Unidos, está alvoroçada por causa do casamento do milionário Quentin McCormack. A noiva, Dana Hewitt, uma mulher solteira e atraente, é mãe de trigêmeos. Quentin e ela foram vistos na cidade trocando olhares apaixonados e sorrisos felizes. No entanto, todos estão desconfiados dessa paixão, pois boatos dão conta de que eles só se conhecem há poucos meses!

Quentin é o melhor partido da cidade, e muitas mulheres já tentaram ganhar seu coração...mas ele sempre jurou que jamais se casaria. Então, o que será que Dana fez para conseguir capturar esse homem?



Nesse texto, novamente aparece a figura do milionário, príncipe encantado de plantão dos romances sentimentais. A questão sobre o que Dana fez para “capturar esse homem” é crucial para a resenha, pois é o convite às leitoras para que descubram a resposta, lendo o livro. Uma falha encontrada é anunciar Dana como solteira, quando no romance ela é viúva.

Das leitoras entrevistadas, quase todas alegaram que a sinopse é relevante, senão o fator mais importante na escolha do livro.

Eu leio atrás primeiro, aí se eu gostar eu leio.<sup>152</sup>

Eu sempre leio atrás para comprar ou emprestar.<sup>153</sup>

Eu leio primeiro atrás.<sup>154</sup>

O resumo é tudo. Ali você já tem uma noção se vai ser bom ou não.<sup>155</sup>

Logo, esses textos precisam revelar a emoção e o romantismo que a leitora espera encontrar no livro, estimulando a curiosidade, ao mesmo tempo em que expõe, aspectos gerais da trama.

## 5.1. QUERIDA LEITORA

Ao abrir o livro, a leitora se depara com uma apresentação da editora, habitualmente assinada por Janice Florido, nos romances mais antigos, publicados na década de 80 e 90, ou por Fernanda Cardoso, nos mais recentes, ou ainda, eventualmente, por Patrícia Garcez. Às vezes, o texto comenta o romance. Noutras, dá conselhos ou faz algum comentário ameno sobre as vantagens da leitura de romance.

---

<sup>152</sup> V.N.P.O., Depoimento 7

<sup>153</sup> V.N.P., Depoimento 6

<sup>154</sup> E.A.S., Depoimento 5

<sup>155</sup> M.E.L., Depoimento 8

Estas “cartas à leitora” funcionam como um momento de aproximação entre leitora e editora, isto é, quem produz e quem lê o livro, o contato mais próximo possível, uma vez que a autora do livro não costuma se manifestar na narrativa propriamente dita (lembramos Machado de Assis e suas referências à “gentil leitora” como um contraponto da explicitação do autor). A idéia de buscar uma aproximação das leitoras por meio dessas cartas não é nova e já aparecia nos romances da *Biblioteca das moças*:

Eram obras já explicitamente dirigidas à mulher, “moças” como parecia ser mais refinado chamar. Isso pode ser comprovado, ainda, pela cartinha endereçada à “gentil leitora” que, nas primeiras edições encontra-se ao final dos volumes. Entre outras palavras ao público leitor feminino, a cartinha à leitora incentivava a novas leituras “capazes de satisfazer ao seu gosto e à sua sensibilidade”.<sup>156</sup>

Ao se ver nomeada no texto, a “querida leitora” a quem as cartas nos romances sentimentais de hoje se destinam pode encontrar, ali, um reflexo de suas idéias e a legitimação da leitura. Apesar de se repetirem nos conceitos, as “cartas” são sempre diferentes umas das outras, sugerindo cuidado individual com cada texto.

Nessas apresentações, destacamos algumas que nos pareceram mais emblemáticas dos objetivos das editoras e evidenciam as linhas seguidas para motivar a leitora a ler mais romances das séries:

Cartas que incentivam e justificam a leitura:

Querida leitora,

O que fazer quando o dia está chuvoso, quando não está passando nada de interessante na tevê, quando não encontramos nenhum amigo, quando estamos no ônibus e o trânsito está insuportável? Fácil: ler um romance que levante o astral, que nos distraia, que nos faça sonhar!

Fernanda Cardoso – Editora.<sup>157</sup>

---

<sup>156</sup> CUNHA. op. cit., p. 36.

<sup>157</sup> MCMAHON, Barbara. *Planos do Destino*. São Paulo, Nova Cultural, 2000. p.2 (Sabrina, 1199)

Cartas com conselhos sobre o dia-a-dia da leitora, numa espécie de consultório motivacional básico:

Querida leitora,

Nem todos os dias são alegres não é mesmo? Mas quando você estiver em um dia triste, lembre-se de que haverá o dia seguinte que será muito melhor! Não desanime, pois o desânimo atrai coisas ruins, e se você sempre mantiver o sorriso e a alegria, ficará muito mais fácil vencer os desafios!

Fernanda Cardoso – Editora. <sup>158</sup>

Querida leitora,

Nunca é tarde para sonhar e correr atrás de seus desejos e vontades! Não desanime quando encontrar obstáculos à sua frente. Quanto mais difícil for para você realizar seu sonho, mais valioso ele será! Este romance me deu uma ‘injeção’ de fé e otimismo, e me fez enxergar, ainda mais claramente, que sempre vale a pena lutar pelos nossos objetivos!

Fernanda Cardoso – Editora. <sup>159</sup>

Cartas que comentam os romances, exaltando-lhes a qualidade, e colocando a editora numa posição de cumplicidade com a leitora, assumindo-se também como uma leitora:

Querida leitora,

Karen Van Der Zee é uma das autoras preferidas aqui no Brasil e nos Estados Unidos. Ela sabe como ninguém escrever histórias de amor emocionantes, com tramas elaboradas e envolventes. Escolhemos estas quatro histórias para brindar você com o que há de melhor em romance. Tenho certeza de que você vai adorar!

Janice Florido – Publisher. <sup>160</sup>

---

<sup>158</sup> MACKENZIE, Myrna. *Pretendente perfeito*. São Paulo: Nova Cultural, 2001. p.2 (Bianca, 766)

<sup>159</sup> STEFFEN, Sandra. *Atração fatal*. São Paulo: Nova Cultural, 2001. (Julia Paixões Picantes, 38)

<sup>160</sup> ZEE, Karen Van Der. *Passaporte para a felicidade e outros*. São Paulo: Nova Cultural, 2002.

Querida leitora,

O complemento perfeito para um dia quente de verão são algumas horas de descanso, uma bebida gelada e um bom livro. E nada melhor do que este maravilhoso romance medieval de Ana Seymour, uma autora especialista em romances históricos. Seus livros estão cada vez melhores! Leia e comprove!

Patricia Garcez – Editora. <sup>161</sup>

Às vezes, a seção “Querida leitora” funciona abertamente como publicidade, servindo para fazer as pesquisas de opinião entre as leitoras, por meio das quais a editora consegue conhecer as demandas de leitura:

Querida leitora,

Neste romance de Diana Hall, um cavaleiro bem-sucedido com as mulheres apaixona-se pela noiva que lhe havia sido imposta e faz todo o possível para livrá-la de uma maldição familiar. Nos três próximos meses, estaremos recebendo as impressões de nossas leitoras sobre os Romances Históricos. Teríamos imenso prazer com a sua participação, respondendo às seguintes perguntas: 1) Quais os seus períodos históricos favoritos? 2) Quais os Romances Históricos que você já leu? Envie as respostas para o Departamento de Romances Nova Cultural, Rua Paes Leme, 524, 10º andar, CEP 05424-010, São Paulo-SP. Qualquer que seja o tema de sua leitura favorita, estou certa de que encontrará um entretenimento delicioso na jornada romântica de uma volta ao passado, entre as capas dos romances históricos. Espero encontrá-la deliciando-se também com as histórias da próxima quinzena.

Janice Florido – Editora executiva <sup>162</sup>.

Cria-se com as cartas às leitoras uma nova personagem: a editora. A imagem transmitida é de uma profissional bem-sucedida, executiva de uma grande editora, que ganha a vida como leitora de romances. Ela lê com prazer, seleciona os melhores textos e indica os livros à leitora empírica. Ela também compreende os possíveis motivos que levam a leitora até os livros – recomenda horas de descanso num dia de

---

<sup>161</sup> SEYMOUR, Ana. *O amor não se compra*. São Paulo: Nova Cultural, 2000. (Clássicos Históricos Especial, 107). p.2

<sup>162</sup> HALL, Diana. *O Anjo da Noite*. São Paulo: Nova Cultural, 2000. (Clássicos Históricos Especial, 98). p.2

verão e que a leitora se distraia e sonhe com os romances. Se aproxima como uma amiga e conselheira, de forma íntima, confidencial, com mensagens de incentivo diante das dificuldades do dia-a-dia. Mesmo quando os nomes que assinam esses pequenos editoriais mudam, não é possível notar uma distinção de padrão de escrita ou conteúdo, o que denota mais uma padronização inserida no modelo do produto romance sentimental.

A imagem da amiga que dá conselhos e indica livros é percebida por algumas leitoras entrevistadas para este trabalho. Muito relevante é o comentário de E.A.S.,<sup>163</sup> que apesar de raramente ler os textos da seção “Querida leitora”, se refere a eles com uma intimidade reveladora, ainda mais que em nenhum momento o nome da editora Janice Florido tenha sido mencionado durante a conversa: “O recadinho da Janice eu nunca leio, o que ela escreve para a gente eu nunca leio”, diz a leitora, apesar de pouco antes ter comentado um desses “recadinhos”, que achou interessante. A percepção de que “ela” – “Janice” – escreve para “a gente” – leitoras – cria um vínculo quase pessoal entre editora e leitora, uma aproximação certamente obtida ao longo de anos de publicações e cuidadoso esforço de *marketing*.

Assim, a “mulher-editora” se configura em mais uma personagem do romance, uma imagem feminina centrada na leitura e confecção dos romances, ajudando a compor a rede de sedução que transforma os romances em momentos de lazer das leitoras, ao longo dos anos.

## 5.2. AS ÚLTIMAS PERSONAGENS

As apresentações das autoras são feitas normalmente no final das obras por meio de um texto curto. Julgo que funcionam como personagens recorrentes. Suas biografias, notadamente ficcionais, evocam, de um lado, uma atmosfera cotidiana de harmonia familiar. De outro, a possibilidade de que essas mulheres escritoras têm

---

<sup>163</sup> E.A.S., Depoimento 5

sucesso fazendo o que gostam, sem sair de suas casas ou cidades (normalmente, elas moram em lugares desconhecidos, nunca Nova York ou Londres). A menção a prêmios recebidos reforça a legitimidade da leitura e da escritura. Os prêmios, indicados por associações pouco conhecidas no Brasil (talvez no mundo), podem dar à leitora a sensação de estar lendo obras com apuro técnico, escritas por autoras consagradas e respeitadas internacionalmente.

A autora de *À moda antiga*, Susan Fox, é apresentada à leitora da seguinte maneira:

Susan Fox ganhou dois prêmios Romance Writers of America Golden Heart no início de sua carreira. Sempre foi fã de westerns e cowboys, sempre pensa em heróis românticos usando Stetsons e botas e, em suas palavras ‘espero nunca escrever uma história sem um homem do Oeste’. Os leitores ficarão felizes em saber que ela planeja escrever muitos livros no futuro. Susan vive com o filho mais novo, Patrick, em Des Moines, Iowa.

Não há menção ao estado civil da autora, o que para a leitora pode ser importante. Uma autora divorciada ou viúva pode gerar tanto identificação com as leitoras quanto a sensação de que, mesmo sabendo muito sobre histórias de amor, a escritora não soube trazê-las para dentro de sua vida. No caso dos outros textos, elas são apresentadas como casadas e vivendo em harmonia com seus maridos e filhos.

Na apresentação da autora do livro *Um homem mais velho*, a imagem de felicidade conjugal é ainda mais reforçada:

Phyllis Halldorson encontrou seu verdadeiro Príncipe Encantado aos dezesseis anos. Casou-se com ele no ano seguinte e, assim, constituíram uma família. Sendo uma leitora compulsiva ao longo de muitos anos, Phyllis sonhava com o dia em que poderia escrever suas próprias histórias. Essa oportunidade chegou quando os dois filhos de Phyllis chegaram à adolescência. Ao escrever seu primeiro romance, ela compreendeu que tinha encontrado sua grande vocação, tão longamente negada. Afinal, como poderia não escrever romances, depois de ter conhecido seu verdadeiro herói, tão bem descrito nas obras da Silhouette.

Percebe-se que a escritora passou a escrever já na meia-idade, o que pode trazer para as leitoras dessa faixa etária a sensação de que o sucesso não está restrito à juventude, bem como a realização dos sonhos.

A autora de *Segredos do Amor*, Teresa Southwick, tem talvez a biografia mais romanceada:

Teresa Southwick é uma californiana nativa que se mudou para o Texas recentemente. Casada há 25 anos, tem dois filhos lindos e é cercada por heróis. Ler sempre foi a sua paixão, desde garotinha. Ela não poderia ter ficado mais feliz quando seu sonho de escrever em tempo integral se tornou realidade. Suas coisas favoritas incluem: segurar um bebê, fragrância de jasmim, andar na praia, o barulho da chuva no telhado e, acima de tudo, finais felizes. Teresa também escreve romances históricos.

Ao invés de dados sobre sua profissão, a autora é apresentada quase como uma “miss” de concurso de beleza.

O que se pode concluir é que as próprias autoras são apresentadas como personagens de um mundo ficcional de romancistas felizes, amadas e amantes, bem-sucedidas e reconhecidas profissionalmente. Ou seja, características também encontradas (e/ou desejadas) nas personagens dos romances sentimentais e buscadas pelas leitoras. Por exemplo, a leitora I.G.B.<sup>164</sup> diz que “pra mim é fundamental que elas (as personagens) tenham uma profissão, uma realização pessoal, para poderem viver bem”. O comentário a respeito das personagens pode ser entendido também pelo desejo da própria leitora, uma advogada.

Em muitos aspectos, a impressão que se tem pelas biografias é que as autoras são pessoas comuns, daquelas que podemos ter pela vizinhança. Elas têm suas famílias (unidas e perfeitas), gostam de animais, vivem em pequenas cidades. Ou seja, elas têm uma referência na vida real que gera empatia com as leitoras. Conhecer as autoras por meio das apresentações representa para as leitoras uma aproximação e uma forma mais íntima de contato com o texto. A leitora E.A.S.<sup>165</sup> disse que a apresentação da autora “é interessante, porque geralmente elas começam a escrever por *hobby*, às vezes como um escape, e são pessoas simples, moram com a família, às vezes até em lugares isolados. É uma coisa meio sonhadora...”. Em outro comentário, ela disse acreditar que a apresentação é verdadeira em suas informações, apesar de ser um pouco romanceada. Ela conta um outro fato que, no entender da leitora, reforça a veracidade das

---

<sup>164</sup> I.G.B., Depoimento 3.

<sup>165</sup> E.A.S., Depoimento 5

informações: “na semana passada, eu li uma e a menina (a autora) dava até o endereço para corresponder com ela”. Encontramos uma apresentação que se encaixa nesse padrão, e que reúne quase todos os lugares-comuns das biografias das autoras dos romances sentimentais. É a de Myrna Mackenzie – nas referências bibliográficas identificada como Myrna Topol - do romance *Pretendente perfeito*, da série Bianca:

Myrna Mackenzie, vencedora do Holt Medallion, um prêmio para destacados talentos literários, sempre foi fascinada pela crença de que existe um herói e uma heroína respectivamente dentro de todo homem e toda mulher. Adora escrever sobre pessoas comuns que realizam sonhos extraordinários. Ex-professora, Myrna vive nas redondezas de Chicago com o marido – seu namorado do tempo de escola – e dois filhos. Myrna gosta de tudo que se relaciona ao amor, riso, música, férias nas montanhas, observar as estrelas, tudo o que não esteja ligado ao dia-a-dia frio e impessoal. As leitoras podem escrever para Myrna para PO. Box 225, LaGrange, IL. 60525-0225.<sup>166</sup>

Não há dúvida de que o endereço ao fim da apresentação é um forte componente para dar credibilidade à biografia. Porém, basta observar os outros elementos, a vida idílica relatada, para perceber o aspecto visivelmente ficcional do texto e da personagem que ele apresenta. A leitora B.M.M. diz que a apresentação da autora “não passa bem a realidade, não, mas não deixa de acrescentar alguma coisa. Você acha bonito o fato de uma pessoa morar num lugar como aquele, ter uma família tão perfeita como aquela, com até cachorro”. Essa mesma leitora, demonstrando uma percepção real dos meandros da editora para conquistar seu público, afirma que tanto a biografia da autora quanto os textos de “Querida Leitora” procuram “demonstrar um pouco mais de qualidade da leitura (...) O livro procura passar, como aquelas orelhinhas que têm nos livros que você compra em livraria, livro mais assim, a nota do editor. Então ele tenta passar isso para você, pra você se sentir um pouco melhor”.<sup>167</sup>

Além dessas imagens, as leitoras conseguem distinguir as autoras pelos enredos ou mesmo pelo estilo de narrativa. É o que disse a leitora T.A.S. em sua entrevista para este trabalho. Para ela, que lê cerca de 40 romances sentimentais por

---

<sup>166</sup> MACKENZIE, Myrna. *Pretendente perfeito*. São Paulo: Nova Cultural, 2001. p.112. (Bianca, 766)

<sup>167</sup> B.M.M. Depoimento 9



mês, a autora é um dos itens mais importantes na escolha dos romances sentimentais.

É que tem autoras que são mais conhecidas. A Daniele Steel, Anne Mather, Janet Dailey, têm um monte (de livros). Tem aquela Barbara Cartland, eu não gosto muito dela. Então como eu sei que não gosto das histórias que ela escreve, se eu vejo um livro dela eu nunca pego. Agora, tem da Anne Mather, da Robin Donald, da Daniele Steel, que eu sei que gosto bastante, se eu vejo um livro delas, eu vou e pego, porque sei que são boas escritoras, que as histórias são geralmente legais.<sup>168</sup>

O reconhecimento das escritoras pelas leitoras é grande. Citado por Ecléa Bosi, Gramsci “observa que os leitores de folhetim (aqui diríamos fotonovela) [*e eu diria romances sentimentais*] se apaixonam pelos seus autores com uma sinceridade muito maior e com um interesse muito mais vivo do que nos chamados círculos cultos as pessoas se interessam pelas obras eruditas”.<sup>169</sup> Muitas leitoras entrevistadas para este trabalho, como a citada acima, revelaram ter suas autoras preferidas, reconhecendo um certo estilo de texto e elaboração de enredos. Entre as autoras mais citadas está Anne Mather. Outras, como Daniele Steel e Janet Dailey, aparecem hoje nas listas de autores de *best sellers* românticos, publicados em formato mais sofisticado em relação a capas e papel e vendidos em livrarias. Janet Dailey publicou vários livros nas séries *Sabrina* e *Julia*, nos anos 80. Danielle Steel pode ter seguido o mesmo caminho. Outra hipótese seria a leitora considerar numa mesma categoria ou patamar literário os livros publicados como *best sellers* românticos e os romances das séries da Nova Cultural.

A existência da série *Edição do Colecionador*, que reúne num só livro quatro romances de uma mesma autora, vem atender exatamente à demanda por textos de autoras preferidas das leitoras. Por exemplo, em abril de 2002 foi publicada a edição dedicada à autora Karen Van Der Zee, com quatro romances originalmente publicados no Brasil entre 1983 e 1987. Apesar de não haver uma apresentação da autora no livro, a editora Janice Florido faz uma introdução, citando que “Karen Van Der Zee é uma

---

<sup>168</sup> T.A.S., Depoimento 4

<sup>169</sup> BOSI, Ecléa. *Cultura de massa e cultura popular*. Leituras de operárias. Petrópolis, Vozes,

das autoras preferidas aqui no Brasil e nos Estados Unidos”.<sup>170</sup> Republicando os textos, a Nova Cultural reedita sucessos de uma autora já conhecida das leitoras, com baixo custo, numa espécie de “vale a pena ver de novo” textual, provavelmente bastante lucrativo.

Em alguns casos, o uso de um pseudônimo da autora é explicitado. Por exemplo, no romance *O milionário vai se casar*, a capa indica como autora Kate Little. Na página 4, entretanto, encabeçando os créditos bibliográficos, aparece “Copyright 2001 by Anne Canadeo”.<sup>171</sup> Nem por isso, Kate Little deixa de ser apresentada ao fim do livro como “autora e editora de romances de ficção há mais de 15 anos”. O mesmo acontece no livro *O Anjo da Noite*, em que na capa a autora é Diana Hall e nos créditos vira Diane H. Holloway. O pseudônimo, nesses casos, pode ser encarado do mesmo modo que os usados por atores e atrizes, como um “nome artístico”, mais “comercial” e “vendável”.

Não podemos esquecer que, se nas edições brasileiras o livro passa por uma “linha de produção”, envolvendo editores, tradutores, preparadores de originais, adaptadores, não é demais supor que o mesmo aconteça no contexto original. Será que essas autoras não seriam, em alguns casos, efetivamente personagens ficcionais?

### 5.3. PUBLICIDADE INTERNA

Estimular as vendas do produto é uma preocupação da indústria editorial e no caso dos romances sentimentais, existe ainda a necessidade de manter a leitora cativa. No que diz respeito à publicidade, os romances sentimentais aparecem num patamar abaixo da visibilidade – muitas pessoas ignoram que os romances das séries *Sabrina*,

---

<sup>170</sup> ZEE, Karen Van Der. *Passaporte para a felicidade e outros*. São Paulo: Nova Cultural, 2002. p. 2 (Edição do Colecionador, 22)

<sup>171</sup> LITTLE, Kate. *O milionário vai se casar*. São Paulo: Nova Cultural, 2002. p.4 (Sabrina Noivas, 129)

*Julia* e similares continuam sendo publicados e vendidos nas bancas.

A publicidade desses livros se faz pontualmente em revistas (conforme informação da editora Janice Florido) e *merchandising* em locais de grande fluxo de pessoas (possivelmente grandes centros urbanos, não temos conhecimento de nenhuma ação semelhante em Curitiba). A propaganda boca-a-boca entre as leitoras parece ser um forte elemento divulgador. Além disso, para manter a atração das consumidoras que já são leitoras, os romances sentimentais se valem de publicidade nos próprios livros. Pelo menos quatro páginas no final de cada edição são dedicadas à publicidade das séries da Nova Cultural, destacando *slogans* sobre cada série, sempre em preto e branco. Por exemplo, o anúncio da série *Clássicos Históricos* traz um casal em trajes que lembram o fim do século XIX, a mulher num vestido longo, com luvas e flores nos cabelos, e o homem de fraque, aparentemente num salão de baile, mas sozinhos. A proximidade dos dois sugere um envolvimento amoroso, mas não é compatível com a formalidade esperada na época retratada. Junto vem a frase “Clássicos Históricos são romances de época eletrizantes. Venha reviver essas emoções”.<sup>172</sup> A palavra “reviver” vem do fato de que muitos dos títulos já foram publicados anteriormente pela mesma editora, numa série denominada *Clássicos da Literatura Romântica*<sup>173</sup>. Já para anunciar a série *Sabrina Cegonha*, a página traz a foto de um bebê brincando com um bicho de pelúcia e o texto “Homem + mulher + paixão = bebês”. O anúncio é completado com a ilustração de um ursinho.<sup>174</sup> O anúncio de *Sabrina* traz um casal dançando, com os rostos próximos como se fossem beijar-se, e a frase “Para quem sonha encontrar o homem ideal, aquele que realizará todos os seus desejos”.<sup>175</sup> Numa das propagandas de *Julia*, um casal aparece deitado sobre um leito de flores, quase se beijando. A frase é

---

<sup>172</sup> Figura 8

<sup>173</sup> Observação feita com base em pesquisa em livros usados disponíveis em sebos.

<sup>174</sup> Figura 9

<sup>175</sup> Figura 10

“Embarque em românticas aventuras com Julia. Viva este sonho!”.<sup>176</sup> Aparentemente, os anúncios são uma lembrança da variedade de séries que a leitora tem à sua disposição.

Não é por acaso que a publicidade interna se refere às séries e não a um título específico e que várias séries são anunciadas num mesmo livro. A editora, em vez de um produto individualizado, está divulgando um conceito que se espalha sobre todos os títulos das séries. Todos levam ao “sonho”, “aventura” e “paixão”. Também os custos de produção da publicidade ficam menores, uma vez que o mesmo anúncio é encartado em várias edições de séries diferentes.

Como estão no final dos livros, a hipótese é de que a leitora, encerrando a leitura do título, está aberta ao estímulo para a compra de um novo exemplar. Os anúncios servem de lembrete às leitoras, incentivando a leitura de outros romances das séries.

Os *slogans* são machistas, refletindo a oferta de textos em que os homens representam príncipes encantados, trazendo a solução para todos os problemas das mulheres - leitoras e heroínas -, “o homem ideal”, que realizará “todos os seus desejos”.

A última página é sempre dedicada às informações sobre pedidos de números atrasados e assinaturas.<sup>177</sup> Comercialmente, o livro traz em si seu próprio *marketing*, auto-divulgando os produtos da editora, o que parece impensável na maioria dos livros da chamada literatura erudita. O máximo a que se permitem as outras editoras, de forma geral, é colocar a relação de obras publicadas numa mesma série ou outras obras do mesmo autor.

---

<sup>176</sup> Figura 11

<sup>177</sup> Figura 12

FIGURA 8 - PUBLICIDADE DA SÉRIE *CLÁSSICOS HISTÓRICOS*, ENCARTADA NO LIVRO *SEDUÇÃO NA LUA-DE-MEL*, DE JUDY CHRISTENBERRY. SÃO PAULO: NOVA CULTURAL, 2001. (MOMENTOS ÍNTIMOS, 128)



FIGURA 9 - PUBLICIDADE DA SÉRIE *SABRINA CEGONHA*, ENCARTADA NO LIVRO *SEDUÇÃO NA LUA-DE-MEL*, DE JUDY CHRISTENBERRY. SÃO PAULO: NOVA CULTURAL, 2001. (MOMENTOS ÍNTIMOS, 128)

ROMANCES  NOVA CULTURAL

**Homem** +

**Mulher** +

**Paixão** ROMANÇO

**Bebês**



**Sabrina**  
**Cegonha**

**Romance e emoção todos os meses nas bancas!**

ROMANÇO EDITORIAL NOVA CULTURAL S.A. SÃO PAULO, SP, BRASIL

FIGURA 10 - PUBLICIDADE DA SÉRIE *SABRINA*, ENCARTADA NO LIVRO *SEDUÇÃO NA LUA-DE-MEL*, DE JUDY CHRISTENBERRY. SÃO PAULO: NOVA CULTURAL, 2001. (MOMENTOS ÍNTIMOS, 128)



FIGURA 11 - PUBLICIDADE DA SÉRIE *JULIA*, ENCARTADA NO LIVRO *DESEJO DE VINGANÇA*, DE RENEE ROSZEL. SÃO PAULO: NOVA CULTURAL, 2001. (SABRINA, 1192)





FIGURA 12 – PUBLICIDADE PARA PEDIDO DE NÚMEROS ATRASADOS. ENCARTADO NO LIVRO *DESEJO DE VINGANÇA*, DE RENEE ROSZEL. SÃO PAULO: NOVA CULTURAL, 2001. (SABRINA. 1192). O MESMO ANÚNCIO É ENCARTADO EM TODOS OS LIVROS.

## PEDIDO DE NÚMEROS ATRASADOS

*Não perca nenhum número do seu romance preferido*

Caso você queira adquirir números atrasados das séries Julia, Sabrina, Bianca, Momentos Íntimos, Momentos Íntimos Extra, Clássicos Históricos e Clássicos Históricos Especial, faça sua solicitação à:

### CENTRAL DE ATENDIMENTO:

Rua Butantã nº 500 - 3º andar - Pinheiros  
São Paulo - SP - Cep: 05424-000

Caixa Postal 3342 - Cep: 01060-970

### INFORMAÇÕES / ASSINATURAS:

Fone (011) 3038-1414 / Fone (011) 3038-1418  
E-mail: romances@teletarget.com.br

### NÚMEROS ATRASADOS:

Fone (011) 3038-1438 / Fone (011) 3038-1415

O pagamento poderá ser feito através de cheque nominal ou pelos cartões VISA, CREDICARD, DINERS, SOLLO e AMERICAN EXPRESS, ao preço da última edição em banca, mais despesas de postagem e manuseio. Serão mantidas em estoque as 6 últimas edições.



É assim que, fechando o círculo em torno da leitora, os elementos peritextuais se compõem de forma a estimular a venda daquele título em específico (com as ilustrações de capa, sinopse e cartas à leitora) e de outros títulos das séries (por meio dos anúncios internos, apresentações da autora e informações para a obtenção de números atrasados e assinaturas). Visualmente, o conjunto é agradável e em nenhum momento apelativo ou grotesco. A Nova Cultural tenta passar a idéia de que seu produto é uma boa literatura, e o faz graficamente. O tratamento gráfico dado, com colorido externo em papel brilhante, apesar das páginas internas serem impressas em papel jornal, evidencia o cuidado com que a empresa trabalha seu produto para a manutenção das vendas.

Cada livro funciona como um anúncio de si mesmo e das demais séries, uma “promessa de felicidade e sonho” em formato de bolso, para ser levado ao trabalho, à praia, para a mesa de cabeceira. Os elementos peritextuais seriam como “instruções de uso” para a leitora: começando pela capa, com sua sugestão de romance, o quase beijo do casal criando um suspense quanto à consumação da intimidade física; a carta à leitora convidando para momentos de prazer com textos escritos por autoras “famosas” e “premiadas”; o texto em si, em linguagem acessível e ritmo acelerado; as apresentações das autoras criando personagens reconhecíveis para escolha de novos romances; a publicidade em páginas seguidas de anúncios das séries, convidado ao “embarque em românticas aventuras”;<sup>174</sup> e o resumo da quarta capa, trazendo a expectativa do desenrolar do enredo, fundamental para levar a leitora à compra e leitura do produto.

---

<sup>178</sup> *Slogan da publicidade da série Julia.*

## 6 – COM A PALAVRA, A LEITORA

Ao conversar com as leitoras, minha intenção foi trazer para dentro de um trabalho analítico as percepções da leitura dos romances sentimentais. Reconhecendo as diferenças de estatuto e natureza discursiva das formulações teóricas e dos depoimentos “leigos” em crítica, mas “especializados” nos romances em questão, acredito ser possível extrair sentidos de um e de outro em relação ao objeto examinado. É onde procuro realizar o encontro da crítica com o público, do livro com o leitor, do olhar com o objeto.

Para entender as motivações de leitura e as percepções das leitoras em relação aos romances sentimentais e suas personagens, e em especial que papel essa leitura ocupa nas suas vidas, minha primeira idéia foi elaborar um questionário, com diversos itens que julgava relevantes. Após três entrevistas percebi que o rendimento era maior nas conversas e comentários das leitoras do que nas respostas diretas, que muitas vezes eram contraditórias e dificultavam uma análise clara do que elas queriam dizer, apesar de considerar as entrevistas realizadas válidas para estudo. Além disso, o modelo com muitos itens caberia melhor numa proposta de análise estatística do que na minha busca de imagens subjetivas da leitura. Assim, a partir da quarta entrevista optei por um modelo diferente, sem rigidez, permitindo às leitoras expressarem suas opiniões e fazendo questionamentos sobre suas próprias respostas, abrindo espaço nas entrevistas mais recentes para questões que surgiram ao longo da análise do trabalho. Essas entrevistas estão reproduzidas, na íntegra, no Apêndice deste trabalho.

Estabeleci que dez entrevistas deveriam ser suficientes para colher as idéias das leitoras atuais sobre os livros. Também decidi reproduzi-las, pois acredito que há nelas elementos que podem ser ainda explorados em novas pesquisas. Os depoimentos foram todos gravados, feitos pessoalmente ou por telefone, com leitoras de Curitiba, Londrina-PR e Astorga-PR, entre novembro de 2001 e junho de 2002. O contato feito com as leitoras do interior se deu através da publicação, no jornal *Folha de Londrina* do dia 5 de fevereiro de 2002, no Caderno Folha 2, de uma reportagem sobre a criação

de um “Clube de Leitoras de Romance”, para promover encontros regulares em que as associadas pudessem trocar, emprestar romances sentimentais e se conhecerem. Apesar da iniciativa ter dado pouco resultado prático, por razões que não cabe aqui detalhar, foi possível através do Clube entrar em contato com várias leitoras.<sup>179</sup> O perfil das entrevistadas é o seguinte:

TABELA 1 – PERFIL DAS LEITORAS ENTREVISTADAS

Depoim.	Iniciais	Idade	Profissão	Estado Civil	Escolaridade
1	G.F.C.	36	Atendente de confeitaria	Casada	2º grau completo
2	A.C.R.	21	Desempregada	Solteira	2º grau completo
3	I.G.B.	58	Perita criminal	Separada	Superior completo
4	T.A.S.	24	Secretária	Solteira	2º grau completo
5	E.A.S.	36	Auxiliar de cozinha	Solteira	2º grau completo
6	V.N.P.	35	Auxiliar de costura	Solteira	1º grau completo
7	V.N.P. O.	32	Auxiliar de enfermagem	Divorciada	2º grau completo
8	M.E.L.	36	Secretária	Casada	2º grau completo
9	B.M.M.	40	Bancária	Casada	Superior
10	R.R.	16	Balconista	Solteira	1º grau incompleto

---

<sup>179</sup> A iniciativa da criação de um clube revela o grau de vitalidade do grupo de leitoras. A tentativa de mobilização demonstra a busca da construção de práticas de relação social em torno das leituras dos romances sentimentais. Segundo a “presidente” do Clube, muitas leitoras telefonaram pedindo informações, em sua maioria de pequenas cidades ao redor de Londrina. Esse fato também pode revelar a força dos romances sentimentais nesse locais do interior, em sua maioria desprovidos de opções de lazer como bares, restaurantes e cinemas.

No eco desses depoimentos estão as entrevistas feitas pelo pesquisador Paulo Sérgio Silva e por José Genésio Fernandes<sup>180</sup>, também muito úteis para a percepção da forma de relacionamento e uso que as leitoras fazem dos textos sentimentais. Interessante foi constatar que, enquanto Paulo Sérgio Silva disse que “é muito comum encontrarmos mulheres lendo esses romances pela cidade, no metrô, na fila dos bancos, nos ônibus”<sup>181</sup>, na cidade de São Paulo, há cerca de dez anos, hoje em Curitiba é bem mais difícil encontrar uma mulher com um livro de uma das séries na mão. A situação se aproxima muito mais da apontada por José Genésio Fernandes, em que as leitoras

Embora gostem de novelas, filmes e romances sentimentais, mantêm o hábito inconfesso e se portam como os leitores de um Maugham fora de moda, descritos por Frederico Branco (1982:14): “Retiram furtivamente os volumes das prateleiras, quase como quem se arrisca a comprar cocaína de um fornecedor fortuito. Feita a aquisição, partem com seu Maugham cuidadosamente embrulhado em papel opaco, sorrateiramente, olhando de soslaio, temendo serem pilhados em flagrante de concessão à vulgaridade por amigos ou inimigos”<sup>182</sup>.

As leitoras, de forma geral, não exibem suas leituras, apesar de defenderem-nas. Está implícita em suas falas, ou em certas ocasiões, explícita, uma condenação do hábito de leitura. “Na hora que eu falei que era esses romances, ficaram tirando sarro. Falaram pra mim não ficar lendo essas coisas”, disse V.N.P.O.<sup>183</sup> Eu mesma, ao comprar os livros para a elaboração do trabalho, mesmo sem querer, não deixava de olhar para os lados e ver se havia algum conhecido, alguém que iria me olhar como uma “leitora de Sabrina”, eu, uma mestranda...

---

<sup>180</sup> Respectivamente nas pesquisas já citadas “*Leitoras indiscretas procuram as bancas*” e “*Leitoras de Sabrina: usuárias ou consumidoras?* (Um estudo da prática leitora de romances sentimentais de massa”.

<sup>181</sup> SILVA. op. cit. p. 154

<sup>182</sup> FERNANDES, José Genésio. *Leitoras de Sabrina: usuárias ou consumidoras?* (Um estudo da prática leitora de romances sentimentais de massa). p. 12

<sup>183</sup> V.N.P.O., Depoimento 7

Esse sentimento foi detectado por Fernandes em muitos dos depoimentos colhidos por ele.

A maioria das leitoras de Sabrina vive o estado de alma da vergonha decorrente do estado de conjunção com uma prática de leitura historicamente condenada e mantida sob desconfiança e menosprezo por professores, pastores, pais e maridos. A maioria não confessa explicitamente ter esse sentimento, mas deixa claro que as outras leitoras, amigas e conhecidas, convivem constantemente com esse incômodo estado de alma – o que é natural, pois da própria vergonha não se fala.<sup>184</sup>

Também Shusterman, de uma forma mais geral, abordando as obras de cultura de massa, que ele chama de arte popular, diz que “somos levados a desprezar as coisas que nos dão prazer e a sentir vergonha desse prazer”.<sup>185</sup> E acrescenta:

Enquanto as críticas conservadoras e marxistas lamentam permanentemente a fragmentação contemporânea da sociedade e dos indivíduos (acusando as forças da modernização, industrialização, laicização ou do capitalismo), a linha rígida de legitimação que estabelecem entre artes maiores e arte popular não só retoma como reforça essas mesmas divisões lamentáveis da sociedade, e de maneira ainda mais profunda em nós mesmos. Além disso, a crítica contra a legitimidade da arte popular, conduzida em nome da proteção de nossa satisfação estética, representa um modo de renúncia ascética, uma das várias formas utilizadas pelos intelectuais desde Platão para subordinar o poder desgovernado e a invocação sensorial da estética.<sup>186</sup>

Há, porém, leitoras como I.G.B., que exhibe sem temor os seus romances: “Todos os meus amigos sabem, e às vezes eu digo: pode me dar de presente.(...) Não sou criança, sou formada e amo ler isso aí como se fosse uma gurria nova”.<sup>187</sup> Nessa atitude precisa ser levado em consideração que I.G.B., 58 anos, é a mais velha das leitoras entrevistadas; seria, portanto, a mais madura. Também tem uma carreira sólida, enfim, é o que podemos chamar de uma mulher independente economicamente. Cercada desses fatores e respaldada pelo diploma universitário, ela se investe de autoridade para assumir o gosto pela leitura, sem se importar se essa afirmação poderá

---

<sup>184</sup> FERNANDES, op.cit., p. 281

<sup>185</sup> SHUSTERMAN, op. cit., p.100

<sup>186</sup> Ibid. p.101

<sup>187</sup> I.G.B., Depoimento 3

agregar alguma impressão negativa à sua imagem perante os amigos e/ou colegas de trabalho. Isso pode não acontecer com outras leitoras desfavorecidas por profissões menos valorizadas socialmente, grau de escolaridade menor e um certo estigma pela vida no interior do país, onde há menos oportunidades de carreira, lazer e ascensão social.

A leitora B.M.M., também com curso superior, afirma não ter vergonha da leitura, que lê na praia, onde estiver, mas que se lhe perguntassem qual seria seu “livro de cabeceira”, “é claro” que não responderia “uma Sabrina”.<sup>188</sup> De forma geral, a voz das leitoras é uma voz envergonhada, que busca nas entrelinhas a afirmação. Convivendo com o estigma da escolha da leitura à margem do cânone, as leitoras procuram justificar o gosto pelos romances sentimentais, apontando neles valores que consideram importantes:

É uma forma de cultura, mesmo.<sup>189</sup>

Acho que você aprende bastante lendo” (...) “Tem palavras que você não sabe, procura no dicionário, você aprende palavras novas. Acho que tudo que você lê é cultura, é aprendizado.<sup>190</sup>

Eu digo, não deixa de ser uma cultura, igual às outras. A leitura, independente do que ela é, ela é cultura. Você vê palavras diferentes, que você nunca ouviu falar, que você corre atrás para saber o que é.<sup>191</sup>

Lembrando os bancos escolares, aprender novas palavras é apontado como fator de aquisição de conhecimento ou, na definição delas, “da cultura”.<sup>192</sup> A valorização da leitura, em si, também é recorrente, de forma que ao lerem, as leitoras

---

<sup>188</sup> B.M.M., Depoimento 9

<sup>189</sup> E.A.S., Depoimento 5

<sup>190</sup> V.N.P.O., Depoimento 7

<sup>191</sup> M.E.L., Depoimento 8

<sup>192</sup> Termo usado no sentido destacado por Waldenyr Caldas: “O uso popular do termo cultura está muito mais ligado à concepção de erudição, no campo das letras, ou de virtuosismo, no âmbito das artes”, em *A Literatura da Cultura de Massa*. p.19

se sentem ingressando num campo restrito e privilegiado, onde poderão, na concepção delas, aprender sobre povos e lugares que possivelmente nunca chegarão a conhecer pessoalmente.

Como ele descrevem a parte histórica e geográfica da historinha é interessantíssimo.<sup>193</sup>

Por mostrar hábitos diferentes dos atuais. Tem tantos detalhes que dá para imaginar como era antigamente.<sup>194</sup>

Ficar conhecendo lugares que a gente tem certeza que nunca vai poder ir. Às vezes, descreve tanto o lugar que dá a impressão que a gente está lá naquele lugar, conhecendo.<sup>195</sup>

Há quem duvide da veracidade das informações, ainda assim consideradas interessantes.

Ele fala que é na Itália. Você calcula na Itália, mas será que existe? Porque eles fantasiam tanto, a ilha, ao redor aquele mar lindo e maravilhoso, aqueles não sei o que, coqueirais, as flores, e você fica imaginando, será que é possível juntar tudo isso num lugar só? Ou é uma pura fantasia? Você fica com curiosidade de saber, dá vontade de conhecer, se existir.<sup>196</sup>

Além de afirmação, para si mesmas, de que ao ler os romances sentimentais estão adquirindo conhecimento, as leitoras sentem necessidade de mostrar aos outros essa aquisição, esse “benefício oculto” dos romances.

Às vezes passa alguma coisa na televisão, alguma coisa de conhecimento, às vezes eu até sei. Minha filha pergunta: nossa, mãe, como você sabe? E eu: ah, na Sabrina que eu estou lendo.<sup>197</sup>

Teve uma vez também que nós estávamos assistindo o Show do Milhão e teve uma pergunta: o que era jade. Se era uma flor, se era mineral, daí perguntaram lá o que era. Eu e minha irmã falamos que era um mineral. E o rapaz que estava junto com a gente falou que era uma flor. Daí quando saiu a resposta, ele perguntou como que a gente sabia. E as duas responderam do mesmo jeito: lendo Sabrina, que a gente aprendeu o que era jade.<sup>198</sup>

---

<sup>193</sup> I.G.B., Depoimento 3

<sup>194</sup> T.A.S., Depoimento 4

<sup>195</sup> E.A.S., Depoimento 5

<sup>196</sup> M.E.L., Depoimento 8

<sup>197</sup> E.A.S., Depoimento 5

<sup>198</sup> V.N.P.O., Depoimento 7



Fernandes também destacou os valores que as leitoras apontam nos romances:

No texto dos depoimentos e das cartas, os sujeitos leitoras realçam como valores positivos dos romances lidos; a) a “poeticidade” com que as autoras escrevem os romances, principalmente as descrições sumárias distribuídas no texto; b) a participação da mulher no mercado de trabalho e sua independência econômica; c) o conhecimento geográfico, histórico, cultural e artístico, na forma de uma cultura comum; d) a sensualidade das cenas românticas; d) a beleza física.<sup>199</sup>

De forma geral, as leitoras que deram depoimento para este trabalho ressaltaram os mesmos itens, o que faz deduzir que existe uma percepção comum dos romances entre as leitoras. Elas falam dos “condes lindos”<sup>200</sup>, que o sexo é abordado de forma “nada chocante, nem vulgar” e “tem um pouco mais de romantismo”<sup>201</sup>; as mulheres nos romances atuais são “mais independentes e senhoras de si”.<sup>202</sup>

Às vezes, as leitoras se referem aos romances sentimentais com um certo desprezo, talvez para expressar a consciência do papel que essa literatura ocupa em relação à crítica: elas dizem “romancezinho”, “historinha”, “livrinho”, “revistinha” como José Paulo Paes escreveu “historietas”, diferenciando os romances sentimentais dos verdadeiros “romances” e “livros” da chamada literatura culta. Em todo caso, há também no diminutivo das leitoras um tom íntimo, que dá conta da proximidade que elas têm com o objeto, da cumplicidade implícita na relação romance/leitora, uma relação de afeto.

## 6.1. A PERCEPÇÃO DAS IMAGENS FEMININAS

Os textos dos romances sentimentais das séries Sabrina e similares estão recheados de estereótipos e idéias paternalistas, como foi demonstrado na análise das

---

<sup>199</sup> FERNANDES, p. 261

<sup>200</sup> G.F.C. , Depoimento 1

<sup>201</sup> B.M.M., Depoimento 9

<sup>202</sup> T.A.S., Depoimento 4

imagens femininas. Isso não parece incomodar as leitoras, que encaram o fato ou sem tomar conhecimento dele ou com naturalidade. Se percebem esse caráter, é fato que não atrapalha a leitura e por vezes esse aspecto é encarado como um reflexo da própria realidade, portanto pertinente, no entender delas.

Ali é um mundo machista. Apesar de ter algumas histórias, talvez 40% das histórias a mulher é pobre e o homem é rico; e o restante os outros 40% (sic) a mulher é rica e o homem é pobre. Mas apesar de elas serem ricas, o machismo prevalece. Ou então, talvez uma figura um pouco paterna no homem. No fundo, no fundo, acho que é o que a gente busca, apesar de tudo, porque o mundo da gente eu ainda vejo muito machista. Eu vejo que a gente quer proteção, a gente quer segurança. Eu estava lendo na revista VIP deste mês agora, diz que a mulher quer alguém para pagar as contas e para dar carinho. Então, no fundo, retrata isso, aquilo que a gente sempre está buscando.<sup>203</sup>

A afirmação, de causar comoção entre as feministas, não deixa de refletir aspectos correntes da mentalidade brasileira. A revista VIP, a que a leitora se refere, tem como público-alvo os homens, que possivelmente enxergam uma verdade irônica nas definições do que uma mulher “quer” de um homem. Entretanto, olhando à volta na sociedade brasileira, nas novelas de televisão, nas revistas femininas, nas conversas em família, essa mesma idéia de que um bom casamento envolve encontrar um parceiro(a) que tenha boa situação financeira, de que o homem ainda tem a função de proteger e dar segurança à mulher, não é rara. Portanto, a percepção da leitora de que o romance sentimental reflete o que acontece na realidade até certo ponto é verdadeira. O romance sentimental, como produto da literatura de massa, não tem pretensão de trazer às leitoras o questionamento do papel feminino na sociedade. Ao contrário, reforça-o, buscando com isso a aprovação do público. Enquanto faz isso, em algumas situações expõe questões como a violência contra a mulher e indica a necessidade de denunciar agressões, como no romance *À moda antiga*. Também tem personagens que são seguras e liberadas sexualmente, como a Laura de *A bela e a fera*.

As leitoras deram muitas opiniões sobre as personagens femininas. Entre elas:

---

<sup>203</sup> B.M.M., Depoimento 9

As mulheres são mais liberais nos livros do que na vida real.<sup>204</sup>

O bom é que são liberais, como as mulheres de hoje em dia. Elas não precisam ter um relacionamento afetivo para ter um relacionamento sexual. Metade delas é assim e a outra metade é retraída.<sup>205</sup>

São sempre mulheres independentes, têm um certo grau de estudo, trabalham.<sup>206</sup>

Contrastando com essas posições, as leitoras também apontaram a submissão de muitas personagens:

São pobres, sempre são submissas. Dizem que não, mas sempre acabam fazendo o que os homens querem.<sup>207</sup>

Chegam a ser ingênuas.<sup>208</sup>

A maioria delas, apesar de brigar muito pela autenticidade delas, mostrar algumas que trabalham fora, a maioria delas é submissa.<sup>209</sup>

Na verdade, esse aparente conflito entre as imagens representadas reflete a variedade de personagens que circulam nos romances sentimentais.

Obviamente, a mídia não transmite uma única imagem de mulher, mas um complexo e simultâneo conjunto de imagens contraditórias: virgens e garotas *sexies*, profissionais e donas-de-casa, esposas subordinadas aos maridos e divorciadas emancipadas. Todas essas imagens são capazes de se tornar paradigmas da feminilidade, segundo Tania Modleski – ‘A cultura de massa não apenas contém contradições, ela funciona de forma altamente contraditória: embora pareça ser meramente escapista, tal arte simultaneamente muda e reafirma valores tradicionais, comportamentos e atitudes’.<sup>210</sup>

---

<sup>204</sup> G.F.C., Depoimento 1

<sup>205</sup> T.A.S., Depoimento 4

<sup>206</sup> E.A.S., Depoimento 5

<sup>207</sup> V.N.P., Depoimento 6

<sup>208</sup> M.E.L., Depoimento 8

<sup>209</sup> B.M.M., Depoimento 9

<sup>210</sup> COSTA, Cristiane. *Eu compro essa mulher*. p. 101

Essa ambivalência nos romances sentimentais é uma das características próprias dessa literatura de massa, que tenta agradar a todos, colocando uma pitada ou outra de modernidade para dar um novo aspecto ao que é antigo, mas que já provou ser vendável. Sem querer ousar, são incluídos nos livros um ou outro tema contemporâneo, como exames de DNA e sexo antes do casamento, mas só depois que esses fatos já se tornaram corriqueiros na sociedade em que vivem as leitoras.

O fato de, independentes ou submissas, todas as personagens femininas necessitarem de um companheiro para que suas vidas sejam completas, com o casamento sempre representando o final feliz que as leitoras fazem questão de ler, está dentro do contexto da ficção proposta pela forma narrativa, como a abóbora transformar-se em carruagem, em Cinderela. As leitoras muitas vezes tomam conhecimento da repetição dos estereótipos nos romances sentimentais. Acontece que, para elas, esse fato não tem importância, diante dos benefícios – de lazer, sonho, conhecimento – que acreditam estar recebendo através do livro.

É claro que a condução das tramas é feita para adequar o comportamento das heroínas a um padrão moral vigente e aceitável do ponto de vista da leitora. Por exemplo, nos vários textos já citados em que a heroína pobre se casa com o herói rico, subindo na escala social e resolvendo seus problemas financeiros. As leitoras podem assim projetar nessa fantasia a solução para seus próprios problemas, mas isso não seria possível se vissem na heroína uma “alpinista social”, uma mulher interessada mais no dinheiro do que no herói, como é o caso das anti-heroínas. E como impedir essa associação? Como pudemos ver na análise das heroínas, elas dão pouca importância a dinheiro, o fato dos heróis serem ricos ou mesmo milionários mais as “intimida” em relação a eles do que aproxima. Muitas vezes, há uma relação inicial de conflito ou ódio entre eles, uma antipatia da heroína pelo herói que também ajuda a dispersar a dúvida do interesse mercenário. Essa postura não é ocasional e nem por acaso:

While the novels are always about a poor girl finally marrying a rich man, preferably of the nobility, they must be careful to show that the girl never set out to get him and his goods.

This is of course a simple reflection of the double bind imposed upon women in real life: their most important achievement is supposed to be finding a husband; their greatest fault is attempting to do so. (...) The woman's determination to hate the hero at once absolves her mercenary motives and becomes the very means by which she obtains the hero's love and, consequently, his fortune.<sup>211</sup>

Para a leitora G.F.C., o romance do herói rico com a heroína pobre representa uma conquista: “Às vezes as meninas pobres vão para uma casa daqueles condes, aqueles homens lindos, maravilhosos. Elas batalham, conquistam até o último, até conseguir. É uma vitória”.<sup>212</sup> Por essa observação, a leitora dá a entender que percebe um movimento consciente da heroína para conquistar o herói, uma “batalha”, ainda que esta seja encoberta nas narrativas. Nesse ponto, a leitora brasileira parece refletir a idéia apontada por Tania Modleski: “A great deal of our satisfaction in reading these novels comes, I am convinced, from the elements of a revenge fantasy, from our conviction that the woman is bringing the man to his knees and that all the while he is being so hateful, he is internally grovelling, grovelling, grovelling...”<sup>213</sup>

Ter um homem aos seus pés, que “vive pra você”, como diz a leitora M.E.L., é uma das mais fortes fantasias propostas pelos romances sentimentais. Enquanto as personagens femininas se submetem aos desígnios do herói, que na maioria das vezes conduz a trama, este também sempre descobre na heroína uma mulher diferente das outras, única, e se rende a ela. Essa rendição recíproca, no final feliz dos romances, é que se apresenta como a imagem mais marcante para as leitoras.

Na aceitação e mesmo aprovação de situações em que a mulher é inferiorizada, manipulada, ocupando posições subalternas, as leitoras se aproximam simbolicamente do que Adorno chama de “audição regressiva”: “os consumidores em geral precisam e exigem exatamente aquilo que lhes é imposto insistentemente. O sentimento de impotência, que furtivamente toma conta deles em face da produção

---

<sup>211</sup> MODLESKI, Tania. *Loving with a vengeance*. p. 48-49.

<sup>212</sup> G.F.C., Depoimento I

<sup>213</sup> MODLESKI, op. cit., p. 45

monopolista, domina-os enquanto se identificam com o produto do qual não conseguem subtrair-se”.<sup>214</sup> O comportamento das leitoras pode ser entendido, como sugere Adorno em relação à ideologia da indústria cultural, como sendo uma situação em que “o conformismo substitui a consciência; jamais a ordem por ela transmitida é confrontada com o que ela pretende ser ou com os reais interesses dos homens. (...) Pretendendo ser o guia dos perplexos, e apresentando-lhes de maneira enganadora os conflitos que eles devem confundir com os seus, a indústria cultural só na aparência os resolve, pois não lhe seria possível resolvê-los em suas próprias vidas”.<sup>215</sup> Essa é uma visão possível da postura que as leitoras têm, mas não a única. Ainda que timidamente, há leitoras que procuram transformar sua realidade, inspiradas pela leitura dos romances sentimentais. Esse é um ponto que será visto a seguir.

## 6.2. LAZER E PRAZER NO GOSTO DA LEITURA

O hábito de ler, para a maior parte das leitoras entrevistadas, não se resume aos romances sentimentais. Muitas lêem também *best sellers* e revistas de variedades (Veja, Superinteressante, Claudia foram algumas citadas). Bíblia, livros de auto-ajuda, romances de Paulo Coelho e Jorge Amado também foram mencionados. Apesar disso, os romances da Nova Cultural ocupam lugar central no rol de leituras dessas leitoras. Os motivos possíveis para essa escolha passam necessariamente pela facilidade da linguagem adotada nos romances – as palavras “difíceis” que apenas pontuam o texto e levam as leitoras a procurarem o dicionário funcionam mais como uma tentativa de dar um status “literário” ou “erudito” aos romances – e nisso alcançam o objetivo, como já foi demonstrado.

---

<sup>214</sup> ADORNO, Theodor W. *O fetichismo na música e a regressão da audição*. In. *Adorno. Textos Escolhidos*. São Paulo: Nova Cultural, 1999. p. 91.

<sup>215</sup> ADORNO, Theodor. *A indústria cultural*. p. 97-98.

Uma questão que poderia ser aqui levantada é: se de forma geral gostam de ler, porque essas mulheres, com idades entre 16 e 58 anos, preferem ler os romances sentimentais a outros tipos de leitura?

O preço relativamente acessível poderia ser considerado um fator importante. A leitora V.N.P. disse que o preço influencia muito: “quando está caro não compro”<sup>216</sup>, e B.M.M. disse que “vale mais a pena comprar os que têm duas histórias”.<sup>217</sup> De forma geral, porém, parece que o preço não é primordial na opção delas pelos romances. Nenhuma afirmou preferir romances sentimentais por serem mais baratos em relação a outros livros. E muitas leitoras não gastam com essa leitura – os livros são trocados entre amigas ou no sebo, ao câmbio de dois por um. Quando comprados usados, os livros também costumam custar de metade a 1/3 do preço dos exemplares novos. Outras acham que o custo vale a pena. “Quando eu estou com vontade de ler, eu não me importo de ir lá na banca e comprar. Muitas vezes falam: você é louca de comprar e pagar tanto, mas eu não ligo. Eu gosto muito de ler”.<sup>218</sup>

A facilidade de acesso é um ponto inquestionável. Os livros estão na maioria das bancas, e as bancas em quase todo o Brasil. Esses fatores, entretanto, não podem ser considerados, também, como ponto principal da escolha das leitoras. Não é de hoje que a maioria dos clássicos de grandes autores, de Machado de Assis a Flaubert, são impressos em edições a preços bastante acessíveis e disponíveis nas bancas.

As leitoras apontam como um fator interessante a pouca atenção que a leitura desses textos necessita.

Como não é uma literatura, não é um livro assim, cheio de detalhes intrincados, igual é uma literatura um pouco mais elaborada, que a gente pode dizer que se você não prestar atenção você vai se perder (...) é uma literatura que se a gente largar no meio de um capítulo e não der mais pra ler hoje, a gente pega amanhã, lê dois, três parágrafos antes e vai continuar e não vai perder nada (...) é uma leitura descompromissada. (...) A Bianca dá oportunidade de

---

<sup>216</sup> V.N. P., Depoimento 6

<sup>217</sup> B.M.M., Depoimento 9

<sup>218</sup> E.A S., Depoimento 5

a gente ter acesso a uma leitura, ao invés de ficar o tempo inteiro na frente da televisão e você dar andamento na sua casa, na sua família. <sup>219</sup>

O pesquisador Paulo Sérgio Silva diz sobre suas entrevistadas: “As leitoras geralmente costumam afirmar que os romances são fáceis de ler, que são um entretenimento relaxante”. <sup>220</sup>

Nessa opção pelo que pede pouca atenção aparece a questão da cobrança do desempenho da mulher nos diversos papéis de mãe, profissional, dona-de-casa, esposa e não raramente, provedora do sustento da família. É fato comum as leitoras se queixarem da falta de tempo para ler – o que poderia ser entendido por falta de tempo para si mesmas:

Eu sempre gostei de ler (...) Uma das grandes dificuldades depois que eu tive as crianças, foi justamente a constância, de eu poder ler um livro, de uma coisa um pouco mais elaborada, não pode ser duas, três páginas num final de semana e só pegar no outro final de semana. <sup>221</sup>

Não é desconhecido o fato de que as mulheres na sociedade contemporânea são instadas a acumular papéis. Existe a cobrança de um comportamento padrão, aceitável socialmente, em que todas devem desempenhar esses papéis como características próprias do ser feminino e não regras culturalmente criadas. Há vozes – como as das críticas feministas – que tentam levantar essas questões, apontando o paternalismo e o machismo encobertos nas revistas femininas, nas novelas de televisão, nas atitudes cotidianas. Os romances sentimentais, entretanto, reforçam essas diferenças e esse paternalismo, contornando os conflitos como se o envolvimento romântico, o amor, pudesse por fim a eles. Essa possibilidade de atenuação dos conflitos, a aceitação dos papéis que a sociedade impõe como sendo benéficos e prazerosos pode estar no cerne da atração feminina pelos romances sentimentais.

Sem força, capacidade e/ou vontade de lutar contra os papéis que a sociedade

---

<sup>219</sup> B.M.M., Depoimento 9

<sup>220</sup> SILVA, Paulo Sérgio. *Leitoras indiscretas visitam as bancas*. P. 155

<sup>221</sup> B.M.M., Depoimento 9



lhes impõe, as leitoras os aceitam e administram, usando os romances como caminho de fuga para um “lugar” onde todos os problemas são resolvidos e têm sempre um final feliz. Essa promessa de solução, sempre cumprida e contenta nos romances, não é encontrada nos livros da chamada “literatura culta”.

Ao se referirem a outras literaturas, apesar de apontar os textos dos romances sentimentais como menos valorizados em relação a aspectos da literatura culta, há leitoras que demonstram certo desprezo pelos outros livros, como M.E.L.: “Já li muito aqueles romancinhos água-com-açúcar da Agatha Christie. Não posso nem ouvir falar naquela mulher mais”.<sup>222</sup>

E no contraponto, como a leitura de obrigação, sem prazer, aparecem os romances cuja leitura é exigida na escola.

Já tinha lido Jorge Amado, já tinha feito as lições da casa com Machado de Assis...<sup>223</sup>

Tem aqueles de escola, que eu nem lembro mais o nome, mas eles não têm uma fantasia. (..) aqueles livros da escola, de Machado de Assis, aqueles “indinhos”, aquelas coisas... não me identifico com escritor brasileiro, não consigo.<sup>224</sup>

É de se considerar o que leva as leitoras a enxergarem os livros que são considerados pelos críticos em geral os melhores da literatura brasileira e, portanto, cuja leitura deveria constar no repertório de todos os brasileiros, como uma leitura tão enfadonha, uma mera “lição de casa”.

A falta de identificação com a literatura brasileira pode ser reveladora de uma recusa ao imaginário local, uma antipatia pelo que é ser brasileiro, pela realidade nacional, a exemplo das pessoas que não gostam de ver filmes brasileiros por acharem que mostram “muita pobreza”. Seria, talvez, uma luta para aderir ou se identificar com uma imagem mais glamurosa e valorizada, o “*american way of life*” presente nos romances das séries *Sabrina* e similares.

---

<sup>222</sup> M.E.L., Depoimento 8

<sup>223</sup> B.M.M., Depoimento 9

<sup>224</sup> M.E.L., Depoimento 8

Ainda é possível argumentar que o livro canônico, aquele que cai no vestibular e cuja leitura é exigida nas escolas, chega ao estudante através de um currículo, por determinação de um professor, enfim, algo que vem de fora, imposto pela autoridade de quem domina o saber, um adulto em oposição à criança ou adolescente. Já os romances sentimentais são habitualmente indicados por colegas, parentes, enfim, pares. Falando a respeito da literatura e dos leitores da literatura culta que ignoram os apelos da mídia, Enzensberger, no ensaio *Crepúsculo dos Resenhistas*, destaca que “esse público [os leitores] forma suas opiniões de maneira independente do *blabláblá* das resenhas e dos programas de entrevistas, e o único tipo de publicidade no qual ele acredita é a propaganda boca a boca, que além de ser gratuita, jamais poderia ser paga”.<sup>225</sup> Ou seja, nos dois extremos, dos leitores da chamada alta literatura e na literatura de entretenimento, há uma aproximação: a indicação feita pelos iguais, feita verbalmente, é a que mais importa.

Ao contrário da literatura exigida nas escolas, longe de ser uma obrigação, a leitura de romances sentimentais é vista como um prazer. Algo que casa bem com fins de semana e férias:

Eu não viajo se não tiver levado comigo uns romancinhos, uns dois, três. Senão, como eu vou ficar? Numa dessas eu chego lá e só tem os que já li, então eu tenho que levar novos daqui. Se vou demorar uma semana, tem que ter uns três, quatro.<sup>226</sup>

Quando eu vou para a praia, aconteceu de eu ler (...) três, quatro histórias em dois dias. (...) Normalmente é mais domingo os dias que eu lia.<sup>227</sup>

Também ajuda a passar o tempo de quem tem no emprego o lugar do isolamento, como T.A.S., que lê 40 romances sentimentais ao mês: “Sou secretária de

---

<sup>225</sup> ENZENSBERGER, Hans Magnus. *Crepúsculo dos resenhistas*. In\_ *Mediocridade e loucura e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1995. p.42.

<sup>226</sup> I.G.B., Depoimento 3

<sup>227</sup> B.M.M., Depoimento 9

uma psicóloga e fico sozinha a maioria do tempo. Aproveito para ler no trabalho”.<sup>228</sup>

O envolvimento com a leitura é tanto que as leitoras comentam as histórias com amigas, recomendam determinados romances, narram os enredos como se fossem quase reais. Isso aconteceu com V.N.P.O., que no hospital em que trabalha se viu cercada por colegas de trabalho, enquanto narrava um romance:

Às vezes eu conto histórias, acho bonito. Uma vez eu estava lendo uma e aí eu levei para o serviço para terminar de ler porque eu queria terminar logo e a minha colega queria saber e eu contei a história mais ou menos para ela e ela queria saber o final. Aí eu fui contar para ela, no horário de intervalo, de café, e estava um monte de gente querendo saber o que que era: mas é filme? E eu: não, era Sabrina mesmo. E aí todo mundo falava: ah, não acredito que você estava lendo isso. Mas, para mim, era interessante, porque se não fosse interessante, ninguém ia parar para ficar ouvindo. Eu achei que o pessoal tem um pouco de preconceito sobre essas coisas. Mas eu conheço bastante gente que lê.<sup>229</sup>

A tradição oral, que parece perdida em muitos sentidos, de alguma forma renasce nesses momentos, em que as leitoras, como tantas revelaram, comentam e contam histórias entre si. Na situação acima, investida da função do narrador, a leitora da literatura marginal e criticada ganhou *status* de centro das atenções, ao menos até o momento da revelação de que não se tratava de um filme de Hollywood, mas apenas de um “romance de Sabrina”. Naqueles minutos, entretanto, ela foi dona da atenção e da imaginação dos seus colegas do hospital.

A história correu entre amigas, e foi contada por outra entrevistada:

A gente conta histórias. É a mesma coisa que fosse um filme. Às vezes a gente achou muito linda a história, a gente comenta uma com a outra: olha, tem um livro, tal, tal, tinha uma história assim...Que nem outro dia, a minha prima estava comentando no hospital onde ela trabalha, com um amiga, ela falou assim que de repente ela olhou pro lado, estavam os médicos, enfermeiras, tudo ao redor, porque pensaram que era uma história verídica. De repente ela falou assim, é uma Sabrina que eu li, e todo mundo ficou P. da vida. Todo mundo falou, ah, não, Sabrina... Ué, mas eu não mandei vocês pararem para escutar... Todo mundo ficou e no final era uma Sabrina.<sup>230</sup>

---

<sup>228</sup> T.A.S., Depoimento 4

<sup>229</sup> V.N.P.O., Depoimento 7

<sup>230</sup> E.A.S., Depoimento 5

Assumir o papel de narrador é simbolicamente importante. Na tradição da oralidade, os narradores eram os viajantes, que conheciam novos lugares, e os anciãos, que acumulavam experiência e sabedoria. Eles transmitiam oralmente seu saber.

A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores. (...) ‘Quem viaja tem muito a contar’, diz o povo, e com isso imagina o narrador como alguém que vem de longe. Mas também escutamos com prazer o homem que ganhou honestamente sua vida sem sair do país e que conhece suas histórias e tradições.<sup>231</sup>

Apesar de Walter Benjamin acreditar que o romance leva ao fim da narrativa, no caso dos romances sentimentais, isso não se concretiza. Talvez, devido às relações entre esses textos e os contos de fadas, que eram narrados oralmente.

Encontramos também uma leitora que, inspirada pelos romances sentimentais lidos, resolveu arriscar o papel de escritora. “Comecei a escrever, achei uma história. Se eu fosse pôr no papel, mesmo, eu tinha umas 50 páginas ali. Escrevia a mão. Peguei um caderno daqueles universitários e comecei. Até esses tempos atrás eu tinha ele guardado. Depois joguei fora”.<sup>232</sup> Mais que isso, ela inscreveu um texto num concurso e ganhou um prêmio, a despeito do descaso de um colega:

Uma vez eu participei de um concurso que saiu na revista Nova. Porque eu sou louca por Fórmula 1. Tinha um concurso de contos, tinha um x de parágrafos, um x de linhas pra você escrever, e eu escrevi uma história de amor dentro de uma corrida de Fórmula 1. E mandei, mas mandei assim por... pra ver o que que vai... E fiquei em terceiro lugar. Eles mandaram um certificado, mas ganhava prêmio só o primeiro lugar. Nossa, nunca imaginei. Até na época eu trabalhava numa loja, meu gerente leu e falou: capaz que isso aqui vai ganhar alguma coisa...Eu disse, ah, só pelo espírito de participar, já vale à pena.<sup>233</sup>

Mudar de lado, participar ativamente na produção do romance sentimental, é uma ação recorrente entre as leitoras, como mostra José Genésio Fernandes, no seu relato das cartas enviadas à editora Janice Florido, da Nova Cultural:

---

<sup>231</sup> BENJAMIM, Walter. *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e História da cultura.* p.198-199

<sup>232</sup> M.E.L., Depoimento 8

<sup>233</sup> M.E.L., Depoimento 8

Dessa paixão [da leitura], surgiram sonhos que, algum tempo mais tarde, questão de meses, levaram-me a escrever o que posso chamar de romance.

Gosto de ler os Romances da Nova Cultural, pois fico fascinada pelo modo como são escritos e os lugares a que se referem, ele me despertam uma vontade louca de escrever.

Eu escrevo histórias românticas. Eu mesmo que escrevo minhas histórias. E claro que não sou uma profissional, mas gostaria que você lesse minha história. É que eu pretendo estudar letras em 97. Meu sonho é me tornar uma escritora.<sup>234</sup>

Em sua análise semiótica do discurso da leitora, o pesquisador aponta que

Não há como negar que, graças à prática da leitura sentimental e silenciosa, esses sujeitos tornam-se leitores apaixonados, sensibilizados pela linguagem como um interpretante que sobrepuja a imagem da fotonovela e da televisão e, também, pela prática da escrita. A partir da leitura, a adesão voluntariosa e emocionada à atividade de escrita dessas leitoras revela num sujeito de estado completamente oposto àquele dos tempos de escola, regido pelo /dever-fazer/, pois aqui não se trata de produzir em relação a um tema abstrato e sem nenhuma pregnância, mas de produzir sobre aquilo em que se depositam o sentido de suas vidas, aquilo que representa o objeto de seus desejos.<sup>235</sup>

Tomar a atitude de escrever representa deixar a postura passiva e assumir uma relação ativa com os textos dos romances sentimentais. As leitoras se sentem capazes de expressar suas fantasias, criá-las e não apenas sonhar com elas. O fato de que muitas dessas leitoras apenas reproduzem em seus textos o padrão já conhecido dos romances sentimentais não desmerece a iniciativa.

A Editora Escala, já citada neste trabalho, que concorre com a Nova Cultural publicando romances de autoras brasileiras, aposta nesse desejo das leitoras de se tornarem escritoras, como no romance *Segredos de um coração*, de Chris Botech, publicado na coleção *Doces Momentos*, nº 20, em que a autora, ao que parece, encaixa-se nesse perfil:

Chris Botech nasceu no ano de 1969 na cidade de Araguari, Minas Gerais. É divorciada, tem três filhos e adora ler e escrever. Seu estilo tem como características a simplicidade e o romantismo. Seu maior sonho era ter um de seus contos editados, [grifo meu] que ora se

---

<sup>234</sup> FERNANDES, op. cit., p. 270, 272.

<sup>235</sup> Ibid., p.272

realiza, graças à ajuda das pessoas que colaboraram para que isso ocorresse, às quais agradece muitíssimo por esta chance.<sup>236</sup>

A motivação para a escrita pode estar numa auto-afirmação da capacidade da leitora de extrapolar sua realidade e inscrever-se num mundo aparentemente glamuroso da literatura. Assim, poderia igualar-se com as autoras estrangeiras, aquelas que levam vidas “perfeitas”, com seus maridos, filhos, gatos e cachorros, e quem sabe alcançar assim também essa perfeição.

A editora Nova Cultural, ciente do grande número de leitoras de romances sentimentais que passam a escrever textos de ficção, promoveu em 2000 um concurso denominado “Promoção Uma História de Amor que Vale Ouro II”,<sup>237</sup> por meio do qual as leitoras poderiam enviar uma “história de amor” em 50 linhas e concorrer a pingentes e brincos de ouro, até a 5ª colocada, além de camisetas até a 45ª colocada. O regulamento está encartado no livro *O Anjo da Noite*,<sup>238</sup> da coleção *Clássicos Históricos*, e o resultado, com 45 leitoras premiadas, no livro *O Amor não se compra*,<sup>239</sup> da mesma coleção. Parece lógico supor que tanto o regulamento quanto o resultado tenham sido publicados também em outros livros das séries.

É interessante observar de quais cidades são as leitoras vencedoras, o que dá conta, ao menos empiricamente, de que essa leitura é disseminada em várias regiões do país. Estão relacionadas leitoras, com nomes e sobrenomes, de São Paulo-SP; Montes Claros-MG; Pedra Bela-SP; Guarulhos-SP; Caxias do Sul-RS; Itu-SP; Pinhão-PR; Mafra-SC; Curitiba-PR; Varginha-MG; Renascença-PR; Porto Alegre-RS; Duque de

---

<sup>236</sup> BOTECH, Chris. *Segredos de um coração*. São Paulo: Escala, 2001. p.130 (Doces Momentos, nº 20)

<sup>237</sup> O fato de ser o segundo concurso faz supor uma boa receptividade no primeiro, do qual não disponho de maiores informações.

<sup>238</sup> HALL, Diana. *O anjo da noite*. São Paulo: Nova Cultural, 2000. (Clássicos Históricos, 98)

<sup>239</sup> SEYMOUR, Ana. *O amor não se compra*. São Paulo: Nova Cultural, 2000. (Clássicos Históricos Especial, 107).

Caxias-RJ; Sorriso-MT; Raposos-MG; Rio de Janeiro-RJ; Guaçuí-ES; Fortaleza-CE; Assis Chateaubrian-PR; Joinville-SC; Rio Verde-GO; Cuiabá-MT; São Carlos-SP; Taubaté-SP; Arujá-SP; Taboão da Serra-SP; Franca-SP; Campinas-SP; Guapiaçu-SP; Mamanguape-PB; Contagem-MG; Macaé-RJ; Dom Pedrito-RS. São Paulo é a cidade que mais se repete, bem como o estado mais recorrente. A editora não faz qualquer menção a uma possível publicação dos textos.

Escrevendo, acreditando em sua própria capacidade de criar e narrar enredos românticos, a leitora imbuí-se de importância, assume a responsabilidade de entreter e fazer sonhar outras leitoras, pois como foi visto no depoimento de M.E.L. e nas cartas à editora, as leitoras-escritoras não escrevem para si, mas para outros. De consumidora, essa leitora passa a produtora. É uma troca de papéis que não deve ser desprezada, ainda que raríssimas vezes esses textos venham a ser publicados. Nesse momento, leitura e escrita tornam-se lados da mesma moeda.

### 6.3. LEITURA, SONHO E REALIDADE

De todas as motivações apontadas para a leitura dos romances sentimentais, uma é especialmente forte e recorrente nos depoimentos colhidos neste trabalho e em demais pesquisas sobre o tema: a possibilidade de sonho que esses textos proporcionam. As leitoras querem imaginar-se no lugar da heroína, querem se “deixar levar” pelo enredo, “viajar” na imaginação. Esses sonhos podem levar a muitos caminhos, alguns deles fora do plano imaginário. “Nenhum leitor absorve passivamente um texto; nem este subsiste sem a invasão daquele, que lhe confere vida, ao completá-lo com a força de sua imaginação e o poder de sua experiência. Como essas propriedades são, por sua vez, mutáveis, as leituras variam, e as reações perante as obras sempre se alteram”.<sup>240</sup>

Se, como diz Jauss, a literatura “se manifesta na sua plenitude quando a experiência literária do leitor adentra o horizonte de expectativa de sua vida prática,

---

<sup>240</sup> ZILBERMAN, Regina. *Fim do livro, fim dos leitores?* São Paulo: Editora SENAC. 2001. p. 51

pré-formando seu entendimento do mundo e, assim, retroagindo sobre seu comportamento social”,<sup>241</sup> ela pode levar o leitor a uma percepção diferente do mundo e é o que acontece com algumas leitoras entrevistadas. G.F.C.,<sup>242</sup> uma leitora contumaz de romances sentimentais, diz que a leitura a ajuda a “ter mais atitude” e expor com mais facilidade seus sentimentos. Já a auxiliar de cozinha E.A.S. pensa em voltar a estudar, inspirada pelas heroínas bem sucedidas profissionalmente: “Às vezes quando eu leio alguma coisa que as personagens têm seu emprego, apesar que a gente trabalha e tudo, dá vontade de voltar a estudar, de fazer uma faculdade, alguma coisa”.<sup>243</sup> Ela revelou que pretende em breve voltar aos estudos.

Há também leitoras que buscam levar para dentro do seu cotidiano aspectos da ficção. No caso da leitora M.E.L., ela tenta colocar mais romantismo no casamento, atribulado com fatores como filhos e cotidiano:

De repente você termina de ler um romance carinhoso, e você tem aquele carinho com o teu esposo. A mulher, né, porque homem não se liga nessas coisas. Às vezes você quer fazer um carinho, um tipo de vida meio parecido com aquele romance. Então às vezes você muda no sentido de ficar pensando, poxa vida, eu faço isso, mas eu poderia fazer aquilo do romance. Então às vezes você cria uma situação romântica. Então eu acho que ajuda no sentido de mudar um pouco o seu jeito de viver, porque às vezes o dia-a-dia é tão triste, no sentido de que você corre pra lá e pra cá, é filho, marido, casa, trabalho. E você lê um romance desses, vê aquelas mocinhas tão calminhas, e você pensa, vou chegar em casa hoje e vou fazer um carinho no meu marido. Muda de alguma maneira.<sup>244</sup>

Não fica claro no depoimento se ela se refere a sexo ou a situações românticas de forma geral, mas o que parece mais importante é que de alguma forma essa leitora está tentando mudar para melhor sua vida, de forma prática, inspirada pela leitura fácil dos romances sentimentais. Ao tentar sair do dia-a-dia “tão triste”, cuidando de “filho, marido, casa, trabalho”, a leitora busca traçar para si um caminho

---

<sup>241</sup> JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. São Paulo, Ática, 1994, p. 50

<sup>242</sup> G.F.C., Depoimento 1

<sup>243</sup> E.A.S., Depoimento 5

<sup>244</sup> M.E.L., Depoimento 8



um pouco mais próximo dos seus sonhos, mas ainda assim, dentro de sua realidade. Longe de criar uma situação de atrito conjugal, essa tentativa, pelo depoimento, agrada ao marido, que parece ver também nessas atitudes formas de inovar no cotidiano, apesar de, ao ser convidado a ler um trecho considerado particularmente interessante, ter dito à esposa: “eu não vou ler esses livrinhos, esses livrinhos são pra mulher”, colocando novamente a leitura em desvantagem, menos pelo conteúdo e mais pelo público-alvo. Ainda assim, a percepção da leitora M.E.L. é de que as idéias tiradas dos romances são acatadas:

Eu converso muito com meu marido. Falo, eu li um romancinho assim, tão gostoso, a gente podia viver igual. Ele diz, nunca vai ser igual, mas a gente pode tentar. Ele aceita, ele concorda. Então a partir de agora a gente vai fazer assim. Vai dois, três dias, e depois você já cai de novo naquela bagunça de filhos. Mas ajuda, às vezes ele pergunta: já terminou de ler o livrinho romântico? Eu digo: terminei, depois nós vamos fazer tudo igualzinho. Eu converso, digo: depois que os filhos estiverem grandes, nós vamos fazer uma lua-de-mel igual a desses livros, mas isso é... Mas ajuda a você a sonhar um pouco.<sup>245</sup>

Mais que fazer da leitura apenas o caminho do sonho, da fantasia, as leitoras interagem com os textos, envolvem-se e muitas vezes buscam estabelecer relações entre as suas experiências pessoais e as formulações ficcionais.

Ao ler, o leitor experimenta uma situação desencadeada tão-somente pela leitura: ele consegue ocupar-se com os pensamentos de outro. Graças a essa propriedade da leitura, o leitor substitui a própria subjetividade por outra, abandonando temporariamente suas disposições pessoais e preocupando-se com algo que até então não conhecia. Traz para o primeiro plano algo diferente dele, momento em que vivencia a alteridade como se fosse ele mesmo; entretanto, as orientações do real não desaparecem, e sim formam um pano de fundo contra o qual os pensamentos dominantes do texto assumem certo sentido. Logo, a relação entre os dois sujeitos – o leitor e o texto – é basicamente dialógica.<sup>246</sup>

Assim, I.G.B. usou um fato de sua vida como medida para reprovar a atitude de uma personagem de romance, como no já citado caso da criança adotada: “Era um caso de uma menina que encontrou dentro do carro uma criança. E a moça se apavorou tanto que em vez de procurar logo o atendimento legal, ela escondeu a criança. E eu

---

<sup>245</sup> M.E.L., Depoimento 8

<sup>246</sup> ZILBERMAN, *Fim do livro...* p. 52

tenho minha filha adotiva, e eu achei totalmente errado”<sup>247</sup>. É o momento em que a leitura é utilizada como contraponto à história pessoal. Já a leitora M.E.L. leu num romance uma história que parecia ser a sua própria, enxergando-se na personagem cujo nome não esquece:

Eu li um romance uma vez que tinha uma história parecida com a minha com o meu marido. Foi uma história assim bem leve. Foi a primeira história que eu li, foi numa Sabrina, que ela não continha sexo. Ela era só um romance, assim, de encontros, envolvendo amigos que tentavam fazer um romance, pessoas que quando foi marcado o casamento, e eles casaram. (...) E me identifiquei muito. Se me lembro, o nome da moça era Camile. Mas foi bem parecido o romance de vivência dela... teve todo esse processo de conhecer, os cupidos envolvidos, pessoas que fazem aquele correinho, assim, ah, fulano falou tal coisa...E você fica toda encantada, ah, será que é isso mesmo? Foi um romance bem leve, bem suave, no fim terminou na festa de casamento deles, foi bem gostoso de ler. Camile, eu nunca esqueci o nome da moça. (...) Aquele foi mais natural, eles se encontravam mais naturalmente, o cenário não era aquelas fantasias de ilha, castelos, era bem natural.<sup>248</sup>

Também usando os textos como um espelho, a ex-doméstica G.F.C. gosta das histórias em que a personagem principal se envolve com o patrão, dando vazão através da leitura ao desejo de ascensão social de quem atuou em um subemprego ou mesmo a um envolvimento sentimental talvez sonhado em segredo. “Eu queria ser aquela pessoa, naquele momento”, diz ela, referindo-se ao seu romance favorito, exatamente com o tema citado acima. Nesse caso, a leitura além de ser o espaço da evasão para um mundo de completa fantasia, se torna campo da realização de um plano imaginário que na realidade é desejado, mas impossível, ou ao menos muito difícil de ser realizado efetivamente.

Já a jovem leitora R.R., de 16 anos, sonha encontrar um amor como o dos livros: “Eu também penso em encontrar uma pessoa certa, que nem nos romances assim. A gente sonha. Mas só nesse ponto. Eu fico pensando: ah, tomara que eu encontre uma pessoa legal. Eu fico olhando os romances e: ah, meu Deus, por que não

---

<sup>247</sup> I.G.B., Depoimento 3

<sup>248</sup> M.E.L., Depoimento 8

chega a hora minha. Eu fico bem assim”.<sup>249</sup> Apesar de consciente de que os livros lidos narram situações de fantasia, R.R. acredita que a “sua hora” vai chegar e também ela poderá viver um romance envolvente.

Habitualmente, os romances sentimentais trazem situações e modelos de personagens praticamente impossíveis de serem encontrados na vida real. “Dos modelos de astros de cinema aos protagonistas dos romances de amor, até os programas de TV para a mulher, a cultura de massa, o mais das vezes, representa e propõe situações humanas sem conexão alguma com as situações dos consumidores e que, todavia, se transformam para eles em situações-modelo”.<sup>250</sup> Entretanto, de forma geral, como foi mostrado nos depoimentos, essas situações-modelo não são consideradas como viáveis pelas leitoras, mas como ponto de partida para uma mudança de cotidiano ou apenas uma miragem, distante demais para tornar-se realidade, mas ainda assim dentro do espaço do sonho. Também Paulo Sérgio Silva percebeu essa relação:

Algumas chegam a afirmar que (os romances) são realmente uma fuga, não se incomodando com nenhuma espécie de censura. Sabem que as coisas que acontecem nos romances não são reais, que tudo acaba bem, que é como um sonho. Mas querem sonhar, desesperadamente sonhar. O romantismo que não vivem em suas vidas é propiciado pelos romances.

Ver-se ou imaginar-se na personagem do romance não faz da leitora alguém que confunde o real com o imaginário. Querer que a vida seja melhor, imaginar que a vida seja diferente do que é, não significa necessariamente negar o que ela realmente seja, ou ser infeliz com a sua realidade. Seria mais prudente perguntar o porquê da necessidade de fuga, da necessidade da fantasia, do que condenar a fantasia em si. É mais lógico que essa necessidade de “entrar na história” da heroína gere a oferta dos romances sentimentais, do que o contrário.

Muitas das leitoras entrevistadas começaram a ler na adolescência e hoje, na faixa dos 30 e poucos anos, mantêm o hábito adquirido. As motivações para a escolha

---

<sup>249</sup> R.R., Depoimento 10

<sup>250</sup> ECO, Umberto. *Apocalípticos e Integrados*. p. 25

envolvem necessariamente o sonho. A leitora T.A.S. se diz uma “espectadora passiva” das séries e aponta as razões pelas quais as **outras** leitoras lêem os romances, excluindo-se destas motivações, talvez por vergonha de admitir-se entre o grupo que descreve:

Tem pessoas que lêem porque querem fugir da realidade, da situação financeira, muito problema familiar, um relacionamento familiar difícil, relacionamento amoroso é difícil, mas tem também pessoas que têm namorado, são casadas, que lêem simplesmente porque gostam. Eu acho que as mulheres gostam de romances, (..) gostam de sonhar, de ser bem tratadas, e no romance, a personagem é bem tratada, amada, ele (o herói) demonstra, enquanto na vida real elas não têm isso. Eu acho que elas gostam de ler porque a heroína recebe muito carinho dos personagens, na vida real geralmente o companheiro não demonstra tanto.<sup>251</sup>

O desencanto com a realidade e a passividade afloram nos depoimentos, e o sonho é o único lugar onde uma plenitude amorosa e mesmo pessoal é possível: “Ali eles retratam bem essa parte romântica que toda mulher, digamos assim, escondida, sonha. Ainda mais se a mulher é como eu, com 20 anos de casada, onde não sei se é por a gente não ter sabido cativar, mas também não sobrou muita coisa disso”<sup>252</sup>. Em sua culpa por “não ter sabido cativar” ou quem sabe não ter sabido lutar por uma vida amorosa mais satisfatória, a leitora vê nos romances sentimentais seu caminho de sonho, de realização através da felicidade perfeita da personagem, que não é a sua mas que incorpora, pelo menos por uma tarde de domingo. Seria o que Adorno chama de “satisfação compensatória”,<sup>253</sup> propiciada pela indústria cultural, mas conscientemente assumida, e não incorporada sem questionamento.

Uma explicação detalhada da motivação de leitura está no depoimento de M.E.L., que expõe de forma muito sincera como a leitora – incluindo-se nesse rol – envolve-se num sonho de amor ideal, mesmo conhecendo os limites da realidade, e o papel do romance sentimental ao proporcionar a catarse deste sonho.

---

<sup>251</sup> T.A.S., Depoimento 4

<sup>252</sup> B.M.M., Depoimento 9

<sup>253</sup> ADORNO. *A indústria cultural*. p. 99

Eu penso comigo, que por mim, eu ia gostar de viver uma vida, ter um romance daqueles. Não digo num lugar daqueles, mas no dia-a-dia, no cotidiano, num romance daquele. Eu gostaria. Aquele carinho, aquele amor, aqueles passeios, aqueles jantares cheios de sofisticação. Eu acho que ia ser gostoso viver assim. Se a minha rotina fosse essa, acho que eu ia gostar. Acho que é isso que leva as mulheres a ler, porque você não tem isso no dia-a-dia. Claro que você vai, um dia ou outro, jantar, almoçar, passear num parque, você faz tudo isso, mas não é naquele carinho, naquela atenção, naquele amor. A impressão que tem é que eles, naqueles romances, que depois de muitas brigas, daqueles desencontros, a sensação que você tem é que o homem vive pra você, pra heroína, no caso. Acho que no fundo, no fundo, toda mulher gostaria de ter um homem que vivesse pra gente. Igual, aquela gentileza, porque eu, a maioria das mulheres, eu acho muito bonito um homem gentil, que abre a porta de carro, que puxa a cadeira pra sentar, que serve num restaurante. Eu acho bonito. Acho que toda mulher, no fundo, gostaria de ter um homem que fizesse tudo isso. E o que o romance faz: você viver aquela situação, não é? Quando você lê aqueles romances, você fecha o olho e já começa a imaginar. Você está lendo, ali, e você vive as emoções da heroína, você sofre junto com ela, eu pelo menos faço isso, consigo penetrar na leitura. A gente pensa: puxa vida, seria tão bom, um marido assim, ah, como seria gostoso. Tem uma situação ou outra, mas não é o cotidiano. Acho que as mulheres gostariam de viver o cotidiano assim.<sup>254</sup>

Ao fantasiar através dos livros, a leitora encontra no campo da imaginação o que a realidade não proporciona, simplesmente porque as situações-modelo descritas nos romances não são, efetivamente, do campo do real, mas da idealização.

Como Fernandes, acredito que a forma de relação entre as leitoras e os textos “nos leva a considerar as leitoras dos romances da série Sabrina não como consumidoras, no sentido de dominadas por uma mensagem ideológica, mas como usuárias, com muito maior grau de consciência do que fazem e com muito maior julgamento crítico sobre o objeto que usam do que comumente, ou preconceituosamente, se supõe”.<sup>255</sup>

Perceber nos romances sentimentais seu caráter de fantasia, de irreal, é ponto comum entre as leitoras entrevistadas. Nem por isso, essas leitoras deixam de se envolver nos enredos, de mergulhar nessa mesma fantasia, para depois voltarem, saciadas de sonho, para seus cotidianos de filhos, trabalhos domésticos e empregos que mais das vezes pouco exigem da criatividade.

---

<sup>254</sup> M.E.L., Depoimento 8

<sup>255</sup> FERNANDES. p. 29.

## 7. CONCLUSÕES

A primeira observação que precisa ser feita é a ambivalência que permeia esse trabalho, impossível de ser de todo contornada. De um lado estão os objetos, os romances sentimentais e toda a sua carga de manipulação mercadológica. De outro, os usos que as leitoras fazem deles, por vezes pouco convencionais. Uma análise feita a partir desses dois contextos, essencialmente diferentes, não poderia ter uma conclusão única e direta.

O primeiro ponto a ser destacado é que os romances sentimentais são fruto de um cuidadoso trabalho de *marketing*, em que os textos são devidamente encomendados a escritores e orientados para seguir uma determinada linha de produção, com objetivo principal de estimular vendas e fornecer às leitoras um sonho rápido na forma de texto para consumo imediato. As capas, a publicidade no próprio livro, bem pensadas cartas da editora e apresentações de autoras tão perfeitas quanto as heroínas ajudam a forjar a imagem de “literatura de qualidade” nesses romances. A editora Nova Cultural cuida de cada detalhe da produção buscando cercar a leitora de elementos que estimulem a leitura e produzam a demanda por outros livros das séries.

As imagens femininas retratadas nesses textos são estereotipadas e os homens se travestem de príncipes encantados, figurando como a solução de todos os problemas das “Cinderelas de *Sabrina*”. Podemos constatar que as heroínas dos romances sentimentais do ano 2000 têm uma profissão, muitas vezes são independentes economicamente e, algumas vezes, seguras emocionalmente. Entretanto, como as heroínas dos romances de M. Delly nos anos 30 do século passado, continuam tendo no casamento e na vida familiar os principais valores. Elas precisam da união amorosa, sem a qual suas vidas seriam desprovidas de sentido. O sexo aparece como parte fundamental no envolvimento das personagens, muitas vezes sendo o principal elo de ligação entre os protagonistas. Porém, é sempre um caminho para um sentimento “maior”, ou seja, o “amor verdadeiro” e o final feliz oficializado pelo casamento.

A sobrevivência dos romances sentimentais até o século XXI poderia estar relacionada a uma possível demanda por arquétipos ficcionais ancestrais, já narrados nos contos de fadas, e que encontram nesses romances um espaço de reatualização. Vilões são vilões, heróis são heróis, e tudo termina sempre bem. Essa releitura, ao mesmo tempo, é amplamente acessível tanto do ponto de vista do texto – narrativas padronizadas quanto aos temas, linguagem e desenvolvimento – quanto em seus aspectos comerciais – pontos de vendas, preços e aspecto visual.

Apesar desses fatores que conduzem a uma visão dos romances sentimentais como produto da literatura de entretenimento sem possibilidade de valorização, essas narrativas não podem ser pensadas unidimensionalmente. A sedução que esses romances exercem sobre as leitoras engloba aspectos que fogem a uma explicação simplista e levam a caminhos reveladores. Mais que o produto em si, a forma como as leitoras se relacionam com eles faz com que o exame dos romances sentimentais assumam novas perspectivas. Encarando a leitura como produção de sentidos e significados, e portanto como um processo, é possível perceber que da mesma forma com que os textos de diversas maneiras interferem nas vidas das leitoras, estas também ressignificam o que lêem, elaborando através das narrativas percepções que refletem seus próprios valores.

Em sua maioria, as leitoras conhecem os limites entre a realidade de suas vidas no Brasil de altos e baixos econômicos e poucas oportunidades de ascensão social ou mesmo sobrevivência digna para a grande maioria dos cidadãos, e o sonho das heroínas em cidades norte-americanas ou capitais do mundo, prontas a conhecer em cada esquina um milionário apaixonado. A fantasia, o fazer sonhar, são partes inerentes da proposta das séries da Nova Cultural, sem as quais essas coleções não alcançariam sua popularidade.

Fazendo dos romances sentimentais o caminho para a dimensão do sonho, as leitoras encontram neles também o contato com a palavra escrita, com a ficção propriamente dita. Desse contato a leitora reencontra a oralidade, no hábito de contar histórias entre amigas e que, no âmbito dos depoimentos colhidos, desemboca na

leitora cercada de médicos e enfermeiros a narrar um romance como se fosse um filme de Hollywood. Conforme Walter Benjamin, “o narrador figura entre os mestres e os sábios”.<sup>256</sup> No papel de conhecedora de histórias, logo, dona do conhecimento, essa Scherazade de romances sentimentais cativou seus ouvintes e tornou-se o centro das atenções, ainda que momentaneamente.

Para outras leitoras, o caminho de sonho percorrido nas leituras dos romances, mais que uma fuga da realidade entediante, é ponto de partida para pequenas mudanças do cotidiano, na busca por mais satisfação no plano real. O que não quer dizer que não existam leitoras para quem os romances sejam apenas e tão somente a pílula de esquecimento para o cotidiano frustrante.

Uma outra experiência possível, e que como foi apresentado, não é isolada, é a do estímulo à ação, não apenas no plano romântico, mas da escrita. Leitoras que procuram escrever histórias de amor deixam a postura de receptoras e tornam-se produtoras de textos, ainda que estes dificilmente venham a ser publicados. A simples idéia de que leitoras de séries como *Sabrina* almejam ser também escritoras não deixa de ser surpreendente, levando-se em conta a imagem geral de leitoras apáticas e sem qualquer capacidade criativa que comumente se tem das apreciadoras dos romances sentimentais segundo os padrões da crítica de cultura adorniana. É preciso ressaltar que produzir textos a partir da leitura é relevante, o que não quer dizer que essas leitoras-escritoras não estarão meramente reproduzindo os modelos e convenções dos romances que consomem.

Ainda considerando as experiências de uso dos romances, o tempo de leitura, roubado das tarefas cotidianas e furtado à presença massacrante da televisão na sociedade brasileira, torna-se propriedade individual das leitoras. Esses momentos representam, conforme revelaram as leitoras entrevistadas, as horas em que as mazelas de filhos e tarefas domésticas são esquecidas, em que as leitoras não precisam se submeter a um universo limitado às paredes de suas casas, horas de liberdade. Uma

---

<sup>256</sup> BENJAMIN. *Obras escolhidas...* p. 221



liberdade que precisa ser conquistada por essas mulheres, muitas vezes enfrentando a chacota e a crítica de quem preferia que não lessem nada a ler esses “livrinhos água-com-açúcar”.

Nesse ponto, da leitura em si, e não do que ler, está um outro fator que considero claramente positivo dos romances sentimentais. Enquanto as estatísticas apontam milhões de analfabetos no Brasil e as livrarias ainda não chegaram a 2/3 das 5.500 cidades brasileiras<sup>257</sup>, a Nova Cultural conquistou com suas séries leitoras fiéis há quase 25 anos e continua cativando novas leitoras, como a curitibana R.R., de 16 anos.<sup>258</sup> Esse público está também nas estatísticas expostas pela editora Janice Florido, em relação ao Norte e Nordeste, regiões brasileiras em que programas de alfabetização estão chegando mais tardiamente.

Ler, gostar de ler, recomendar aos amigos essa atividade e formar assim uma rede de novos leitores está entre o que de melhor se pode fazer pela leitura no Brasil, e é exatamente o que as leitoras dos romances sentimentais fazem. Ter espírito aberto para lidar com a complexidade das relações entre leitoras e leituras, buscando entender como as pessoas lidam com esses textos, pode contribuir para encontrar caminhos para um trânsito maior de obras literárias entre um público mais extenso. Talvez assim, os horizontes de leitura caminhem para gêneros literários que concentrem novas perspectivas de fruição, o que é importante, mas não essencial. Fundamental mesmo é que a cultura letrada conquiste novos adeptos e deixe de ser um atributo da elite intelectual, para se tornar um fator de socialização popular.

Para encerrar essas considerações, é fácil perceber que não cheguei a um “felizes para sempre”, no sentido de apaziguamento de tensões. Não há uma maneira fácil de tecer um juízo sobre os romances sentimentais e de como a crítica deve encará-los. As contradições que perpassam as questões da literatura de entretenimento,

---

<sup>257</sup> Dados retirados da reportagem *Clássicos de ouro. Veja*, São Paulo, nº 1.765, 21 de agosto de 2002. p.111.

<sup>258</sup> R.R., Depoimento 10.

da chamada “alta literatura”, prazer, estética, público e academia são antigas e não se esgotam no simples pensar o problema. Pode-se, como eu, tentar mapear esse terreno sinuoso e labiríntico, onde ao ultrapassar um obstáculo, nos defrontamos com outro, e outro, e mais outro. A ambivalência nesse trabalho não é, portanto, uma fuga de posicionamento, mas a constatação da impossibilidade de um aliviante e definitivo “final feliz”.

## BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ADORNO, Theodor W. *Textos escolhidos*. Tradução de Luiz João Baraúna. São Paulo: Nova Cultural, 1999. (Os Pensadores)

ALENCAR, José de. *Como e porque sou romancista*. Campinas: Pontes, 1990.

\_\_\_\_\_. *Senhora*. São Paulo: Ática, 1999.

\_\_\_\_\_. *Cinco Minutos – A Viuvinha*. São Paulo, Ática, 1999.

ANDRÉ, Lílíana Lacerda. *A imagem feminina no romance sentimental de massa*. Curitiba, 1991. 119 f. Dissertação (Mestrado em Letras), Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.

AUERBACH, Erich. *Introdução aos estudos literários*. Tradução: José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1970.

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas: mágica e arte, técnica e política*. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BORELLI, Sílvia Helena Simões. *Ação, Suspense, Emoção: Literatura e cultura de massa no Brasil*. São Paulo: EDUC: Estação Liberdade, 1996.

BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Cia das Letras, 1992.

BOSI, Ecléa. *Cultura de massa e cultura popular: leituras de operárias*. Petrópolis: Vozes, 1973

BRAIT, Beth. *A Personagem*. São Paulo: Ática, 1985.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*. São Paulo: Livraria Martins, 1971.

CANDIDO, Antonio, e outros. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 1970.

COELHO, Nelly Novaes. *O conto de fadas*. São Paulo: Ática, 1987.

COHN, Gabriel (org). *Theodor W. Adorno*. Sociologia. São Paulo: Atica, 1985.

COSTA, Cristiane. *Eu compro essa mulher*. Romance e consumo nas telenovelas brasileiras e mexicanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

CULLER, Jonathan. *Sobre a desconstrução: Teoria e crítica do pós-estruturalismo*. Tradução de Patrícia Burrowes. São Paulo: Rosa dos Tempos, 1997.

\_\_\_\_\_. *Teoria Literária: Uma Introdução*. Tradução: Sandra Guardini T. Vasconcelos. São Paulo: Beca, 1999.

CUNHA, Maria Teresa Santos. *Armadilhas da sedução: Os romances de M. Dely*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

EAGLETON, Terry. *A função da crítica*. Tradução: Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

\_\_\_\_\_. *Teoria da literatura: uma introdução*. Tradução: Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

ECO, Umberto. *Apocalípticos e Integrados*. Tradução: Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 1970.

\_\_\_\_\_. *Pós-escrito a O nome da rosa*. Tradução de Letizia Zini Antunes e Álvaro Lorencini. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 3 ed., 1985.

\_\_\_\_\_. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. Tradução: Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

\_\_\_\_\_. *Sobre os espelhos e outros ensaios*. Tradução: Beatriz Borges. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989

\_\_\_\_\_. *Super-homem de massa: retórica e ideologia no romance popular*. Tradução: Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 1991.

ENZENSBERGER, Hans Magnus. *Mediocridade e loucura e outros ensaios*. Tradução: Rodolfo Krestan. São Paulo: Ática, 1995.

FERNANDES, José Genésio. *Leitoras de Sabrina: usuárias ou consumidoras? (Um estudo da prática leitora de romances sentimentais de massa)*. São Paulo, 2000. 310 f. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral), Departamento de Linguística, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

FLAUBERT, Gustave. *Madame Bovary*. São Paulo: Abril Cultural, 1970.

FRYE, NORTHROP. *Anatomia da crítica*. Tradução: Péricles Eugênio da Silva Ramos. São Paulo: Cultrix, 1978.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Tradução: Ana Regina Lessa, Heloisa Pezza Cintra. São Paulo: Edusp, 1997.

GILBERT, Sandra; GUBAR, Susan. *The madwoman in the attic: the woman writer and nineteenth-century literary imagination*. New Haven: Yale University Press, 1984.

HABERT, Angeluccia Bernardes. *Fotonovela e indústria cultural*. Estudo de uma forma de literatura sentimental fabricada para milhões. Petrópolis: Editora Vozes, 1974.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. (org). *Tendências e Impasses: O feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

HUMM, Maggie. *Pelos caminhos da crítica feminista*. Organon, 16. Porto Alegre, 1989

JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. Tradução: Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

JIMENEZ, Marc. *O que é estética?* Tradução: Fulvia M. L. Moretto. São Leopoldo, RS: UNISINOS, 1999.

KAYSER, Wolfgang. *Análise e interpretação da obra literária*. 7ª ed. Coimbra: Aménio Amado, 1985.

LEITE, Ligia Chiappini Moraes. *O foco narrativo*. São Paulo: Ática, 1985.

LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1996.

MEYER, Marlyse. *Caminhos do imaginário no Brasil*. São Paulo: Edusp, 1993.

\_\_\_\_\_. *Folhetim: Uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MILLET, Kate. *Sexual Politics*. New York: Avon Books, 1971.

MODLESKI, Tania. *Loving with a Vengeance*. Mass-produced fantasies for women. New York: Routledge, 1996.

MOY, Toril. *Sexual/Textual Politics: Feminist Literary Theory*. London: Routledge, 1985.

PAES, José Paulo. *A aventura literária*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

RAMALHO, Christina (org). *Literatura e feminismo*. Propostas teóricas e reflexões críticas. Rio de Janeiro: Elo, 1999.

REUTER, Yves. *Introdução à análise do romance*. Tradução: Angela Bergamini. São Paulo: Martins Fontes, 1996

RIBEIRO, Luis Filipe. *Mulheres de papel*. Um estudo do imaginário em José de Alencar e Machado de Assis. Niterói: EDUFF, 1996

SADLIER, Darlene. *Teoria e crítica literária feminista nos Estados Unidos*. Organon, 16. Porto Alegre, 1989.

SERRA, Tania Rebelo Costa. *Antologia do romance-folhetim (1839 a 1870)*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997.

SHOWALTER, Elaine. Feminist Criticism in the Wilderness. Writing and sexual difference. *Critical Inquiry*, v. 8, n.2, Winter 1981.

SHUSTERMAN, Richard. *Vivendo a arte: o pensamento pragmatista e a estética popular*. Tradução de Gisela Domschke. São Paulo: Editora 34, 1998.

SILVA, Paulo Sérgio. *Leitoras indiscretas visitam as bancas*. São Paulo, 1994. 210 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação), Departamento de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo.

SODRÉ, Muniz. *Teoria da literatura de massa*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978.

\_\_\_\_\_. *Best-seller: a literatura de mercado*. São Paulo: Ática, 1985.

\_\_\_\_\_. *Comunicação do Grotesco: Um ensaio sobre a cultura de massa no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1983.

TINHORÃO, José Ramos. *A música popular no romance brasileiro*. v. I. Séculos XVIII e XIX. São Paulo: Editora 34, 2000.

\_\_\_\_\_. *Os romances em folhetim no Brasil: 1830 à atualidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1994.

WANDERLEY, Márcia Cavendish. *A voz embargada*. São Paulo: Edusp, 1996.

WATT, Ian. *A ascensão do romance*. Tradução: Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

ZILBERMAN, Regina. *Estética da Recepção e História da Literatura*. São Paulo: Ática, 1989.

\_\_\_\_\_. *Fim do livro, fim dos leitores?* São Paulo: Editora SENAC, 2001

## ROMANCES SENTIMENTAIS LIDOS

- BOTECH, Chris. *Segredos de um coração*. São Paulo: Escala. (Doces Momentos, nº 20)
- CHRISTENBERRY, Judy. *Segunda chance*. São Paulo: Nova Cultural, 2001. (Sabrina Cegonha, 77)
- CHRISTENBERRY, Judy. *Sedução na lua-de-mel*. São Paulo: Nova Cultural, 2001. (Momentos Íntimos, 128)
- FETZER, Amy. J. *A bela e a fera*. São Paulo: Nova Cultural, 2001. (Momentos Íntimos, 123)
- FOX, Susan. *À moda antiga!*. São Paulo: Nova Cultural, 2000. (Sabrina Noivas, 109)
- HALLDORSON, Phyllis. *Um homem mais velho*. São Paulo: Nova Cultural, 2001. (Julia, 1161)
- HALL, Diana. *O anjo da noite*. São Paulo: Nova Cultural, 2000. (Clássicos Históricos Especial, 98)
- LAMB, Charlotte. *Enfeitiçada pelo chefe*. São Paulo: Nova Cultural, 2001. (Julia, 1159)
- LEMONS, Ana Vera. *Boneca de Luxo*. São Paulo: Escala. (Doces Momentos, 4)
- LITTLE, Kate. *O milionário vai se casar*. São Paulo: Nova Cultural, 2002. (Sabrina Noivas, 129)
- MACKENZIE, Myrna. *Pretendente perfeito*. São Paulo: Nova Cultural, 2001. (Bianca, 766)
- MCCAULEY, Barbara. *A aposta*. São Paulo: Nova Cultural, 2001. (Sabrina, 1205)
- McMAHON, Barbara. *Planos do destino*. São Paulo, Nova Cultural, 2001. (Sabrina, 1199)
- MEIER, Susan. *Conflito de paixões*. São Paulo: Nova Cultural, 2001. (Bianca, 766)
- MICHAELS, Leigh. *Antes do casamento*. São Paulo, Nova Cultural, 2002. (Julia, 1182)
- MOORE, Margaret. *Sortilégio de amor*. São Paulo: Nova Cultural, 2000. (Clássicos Históricos, 188)
- ROSZEL, Renee. *Desejo de vingança*. São Paulo: Nova Cultural, 2001. (Sabrina, 1192)
- SEYMOUR, Ana. *O amor não sem compra*. São Paulo: Nova Cultural, 2000. (Clássicos Históricos, 107)
- SHALVIS, Jill. *Um amor imprevisto*. São Paulo: Nova Cultural, 2001. (Julia, 1165)
- SOUTHWICK, Teresa. *Segredos do amor*. São Paulo: Nova Cultural, 2001. (Sabrina Noivas, 126)
- STEFFEN, Sandra. *Atração fatal*. São Paulo: Nova Cultural, 2001. (Julia Paixões Picantes, 38)
- ZEE, Karen Van Der. *Passaporte para a felicidade*. São Paulo: Nova Cultural, 2002. (Edição de Colecionador, 22)

ZEE, Karen Van Der. *Mágoa secreta*. São Paulo: Nova Cultural, 2002. (Edição de Colecionador, 22)

\_\_\_\_\_. *O fantasma de Amsterdã*. São Paulo: Nova Cultural, 2002. (Edição de Colecionador, 22)

\_\_\_\_\_. *Prazer proibido*. São Paulo: Nova Cultural, 2002. (Edição de Colecionador, 22)



## APÊNDICES

### 1. QUESTIONÁRIOS MODELO 1 E 2

#### 1.1. QUESTIONÁRIO MODELO 1

Informamos que será mantido absoluto sigilo sobre a identidade.

1) Nome

2) Idade:

3) Sexo:

4) Profissão:

5) Estado civil

6) Escolaridade

a) Primeiro grau incompleto

b) Primeiro grau completo

c) Segundo grau incompleto

d) Segundo grau completo

e) Superior completo

f) Superior incompleto

g) Pós-graduação incompleta

h) Pós-graduação completa

7) Onde você costuma adquirir seus romances sentimentais?

a) banca

b) livraria

c) empresta ou troca com amigos

d) loja de livros usados

e) assinatura

8) No caso dos romances sentimentais, qual sua série favorita?

- a) Sabrina
- a) Sabrina – Coleção Noivas
- b) Sabrinhas – Coleção Cegonha
- c) Julia
- d) Julia – Paixões Picantes
- e) Julia Época
- f) Bianca
- g) Clássicos Históricos
- h) Doces Momentos
- i) Momentos Íntimos
- j) Barbara Cartland
- k) Outra. \_\_\_\_\_

8.a) Por quê? \_\_\_\_\_

9) Há quanto tempo costuma ler romances sentimentais?

- a) Um ano ou menos
- b) Dois anos ou menos
- c) Cinco anos ou menos
- d) Dez anos ou menos
- e) Mais de dez anos

10) Quantos romances sentimentais costuma ler ao mês?

- a) um
- b) dois
- c) três
- d) quatro
- e) cinco ou mais

11) Você acha que as heroínas dos romances sentimentais que você lê são:  
(nada, pouco, medianamente, muito, extremamente)

- a) autoritárias (        )
- b) submissas (        )
- c) independentes (        )
- d) dependentes (        )
- e) modernas (        )
- f) antiquadas (        )
- g) vaidosas (        )
- h) bonitas(        )
- i) ricas (        )
- j) pobres (        )
- k) bem sucedidas profissionalmente (        )
- l) liberadas sexualmente (        )
- m) sedutoras (        )

12) Você acha que os heróis desses mesmos romances são: (nada, pouco, medianamente, muito, extremamente)

- a) autoritários (        )
- b) submissos (        )
- c) dependentes (        )
- d) independentes (        )
- e) modernos (        )
- f) antiquados (        )
- g) vaidosos (        )
- h) pouco vaidosos (        )
- i) bonitos (        )
- j) feios (        )

- k) ricos (     )
- l) pobres (     )
- m) bem sucedidos profissionalmente (     )
- n) liberados sexualmente (     )
- o) sedutores (     )

13) Como você acha que o sexo é abordado nos romances sentimentais?

14) Você já se identificou com uma personagem de romance sentimental?

- a) sim
- b) não
- c) 1.a) Por quê? \_\_\_\_\_

15) Você já teve vontade de agir como uma personagem de romance sentimental?

- a) sim
- b) não

15.a) Se sim, em qual situação

16) Você acha que a leitura dos romances sentimentais influencia de alguma forma o seu dia-a-dia?

- a) Sim, muito
- b) Sim, um pouco
- c) não

16.a) Se sim, de que forma \_\_\_\_\_

17) Em algum romance, você já desaprovou o comportamento da heroína? Se sim, poderia citar uma dessas situações?

18) Você costuma ter vergonha ou esconder que lê romances sentimentais?

a) sim

b) não

18.a) Se sim, por quê? \_\_\_\_\_

19) Você tem amigos(as) que costumam ler romances sentimentais?

a) sim

b) não

19.a) Se sim, quantos e de que sexo? \_\_\_\_\_

19.b ) Se sim, você costuma comentar com estes amigos aspectos de livros que leu?

a) sim

b) não

19.b1) Se sim, o que vocês costumam comentar?

20) O que influencia você na hora de escolher um romance sentimental? ( de 1 a 5, sendo 1 o menos importante e 5 o mais importante)

a) capa (     )

b) título (     )

c) autora (     )

d) sinopse (resumo da contracapa) (     )

e) a série (     )

f) o preço (     )

g) lugar em que se passa a história (     )

h) época em que se passa a história (     )

i) recomendação de outros leitores (      )

j) Outro \_\_\_\_\_

21) Do que gosta mais nos romances sentimentais?

22) Qual foi o seu romance preferido e por quê

23) Além de romances sentimentais, o que mais você costuma ler?

a) Jornais. Quais \_\_\_\_\_

b) Revistas. Quais \_\_\_\_\_

c) Livros. De que tipo \_\_\_\_\_

d) outros \_\_\_\_\_

e) Não costumo ler mais nada

## 1.2. QUESTIONÁRIO MODELO 2

Informamos que será mantido absoluto sigilo sobre a identidade, sendo que os dados sobre idade, sexo, profissão serão usados apenas para fins estatísticos.

1) Nome

2) Idade:

3) Sexo:

4) Profissão:

5) Estado Civil:

6) Escolaridade:

7) Onde você costuma adquirir seus romances sentimentais?

8) No caso dos romances sentimentais, qual sua série favorita?

9) Há quanto tempo costuma ler romances sentimentais?

10) Quantos romances sentimentais costuma ler ao mês?

11) O que você gosta mais nos romances?

12) Se você fosse definir as heroínas dos romances, como faria?

13) Que tipo de postura você acha que essas heroínas têm diante da vida e do amor?

14) Como você acha que o sexo é abordado nos romances sentimentais?

15) Você acha que o fato de as histórias se passarem em sua maioria nos Estados Unidos faz alguma diferença para a leitora no Brasil? É uma realidade diferente?

16) Você já se identificou com uma personagem de romance sentimental? Por quê?

17) Você acha que a leitura dos romances sentimentais influencia de alguma forma o seu dia-a-dia?

18) Em algum romance, você já desaprovou o comportamento da heroína? Se sim, poderia citar uma dessas situações?

19) Você tem amigos(as) que costumam ler romances sentimentais? Se sim, você costuma comentar com estes amigos aspectos de livros que leu? Que tipo de comentários?

20) O que influencia você na hora de escolher um romance sentimental? ( Use muito, pouco ou medianamente) ou ( de 1 a 5, sendo 1 o menos importante e 5 o mais importante)

- a) capa (      )
- b) título (      )
- c) autora (      )
- d) sinopse (resumo da contracapa) (      )
- e) a série (      )
- f) o preço (      )
- g) lugar em que se passa a história (      )
- h) época em que se passa a história (      )
- i) recomendação de outros leitores (      )
- j) Outro \_\_\_\_\_

21) Qual foi o seu romance preferido e por quê?

22) Além de romances sentimentais, o que mais você costuma ler?

23) O que você acha que leva tantas mulheres, há tanto tempo, a lerem esses romances?



## 2 – DEPOIMENTOS NA ÍNTEGRA

Será mantido sigilo sobre a identidade das entrevistadas, que serão identificadas pelas iniciais.

### DEPOIMENTO 1

- 1) Nome – G.F.C.
- 2) Idade: 36 anos
- 3) Sexo: Feminino
- 4) Profissão: Atendente de confeitaria, em Curitiba
- 5) Estado civil: casada (um filho)
- 6) Escolaridade: Segundo grau incompleto
  
- 7) Onde você costuma adquirir seus romances sentimentais?  
empresta ou troca com amigos
  
- 8) No caso dos romances sentimentais, qual sua série favorita?  
Momentos Íntimos
  
- 8.a) Por quê?  
Porque é mais picante.
  
- 9) Há quanto tempo costuma ler romances sentimentais?  
d) Dez anos ou menos
  
- 10) Quantos romances sentimentais costuma ler ao mês?  
um

11) Você acha que as heroínas dos romances sentimentais que você lê são: ( nada, pouco, medianamente, muito ou extremamente)

- a) autoritárias (muito)
- a) submissas ( muito)
- b) independentes (medianamente)
- c) dependentes (extremamente)
- d) modernas (extremamente)
- e) antiquadas (medianamente)
- f) vaidosas (extremamente)
- g) pouco vaidosas (medianamente)
- h) bonitas(extremamente)
- i) feias (nada)
- j) ricas (medianamente)
- k) pobres (medianamente)
- l) bem sucedidas profissionalmente (medianamente)
- m) liberadas sexualmente (medianamente)
- n) sedutoras (extremamente)

11) Você acha que os heróis desses mesmos romances são: (nada, pouco, medianamente, muito, e extremamente)

- a) autoritários ( muito )
- b) submissos (muito )
- c) dependentes (muito)
- d) independentes (pouco)
- e) modernos (extremamente)
- f) antiquados (nada)
- g) vaidosos (muito)

- h) bonitos (extremamente)
- i) feios (nada)
- j) ricos (muito)
- k) pobres (medianamente)
- l) bem sucedidos profissionalmente (extremamente)
- m) liberados sexualmente (extremamente)
- n) sedutores (extremamente)

12) Como você acha que o sexo é abordado nos romances sentimentais?

R. O sexo não é abordado de uma forma aberta. Como vou explicar... Eles descrevem bastante, mas não é aquela coisa cheguei, já vai pra cima...Ficam seduzindo, preparando o momento.

13) Você já se identificou com uma personagem de romance sentimental?

sim

14.a) Por quê?

R. Não sei se é bem a palavra, eu me identifiquei, porque eu queria ser aquela pessoa, naquele momento, entendeu.

P) O que ela estava fazendo?

Ela estava tentando seduzir o chefe dela, no caso o patrão dela. Era muito interessante. Na verdade, ela era uma empregada que morava e trabalhava na casa com um patrão muito do “tchan” e ela estava, assim, doidona por ele.

14) Você já teve vontade de agir como uma personagem de romance sentimental?

a) sim

14.a) Se sim, em qual situação?

R. Nessa situação que eu falei, da sedução.

15) Você acha que a leitura dos romances sentimentais influencia de alguma forma o seu dia-a-dia?

R. Sim, um pouco.

15.a) Se sim, de que forma?

R. Eu me sinto mais romântica, mais esperta. Eu tenho mais atitude, em relação a não ter vergonha de falar o que sente, o que acha.

16) Em algum romance, você já desaprovou o comportamento da heroína? Se sim, poderia citar uma dessas situações?

R. Não.

17) Você costuma ter vergonha ou esconder que lê romances sentimentais?

R. Não

18) Você tem amigos(as) que costumam ler romances sentimentais?

R. Sim

18.a) Se sim, quantos e de que sexo?

R. Várias, todas mulheres

18.b ) Se sim, você costuma comentar com estes amigos aspectos de livros que leu?

R. Sim

19.b1) Se sim, o que vocês costumam comentar?

R. Aquela coisa da atitude das mulheres, principalmente das mulheres darem em cima dos homens. Elas fazem muito isso, as mulheres são mais liberais nos livros

do que na vida real. Nas revistas também, tipo Ela, Cláudia.

20) O que influencia você na hora de escolher um romance sentimental? ( de 1 a 5, sendo 1 o menos importante e 5 o mais importante)

- a) capa (5)
- b) título (5)
- c) autora (3)
- d) sinopse (resumo da contracapa) (5)
- e) a série (3)
- f) o preço (1)
- g) lugar em que se passa a história (5)
- h) época em que se passa a história (5)
- i) recomendação de outros leitores (1)
- j) Outro \_\_\_\_\_

21) Do que gosta mais nos romances sentimentais?

R. Tem tanta coisa que eu gosto. Gosto daquelas histórias de amor lindas. Os condes, que eu adoro, tenho paixão. Aquelas pobres meninas que se apaixonam pelo patrão, como eu falei, e assim por diante.

P – Você gosta então das histórias em que a moça pobre se casa com um homem rico, é isso?

R – É isso mesmo. É a conquista, né? A batalha. Às vezes as meninas pobres vão para uma casa daqueles condes, aqueles homens lindos, maravilhosos. Elas batalham, conquistam até o último, até conseguir. É uma vitória, né.

22) Qual foi o seu romance preferido e por quê?

R. Não lembro o nome, li há muitos anos. Só lembro que é de uma empregada que se apaixona pelo patrão. Aquela que eu falei.

23) Além de romances sentimentais, o que mais você costuma ler?

- a) Jornais – Gazeta do Povo
- b) Revistas – Cláudia, Capricho
- e) Outros - Bíblia

Comentários da pesquisadora:

(Sobre as séries preferidas)

R. A leitora, apesar de preferir a série “Momentos Íntimos”, tem inúmeros livros da série Barbara Cartland. Acreditamos que a estes ela se refere ao falar de “condes” e “castelos”. (Sobre a preferência pelas narrativas que enfocam a ascensão social da heroína)

A entrevistada durante muitos anos foi empregada doméstica e babá. Apesar de não ter se envolvido sentimentalmente com os patrões, a condição de doméstica faz com que pareça natural a identificação com narrativas que tenham como heroínas personagens que exercem funções parecidas com esta.

Comentários da leitora, depois de encerrada a entrevista:

(Sobre a forma de “viajar” com a leitura )

G. F. C. - “Quando a gente está lendo um romance bem interessante, assim uma coisa gostosa, você está vivendo aquele romance naquela hora. A gente se transforma, de repente eu sou a mocinha, eu sou a condessa, não é assim quando a gente está lendo? A gente se imagina com aqueles vestidos lindos, maravilhosos, cheio de babados...”

(sobre o que influência na escolha dos livros)

G.F. C. “Eu mesma, vou muito mais pela capa, pelo desenho e pelo título. Por exemplo, ‘Uma louca paixão’, eu já imagino uma louca paixão. Revista, mesmo, a gente compra às vezes só pela capa, pelo que está acontecendo. Ah, fulano está namorando sicrana. Isso atrai muita gente”

(Sobre identificação com a realidade)

“Lembro quando a gente foi para Campos do Jordão, eu não me lembro que história que eu li, eu me imaginei lá em Campos do Jordão, naqueles castelos, aqueles hotéis lindos. É lindo aquilo lá (...). Eu tenho um livrinho lá em casa – nem sei se está lá ainda – tem um castelo na história que é exatamente - bem parecido com aquele lá (de Campos do Jordão)”.

## DEPOIMENTO 2

1) Nome: A.C.R.

2) Idade: 21

3) Sexo: feminino

4) Profissão: desempregada, em Curitiba

5) Estado civil: solteira

6)Escolaridade

d) Segundo grau completo

6) Onde você costuma adquirir seus romances sentimentais?

c) empresta ou troca com amigos

7) No caso dos romances sentimentais, qual sua série favorita?

m) Outra. Não tenho um preferido

7.a) Por quê? \_\_\_\_\_

8) Há quanto tempo costuma ler romances sentimentais?

Um ano ou menos

9) Quantos romances sentimentais costuma ler ao mês?

c) três

10) Você acha que as heroínas dos romances sentimentais que você lê são:  
(nada, pouco, medianamente, muito, extremamente)

- a) autoritárias ( medianamente )
- a) submissas ( muito)
- b) independentes (extremamente)
- c) dependentes (muito)
- d) modernas (extremamente)
- e) antiquadas (muito pouco)
- f) vaidosas (muito)
- g) bonitas(muito)
- h) feias (pouco)
- i) ricas (pouco )
- j) pobres (medianamente)
- k) bem sucedidas profissionalmente (muito)
- l) liberadas sexualmente (muito)
- m) sedutoras (extremamente)

11) Você acha que os heróis desses mesmos romances são: (nada, pouco, medianamente, muito, extremamente)

- a) autoritários (extremamente)
- b) submissos (muito)
- c) dependentes (muito) (Comentário - sempre precisam de algo, mesmo quando não admitem)
- d) independentes (pouco)



- e) modernos (extremamente)
- f) antiquados (muito)
- g) vaidosos (pouco)
- h) bonitos (extremamente)
- i) feios (pouco)
- j) ricos (medianamente)
- k) pobres (muito)
- l) bem sucedidos profissionalmente (muito)
- m) liberados sexualmente (muito)
- n) sedutores (extremamente)

12) Como você acha que o sexo é abordado nos romances sentimentais?

R. De uma forma bem aberta. Como posso dizer... não é aquela coisa de livro que conta só por cima. Falam aberto, contam em detalhes.

12a. E as personagens em relação a sexo, elas são abertas?

R. As personagens não, elas não falam tanto, mais é o narrador.

13) Você já se identificou com uma personagem de romance sentimental?

b) não.

14.a) Por quê?

R. Acho que não tem nada a ver comigo, as personagens.

14) Você já teve vontade de agir como uma personagem de romance sentimental?

R. Não

15) Você acha que a leitura dos romances sentimentais influencia de alguma forma o seu dia-a-dia?

R. Não

16.a) Se sim, de que forma \_\_\_\_\_

16) Em algum romance, você já desaprovou o comportamento da heroína? Se sim, poderia citar uma dessas situações?

R. Não.

17) Você costuma ter vergonha ou esconder que lê romances sentimentais?

b) Não

17.a) Se sim, por quê? \_\_\_\_\_

18) Você tem amigos(as) que costumam ler romances sentimentais?

R. Não

18.a) Se sim, quantos e de que sexo? \_\_\_\_\_

18.b) Se sim, você costuma comentar com estes amigos aspectos de livros que leu?

R. Não

19.b1) Se sim, o que vocês costumam comentar?

\_\_\_\_\_

20) O que influencia você na hora de escolher um romance sentimental? ( de 1 a 5, sendo 1 o menos importante e 5 o mais importante)

a) capa (1)

b) título (4)

c) autora (1)

- d) sinopse (resumo da contracapa) ( 5)
- e) a série (1)
- f) o preço (1)
- g) lugar em que se passa a história (1)
- h) época em que se passa a história (4) (comentário – prefiro a época atual)
- i) recomendação de outros leitores (1)
- j) Outro \_\_\_\_\_

21) Do que gosta mais nos romances sentimentais?

R. A história, é gostoso de ler, se ela for bem interessante,

22) Qual foi o seu romance preferido e por quê?

R. Não tive um preferido.

23) Além de romances sentimentais, o que mais você costuma ler?

a) Jornais. Quais: Primeira Hora, Gazeta do Povo

b) Revistas. Quais: Contigo, Alô Garota

c) Livros. De que tipo: biografias, série Vaga-lume, Jorge Amado.

### DEPOIMENTO 3

1) Nome: I.G. B.

2) Idade: 58

3) Sexo: feminino

4) Profissão: perita criminal, em Curitiba

5) Estado civil: separada (um filho)

6)Escolaridade

e) superior completo - Direito

7) Onde você costuma adquirir seus romances sentimentais?

a) Banca

8) No caso dos romances sentimentais, qual sua série favorita?

Sabrina

d) Julia

7.a) Por quê?

R. Porque eu acho que a descrição que eles têm do fato, como eles descrevem a parte histórica e geográfica da historinha que eles vão contar é interessantíssimo. Dá a impressão que você está lá. Por exemplo, uma que eu li há muitos anos atrás, era sobre uma tribo de índios, muito interessante. Descreveu uma situação de costumes, me deu a impressão que eu estava na tribo. Teve outra que eu peguei no final do ano passado, começo deste ano, do Pólo Norte, outra da França, na estrada férrea, eles descreveram a situação de Toulouse, uma série de detalhes que eu fiquei encantada. Dos engenheiros... A parte da profissão dos personagens, tem pratos típicos que eles fazem que às vezes eu pego e faço em casa para ver se é como eles se referem.

8) Há quanto tempo costuma ler romances sentimentais?

e) mais de dez anos - (comentário - bem mais que dez)

9) Quantos romances sentimentais costuma ler ao mês?

e) cinco ou mais

10) Você acha que as heroínas dos romances sentimentais que você lê são:

(nada, pouco, medianamente, muito, extremamente)

a) autoritárias ( extremamente ) – (comentário – De uns dez anos para cá elas

são bem mais autoritárias).

- b) submissas ( pouco) – (Comentário: Normalmente elas são submissas naqueles romances espanhóis, que já tem tradição de família, ou mexicanos, que tem aquela formação familiar)
- c) independentes (medianamente)
- d) dependentes (medianamente)
- e) modernas (medianamente)
- f) antiquadas (medianamente)
- g) vaidosas (pouco) – (Comentário: Menos vaidosas do que nos romances de 20 anos atrás. Hoje são mais ambiciosas, a ambição fala mais alto).
- h) bonitas (medianamente) (Comentário: Antes elas eram todas muito bonitas, agora elas já estão mais normais como a gente)
- i) ricas (extremamente) – (Comentário: Ou são ricas por família ou são pobres que chegam até lá quando se esforçam, através do casamento ou através do trabalho)
- j) pobres (medianamente)
- k) bem sucedidas profissionalmente (extremamente) – (Comentário: Principalmente aquela classe de enfermeiras, administradoras, que é o que mais aparece. Elas se saem bem)
- l) liberadas sexualmente (medianamente) – (Comentário: É tudo meio camuflado)
- m) sedutoras (extremamente)

11) Você acha que os heróis desses mesmos romances são: (nada, pouco, medianamente, muito, extremamente)

- a) autoritários (medianamente) – (Comentário: Antes eles eram mais autoritários. Agora já estão ficando submissos)
- b) submissos (medianamente)
- c) dependentes (muito) – (Comentário: Emocionalmente eles são mais

dependentes nos romances)

- d) independentes (medianamente)
- e) modernos (muito)
- f) antiquados (pouco)
- g) vaidosos (muito) – (Comentário: São bonitos e morrem de medo das mulheres. Receiam que a mulher não goste deles se não estiverem bem apresentados)
- h) bonitos (muito)
- i) feios (muito pouco)
- j) ricos (extremamente)
- k) pobres (muito pouco)
- l) bem sucedidos profissionalmente (muito)
- m) liberados sexualmente (muito)
- n) sedutores (extremamente) – (Comentário: Sim, os homens são sempre os “bons” da história; culpa de quem escreve)

12) Como você acha que o sexo é abordado nos romances sentimentais?

R. Uns ainda são bem antigos, mas outros já começam a mostrar avanços na descrição da sexualidade dos personagens. Tem mais abertura agora. Antes só dizia e a gente ficava imaginando .

12.b). E você acha isso melhor?

R. Depende, depende da ocasião, da hora que você está lendo.

13) Você já se identificou com uma personagem de romance sentimental?

a) sim. (Comentário: é claro).

13.a) Por quê?

R. Justamente porque era uma pessoa de classe média baixa e o homem era de classe rica, e havia aquele desencontro próprio das situações da vida, que eu estava

passando. Eu estava passando pela mesma situação. Então foi muito engraçado, porque eu li, me identifiquei e amei o romance. Está guardado.

13.b) Está guardado?

R. Está. Todos os que eu amo eu guardo.

14) Você já teve vontade de agir como uma personagem de romance sentimental?

R. Sim.

14.a) Se sim, em qual situação?

R. Principalmente, largar tudo e ir correr o mundo como uma fez. Achei aquela lá a mais liberal. Amei. Mas eu não fiz, não tive essa coragem.

15) Você acha que a leitura dos romances sentimentais influencia de alguma forma o seu dia-a-dia?

b) não. (comentário - Assim, só a cabeça, para distração, para lazer. É o único lazer que eu tenho assim, de certeza, sempre).

16.a) Se sim, de que forma \_\_\_\_\_

16) Em algum romance, você já desaprovou o comportamento da heroína? Se sim, poderia citar uma dessas situações?

R. Sim. Era um caso de uma menina que encontrou dentro do carro uma criança. E a moça se apavorou tanto que em vez de procurar logo o atendimento legal, ela escondeu a criança. E eu tenho minha filha adotiva, e eu achei totalmente errado. Ela deveria ter ido buscar um meio, porque ela ficou estressada um bom tempo, até que achou um policial, que era namorado dela. Depois descobriram tudo. Se ela tivesse falado logo, teria resolvido tudo.

17) Você costuma ter vergonha ou esconder que lê romances sentimentais?

b) Não . Todos os meus amigos sabem, e às vezes eu digo, pode me dar de presente. Quando cheguei na banquinha e o moço disse – você pode responder a pesquisa? – eu disse: ela vai ter uma surpresa, porque não sou criança, sou formada e amo ler isso aí como se fosse uma guria nova. Amo!.

17.a) Se sim, por quê? \_\_\_\_\_

18) Você tem amigos(as) que costumam ler romances sentimentais?

a) sim.

18.a) Se sim, quantos e de que sexo?

R. Duas, mulheres

19.) Se sim, você costuma comentar com estes amigos aspectos de livros que leu?

Sim.

19.b) Se sim, o que vocês costumam comentar?

Ah, esse é legal, esse tem uma situação que você vai gostar, a personagem é aquilo que a gente queria ser, sabe, cabeça de sonhadora. Eu lembro de um que eu trouxe para Marli, que trabalha comigo, não sei se Julia ou Sabrina, Karina. Era de um caubói que era de outro mundo. Ele era um espírito. Esse era bem estranho. Esse eu gostei muito.

20) O que influencia você na hora de escolher um romance sentimental? ( de 1 a 5, sendo 1 o menos importante e 5 o mais importante)

a) capa (1 )

b) título (5 )

c) autora (5 )



- d) sinopse (resumo da contracapa) ( 1)
- e) a série ( 5)
- f) o preço ( 1)
- g) lugar em que se passa a história ( 1)
- h) época em que se passa a história ( 4) (Comentário: Atual. Antes eu gostava antigos, agora não, só o tempo atual)
- i) recomendação de outros leitores ( 1)
- j) Outro – A profissão das pessoas é importante. Se for uma profissão que não seja tão comum, eu dou prioridade.

21) Do que gosta mais nos romances sentimentais?

R. Do enredo, lógico, tem que ter, senão não tem graça.

22) Qual foi o seu romance preferido e por quê?

R. Esse do caubói foi muito bom, o de Toulouse também. Justamente pela trama, como eles envolvem a gente para ver problema do personagem. A vivência da gente em relação ao que eles estão transmitindo.

23) Além de romances sentimentais, o que mais você costuma ler?

a) Jornais. Quais: Gazeta do Povo, o Estado do Paraná

b) Revistas. Quais: Marie Claire

c) Livros. De que tipo?: R. Desde romances didáticos, clássicos, “o que cair, morre”.

Comentários após a entrevista:

P. Como você acha que as mulheres são retratadas nesses romances?

R. Algumas são dependentes, outras já estão se libertando, profissionalmente principalmente. Então tem aquele choque, entre o trabalho e a casa; entre o trabalho e formação da família.

P. Você percebeu alguma modernização na imagem feminina?

R. Sim, porque as mulheres trabalhando já é moderno. E os homens têm que aceitar que elas ponham a criança em creche, ou que elas tenham alguém, eles descrevem o que acontece.

P. Você se preocupa muito com a profissão do personagem. Por quê?

R. Eu acho fundamental. É isso que está evoluindo as mulheres. Senão elas ficam em casa, lavando roupa, cuidando de criança. Para mim é fundamental que elas tenham uma profissão, uma realização pessoal, para poderem viver bem. Se elas não forem independentes, elas não vivem bem.

Comentário da leitora depois das perguntas:

(Sobre o lazer que os romances representam)

“Eu não viajo se não tiver levado comigo uns romancinhos, uns dois, três. Senão, como eu vou ficar? Numa dessas eu chego lá só tem os que já li, então eu tenho que levar novos daqui. Se eu vou demorar uma semana, tem que ter uns três, quatro”.

#### **DEPOIMENTO 4**

OBS. Esta entrevista foi gravada diretamente do telefone, uma vez que a entrevistada não mora em Curitiba. Em alguns trechos, a gravação ficou inaudível, o que entretanto não comprometeu o entendimento de nenhuma das respostas.

- 1) Nome: T. A. S.
- 2) Idade: 24
- 3) Sexo: feminino
- 4) Profissão: secretária, em Londrina-PR

5) Estado civil: solteira

6) Escolaridade: Segundo Grau completo

7) Onde costuma adquirir seus romances sentimentais?

R. Loja de livros usados

8) No caso dos romances sentimentais, qual sua série favorita?

R. Clássicos Históricos.

8.1) Por quê?

R. Por mostrar hábitos diferentes dos atuais. Tem tantos detalhes que dá para imaginar como era antigamente. O que é permitido hoje naquela época não era. O contraste entre o antigo e o atual é interessante.

9) Há quanto tempo costuma ler romances sentimentais?

R. 12 anos.

10) Quantos romances sentimentais costuma ler por mês?

R. Uns 40. Leio rápido. Sou secretária de uma psicóloga e fico sozinha a maioria do tempo. Aproveito para ler no trabalho.

11) O que você gosta mais nos romances?

R. Situações em que as pessoas mostram seus sentimentos para o outro.

12) Se você fosse definir as heroínas dos romances, como você faria?

R. Depende dos livros. Nos romances mais atuais, elas são mais independentes e senhoras de si. Nos romances históricos as mulheres são, não retraídas, mas mais dependentes, têm alguma coisa que faz com que elas não sejam elas mesmas. Nos atuais são mulheres que trabalham, que têm personalidade forte.

13) Que tipo de postura você acha que essas heroínas têm diante da vida e do amor?

R. Num contexto geral, como são histórias, a maioria das heroínas tem uma vida sofrida, retraída, perdeu um amor, mais ou menos assim. Podia dizer que metade delas são assim, perderam um amor e não querem se envolver com alguém. É, a maioria é assim. O que é bom é que são liberais, entendeu, como as mulheres de hoje em dia. Elas não precisam ter um relacionamento afetivo para ter um relacionamento sexual. Metade delas é assim e a outra metade é retraída.

14) Como você acha que o sexo é abordado nos romances sentimentais?

R. Nos romances atuais é algo liberal, não é tão reprimido quanto nas histórias antigas. Acho que acompanha exatamente como é a sociedade hoje em dia, acho que as mulheres são liberais e as heroínas também são. Como as mulheres são elas aparecem nos romances.

15) Você acha que o fato de as histórias se passarem em sua maioria nos Estados Unidos faz alguma diferença para a leitora no Brasil? É uma realidade diferente?

R. É bem diferente. Nas histórias atuais normalmente o homem é milionário ou a mulher é. A realidade no Brasil não é assim. Acho que as mulheres que lêem esses livros no Brasil para conquistar algo que elas não puderam por elas mesmas. Todo mundo gostaria de ter uma posição estável, ter um relacionamento da forma que elas têm. Geralmente nos livros, são assim, ou se a mulher não é assim, ela vem a conquistar. Geralmente nos livros elas casam [*frase inaudível*]. Então não têm que se preocupar. E as mulheres que lêem esses livros, por ser de uma classe social baixa, têm problemas com relação ao financeiro, ou com a família. Então, como elas não podem ter isso, o livro faz com que elas se sintam melhores, faz sonhar.

16) Você já se identificou com uma personagem de romance?

R. Não.

17) Você acha que a leitura desses romances influencia de alguma forma o dia-a-dia?

R. Não.

18) Em algum romance você já desaprovou o comportamento da heroína?

R. Não. Quando eu leio o livro é como se eu entrasse dentro da história, mas só como espectadora, jamais para me colocar no lugar da heroína. Eu sou uma espectadora passiva.

19) Você tem amigas que costumam ler romances sentimentais? Se sim, você costuma comentar com estes amigos aspectos de livros que leu? Que tipo de comentários?

R. Sim. Geralmente a gente conhece o gosto (da amiga), as séries que gosta mais de ler. Se eu leio um livro que tem uma história interessante, que eu achei legal, se eu souber que é a série que ela gosta, eu digo “leia esse, que o enredo é legal, acontece assim, assim”. Os comentários que a gente troca geralmente é isso. Eu tenho uma amiga que gosta de ler histórias que tenham bebês, sempre. Então eu digo, leia essa, que tem bebês, essa história é legal.

20) O que influencia você na hora de escolher um romance sentimental ( muito, pouco ou medianamente)

- a) capa (pouco)
- b) título (medianamente)
- c) autora (muito) - (Comentário: das que eu conheço influencia muito)
- d) sinopse (muito)
- e) a série (medianamente)
- f) preço (muito)

- g) lugar em que se passa a história (pouco)
- h) época em que se passa a história (medianamente)
- i) recomendação de outros leitores (medianamente)

21) O que você quis dizer com relação às autoras, que das que você conhece influencia muito?

R. É que tem autoras que são mais conhecidas. A Daniele Steel, Anne Mather, Janet Dailey, tem um monte. Tem aquela Barbara Cartland, eu não gosto muito dela. Então como eu sei que não gosto das histórias que ela escreve, se eu vejo um livro dela eu nunca pego. Agora, tem da Anne Mather, da Robin Donald, da Daniele Steel, que eu sei que gosto bastante, se eu vejo um livro delas, eu vou e pego, porque sei que são boas escritoras, que as histórias são geralmente legais.

22) Quando você fala que elas são boas escritoras e as histórias são legais, a que você está se referindo?

R. É que a história é interessante, tem um texto legal. *(trecho inaudível)* Além de ter romance, tem que ter comédia, mistério, não só o romance em si. Tem romances que eu comecei a ler e nem terminei porque eram a coisa mais chata do mundo.

23) Você tem um romance preferido?

R. Um título ou uma série?

24) Um título...

R. Não. Eu já li tantos que não consigo guardar, nem o nome. O que eu guardo mais é o nome da autora, porque elas têm vários livros.

25) E tem uma situação, em especial, que você prefira?

R. Tem a situação do casal que se conheceu juvenzinho, a moça engravida e

por uma situação ou outra eles se separam. Depois eles vão se reencontrar e ele vai saber que é pai da criança. Depois de muito tempo, quando ele encontra com a criança, essas situações geralmente são muito legais. [*trecho inaudível*] O personagem demonstra muito sentimento pelo filho, demonstra muito amor. Como a pessoa está se sentindo naquela hora em relação ao filho, à situação, ao parceiro que deixou de revelar que ele tem um filho. É bem interessante.

26) Esse tipo de situação tem alguma coisa a ver com a sua vida, você tem filhos?

R. Não, mas eu adoro criança.

27) Além de romances sentimentais, o que mais você costuma ler?

Leio bastante. Revistas, como Veja, Isto É, Exame, Superinteressante e revistas femininas. E livros de auto-ajuda.

28) O que você acha que leva tantas mulheres, há tanto tempo, a lerem esses romances?

R. Tem pessoas que lêem porque querem fugir da realidade, da situação financeira, muito problema familiar, um relacionamento familiar difícil, relacionamento amoroso é difícil, mas tem também pessoas que têm namorado, são casadas, que lêem simplesmente porque gostam. Eu acho que as mulheres gostam de romances, (..) gostam de sonhar, de ser bem tratadas, e no romance, a personagem é bem tratada, amada, ele (o herói) demonstra, enquanto na vida real elas não têm isso. Eu acho que elas gostam de ler porque a heroína recebe muito carinho dos personagens, na vida real geralmente o companheiro não demonstra tanto.

29) Hoje em dia está difícil as pessoas arrumarem tempo para ler...

R. É verdade. Muita gente tem que levantar, ir para o trabalho, chega em casa, tem que estudar ou tem filho, tem a casa, tem marido, fica muito cansada para

ter tempo para ler.

30) E ainda assim as pessoas lêem bastante os romances...

R. É uma coisa que faz relaxar. Tem gente que joga futebol, baralho, outras preferem comer, assistir novela. É uma válvula de escape para as tensões que existem no dia-a-dia.

## DEPOIMENTO 5

(Depoimento gravado por telefone e audível)

1) Nome: E.A.S.

2) Idade: 36

3) Sexo: feminino

4) Profissão: auxiliar de cozinha, em Londrina-PR

5) Estado Civil: solteira

6) Escolaridade: segundo grau completo

7) Onde você costuma adquirir seus romances sentimentais?

R. Troco com amigas ou às vezes compro no sebo ou na livraria.

8) No caso dos romances sentimentais, qual sua série favorita? Por quê?

R. Eu gosto da Sabrina. É a que eu sempre li, acho que tem as histórias mais legais.

9) Há quanto tempo costuma ler romances sentimentais?

R. Há uns 20 anos.



10) Quantos romances sentimentais costuma ler ao mês?

R. Já li muito, mas agora não tenho muito tempo de ler, não. Por mês, hoje eu leio umas 15.

11) O que você gosta mais nos romances?

R. Ficar conhecendo lugares que a gente tem certeza que nunca vai poder ir. Às vezes descreve tanto o lugar que dá a impressão que a gente está lá naquele lugar, conhecendo. Às vezes passa alguma coisa na televisão, alguma coisa de conhecimento, às vezes eu até sei. Minha filha pergunta: nossa, mãe, como você sabe? E eu: ah, na Sabrina que eu estou lendo... É uma forma de cultura, mesmo, eu gosto muito de ler.

12) Se você fosse definir as heroínas dos romances, o que você diria sobre elas?

R. São sempre mulheres independentes, têm um certo grau de estudo, trabalham.

13) Você acha que elas são independentes financeiramente...E sentimentalmente, elas também são seguras?

R. Nem todas...

14) Você acha que algumas delas passam uma insegurança, em relação aos homens?

R. Não sei.

15) Que tipo de postura você acha que essas heroínas têm diante da vida e do amor. Elas tentam mudar a vida delas, ou deixam a vida levar...?

R. Eu acho que elas são bem independentes, bem conscientes.

16) Como você acha que o sexo é abordado nos romances sentimentais. É de

uma forma aberta ou não, é muito romanceado?

R. É bem romanceado, bem fantasia. As relações, também, tudo com final feliz. Na nossa vida do dia-a-dia, é nada disso. Às vezes eu penso, é tipo uma fuga, a gente ler. Às vezes a vida da gente está tão tumultuada, e eu leio, assim, e as histórias até dá um erguida na gente... anima.

17) Você acha que quando você lê, você se sente melhor...

R. Me sinto bem melhor.

15) Você acha que o fato de as histórias se passarem em sua maioria nos Estados Unidos faz alguma diferença para a leitora no Brasil? É uma realidade diferente?

R. Não faz diferença, não. Para mim, não.

16) Você já se identificou com uma personagem de romance sentimental?  
Por quê?

R. Não.

17) E alguma vez você já leu algum romance e pensou que a postura dessa heroína não era a correta, que ela fez alguma coisa que você achou errado?

R. Não. Às vezes a gente lê tanto que...Acho assim, que é romance, tem muita fantasia... Tipo assim, se de repente você marca um encontro com uma pessoa às escondidas, sem você conhecer, sem nada. Isso tudo é uma coisa que no dia-a-dia você não faz uma coisa dessas. Pegar uma carona, essas coisas, nada disso. É tipo uma fantasia. A gente lê, é um romance, porque a gente gosta. Mas no dia-a-dia da gente isso não tem nada a ver. Que nem eu estou falando pra você. De repente você ir morar em outro país, com uma pessoa que você nunca viu, que não conhece. Isso não acontece no seu dia-a-dia. É coisa de romance mesmo.

18) Você acha que a leitura dos romances sentimentais influencia de alguma forma o seu dia-a-dia?

R. Não, não influencia em nada.

19) Não traz nada de novo para a sua vida?

R. Às vezes eu fico pensando, que nem no momento, eu estou muito parada. Eu queria estar voltando a estudar, alguma coisa... Às vezes quando eu leio alguma coisa, que as personagens têm seu emprego, apesar que a gente trabalha e tudo, dá vontade de voltar a estudar, de fazer uma faculdade, alguma coisa...

20) Você está pensando isso? Você voltaria a estudar?

R. Estou pensando realmente, prestar vestibular, fazer uma faculdade...

21) E você se inspira nessas heroínas para tentar conseguir, de repente, algo?

R. Um emprego melhor, né, uma coisa melhor...

22) E você tem amigas que costumam ler romances sentimentais? Se sim, você costuma comentar com estas amigas aspectos de livros que leu? Que tipo de comentários vocês fazem?

R. É, a gente conta histórias. É a mesma coisa que fosse um filme. Às vezes a gente achou muito linda a história, a gente comenta uma com a outra: olha, tem um livro, tal, tal, tinha uma história assim... Que nem outro dia, a minha prima estava comentando no hospital onde ela trabalha, com um amiga, ela falou assim que de repente ela olhou pro lado, estavam os médicos, enfermeiras, tudo ao redor, porque pensaram que era uma história verídica. De repente ela falou assim, é uma Sabrina que eu li, e todo mundo ficou P da vida. Todo mundo falou, ah, não, Sabrina... Ué, mas eu não mandei vocês pararem para escutar... Todo mundo ficou e no final era uma Sabrina.

24) O que influencia você na hora de escolher um romance sentimental? (Use muito, pouco ou medianamente)

a) capa (pouco) (Comentário: Eu leio primeiro atrás [a sinopse]. Histórias de bebês, da cegonha, eu gosto muito. Quando a história é mais água-com-açúcar, que de repente volta, reencontra, essas histórias eu gosto mais).

b) título (pouco)

c) autora (muito). (Comentário: Tem histórias de algumas autoras que sempre são bonitas )

d) sinopse (resumo da contracapa) ( muito)

e) a série (muito)

f) o preço (pouco) (Comentário: Eu não ligo. Quando eu estou com vontade de ler, eu não me importo de ir lá na banca e comprar. Muitas vezes falam você é louca de comprar e pagar tanto, mas eu não ligo. Eu gosto muito de ler).

g) lugar em que se passa a história (medianamente). (Comentário: Quando a história se passa aqui no Brasil eu não leio. Mesmo quando eles vêm da Inglaterra, de algum lugar da Europa, e vêm para o Brasil, essas histórias eu não me interesso. Eu gosto mais pra lá, mesmo, da Grécia, eu gosto mais.)

h) época em que se passa a história (muito). (Comentário: Gosto do atual.)

i) recomendação de outros leitores (muito)

j) Outro \_\_\_\_\_

25) Qual foi o seu romance preferido e por quê?

R. Olhe, eu nem lembro mais, mas eu tinha uns 12 anos, eu não sei mais o título, mas era uma história que se passava na Grécia. Nessas histórias gregas as mulheres são prometidas, tem casamento de conveniência, essas histórias todas. E essa história me influenciou muito, achei uma história muito linda. Eu penso assim, acho que comecei a ler por causa daquela história. Se eu tivesse pegado primeiro uma

história que fosse chata, talvez eu não teria me interessado de ler, tem gente que não gosta de ler, né.

26) E foi o primeiro romance que você leu?

R. Foi o primeiro.

27) Além de romances sentimentais, o que mais você costuma ler?

R. Leio, leio bastante. Tenho meus livros em casa. Como eu sou uma pessoa católica, eu leio livros sobre a minha religião, sobre a minha igreja. Às vezes as minhas amigas me emprestam livros e eu leio. Não leio só Sabrina, não, leio outras coisas também.

28) O que você acha que leva tantas mulheres, há tanto tempo, a lerem esses romances, como você, que lê há 20 anos, é uma coisa que não enjoa. Por quê?

R. Acho que é porque é um sonho, é um romance, uma coisa que não é real. Acho que é isso que cativa a gente.

29) Sua amiga tinha comentado comigo que você gosta de histórias com bebês. Você lê a série Sabrina Cegonha, o que lhe atrai nessas histórias ?

R. Sei lá, eu acho bonito.

30) Você tem filhos?

R) Não tenho, tenho muitos sobrinhos, mas eu gosto da série. Geralmente as histórias são tão bonitas, porque através do bebê as pessoas se chegam, se encontram, é aquela ligação.

31) Você percebe alguma diferença entre os romances publicados hoje e os publicados há 10, 15 anos?

R. Olha, eu achava as histórias mais bonitas. As de agora, algumas são

bonitas, mas talvez eu não leia assim com tanta frequência. Agora descrevem o sexo, descrevem tudo. E antes era uma coisa assim...

32) Você acha que ficou uma coisa mais explícita, tirou um pouco o encanto?

R. É.

33) Você preferia que fosse uma coisa mais romântica, menos picante...

R. É . Às vezes é muito picante, tem muita coisa, na relação explica muita coisa. E, às vezes, do encontro, do lugar, não fala muita coisa. Nas outras, antigas, falava mais.

34) Você lembra das autoras de que gosta mais?

R. Deixa ver aqui [*a leitora procura alguns livros da sua coleção*]. Tem uma aqui que é bem antiga, é de Sabrina, de uma autora que eu gostava muito, e agora já nem vejo mais. É Anne Mather. Eu gosto muito dela.

35) Você costuma guardar o seus romances?

Alguns eu tenho guardado. Tem outra autora que eu gosto, é um nome grego [*a leitora busca outro livro e soletra*] Janelle Denison. Tem umas histórias boas.

36) Você que vem sempre na banca, comprar os livros. Graficamente, lhe agrada como são os romances, como é a capa, como eles são apresentados, você acha bonito? Poderia ser melhor ou tem algo que você não goste?

R. Eu acho bonito. Tem umas capas que são bonitas.

37) Sempre que você abre o livro tem aquele “querida leitora”. Você costuma ler?

R. Às vezes, não é sempre não. Eu vou mais pela história.

38) Não para escolher, mas o que você acha dessas mensagens?

R) Esses tempos, por acaso eu li, e ela estava falando... eu não lembro, mas na hora achei interessante, a leitura.

39) E você lê no final a apresentação das autoras?

R) Da vida delas, né. Eu sempre leio, no final. O recadinho da Janice eu nunca leio, o que ela escreve para a gente eu nunca leio, é difícil, mas falando sobre escritora eu sempre leio.

40) E o que você acha?

R) É interessante, porque geralmente elas começam a escrever por *hobby*, às vezes como um escape, e são pessoas simples, moram com a família, às vezes até em lugares isolados. É uma coisa meio sonhadora...

41) O que você acha que é sonhadora, a autora ou o jeito como ela é apresentada?

R) O jeito como ela é mostrada.

42) E você acha que é verdade o que eles falam da autora?

R) Da autora? Acredito que sim, que ali estão falando a verdade. E agora é que mostram, nas Sabrinhas antigas não mostravam [*a apresentação da autora*].

P) E você acha estimulante falarem da autora?

R) Eu acho legal. A gente acaba conhecendo um pouquinho. Na semana passada eu li uma e a menina (*a autora*) dava até endereço para corresponder com ela.

**DEPOIMENTO 6**

(Entrevista gravada por telefone)

1) Nome: V.N.P.

2) Idade: 35

3) Sexo: feminino.

4) Profissão: auxiliar de costura em empresa, em Londrina-PR

5) Estado Civil: solteira (um filho)

6) Escolaridade: 1º grau completo

7) Onde você costuma adquirir seus romances sentimentais?

R. Compro umas e como eu tenho uma prima e minha irmã que lêem, a gente troca.

8) Você compra na banca novo ou usado?

R. Usado. Porque eu prefiro as antigas.

9) No caso dos romances sentimentais, qual sua série favorita? Por quê?

R. Julia. Porque eu gosto mais das histórias da Toni Black.

10) É uma autora que escreve sempre para Julia?

P. É.

11) Mas quando é de outra autora, você lê também?

R. Leio.

12) Há quanto tempo costuma ler romances sentimentais?

R. Faz um tempo, já. Eu tinha uns 13, 14 anos quando comecei a ler.



13) Quantos romances sentimentais costuma ler ao mês?

R. Um ou dois por mês, porque agora não tenho mais tanto tempo.

14) O que você gosta mais nos romances?

R. Porque eles descrevem cidades, locais, essas coisas. Falam sobre a África, ou Europa, Nova York, essas coisas, Inglaterra, daí eu gosto bastante.

15) Da descrição dos lugares, é o que você mais gosta?

R. É, a descrição dos lugares.

16) Falando das heroínas que aparecem nos romances, se você fosse definir essas mulheres, como faria?

R. São pobres, sempre são submissas. Dizem que não, mas sempre acabam fazendo o que os homens querem. Por uma causa ou por outra, mas sempre fazem o que eles querem.

17) Então você acha que elas são submissas. Você está acostumada a ler os romances mais antigos. Você acha isso nos atuais também?

R. Nos atuais também, é a mesma coisa.

18) Que tipo de postura você acha que essas heroínas têm diante da vida e do amor?

R. Elas sempre sonham. São desiludidas e depois ele conquista elas. É como... encontram o príncipe encantado.

19) Você acha que elas têm uma postura de esperar o príncipe encantado?

R. Isso.

20) Como você acha que o sexo é abordado nos romances sentimentais?

R. Acho que é legal. Tem umas que falam muito declarado, mas umas é só sensualmente, assim. Eu gosto.

21) Tem uns mais explícitos.

R. É, tem uns que falam mais a fundo, mas outros aguçam mais a imaginação

22) Você prefere qual?

R. Os que aguçam mais a imaginação.

23) Você acha que o fato de as histórias se passarem em sua maioria nos Estados Unidos faz alguma diferença para a leitora no Brasil? É uma realidade diferente?

R. Eu acho que faz. Porque parece que elas são mais abertas. Eu peguei uma para ler, era aqui do Brasil, e eu não gostei, porque a moça falava muita gíria. Não gostei, achei muito atual.

24) Você já se identificou com uma personagem de romance sentimental? Por quê?

R. Não, porque eu não tento ficar sonhando com isso. Então eu nunca me identifico, não.

25) Você acha que a leitura dos romances sentimentais influencia de alguma forma o seu dia-a-dia?

R. Não, também. Porque eu não deixo influenciar. Talvez já tenha influenciado, algum tempo atrás, mas agora não.

26) Quando você fala que influenciou, você quer dizer o que?

R. Quando eu era mais jovem, agora não. Eu achava que era mais romântica, mais sedutora.

27) Em algum romance, você já desaprovou o comportamento da heroína? Se sim, poderia citar uma dessas situações?

R. Eu sempre desaprovo. Porque de repente ele quer, e ela não quer, e depois acaba aceitando.

28) O que exatamente?

R. De repente ela gosta dele, ela está apaixonada por ele, e ele também, mas nenhum se declara. E por um motivo ou outro ele chama ela para casar e ela não aceita. Ele tem que usar de chantagem, essas coisas. Isso eu desaprovo.

29) Então você acha elas se submeterem errado?

R. É.

30) Você tem amigas que costumam ler romances sentimentais? Se sim, você costuma comentar com estes amigos aspectos de livros que leu? Que tipo de comentários?

R. Antes eu conhecia bastante gente que lia, hoje é menos. A gente sempre comenta: fala esse aqui é bom, esse não, esse aqui é ótimo. Conta alguma história, alguma coisa, não conta tudo, porque a gente não deixa, pra ficar mais interessante

31) O que influencia você na hora de escolher um romance sentimental?  
(Use muito, pouco ou medianamente)

a) capa (médio)

b) título (médio)

c) autora (muito).

d) sinopse (resumo da contracapa) ( muito ) (Comentário: Eu sempre leio atrás para comprar ou emprestar.)

- e) a série (pouco)
- f) o preço (muito) (Comentário: Acho que poderia ser mais acessível. Quando está caro, eu não compro)
- g) lugar em que se passa a história (muito) (Comentário: No deserto, em praias desertas, é mais interessante)
- h) época em que se passa a história (muito) (Comentário: Eu gosto quando fala de sheiks)
- i) recomendação de outros leitores (muito)
- j) Outro\_\_\_\_\_

32) Qual foi o seu romance preferido e por quê?

R. Não lembro... Tem uma história que eu li há pouco tempo, que era de um bebê, que foi encontrado numa linha férrea. O homem achou e levou ao hospital. A mulher era enfermeira e os dois se apaixonaram. E ele chamou para ela casar-se com ele, para trabalhar com ele. Depois a mãe verdadeira, biológica, quis a criança de volta, e os dois já estavam amando a criança. Então esse me marcou bastante.

33) E eles ficaram com a criança, foi um final feliz?

R. Ficaram.

34) Isso tem alguma coisa a ver com a sua vida, você conhece alguém que passou por isso, você tem filhos? Algum motivo que pelo qual você gostou mais dessa história...

R. Eu tenho uma filha, mas acho que não tem a ver. É porque fala de criança e foi uma história bem emocionante.

35) Além de romances sentimentais, o que mais você costuma ler? Você lê outras coisas?

R. Não. Está bem restrito o meu tempo. Eu gosto de ler várias coisas, mas não tenho tempo.

36) Você começou a ler com 13 anos. O que você acha que leva tantas mulheres, há tanto tempo, a lerem esses romances?

R. Não sei, nunca parei para analisar. Acho que é porque eu gosto de ler.

## DEPOIMENTO 7

1) Nome: V.N.P.O.

2) Idade: 32 anos

3) Sexo: feminino

4) Profissão: auxiliar de enfermagem, em Londrina-PR.

5) Estado Civil: divorciada

6) Escolaridade: 2º grau completo

7) Onde você costuma adquirir seus romances sentimentais?

R. Normalmente eu empresto das minhas primas ou da minha irmã. Nos últimos meses tenho tido pouco tempo para ler, então só empresto, quando eu posso. Faz uns seis meses que eu li o último.

8) E você parou de ler por que?

R. Por falta de tempo. Estou cuidando da minha sobrinha pequena e fazendo um curso.

9) No caso dos romances sentimentais, qual sua série favorita?

R. Não sei falar. Eu gosto daquelas mais antigas.

10) Em que a história se passa no passado?

R. Isso, romances de época.

11) Quando você lia com mais frequência, há seis meses, quantos romances sentimentais costumava ler ao mês?

R. Às vezes um por dia.

12) E quanto tempo faz que você lê?

R. Desde quanto eu tinha 12 anos. Faz 20 anos.

13) E agora deu uma paradinha... E você pretende voltar a ler?

R. Eu pretendo, tem um monte aqui em casa, é só estou esperando arrumar tempo.

14) O que você gosta mais nos romances?

R. Não sei falar. Tem um monte de coisas, lugares que eles descrevem. Acho que você aprende bastante lendo.

15) Então você acha que lhe traz conhecimentos novos?

R. Traz, bastante.

16) E por que você gosta mais de romances de época?

R. Não sei, acho mais interessante, mais romântico.

17) Se você fosse definir as heroínas dos romances, você diria que elas são?

R. *Elas são sempre boazinhas, inocentes, virgens, corajosas.*

18) Você lê romances das séries Barbara Cartland ou Clássicos Históricos?

R. Ah, já li bastante a Barbara.

19) É, porque as heroínas que você descreveu lembram as da Bárbara... Você acha que as dos Clássicos Históricos também são assim?

R. Também são. Eu leio atrás primeiro, aí se eu gosto eu leio.

20) Então primeiro você lê a sinopse. E depois, o que desperta a sua atenção?

R. A capa.

21) De que jeito você gosta mais da capa?

R. Gosto quando vêm os dois na capa. Tem umas que vêm desenhadas, que são lugares bem bonitos, românticos.

22) Que tipo de postura você acha que essas heroínas têm diante da vida e do amor?

R. Elas são bem sonhadoras.

23) Como você acha que o sexo é abordado nos romances sentimentais?

R. Acho legal. Eles não escrevem vulgarmente, escrevem de uma maneira bonita. É um romance mesmo.

24) Você já se identificou com uma personagem de romance sentimental? Por quê?

R. Não.

25) Você acha que a leitura dos romances sentimentais influencia de alguma forma o seu dia-a-dia?

R. Não, não influencia.

26) Por quê?

R. Aquilo lá é uma ficção. Eu sou bem realista. Eu leio aquilo lá, me envolvo, parece que eu estou entrando na história, mas é só aquilo. Depois acabou, acabou.

27) Em algum romance, você já desaprovou o comportamento da heroína?

R. Não me lembro não. Às vezes a gente fica com raiva, fala pô, ela fica se fazendo de boba, a gente fica até com raiva, quando ela se faz de boba demais. Mas depois, no final acaba sempre do jeito que a gente quer.

28) E você acha “acabar do jeito que a gente quer” é uma coisa importante no romance?

R. Eu acho que é. Por que na vida real você já vive um monte de coisas que não dá certo, agora você vai ler o que não acaba da maneira que você quer, acho que também não ia ter interesse.

29) Você tem amigas e a sua irmã que costumam ler, não é? Vocês costumam comentar com elas aspectos de livros que leu?

R. Ah, eu costumo.

30) Que tipo de comentários?

R. Às vezes eu conto histórias, acho bonito. Uma vez eu estava lendo uma e aí eu levei para o serviço para terminar de ler porque eu queria terminar logo e a minha colega queria saber e eu contei a história mais ou menos para ela e ela queria saber o final. Aí eu fui contar para ela, no horário de intervalo, de café, e estava um monte de gente querendo saber o que que era: mas é filme? E eu: não, era Sabrina mesmo. E aí todo mundo falava: ah, não acredito que você estava lendo isso. Mas, para mim era interessante, porque se não fosse interessante, ninguém ia parar para ficar ouvindo. Eu achei que o pessoal tem um pouco de preconceito sobre essas coisas. Mas eu conheço



bastante gente que lê.

31) Sim, sem saber o que era as pessoas pararam para ouvir e acharam interessante...

R. É, acharam interessante, mas na hora que eu falei quer era esses romances, ficaram tirando sarro, Falaram pra mim não ficar lendo essas coisas.

32) E foi em que ambiente que isso aconteceu?

R. No hospital onde eu trabalho, o Hospital Universitário.

33) Você se sentiu de alguma forma importante, quando você estava narrando isso, e as pessoas em volta, escutando?

R. Eu achei legal, porque podem até achar que não é cultura, mas você aprende bastante lendo. Tem palavras que você não sabe, que você vai lá, procura no dicionário, você aprende palavras novas. Tem bastante coisa importante, interessante. Acho que tudo o que você lê é cultura, é aprendizado. Teve uma vez também que nós estávamos assistindo o Show do Milhão e teve *uma pergunta*: o que era jade. Se era uma flor, se era mineral, daí perguntaram lá o que era. Eu e minha irmã falamos que era um mineral. E o rapaz que estava junto com a gente falou que era uma flor. Daí quando saiu a resposta, ele perguntou como que a gente sabia. E as duas responderam do mesmo jeito: lendo Sabrina, que a gente aprendeu o que era jade.

34) E você tem um tema preferido ou uma situação nos romances?

R. Não... Eu gostava daquelas antigas, que tinha lorde, conde.

35) Quando envolvia a aristocracia...

R. É.

36) E o que você gostava mais neles, porque tinha a aristocracia ou porque

descrevia o modo de vida deles?

R. Ah, eles descreviam o modo de vida, o jeito deles se comportarem. Geralmente a mocinha é pobre, tal, e ele vai ensinar alguma coisa pra ela, tal, eu acho bem legal.

37) O que influencia você na hora de escolher um romance sentimental? (Use muito, pouco ou medianamente)

- a) capa (muito)
- b) título (medianamente)
- c) autora (pouco)
- d) sinopse (resumo da contracapa) (muito)
- e) a série (medianamente)
- f) o preço (pouco)
- g) lugar em que se passa a história (muito)
- h) época em que se passa a história (muito)
- i) recomendação de outros leitores (muito)

38) Qual foi o seu romance preferido e por quê?

R. O nome eu não lembro, mas foi essa que eu estava contando para você, que era da série da Barbara. Era uma história em que ela tinha uma irmã gêmea, e não sabia, e o cara achou que era ela, viu ela se prostituindo e achou que fosse ela, mas não era. Depois, no final, ele descobre que ela tinha uma irmã gêmea que nem ela sabia que tinha. Foi bem legal.

39) Além de romances sentimentais, o que mais você costuma ler?

R. Leio. Leio qualquer tipo de livro que seja bom. Às vezes as pessoas me indicam e eu leio.

40) Por exemplo?

R. Paulo Coelho.

41) Você costuma ler aquela parte dos livros das séries que tem “Querida leitora”?

R. Às vezes.

42) O que você acha?

R. Eu acho interessante. Mas às vezes eu não presto atenção, vou direto na história.

43) E a apresentação da autora?

R. Também nunca prestei atenção.

44) Você lê desde os 12 anos. Deu uma pausa agora, mas você nunca enjoou disso. Então o que você acha que leva tantas mulheres, há tanto tempo, a lerem esses romances?

R. É aquilo que eu te falei. É uma forma de você sonhar um pouco, sair um pouco da realidade. Geralmente acaba super bem a história e é isso que a gente quer. Você acaba sonhando.

45) Você acha que o final feliz é o que faz as pessoas lerem sempre...

R. É.

46) Apesar de andar com pouco tempo para ler, você acha que esse tempo que você tem para ler, é importante para você?

R. Acho importante. Agora ando sem tempo, estou cuidando de uma nenê, mas acho importante. É um momento só seu mesmo.

**DEPOIMENTO 8**

Nome: M.E.L.

Idade: 36

Sexo: feminino

Profissão: secretária, em Curitiba, PR

Estado civil: casada (tem dois filhos)

Escolaridade: segundo grau completo

7) Onde você costuma adquirir seus romances sentimentais?

R. Emprestando de alguém, trocando, dificilmente eu compro.

8) No caso dos romances sentimentais, qual sua série favorita?

R. Não tenho uma série favorita, tem sempre uma história, porque eu me envolvo na história. A série é indiferente, eu conseguindo entrar na história, é indiferente da série.

10) Quantos romances sentimentais costuma ler ao mês?

R. Antes eu lia uma média de seis por mês. Depois de filhos, é um e olhe lá. Às vezes passo dois meses para ler um.

11) O que você gosta mais nos romances?

R. Acho que é fantasioso demais. Tem lugares que você fantasia, muito bonitos. Digamos assim, umas ilhas, uns lugares diferentes. É difícil de imaginar que aquilo existe. Então você fica imaginando: será que aquilo existe mesmo, será que é bonito como fala, aonde que é mesmo, então eu acho o cenário que eles estampam muito bonito.

12) E você acha que os lugares que eles descrevem são tão interessantes quanto o romance de amor?

R. Isso.

12) Se você fosse definir as heroínas dos romances, como faria?

R. Eu acho que elas têm... chegam a ser ingênuas. Às vezes a gente fica lendo, de fora, a gente vê coisas que elas não estão vendo, fica imaginando mas como ela é ingênua, como ela é tontinha, Meu Deus, mas ela podia fazer assim, ela não está vendo que não é isso, porque tem aquelas intrigas, aquelas coisas. Então eu definiria todas, de forma geral, como ingênuas.

13) Que tipo de postura você acha que essas heroínas têm diante da vida e do amor?

R. Fantasiada. Eu acho que elas vivem da fantasia delas. Elas fazem do amor, uma coisa assim, a coisa mais linda do mundo. Tem mais importância do que deveria ter, dão mais atenção... Porque o amor na verdade não é aquilo ali, aquela vivência, aquela coisinha delas ali, aquelas fantasias, aquelas ilhas, aquela coisada, que envolve o amor delas. É tudo um cenário para o amor, mas a gente lendo, a gente diz, mas elas têm uma visão tão diferente do amor, né. Porque o amor não é aquilo ali, não é aquela hora de amor, o amor é a vivência, a convivência é o amor. Se você não tiver um amor mesmo, você não vive com ninguém. E ali a intenção que se tem é daquele amor eterno, aquela coisa fantasiada, aquela vidinha linda e maravilhosa o resto da vida. Elas entendem que o amor vai ser isso o resto da vida.

14) Você acha que quem entende isso são as heroínas ou são as autoras que querem passar isso para a leitora?

R. Elas querem passar isso para as leitoras, quem escreve. Elas querem passar uma fantasia que na verdade, na verdade, se você for pensar, não existe.

15) Como você acha que o sexo é abordado nos romances sentimentais?

R. É uma forma aberta...Tem uns romances que você lê, que não tem, fala-se muito de sexo mas não acontece. Então eles tratam o sexo como uma coisa, uma forma de romance...como posso dizer, meio que assim, desleixada. Faz parte mas não é o importante. Usa ele no romance, só pelo fato de prender a atenção.

16) Certo, mas não como algo importante...

R. Não, só para prender, pra ficar: será que ela vai ceder, será que ela não vai. Então é uma coisa pra te prender, mas não que eles usem como uma coisa mais importante.

17) Você acha que o fato de as histórias se passarem em sua maioria nos Estados Unidos faz alguma diferença para a leitora no Brasil? É uma realidade diferente?

R. É aquilo que eu te falei, tem a curiosidade de saber se aquilo existe. Porque passam uns lugares que, particularmente, é difícil de ouvir falar.

18) Por exemplo?

R. Uma ilha, assim. Tem um livrinho que eu estava lendo, chama-se “Atos de amor” [romance sentimental da Nova Cultural], eu li estes dias atrás, num lugar, numa ilha, que você não consegue imaginar, aonde ele possa ser. Você diz assim: no Brasil não tem isso.

19) E no livro, não diz onde é?

R. Ele fala que é na Itália. Você calcula na Itália, mas será que existe? Porque eles fantasiam tanto, a ilha, ao redor aquele mar lindo e maravilhoso, aqueles não sei o que, coqueirais, as flores, e você fica imaginando, será que é possível juntar tudo isso num lugar só? Ou é uma pura fantasia? Você fica com curiosidade de saber, dá vontade de conhecer, se existir.

20) Você já se identificou com uma personagem de romance sentimental?

Por quê?

R. Já. Eu li um romance uma vez que tinha uma história parecida com a minha com o meu marido. Foi uma história assim bem leve. Foi a primeira história que eu li, foi numa Sabrina, que ela não continha sexo. Ela era só um romance, assim, de encontros, envolvendo amigos que tentavam fazer um romance, pessoas que quando foi marcado o casamento, e eles casaram. Coisa difícil de ver em romance é um casamento. Você vê que ficam juntos, mas não casamento, com festa, e tal. E me identifiquei muito. Se me recordo, o nome da moça era Camile. Mas foi bem parecido o romance de vivência dela... teve todo esse processo de conhecer, os cupidos envolvidos, pessoas que fazem aquele correinho, assim, ah, fulano falou tal coisa...E você fica toda encantada, ah, será que é isso mesmo? Foi um romance bem leve, bem suave, no fim terminou na festa de casamento deles, foi bem gostoso de ler. Camile, eu nunca esqueci o nome da moça. Não era aquela coisa provocada, que você vê nos romances, aqueles encontros que parece que foi... a sensação que você tem é que a pessoa fica correndo atrás daquele encontro. Aquele foi mais natural, eles se encontravam mais naturalmente, o cenário não era aquelas fantasias de ilha, castelos, era bem natural. Foi numa Sabrina que eu li.

21) Você acha que a leitura dos romances sentimentais influencia de alguma forma o seu dia-a-dia?

R. Sabe que eu acho que eles ajudam você a ter uma visão de vida mais pra frente.

22) Como assim?

R. Pra frente no sentido de você acreditar que você pode fazer alguma coisa, no sentido de mudar a sua vida conjugal, às vezes você pode mudar. Claro que você nunca vai viver um romance igual a gente lê, nunca, na vida real é impossível,

praticamente. Mas de repente você termina de ler um romance carinhoso, e você tem aquele carinho com o teu esposo. A mulher, né, porque homem não se liga nessas coisas... Às vezes você quer fazer um carinho, um tipo de vida meio parecido com aquele romance. Então às vezes você muda no sentido de ficar pensando, poxa vida, eu faço isso, mas eu poderia fazer aquilo do romance. Então às vezes você cria uma situação romântica. Então eu acho que ajuda no sentido de mudar um pouco o seu jeito de viver, porque às vezes o dia-a-dia é tão triste, no sentido de que você corre pra lá e pra cá, é filho, marido, casa, trabalho. E você lê um romance desses, vê aquelas mocinhas tão calminhas, e você pensa, vou chegar em casa hoje e vou fazer um carinho no meu marido. Muda de alguma maneira.

23) Você acha que põe um pouco mais de romance na vida real?

R. É. Eu acho que ajuda a você tentar mudar a vida.

24) E quando você tenta isso, colocar esse romantismo na sua vida, dá certo, ela melhora?

R. Melhora, melhora. Eu converso muito com meu marido. Falo, eu li um romancinho assim, tão gostoso, a gente podia viver igual. Ele diz, nunca vai ser igual, mas a gente pode tentar. Ele aceita, ele concorda. Então a partir de agora a gente vai fazer assim. Vai dois, três dias, e depois você já cai de novo naquela bagunça de filhos. Mas ajuda, às vezes ele pergunta: já terminou de ler o livrinho romântico? Eu digo: terminei, depois nós vamos fazer tudo igualzinho. Eu converso, digo depois que os filhos tiverem grandes, nós vamos fazer uma lua-de-mel igual a desses livros, mas isso é... Mas ajuda a você a sonhar um pouco.

25) E sonhar ajuda a vida?

R. Claro.

26) Você disse que seu marido fala do seu livrinho romântico. Ele encara



essa sua leitura com respeito ou não?

R. Sim, sim, ele é da opinião de toda leitura é bem vinda, independente do que ela seja.

27) E não te envergonha em nada, ler esses romances?

R. Não, às vezes eu estou lendo perto dele, eu digo: olha, estou lendo uma cena bonita, depois nós vamos querer fazer igual. Digo, lê aqui junto. Ele diz: eu não vou ler esses livrinhos, esses livrinhos são pra mulher. E eu: não, homem devia ler também, que era pra aprender a ser mais romântico, a ser cavalheiro, abrir porta de carro, deixar a dama passar. Ele diz: ah, isso é coisa pra livrinho. E eu digo: não, isso é coisa pra livrinho não, é vida real.

28) Em algum romance, você já desaprovou o comportamento da heroína, achou que ela agiu errado?

R. Que eu esteja lembrando, de momento, não. Elas são sempre tão mansinhas, tão certinhas. É difícil achar uma heroína que não... Porque além desses romances eu lia muito Sidney Sheldon, aquela Daniele Steel, lia bastante esses livros assim. É tudo romance, tudo tinha as heroínas, do Sidney Sheldon e da Daniele Steel eu cheguei a ler toda a coleção deles, até uns dois anos atrás. É tudo também...só que uma história diferenciada, mas tinha lá suas heroínas, tinha lá o seu romance de amor no meio, sempre tem.

29) Você tem amigas que costumam ler romances sentimentais. E vocês costumam comentar o quê?

R. Quando a gente se reunia com mais freqüência, antes de ter filhos, a gente sempre comentava. Você leu aquele romance, que tinha aquela mocinha, a fulana, que fez aquela cena...A gente sempre comentava. Agora, a conversa muda. Você não tem tempo pra conversa desse nível. Você lê e guarda pra você. A conversa agora é como está seu filho, isso, aquilo. Mudou a conversa. Mas ontem, ainda, teve uma colega aqui

em casa, e nós estávamos lembrando da época que a gente tinha tempo pra ficar deitada. Eu, enquanto não visse o fim da revistinha, não sossegava. Saía da escola e era ler revista. Às vezes estava no meio da escola e estava lendo a revistinha, para ver o que que a menina ia fazer. Perguntei pra ela: e quantas você lê agora? Ela falou: nossa, se eu te contar que peguei uma e não consegui chegar na metade... Eu digo: viu, muda completamente. É uma vez ou outra que a gente consegue ler.

30) Você tem um tema preferido, nos romances?

R. Não. O romance, pra mim, tem que me prender desde a primeira, segunda página, senão não adianta. Mas ele tem que ter um começo gostoso, suave, uma historinha que você já se interesse em saber como ela vai terminar, senão não vai. Pra mim, o livro tendo começo, meio e fim, ele já está de bom tamanho. Às vezes você pega umas historinhas tão vagas, tão..

31) Eu não perguntei antes, mas há quando tempo você lê romances, desde que idade?

R. Desde os quatorze, quinze anos que eu comecei a ler essas historinhas. Hoje tenho 36.

32) O que influencia você na hora de escolher um romance sentimental? (Use muito, pouco ou medianamente)

a) capa (muito)

b) título (muito)

c) autora (medianamente)

d) sinopse (resumo da contracapa) (muito) – (Comentário: O resumo é tudo, ali você já tem uma noção se vai ser bom ou não)

e) a série (pouco)

f) o preço (medianamente) (Comentário: Porque a gente mais troca. Tem

gente que faz coleções, que guarda anos, e a gente pega as nossas e vai lá. Quando chega, às vezes está até caindo as páginas, de tanto que já foi emprestado)

g) lugar em que se passa a história (muito) (Comentário: A fantasia é importante)

h) época em que se passa a história (médio)

i) recomendação de outros leitores (importante)

(Comentário: O importante é você ter uma noção da história, que é o resumo, que é uma das coisas mais importantes. A capa, também, te leva a já ter uma fantasia)

29) Além de romances sentimentais, o que mais você costuma ler, além do Sidney Sheldon e Daniele Steel?

R. Já li muito aqueles romancinho água-com-açúcar da Agatha Christie. Não posso nem ouvir falar naquela mulher mais.

30) E atualmente, você ainda pega algum livro diferente?

R. Pego, tenho aqui “O Poderoso Chefão”, que eu estou tentando começar a ler agora, que é do Mario Puzo. Mas eu gosto de ler. Nunca consegui jamais, ler três páginas daquele Jorge Amado. Não consigo.

31) Você gosta, então, dos *best sellers* internacionais...

R. É. Para falar a verdade, de brasileiro eu não li nenhum. Tem aqueles de escola, que eu nem lembro mais o nome, mas eles não têm uma fantasia.

32) Na época em que você lia os livros de escola, você lia também Sabrina...

R. Era muito mais interessante. Porque ela tinha uma fantasia para você viver. Agora aqueles livrinhos da escola, de Machado de Assis, aqueles “indinhos”, aquelas coisas... Não me identifico com escritor brasileiro, não consigo. Numa época atrás, faz anos, já, eu comecei a fazer um romancinho desses, tipo Sabrina.

33) Você começou a escrever também?

R. Comecei a escrever, achei uma história. Se eu fosse pôr no papel, mesmo, eu tinha umas 50 páginas ali. Escrevia a mão. Peguei um caderno daqueles universitários e comecei. Até esses tempos atrás eu tinha ele guardado. Depois joguei fora.

34) E não chegou a terminar?

R. Não. É que você vai lendo tanto, que começa a ter idéias. Daí , desisti.

35) E alguma vez você chegou a escrever cartas para a editora?

R. Uma vez eu participei de um concurso que saiu na revista *Nova*. Porque eu sou louca por Fórmula 1. Tinha um concurso de contos, tinha um x de parágrafos, um x de linhas pra você escrever, e eu escrevi uma história de amor dentro de uma corrida de Fórmula 1. E mandei, mas mandei assim por... pra ver o que que vai... E fiquei em terceiro lugar. Eles mandaram um certificado, mas ganhava prêmio só o primeiro lugar. Nossa, nunca imaginei. Até na época eu trabalhava numa loja, meu gerente leu e falou: capaz que isso aqui vai ganhar alguma coisa...Eu disse, ah, só pelo espírito de participar, já vale à pena.

36) Você tinha quantos anos?

R. Tinha 22 anos.

37) E naquele época você lia bastante Sabrina, você acha que foi isso que te inspirou a escrever?

R. Eu lia. Acho que foi, porque na época eu não tinha namorado, tinha tempo só pra isso, não tinha filhos, não tinha preocupação com casa. E como eu assistia muito Fórmula 1, pensei, vou juntar os dois, ver o que é que vai dar.

38) O que você acha que leva tantas mulheres, há tanto tempo, a lerem esses

romances?

R. Eu acho que é a fantasia que eles mostram. Eu penso comigo, que por mim, eu ia gostar de viver uma vida, ter um romance daqueles. Não digo num lugar daqueles, mas no dia-a-dia, no cotidiano, num romance daquele. Eu gostaria. Aquele carinho, aquele amor, aqueles passeios, aqueles jantares cheios de sofisticação. Eu acho que ia ser gostoso viver assim. Se a minha rotina fosse essa, acho que eu ia gostar. Acho que é isso que leva as mulheres a ler, porque você não tem isso no dia-a-dia. Claro que você vai um dia ou outro, jantar, almoçar, passear num parque, você faz tudo isso, mas não é naquele carinho, naquela atenção, naquele amor. A impressão que tem é que eles, naqueles romances, que depois de muitas brigas, daqueles desencontros, a sensação que você tem é que o homem vive pra você, pra heroína, no caso. Acho que no fundo, no fundo, toda mulher gostaria de ter um homem que vivesse pra gente. Igual, aquela gentileza, porque eu, a maioria das mulheres, eu acho muito bonito um homem gentil, que abre a porta de carro, que puxa a cadeira pra sentar, que serve num restaurante. Eu acho bonito. Acho que toda mulher, no fundo, gostaria de ter um homem que fizesse tudo isso. E o que o romance faz: você viver aquela situação, não é? Quando você lê aqueles romances, você fecha o olho e já começa a imaginar. Você está lendo, ali, e você vive as emoções da heroína, você sofre junto com ela, eu pelo menos faço isso, consigo penetrar na leitura. A gente pensa: puxa vida, seria tão bom, um marido assim, ah, como seria gostoso. Tem uma situação ou outra, mas não é o cotidiano. Acho que as mulheres gostariam de viver o cotidiano assim. Porque elas se fantasiam nesses livros.

39) As suas amigas que lêem, também têm essa postura de ler, junto do marido ou elas têm vergonha de ler?

R. Sabe que eu nunca perguntei pra elas? Nunca perguntei se o marido aceita.

40) Tem muito de dizerem que é besteira...

R. Uma coisa fútil, que coisinha mais sem graça...Eu ouvia muito esses comentários quando o pessoal com quem eu trabalhava me via lendo e dizia: não tem coisinha mais importante pra fazer? Culturinha inútil... Eu digo, não deixa de ser uma cultura, igual às outras. A leitura, independente do que ela é, ela é cultura. Você vê palavras diferentes, que você nunca ouviu falar, que você corre atrás para saber o que é. Ou então, dependendo do sentido dela, na história, você já sabe o que significa. Mas já ouvi muito: eta, livrinho mais jaguara. E eu: deixa eu ler o meu livrinho jaguara, eu gosto. (...) Sabe, eu estava numa banquinha, outro dia, e vi duas meninas novinhas olhando atrás dos romances e comentando, pra comprar.

41) De que faixa etária?

R. Entre 13 e 15 anos, não mais que isso. Elas estavam comprando. Eu até olhei e pensei: nossa, passei por essa fase...Hoje, a gente já procura a troca. (...) Foi interessante, porque eu achava que as meninas não iam comprar essas histórias, porque o mundo está tão mudado. E elas estavam lá, as duas comprando, comentando entre elas.

## **DEPOIMENTO 9**

**(Gravado por telefone)**

- 1) Nome: B. M. M.
- 2) Idade: 40
- 3) Sexo: feminino
- 4) Profissão: bancária, em Astorga-PR
- 5) Estado Civil: casada (tem três filhos)
- 6) Escolaridade: Superior completo

7) Onde você costuma adquirir seus romances sentimentais?

R. Na banca, na livraria.

8) Novos ou usados?

R. Novos. E às vezes a gente faz troca. Aqui em Astorga não tem lugar, não tem sebo. Em Maringá, você acha Biancas velhas numa caixa, para você trocar. Aqui não tem. Só tem novo ou entre a gente, que a gente sabe que lê.

9) E qual sua série favorita?

R. Eu prefiro Julia, Bianca e Sabrina, nem sei se tem as três ainda, agora tem a série dos bebês, não sei se você já pegou, é muito joinha. Atualmente, se fosse ver, a série dos bebês [seria a preferida].

10) É, e por quê?

R. Porque sempre tem criança no meio, ou homem cuidando de criança, que eu acho o máximo.

11) Eu entrevistei várias pessoas que também apreciam esta série. A editora também me falou que eles criaram essa série a pedido das leitoras. O que tem de tão especial nesta série?

R. É bem interessante, você ver, porque eles relatam, vez por outra parece coisa utópica, mas eles relatam as dificuldades todas que uma pessoa muitas vezes sem prática tem para cuidar de uma criança, um bebê.

12) Há quanto tempo costuma ler romances sentimentais?

R. Desde uns 14, 15 anos. Foi desde quando foi lançado.

13) Quantos romances sentimentais costuma ler ao mês?

R. Não tenho uma...por exemplo, deve fazer uns dois, três meses que eu não leio nenhuma. Tudo depende do tempo, de como está o dia-a-dia. Mas por exemplo, já aconteceu quando eu vou para a praia, aconteceu de eu ler, principalmente aqueles que

têm mais de uma história, de eu ler três, quatro histórias em dois dias. Depende do tempo. Mas de uma maneira geral, quando eu estou lendo, eu leio quatro por mês, um por final de semana, porque no meio da semana não dá.

14) O que você gosta mais nos romances?

R. Eu acho que é um pouco da parte do romantismo, que hoje a gente não vive mais. Ali eles retratam bem essa parte romântica que toda mulher, digamos assim, escondida, sonha. Ainda mais se a mulher é como eu, com 20 anos de casada, onde não sei se é por a gente não ter sabido cativar, mas também não sobrou muita coisa disso. Então eu acho que é mais a parte do romantismo mesmo, sabe, da parte intrigante da coisa, do envolvimento das duas pessoas. A gente sabe que vai terminar tudo bem, mas é sempre aquelas confusõeszinhas, ou então vamos dizer assim, aquele café da manhã que ele levou na cama para ela, aquelas flores que ele deu pra ela, tudo isso a gente, quando está lendo isso, a gente se enleva com isso, entendeu. Você sonha um pouco. Você vive um pouco aquilo lá. Porque na verdade o que o livro faz é fazer você viver a história, porque se você não estiver dentro da história você não está lendo.

15) Se você fosse definir as heroínas dos romances, como faria?

R. Ali é um mundo machista. Apesar de ter algumas histórias, talvez 40% das histórias a mulher é pobre e o homem é rico; e o restante os outros 40% (sic) a mulher é rica e o homem é pobre. Mas apesar de elas serem ricas, o machismo prevalece. Ou então, talvez uma figura um pouco paterna no homem. No fundo, no fundo, acho que é o que a gente busca, apesar de tudo, porque o mundo da gente eu ainda vejo muito machista. Eu vejo que a gente quer proteção, a gente quer segurança. Eu estava lendo na revista *VIP* deste mês, agora, diz que a mulher quer alguém para pagar as contas e para dar carinho. Então, no fundo, retrata isso, aquilo que a gente sempre está buscando.

16) Você acha que o romance é machista porque é isso que a leitora quer?



R. Ah, sim. Por exemplo, como não é uma literatura, não é um livro assim, cheio de detalhes intrincados, igual é uma literatura um pouco mais elaborada, que a gente pode dizer que se você não prestar atenção você vai se perder, e na Sabrinhas, você já deve ter notado, no começo ela tem o olho azul, no final tem castanho. Eu já peguei algumas delas que a descrição física não bateu, por erro mesmo, pela qualidade, entre aspas, e nem por isso eu deixo de ler, é uma literatura que se a gente largar no meio de um capítulo, e não der mais pra ler hoje, a gente pega amanhã, lê dois, três parágrafos antes e vai continuar e não vai perder nada.

17) Que tipo de postura você acha que essas heroínas têm diante da vida e do amor?

R. A maioria delas, apesar de brigar muito pela autenticidade feminina, mostrar algumas que trabalham fora, a maioria delas é submissa. Pelo menos a visão da grande maioria dos livrinhos, que traz para mim, é um ou outro só que tem uma que é mais independente. Mas mesmo ela sendo independente ela ... Porque uma vez eu defini o amor mais como renúncia. Para você conviver bem com o seu marido, você tem que renunciar a muita coisa. Então você vê que elas renunciam muito mais do que eles. Então existe aquela submissão.

18) Como você acha que o sexo é abordado nos romances sentimentais?

R. Antigamente, quando a gente começou a ler, por exemplo, Sabrina e Bianca, não se sabia praticamente nada, no máximo um beijo e a maioria delas, só depois que casava que consumava o ato em si. Hoje em dia, você pegando mesmo a Bianca e a Sabrina, eles relatam o relacionamento físico de uma forma um pouco mais *light* do que nos Momentos Íntimos. Mas eu acho que eles não relatam de uma maneira que choque. Eles relatam de uma maneira que é o que a gente vive. Talvez com um pouco mais de romantismo. Nada chocante, nem vulgar. É uma descrição bonita do ato em si.

19) Você acha que o fato de as histórias se passarem em sua maioria nos Estados Unidos ou fora do Brasil faz alguma diferença para a leitora no Brasil? É uma realidade muito diferente?

R. Teve algumas que eu li que eu não sabia de que lugar que era. Mas que é interessante você ver a descrição, por exemplo, de montanhas com os picos cobertos de neve, assim, essa descrição que não faz parte da realidade nossa, até que é gostoso. É a mesma coisa quando a gente pega um Daniele Steel, ou então um desses *best sellers*, a gente depara com este tipo de descrição do local. Eu acho que poderia haver...eu já li alguns, tipo desses livrinhos, porque se você procurar tem tipo desses livrinhos só que não tão bons, em termos de qualidade de escrita, que se passam aqui no Brasil, escritos por leitoras, ou melhor, escritora brasileira. Só que a qualidade das histórias, a Julia, Bianca, Momentos Íntimos, Sabrina, é bem melhor, em termos de diálogo, em termos de uma linha da história. Porque uma das coisas que a Sabrina tem, apesar do final, a maioria, acho que eu li uns dois ou três só que o final não foi feliz, entre aspas, que o casal, o par romântico, ficou separado. Então eu li algumas desse tipo, mas não sei se por causa da qualidade, a gente não gostou muito. Agora se a gente tivesse, dentro da realidade da gente... Por exemplo, castelo, que tem algumas que se passam em verdadeiros castelos, mas pra descrever isso, só se for lá mesmo, na Europa. Por isso eu acredito que normalmente quem lê tem um pouco desse conhecimento geográfico. Pode não conhecer pessoalmente...A pessoa já tem um conhecimento pessoal dela, ou então de filme que assistiu. Por isso eu acho que não dificulta. Agora, se a gente tivesse algumas histórias dentro da realidade da gente, igual, teve um livrinho que eu li que tinha uma festa mexicana. Aí, se a gente tivesse alguma que retratasse as festas da gente, os lugares que a gente conheça, acho que a gente ia gostar também. Mas acho que não dificulta, o fato de não conhecer os lugares. É até bom pra gente conhecer um costume que às vezes a gente não conheça, ver a descrição de algum lugar, e imaginar. E isso é leitura, né, imaginar o que você está lendo.

20) Você já se identificou com uma personagem de romance sentimental?

Por quê?

R. O problema desse livrinho é que, por exemplo, você termina de ler um hoje, se você não guardar a capa, e voltar daqui a um mês e pegar aquele livrinho e não lembrar da capa, e começar a ler a história, às vezes vai descobrir que leu lá pelo segundo capítulo. Então a questão de identificar com uma personagem, acho que não. Ler Sabrina é um lazer, um passatempo, e não deixa de ser alguma leitura que você está fazendo, que você está aproveitando, porque você tira alguma coisa, sempre tira, nem que seja no português, você tira alguma coisa. Então eu acho que é mais lazer mesmo, por ser uma coisa sem você ter que se prender demais na atenção para entender, é um passatempo mesmo.

21) Você acha que a leitura dos romances sentimentais influencia de alguma forma o seu dia-a-dia?

R. É o que eu acabei de falar, um passatempo. Passou o sábado e domingo, normalmente é mais domingo os dias que eu lia, passou aquele momento lá, é difícil eu ter um pensamento para o livro, sobre aquela história. A verdade é que eles são muito iguais. Apesar de terem pessoas diferentes, com tipos físicos diferentes, lugares diferentes, o enredo diferente, de uma certa maneira eles são iguais.

22) Em algum romance, você já desaprovou o comportamento da heroína?

R. De vez em quando a gente acha elas meio bestas. Você pensa assim: se fosse eu, já tinha botado para andar faz tempo... Ah, não fazia de jeito nenhum comigo essas coisas. E às vezes você acha esse tipo de coisa e às vezes acha que o homem está indo fundo demais, está dando uma de Thyrsó, do Big Brother, dando uma de mané, de vez em quando.

23) Em alguma situação em especial?

R. Não lembro. É mais em relação ao relacionamento deles. Mais de uma vez eu li aquela coisa do casamento arranjado, e depois dá tudo certo, é esse tipo de coisa que a gente desaprova, porque na cultura da gente não existe isso.

24) Você tem amigos(as) que costumam ler romances sentimentais? Se sim, você costuma comentar com estes amigos aspectos de livros que leu? Que tipo de comentários?

R. A única coisa que a gente fala é que é um excelente passatempo e uma maneira de dar uma sonhadinha.

25) O que influencia você na hora de escolher um romance sentimental? (Use muito, pouco ou medianamente)

- a) capa (pouco)
- b) título (pouco)
- c) autora (pouco)
- d) sinopse (resumo da contracapa) (muito)
- e) a série (medianamente)
- f) o preço (medianamente). (Comentário: Às vezes tem livros com duas histórias que chamam mais a atenção do que com uma história só. Se bem que hoje vale mais a pena comprar os que têm duas histórias do que comprar separado)
- g) lugar em que se passa a história (pouco)
- h) época em que se passa a história (muito) (Comentário: Prefiro a época atual)
- i) recomendação de outros leitores (pouco) (Comentário: Nunca ninguém me recomendou)

26) Qual foi o seu romance preferido e por quê?

R. Não lembro. Eu leio e passo. Não é uma coisa que fique.

27) Além de romances sentimentais, o que mais você costuma ler?

R. Tem livros de auto-ajuda. Tenho comprado livros motivacionais, de auto ajuda, *Histórias para Aquecer o Coração*, revistas eu gosto de ler a *Superinteressante*, temos a *Veja*, também, que quando eu tenho um tempinho eu leio. Porque pro serviço já tem muita coisa pra ler. Eu sempre gostei de um romance bom, de *best seller*, essas coisas. Se eu tiver oportunidade e tempo... Porque a Sabrina e a Bianca, é uma leitura descompromissada. Já um livro mais assim é uma coisa que você tem que se propor a fazer, e pra gente que trabalha, é difícil sentar a conseguir ler um romance mais assim, só se for nas férias ou tiver um feriado um pouquinho maior.

28) O que você acha que leva tantas mulheres, há tanto tempo, a lerem esses romances?

R. Eu me colocando no lugar, eu, que comecei lá atrás, eu lembro que eu comprei os nove primeiros volumes da Sabrina, a primeira série a sair, se não me engano. Naquela época, eu estava com 17, 18 anos, eu era de uma certa maneira apaixonada. Já tinha lido Jorge Amado, já tinha feito as lições da casa com Machado de Assis, e mais não sei o que, eu já tinha lido tudo isso, mas eu era de uma certa maneira romântica e apaixonada. Naquela época foi aquilo. Eu sempre gostei de ler. É costume. Eu não sei ler as coisas pela metade. Uma das grandes dificuldades, depois que eu tive as crianças, foi justamente a constância, de eu poder ler um livro, de uma coisa um pouco mais elaborada, não pode ser duas, três páginas num final de semana e só pegar no outro final de semana. E normalmente estes livros não têm 100 páginas, eles têm 200, 300. O que eu posso falar é que a Bianca dá a oportunidade de a gente ter acesso a uma leitura, ao invés de ficar o tempo inteiro na frente da televisão, e você dar andamento na sua casa, na sua família. Hoje, é isso. E o prazer, também, de sonhar um pouco.

29) Você tem vergonha de ler esses romances ou é uma coisa que você lê sem problemas?

R. Eu leio sem problemas. Se eu tiver que ler lá na praia, eu leio. Se tiver que ir no ônibus, eu leio. Provavelmente, se perguntarem qual é o meu livro de cabeceira, eu não vou dizer que é uma Sabrina. Vou lembrar talvez do *Presente Precioso*, que muita gente fala, é um livrinho de nada, mas te fala alguma coisa, é auto-ajuda também. Ou *Ontem eu Chorei*, não vou falar que é uma Sabrina. Uma, que a Sabrina normalmente eu leio e dou, porque a gente não tem espaço para colecionar. Já cheguei a ter umas duas pilhas, mas você se desfaz delas, não é uma coisa que você vê necessidade de guardar.

30) Você costuma ler o texto “Querida leitora”, que vem logo na segunda página do livro?

R. Ah, aquele lance que é como se fosse uma nota da editora, um negócio assim, né? Leio sim.

31) E o que você acha daquilo?

R. É um chamativo bom. No final também, quando eles colocam alguma coisa sobre a biografia da autora, também é legal.

32) Você acha isso importante?

R. Acrescenta, eu acho. Pelo menos procura demonstrar um pouco mais de qualidade da leitura, pra gente não achar uma coisa muito...Que não é uma leitura tão casual, como eu falei, o livro procura passar, como aquelas orelhinhas que têm nos livros que você compra em livraria, livro mais assim, a nota do editor. Então ele tenta passar isso pra você, pra você se sentir um pouco melhor.

33) Então você acha que passa a idéia que você está lendo uma literatura de

qualidade...

R. Isso. Bem isso.

34) E da apresentação da autora, você acha? O que está ali é verdade?

R. É muito romântico, também. Eu acho que não passa bem a realidade, não, mas não deixa de acrescentar alguma coisa. Você acha bonito o fato de uma pessoa morar num lugar como aquele, ter uma família tão perfeita quanto aquela, com até cachorro.

35) É, sempre fala de animais, de um casamento sólido. E mesmo assim você acha que acrescenta à leitura.

R. É, acho que sim.

36) É isso, obrigada.

R. É isso.(...) Mas por exemplo, se estivesse dentro da realidade brasileira, eu não sei o quão seria procurado, mas tenho certeza que muita gente assim, que lê, eu acho que Sabrina se lê desde a classe mais baixa até gente bem rica. Eu posso estar muito enganada... Mas de repente se tivesse de qualidade, com a qualidade um pouco melhor, de autoras nacionais, que mostrassem lugares nossos, festas nossas. Porque a Sabrina tem muito de descrição dos lugares, muito detalhado, né. Então, de repente muita gente ia gostar.

37) É, muita gente aponta a descrição dos lugares como um dos atrativos dos romances...

R. É, naquela pergunta que você falou, se o lugar me atraía, eu nunca olhei o lugar para escolher o livrinho, era o resumo mesmo que me levava, mas se você vê a descrição de um lago bonito, e pedra daqui e pedra dali, é legal, né.

**DEPOIMENTO 10**

1) Nome: R.R.

2) Idade: 16

3) Sexo: feminino

4) Profissão: balconista, em Curitiba

5) Estado Civil: solteira

6) Escolaridade: primeiro grau incompleto

7) Onde você costuma adquirir seus romances sentimentais?

R. Empresto.

8) No caso dos romances sentimentais, qual sua série favorita?

R. Barbara Cartland.

9) Há quanto tempo costuma ler romances sentimentais?

R. Uns dois anos, mais ou menos.

10) Quantos romances sentimentais costuma ler ao mês?

R. Varia, às vezes um ou dois, quando eu tenho tempo, daí eu leio.

11) O que você gosta mais nos romances?

R. As histórias. Pra falar a verdade, eu gosto do final, que dá tudo certo. Mas como vai acontecendo, tudo, é muito interessante, muito gostoso de ler.

12) E porque você gosta mais da série da Barbara?

R. Não sei, porque é boa, eu gosto dos livros dela.



13) Mas o que tem de especial?

R. Ah, como ela conta, como ela escreve. Cada vez você quer ler mais. É isso.

14) Se você fosse definir as heroínas dos romances, como faria, como elas são, as mocinhas?

R. Acho que as mocinhas, quando começa o romance, do conde ou do duque, elas são diferentes das outras mulheres, que querem conquistar. Elas são mais na delas, quietas. Não ficam se atirando. Eu acho isso. Não sei a palavra exata, mas elas não se atiram.

15) Elas são mais recatadas...

R. Isso. Elas não se atiram.

16) Que tipo de postura você acha que essas heroínas têm diante da vida e do amor, como elas são?

R. As mocinhas, né? Elas sonham muito de encontrar o amor, o príncipe encantado delas.

17) E elas vão atrás desse príncipe ou elas esperam as coisas acontecerem?

R. Elas esperam. As mocinhas que são quietas, como o livro conta, a gente vai lendo e vai...Acho assim, elas esperam e daí acontece, como a gente vai lendo. De repente, o duque, o conde encontra a mocinha, assim vai indo.

18) Você acha que o fato de as histórias se passarem em sua maioria fora do Brasil faz alguma diferença para a leitora no Brasil?

R. Não acho. Era bom se tivesse uma história aqui, no Brasil.

19) Você acharia interessante?

R. Acharia interessante.

20) Você já se identificou com uma personagem?

R. Não.

21) Nunca? Nunca pensou assim: essa menina parece comigo?

R. Ah, sim. Eu também penso em encontrar uma pessoa certa, que nem nos romances assim. A gente sonha. Mas só nesse ponto. Eu fico pensando: ah, tomara que eu encontre uma pessoa legal. Eu fico olhando os romances e: ah, meu Deus, por que não chega a hora minha. Eu fico bem assim.

22) Você acha que a leitura dos romances sentimentais influencia de alguma forma o seu dia-a-dia?

R. Não vamos dizer que é bem influenciar, mas que nem eu te falei, eu fico pensando que espero que eu encontre uma pessoa. E no romance você vai lendo e toda história é final feliz. E eu espero que eu encontre, que eu seja feliz, como nos romances.

23) E você faz alguma coisa igual aos romances para tentar que isso aconteça?

R. Não. Eu só espero.

24) Em algum romance, você já desaprovou o comportamento da heroína? Ela já agiu de uma forma que você não gostou?

R. Não.

25) Você tem amigas que costumam ler romances sentimentais? Se sim, você costuma comentar com essas amigas aspectos de livros que leu? Que tipo de comentários?

R. Às vezes. Como que é, sobre a história que a gente vai lendo. Mas é difícil a gente comentar, quase não dá tempo da gente se falar.

26) Você tem um tema preferido para os romances, uma situação que você goste mais?

R. Quando a gente vai lendo e aí o rapaz encontra a mocinha e eles vão se conhecendo. E quando um se declara para o outro, que gostam, esse é o melhor momento que eu acho.

28) O que influencia você na hora de escolher um romance sentimental? (Use muito, pouco ou medianamente)

a) capa (muito) (Comentário: É mais o título que o desenho)

b) título (muito)

c) autora (muito) (Comentário: Gosto da Barbara.)

d) sinopse (resumo da contracapa) (pouco)

e) a série (muito) (Comentário: a série da Barbara)

f) o preço (pouco) (Comentário: Não, porque eu empresto.)

g) lugar em que se passa a história (pouco)

h) época em que se passa a história (pouco) (Comentário: Sabe que eu nunca reparei na época?)

i) recomendação de outros leitores (muito) (Comentário: Por causa que eu comecei a ler por causa da minha amiga. Eu via os romances na casa dela e ela comentou comigo que era bom. Daí eu comecei a ler. Então eu fui influenciada)

29) Qual foi o seu romance preferido?

R. *Um beijo no deserto.*

30) E por que você gostou mais dele?

R. Foi o que eu achei mais empolgante de ler, como os fatos foram acontecendo.

31) E o que acontecia nesse romance?

R. É que o conde ia viajar pro deserto, eu não lembro o nome do deserto, e ele foi e viajou. E começou a conhecer tudo. Daí ele viu uma moça, tinha o nome de uma deusa. Ele viu essa moça mas na hora que ele foi encontrar com ela, ela sumiu. E daí ele foi indo todos os dias, no mesmo horário, pra ver se achava ela. Um dia deu certo dele encontrar com ela. Mas ela saiu correndo e ele saiu atrás dela. E ele viu onde ela entrou e era a casa dela. Depois de um certo tempo, ele voltou e foi direto na casa dela, atrás dela e os dois se conheceram. E foi indo. Ela começou a mostrar o deserto pra ele, tudo. Por isso eu gostei.

32) Além de romances sentimentais, o que mais você costuma ler? Você lê mais alguma coisa?

R. Ultimamente, não.

33) Você costuma ler aquele texto “querida leitora”, que tem nos livros? Tem na Barbara o “Querida leitora”?

R. Costumo. Acho bom, eu gosto.

34) E a apresentação da autora, o que você acha?

R. Acho bom. Daí a gente sabe certinho sobre ela, nome, tudo, onde nasceu, que ano. É bom.